Damião Coelho Neto

A PREEXISTÊNCIA DE CRISTO EM JOSEPH MOINGT

O "TRAÇO" DA ETERNIDADE QUE EMERGE DA PAIXÃO, MORTE E RESSURREIÇÃO DE CRISTO

Tese de Doutorado em Teologia

Orientadora: Profa. Dra. Aparecida Maria de Vasconcelos

Apoio PAPG-FAPEMIG

Belo Horizonte FAJE - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia 2022

Damião Coelho Neto

A PREEXISTÊNCIA DE CRISTO EM JOSEPH MOINGT

O "TRAÇO" DA ETERNIDADE QUE EMERGE DA PAIXÃO, MORTE E RESSURREIÇÃO DE CRISTO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Teologia.

Área de concentração: Teologia Sistemática

Orientadora: Profa. Dra. Aparecida Maria de Vasconcelos

Belo Horizonte FAJE - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia 2022

FICHA CATALOGRÁFICA

Coelho Neto, Damião

C672p A preexistência de Cristo em Joseph Moingt: o "traço" da eternidade que emerge da paixão, morte e ressurreição de Cristo / Damião Coelho Neto. - Belo Horizonte, 2022. 161 p.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Aparecida Maria de Vasconcelos Tese (Doutorado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Teologia.

 Cristologia. 2 Moingt, Joseph. I. Vasconcelos, Aparecida Maria de. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Teologia. III. Título

CDII 232 9

Elaborada por Zita Mendes Rocha - Bibliotecária - CRB-6/1697

Damião Coelho Neto

A PREEXISTÊNCIA DE CRISTO EM JOSPH MOINGT: O "TRAÇO" DA ETERNIDADE QUE EMERGE DA PAIXÃO E RESSURREIÇÃO DE CRISTO

Esta Tese foi julgada adequada à obtenção do título de Doutor em Teologia e aprovada em sua forma final pelo Curso de Doutorado em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

Belo Horizonte, 19 de dezembro de 2022.

COMISSÃO EXAMINADORA:
Prof. a Dr. a Aparecida Maria de Vasconcelos / FAJE (Orientadora)
Prof. Dr. César Andrade Alves / FAJE
Marilo
Prof. Dr. Washington da Silva Paranhos / FAJE
Prof. Dr. André Luiz Rodrigues da Silva/ PUC RIO
Prof. Dr. Manuel Gilberto Hurtado Durán / UCB Bolívia

AGRADECIMENTOS

Ao doador de todos os dons, que na sua generosidade e amor nos chamou à existência! Gratidão ao Arcebispo Dom Walmor Oliveira de Azevedo, Pastor da Igreja de Deus em Belo Horizonte, à qual procuro servir nas comunidades onde exerço o ministério pastoral. À minha Irmã Francisca Coelho Neto e aos irmãos, Zélia, Rogério, Aroldo e Adélio. Em memória de minha querida tia Deuzuíta Neri da Silva, agradecendo a Deus por sua vida. Às minhas sobrinhas e sobrinhos e demais familiares, com carinho. À Prof. Dra. Aparecida Maria de Vasconcelos, pela orientação e paciência. Aos Professores Dr. Francisco das Chagas de Albuquerque, Dr. César Andrade Alves, Dr. Washington da Silva Paranhos, Dr. Manuel Hurtado e Dr. Paulo Sérgio Soares. E ainda, in memoriam, gratidão aos Reverendos Pe. João Augusto A. A. McDowell e Pe. Johan Maria Herman Konings. Aos demais do corpo docente, funcionários da Secretaria e da Biblioteca da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, minha gratidão e reconhecimento. À FAPEMIG, graças a qual pude realizar essa pesquisa. Às Reverendas Irmãs do Mosteiro de Macaúbas, às comunidades paroquiais de São João Batista, São Benedito, Santa Luzia, onde atuei, e à paróquia onde exerço meu serviço pastoral na atualidade, Bom Jesus e Nossa Senhora Aparecida. A todos a minha gratidão. Lembro ainda os amigos que me incentivaram, pessoas que me são caras: Maria Luíza Mouro Gabiroba, Marieta Mouro de Pinho, Maria Ilza Alves campos, com sua discreta liderança, Cordélia Versiani Faro (Ouro Preto), a Marina Pizoni e Eugênio Magno, com quem compartilho diálogo

sobre a possibilidade de um mundo mais cristão e humano.



RESUMO

A linguagem da preexistência assumiu, no discurso sobre Cristo, o ponto de partida para a afirmação de sua identidade divina e do modo como acontece a economia trinitária. Dessa afirmação, nasceu a compreensão da sua kénosis e do acontecimento vigário de sua morte na cruz. Por outro lado, essa linguagem entra em profunda crise na modernidade, quando se exigiu que a legitimidade do conhecimento fosse pautado pelo fenômeno. Tal linguagem dedutiva é portadora hoje de inúmeros problemas de ordem histórica e existencial, sendo objeto de crítica e rejeição pela mentalidade de nossa época e por parte de muitos teólogos. Repensar em termos de história a preexistência de Cristo é parte do esforço da cristologia do teólogo francês Joseph Moingt. A partir dessa releitura, ele revisita os temas que têm como base a concepção clássica de preexistência. Partindo de uma afirmação, que nasce da inteligência da fé na morte de Jesus na cruz e de sua ressurreição, esse teólogo busca reconhecer o sentido protológico e escatológico da pessoa de Cristo e o sentido de sua preexistência. Em coerência com a história e com a lógica da salvação realizada por Deus através de seu Cristo, na sua morte e ressurreição, é possível entender a sua preexistência e o modo como esse desígnio chega a todo ser humano, tornando possível a salvação. Propomos, como solução, relacionar a pró-existência e a preexistência de Cristo como caminho de entendimento de sua origem eterna em Deus. A pró-existência de Cristo, como um acontecimento, tem seu ponto alto na cruz. Jesus Cristo é considerado pela tradição cristã desde o IIº século do cristianismo como o Filho eterno de Deus encarnado e consubstancial ao Pai. Ao longo dos séculos seguintes, a Igreja procurou defender a unidade de Jesus e para limitar o perigo do monofisismo definiu que ele é homem e Deus ao mesmo tempo, possuindo duas naturezas, a divina e a humana. O problema volta, na modernidade, com o surgimento de um novo modo de conhecimento que revolucionará a cosmovisão da cultura ocidental. A cristologia passará pelas grandes interrogações do Iluminismo e do método histórico-crítico. Assumindo o método narrativo trabalhado por Moingt, abordamos o tema da preexistência de Cristo em termos de uma história teológica, na Sagrada Escritura e no discurso teológico, e ainda consideramos as exigências para um discurso cristológico credível e audível em nosso horizonte cultural. A partir da característica marcante da vida de Jesus, que foi viver uma relação com Deus e com as pessoas, procuramos descobrir a sua correspondência com o desígnio de Deus de se dar um Filho. A doação de sua vida até a cruz é entendida como sua correspondência àquilo que lhe era pedido desde a eternidade.

PALAVRAS-CHAVE: Preexistência. Pró-existência. Cruz. Eternidade. História.

ABSTRACT

The language of preexistence adopted, in the discourse on Christ, the starting point for the affirmation of his divine identity and the way the Trinitarian economy takes place. It is from this statement that the understanding of his kénosis and the vicar event of his death on the crosswas born. On the other hand, this language enters into a deep crisis in modernity, when it is required that the legitimacy of knowledge be guided by the phenomenon. This deductive language now bears innumerable historical and existential problems, and is the object of criticism and rejection by the mentality of our time and by many theologians. Rethinking the preexistence of Christ, in terms of history, is part of the Christology effort of the French theologian Joseph Moingt. From this rereading he revisits the themes that are based on the classical conception of preexistence. Starting from an affirmation that is born from the intelligence of faith in the death of Jesus on the cross and his resurrection, this theologian seeks to recognize the protological and eschatological meaning of the person of Christ and the sense of his preexistence. Consistent with the history and the logic of salvation accomplished by God through Christ, in His death and resurrection, it is possible to understand His preexistence and how this plan reaches every human being, making salvation possible. We propose, as a solution, to relate the pro-existence and preexistence of Christ as a way of understanding his eternal origin in God. The pro-existence of Christ, as an event, has its high point on the cross. Jesus Christ has been considered by the Christian tradition, since the second century of Christianity, as the eternal Son of God incarnate and consubstantial to the Father. Throughout the following centuries, the Church has sought to defend the unity of Jesus and to limit the danger of monophysitism. The Church has defined that he is man and God at the same time, possessing two natures, divine and human. The problem returns, in modernity, with the emergence of a new mode of knowledge that will revolutionize the worldview of Western culture. Christology will go through the great questions of the Enlightenment and the historical-critical method. Adoping the narrative method used by Moingt, we approach the theme of Christ's preexistence in terms of a theological history, the Holy Scripture and theological discourse, while still considering the requirements for a credible and audible Christological discourse in our cultural horizon. From the remarkable characteristic of Jesus' life, who had a relationship with God and with people, we seek to discover his correspondence with God's plan to give himself a Son. The donation of His life to the cross is understood as his correspondence to what was asked of him from eternity.

KEYWORDS: Preexistence. Pro-existence. Cross. Eternity. History.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Adversus Praxeam, Tertuliano

I Apl I Apologia, Justino de Roma

Crátilo, Platão

DePrApos Demonstração da pregação apostólica, Irineu de Lião

DV Dei Verbum, Concílio Vaticano II

DH Enchiridion symbolorum definitionum [...], H. Denzinger e P.

Hünerman

1Enq Livro de Enoque Antíoco

GreNazEp Epistolário, Gregório Nazianzeno

IngEf Carta aos Efésio, Inácio de Antioquia

InMag Carta aos Magnésios, Inácio de Antioquia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO12				
	A PREEXISTÊNCIA: TEMPO E IDENTIDADE PELOS CAMINHOS HISTÓRIA			
P	PROLEGÔMENOS	19		
	1.1 A busca de uma compreensão adequada de Cristo	20		
	1.1.1 O núcleo da fé cristológica	21		
	1.1.2 A preexistência no horizonte da Cultura e da Fé Cristã	24		
	1.2 A Preexistência nas Sagradas Escrituras	30		
	1.2.1 O Antigo Testamento	31		
	1.2.1.1 O Messias prometido do Antigo Testamento	32		
	1.2.1.2 A Sabedoria e a identidade preexistente	34		
	1.2.1.3 As figuras tipos e as cristofanias	36		
	1.2.2 A preexistência no Novo Testamento	37		
	1.2.2.1 A preexistência nos evangelhos sinóticos	38		
	1.2.2.1.1 A natividade de Jesus	40		
	1.2.2.1.2 O Filho de Deus	43		
	1.2.2.1.3 O Filho do Homem	45		
	1.2.2.2 A preexistência nos escritos joaninos	47		
	1.2.2.2.1 No Evangelho: o prólogo e outras passagens	48		
	1.2.2.2.2 O livro do Apocalipse: Ap 1, 8; 21, 6; 22, 13	52		
	1.2.2.3 A preexistência nos escritos paulinos	54		
	1.2.2.3.1 Análise do hino de Paulo aos Filipenses: Fl 2, 6-11	56		
	1.2.2.3.2 A Rocha no deserto como imagem de Cristo: 1Cor 10, 1-5	58		
	1.2.2.3.3 Um só Deus e um só Senhor: 1Cor 8,6	60		
	1.2.2.3.4 Por ele e para ele todas as coisas existem: Col 1, 12-20	61		
	1.2.2.3.5 A salvação como gesto de solidariedade e amor: 2Cor 8, 9	62		

	1.2.2.3.6 A comunicação de Deus por meio do Filho: Hb 1, 1-4	63
	1.3 A Preexistência nos primórdios do cristianismo	64
	1.3.1 A Patrística	65
	1.3.2 A preexistência de Cristo nos símbolos da fé e nos concílios	68
	1.4 A Preexistência na Escolástica e na Modernidade	71
	1.4.1 O Cur Deus Homo: salvação e legalidade	72
	1.4.2 Jesus Cristo: a humanidade e mediação da graça	74
	1.4.3 Modernidade e Dogma: A volta à História como revelação	76
C	ONCLUSÃO PARCIAL	78
2 C	UM CONTEXTO DE MUDANÇA: DO TRATADO DO VERBO RISTOLOGIA	
P	ROLEGÔMENOS	80
	2.1 A Preexistência: o debate atual	81
	2.1.1 A aproximação entre fé e cultura nos cristãos reformados	82
	2.1.2 O esforço da teologia católica de dialogar com a cultura	89
	2.2 Joseph Moingt: Os desafios da Fé na Cultura Contemporânea	92
	2.2.1 A teologia cristã em um contexto de mudança	93
	2.2.2 Uma proposta teológica	98
	2.2.3 Do tratado do Verbo e a Cristologia	102
	2.2.4 Joseph Moingt e a preexistência de Cristo	108
C	ONCLUSÃO PARCIAL	.112
3	NO CORPO DE JESUS CRISTO A FALA DE DEUS NA HISTÓRIA	.114
P	ROLEGÔMENOS	.114
	3.1 O fundamento do Discurso Cristão	115
	3.1.1 Busca de um discurso adequado à cristologia	116
	3.1.2 As temporalidades: no mundo desde a eternidade	.122
	3.2 Preexistência: Eternidade e Tempo no corpo de Cristo	.128

3.2.1 A Morte e Ressurreição de Cristo como eventos de Revelação	130
3.2.2 A preexistência: protologia e escatologia na cruz	133
3.2.3 A pró-existência: vínculo entre eternidade e tempo	137
3.2.4 O traço de eternidade no corpo de Jesus	139
3.2.5 A preexistência: história teológica do Filho e do Verbo	141
CONCLUSÃO PARCIAL	145
CONCLUSÃO GERAL	147
REFERÊNCIAS	154

INTRODUÇÃO

A teologia cristã enfrenta o desafio de retornar as fontes de suas origens dialogando com o horizonte cultural atual. Os temas que norteiam o pensamento cristão, sobre a revelação, foram revestidos, ao longo dos séculos, por uma linguagem que muitas vezes é específica de um dado contexto. Tal linguagem enfrenta dificuldades em expressar a verdade de que é portadora para o homem contemporâneo. A ideia de preexistência de Jesus Cristo, chave para o entendimento dos principais dogmas cristãos, é um desses temas. Encontrar na força argumentativa dos Evangelhos, da Tradição apostólica e da Igreja para esse dogma é o ponto de partida de nossa pesquisa em diálogo com a teologia contemporânea e com o teólogo Joseph Moingt (1915-2020).

Em nosso contexto Latino-Americano poderia pairar, com razão, dúvidas sobre a importância de se investigar a preexistência de Cristo, como nos alertou o Teólogo Mártir, Ignacio Ellacuría (1930-1989). Tal verdade está limitada a uma linguagem que desconsidera a história e a salvação que Deus quer realizar nela. Uma linguagem muitas vezes marcada por ideologias contrárias à salvação na história. O encontro entre história da salvação e salvação da história faz parte do desígnio de Deus. Por isso, a narrativa, quando livre de manipulação diferente do seu interesse original, continua a ser princípio de esperança e de libertação, possibilitando maior humanização e consequente vida cristã. ²

Nesse sentido, a teologia latino-americana procurou desenvolver uma reflexão que valoriza a história como lugar de Revelação de Deus. Essa teologia olha não apenas a fala que Deus nos dirigiu no passado, mas em coerência com ela, procura entender o que ele nos diz hoje. Ele fala atualmente através dos sinais dos tempos e de seus apelos na história. Essa atitude combina com o reconhecimento de que a história, embora marcada pela presença da iniquidade e da não-salvação, é uma história cujo drama se distende para realizar a meta definitiva da salvação. Deus quer realizar, por diversos modos, a sua justiça salvífica, não apenas no além, mas também aqui, enquanto caminhamos para a meta final.

O significado concreto, real, que Jesus de Nazaré, o Cristo, tem para a comunidade cristã e mesmo para outros que não pertencem ao cristianismo, corre constantemente o risco de ser obscurecido pelas mistificações que são sobrepostas à sua pessoa. A valorização da

¹ ELLACURÍA. Ignacio. Hacia uma fundamentación filosófica del método teológico latinoamericano. In: VV.AA. *Liberación y Cautiveiro*. Debates en torno al método de la teología en America Latina. México, 1975. p. 609 -635.

² ELLACURÍA. Ignacio. Historicidad de la Salvación. In: *Escritos Teológicos*. San Salvador, El Salvador: 2000. p. 519 -628. (Coleção Teologia Latinoamericana, v. 25).

humanidade de Jesus Cristo é um desafio, principalmente em nosso contexto. Atitude que visa não a banalização de sua singularidade ou de sua divindade, mas o sentido em que essa divindade deve ser entendida hoje. E ainda, não para afastá-lo de Deus e aproximá-lo de nós, como se uma atitude implicasse a rejeição da outra. Por sua vida e história o "ser de Deus" de Jesus tomou sentido no seu ser para nós.

Entendemos que a cristologia do teólogo francês Joseph Moingt pode contribuir para fortalecer o reconhecimento dessa humanidade a partir do tema da preexistência. Ele propõe chegar a esse dogma da Igreja pelos caminhos da história, considerando a humanidade e a relação filial de Jesus com Deus. Uma relação que encontra sentido no seu modo de existir. O reconhecimento da humanidade de Jesus tem verdadeira repercussão pastoral e espiritual, o que é nomeado pelo teólogo francês como humanismo cristão, e o que entendemos ser, para os teólogos latino-americanos, o seguimento de Jesus.

Surge, desse modo, a necessidade de repensar a linguagem da cristologia, reaproximando-a da tradição narrativa dos evangelhos, dos escritos apostólicos, da tradição dos Padres e do nosso horizonte cultural. Repensar em termos de história a pessoa de Jesus Cristo e o sentido de sua preexistência é tema recorrente na cristologia de Joseph Moingt. Dessa releitura, ele revisita os temas que têm como base a concepção clássica de preexistência, como a Encarnação, a Trindade e a divindade de Cristo.

Segundo Luigi Iammarrone (1923-2009), a preexistência "indica a existência eterna do Filho de Deus anterior à criação do mundo e o seu ingresso na história ocorrido na 'plenitude dos tempos' (Gl 4, 4)". Podemos definir, ainda, a preexistência como a base para a ideia da vinda de Cristo de fora do tempo e do espaço. Uma vinda desde a transcendência, da eternidade. O tema da preexistência de Cristo é de difícil acesso para a cultura contemporânea, uma vez que a linguagem na qual foi expresso é devedora de uma teologia dedutiva que não considera os caminhos da história nos quais construímos nossa identidade humana. Não obstante, a sua importância para muitas das afirmações da cristologia, o tema tem sido tratado apenas de passagem para se afirmar a encarnação, a divindade ou a eternidade do Verbo no seio da Trindade.

Em nossa dissertação de mestrado procuramos mostrar a concepção de história de Joseph Moingt em seu livro *O homem que vinha de Deus*. ⁴ Ele concebe a história como sendo

³ IAMMARRONE, Giovanni. *Preexistência*. In: PACOMIO, Luciano e MANCUSO, Vito (Ed.). *Léxico*: Dicionário Teológico Enciclopédico. São Paulo: Loyola, 2003, p. 606-607.

⁴ COELHO NETO. Damião. *A concepção de história na obra "homem que vinha de Deus" de Joseph Moingt*. 2012. 144 p. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2012.

a história de Deus, o grande protagonista, que suscita pessoas e as coloca em ação, para que colaborem com ele em seu desígnio. A história é vista ainda como a narrativa dos eventos humanos cuja presença de Deus, explícita ou não, é perceptível pela inteligência da fé. Fé suscitada em nós pelo próprio Deus. Ela é uma narrativa cuja força argumentativa é portadora de uma verdade, de um sentido.

Partimos ainda do pressuposto de que Deus vem aos homens suscitando neles a fé através da linguagem que lhes é própria. Isso quer dizer que a fé não é adesão a narrativas fantásticas e irracionais, ela possui uma inteligência que nos põe em busca de seus fundamentos. Ela considera a história humana e mesmo possui uma lógica que encontra o homem em sua razão. Por outro lado, não quer dizer que as narrativas que falam de Deus não utilizem o mito, contudo, elas não se prendem a ele, possuem um sentido que pode ser alcançado pela razão e pela fé.

Em coerência com a história e com a lógica da salvação realizada por Deus, através de seu Filho é possível entender o sentido do dogma. A partir de uma afirmação que nasce da inteligência da fé na ressurreição de Cristo, das consequências de tal evento para a humanidade e seus episódios, é que é possível entender, dentro do grande quadro da história da salvação, o significado de sua pessoa para a redenção do ser humano e o sentido de sua preexistência.

A pergunta norteadora de nossa investigação é sobre como é possível chegar, pelos caminhos da história, a uma história teológica, ao Dogma da Preexistência de Jesus Cristo. Nossa hipótese maior é que o reconhecimento da preexistência de Cristo tem seu fundamento no dinamismo de sua vida como pró-existência cujo ponto alto é o evento da cruz. O acesso a esse reconhecimento só pode ser por revelação em uma história teológica que procuraremos mostrar. Nesse sentido, a cruz se torna lugar de revelação por excelência, a morte e a ressurreição são eventos onde se desvela a identidade de Jesus e do Deus no qual ele depositou a sua confiança inabalável. A cruz se torna, a nosso ver, não um lugar isolado da sua existência, mas a consequência de sua doação generosa à causa de Deus. É preciso ver a cruz como o resultado das opções feitas por Jesus e da oposição que enfrentou. É o evento histórico e teológico onde encontramos a epifania trinitária como comunhão de entrega, onde Deus faz surgir da morte a vida.

Decorrentes dessa hipótese maior, há outras secundárias. Primeiro, a verdade chega até nós pelo corpo de Cristo que se prolonga na história. O Espírito do Ressuscitado atualiza a

-

⁵ MOINGT, Joseph. *Deus que vem ao homem: Do luto a revelação de Deus.* São Paulo: Loyola, 2010. V.1, p.271-284.

sua presença na Igreja, tornando-a sinal de sua vinda no mundo. Segundo, seu controle está na fé suscitada em nós por Deus. Terceiro, a fé envolve necessariamente um espaço de dúvida que nos convida ao empenho da vontade e da liberdade para alcançar a sua verdade.

O objetivo geral é encontrar nas narrativas teológicas de Moingt sobre o acontecimento da cruz o evento que revela a identidade do Filho, e na relação com ele, a do Pai e a do Espírito. Decorreria daí o reconhecimento do sentido protológico e escatológico de Jesus de Nazaré, o Cristo. A temática da preexistência atravessa a obra cristológica desse teólogo, marcada pelo esforço de pensar a questão em diálogo com o nosso horizonte cultural. Sua cristologia busca compreender e expressar a preexistência de Jesus Cristo, de modo a não perder a verdade de que é portadora. Essa verdade não pode desconsiderar a humanidade e o aspecto histórico e existencial de sua pessoa como ponto de partida. Intuímos que ele pretende apresentar essa ideia pelo caminho da história de Jesus com Deus, sendo a cruz o lugar dessa revelação.

A cruz e ressurreição são ainda o ponto de partida para a interpretação da vida de Jesus com seus discípulos em um movimento retroativo. Da ressurreição para a cruz e, sucessivamente, da vida cotidiana com os discípulos em Jerusalém e na Galileia para Nazaré e seu nascimento, chegando ao desígnio de eternidade de Deus sobre ele. A ressurreição é ainda o fundamento da fé nas narrativas da vinda de Deus a nós, em seu Filho.

Se a teologia deve voltar à história para que a revelação seja um ato de interpretação, na fé, dos acontecimentos, a cruz suscita em nós o reconhecimento da presença de Deus nesse homem. Não mais o Deus potente e amedrontador, mas amante, capaz de doar a própria vida.

Por sua identidade, Jesus chamou a atenção de seus contemporâneos e, depois de sua morte, ela retorna com o "Forte Rumor" que o faz entrar para a história, nos alcançando constantemente em muitas narrativas a seu respeito, e nas quais ele ganha forte sentido para a nossa existência.

É preciso proceder a uma reinterpretação dos dogmas de modo que esses possam falar ao ser humano contemporâneo. Isso é, a necessidade de reconhecer que a teologia é um discurso de fé que está presente na história e que a fé está ligada ao modo como os seres humanos compreendem a realidade. Seguindo o método de Joseph Moingt, de uma cristologia narrativa, procuraremos basear as nossas conclusões no terreno das Escrituras, tendo como foco os relatos da paixão. É preciso pontuar que, ainda que a interpretação dessas narrativas comporte certa ontologia, procuraremos evitar usar a metafísica em seus aspectos conceituais, dedutivos e duais. Tendo como pressuposto os relatos dos evangelhos, Jesus é um homem que

revela uma relação singular com Deus e tal relação apresenta muitos sinais de correspondência.

O método utilizado é o da pesquisa bibliográfica, tendo como fonte principal os escritos de Joseph Moingt, ao longo dos quais ele aborda esse tema. Utilizaremos também a bibliografia de outros Autores que falam da preexistência ou de temas concernentes.

O primeiro capítulo procura mostrar o núcleo central da fé Cristã no reconhecimento da ligação filial de Jesus com Deus; em seguida, o ambiente mais amplo do surgimento da ideia de preexistência em um contexto cultural mais amplo que o do judaísmo do qual temos o desdobramento do cristianismo; apresentar nas Sagradas Escritura as passagens que são utilizadas para fundamentar as afirmações da preexistência ontológica de Cristo e o surgimento de alternativas a essas interpretações no campo da exegese e teologia bíblicas atuais. Apresentamos autores significativos para o desenvolvimento do tema dentro do cristianismo, como alguns padres da Igreja, o Concílio de Nicéia (325), e teólogos medievais e o inicio da crise do discurso cristão na modernidade.

No segundo capítulo, apresentaremos o contexto de mudança produzido pelo surgimento de novos paradigmas de conhecimento na modernidade. A primeira reação a essa crise aconteceu dentro da tradição cristã reformada. Apresentaremos a proposta dos seus principais representantes como Rudolf Bultmann (1884-1976) e do teólogo luterano Ernest Käsemann (1906-1998). Apresentaremos ainda o movimento que surgiu dentro da teologia cristã católica, que procurou voltar às suas fontes de origem, como alternativa à teologia escolástica, os principais teólogos pré e pós-Concílio Vaticano II (1962-1965). Por fim, apresentaremos a proposta teológica do nosso Autor, Joseph Moingt, influenciado por esses autores.

No terceiro capítulo, procuraremos na cristologia de Joseph Moingt identificar nos eventos da Paixão, morte e ressurreição de Jesus a chave de leitura para entender a sua origem eterna no desígnio de Deus, e o modo como esse desígnio nos alcança em termos de salvação. Indagaremos sobre como a história teológica proposta por Joseph Moingt é caminho alternativo à linguagem metafísica, fundamentando o discurso cristão. Qual possível controle dessa história teológica nos dá acesso à revelação? Qual tipo de ontologia é possível proferir sobre Deus em nosso horizonte atual? Pretendemos identificar no "corpo" de Cristo narrado e prolongado na história o princípio de inteligibilidade da revelação. Como pano de fundo, nossa pesquisa procurará relacionar a inteligência da fé com o espaço de liberdade e de decisão humana para acolher, nos enunciados da morte e ressurreição de Cristo, um sentido para a história que vem desde a eternidade.

Propomos a linguagem narrativa em uma história teológica, tanto no reconhecimento da revelação nas Escrituras, quanto na produção do discurso cristão, a teologia. Depois, pensaremos essa história a partir da temporalidade em Deus: o passado, o acontecimento de sua presença no corpo de Cristo, e o futuro inaugurado pelo evento trinitário da cruz. Apesar de ser o totalmente Outro, Deus se liga à criação, não somente por seu desígnio eterno sobre as coisas, chamando-as a existir, mas porque ele vem fazer história conosco, como se preparasse a história para receber o Filho. Ele se revela presente no mundo, para mantê-lo e conduzir a história em vista do Filho. Propomos que, embora a sua história seja anterior à de Jesus, é em Jesus e em seu corpo que o encontramos presente no mundo, como um Deus "por nós" desde a eternidade. Esse "para nós de Deus" se revela ainda no modo de existir de Jesus, voltado para o Pai, em uma pró-existência culminada por sua entrega na cruz. A pró-existência de Jesus é o ato mesmo de sua entrega ao Pai, projetando-se n'Ele, e, como Deus, que se doa ao seres humanos, Jesus colocar-se a serviço dos homens, seus irmãos.

Trataremos, de passagem, os temas que têm na noção clássica de preexistência o fundamento de seus discursos cristológicos: Trindade, Encarnação, Salvação e a universalidade e singularidade de Cristo. Por força de delimitação e profundidade do nosso tema não desenvolveremos nestes últimos uma pesquisa sistemática, mas nos apoiaremos no trabalho de alguns exegetas bíblicos e historiadores do cristianismo primitivo. Nesta tese não trataremos da preexistência em sua origem histórica nas religiões, ou origens remotas, nem de sua sistematização dogmática, embora seja necessário fazer referência a elas. O tema é muito vasto e de importância fundamental para a teologia, o que nos obrigou a fazer algumas escolhas em função do tempo. Limitando desse modo a abordagem, não trataremos, por exemplo, do surgimento do tema da preexistência no judaísmo e na literatura apocalíptica do segundo templo.

A preexistência é um tema que serve de pano de fundo para pensar muitas questões cristológicas. Contudo, de modo geral é um tema tratado de passagem, sem muita atenção. Quisemos a esse respeito levantar muitas questões que podem ajudar a despertar o interesse por um diálogo franco sobre o tema. A teologia tem a ganhar quando assume a importância de apresentar a razão do seguimento de Jesus, Sabedoria de Deus para a existência humana. Pensar a seriedade da humanidade de Jesus Cristo e sua ligação com Deus deve mostrar a possibilidade desse seguimento.

Ao contrário do senso comum, que pensa que a teologia é o eterno comentário do que se produziu no passado, cada vez mais os teólogos tomam consciência de sua dimensão histórica. A teologia é uma ciência que embora tenha suas fontes na tradição, deve refletir

sobre Deus e seus vínculos com o contexto atual, ou deve transmitir a sua mensagem considerando a sua contemporaneidade e o ser humano concreto. O tema da humanidade de Jesus Cristo em nosso horizonte acadêmico, eclesial e pastoral é de grande urgência. Isso porque a tendência atual, que tem prevalecido, é a mistificação de sua pessoa esquecendo os aspectos concretos de sua humanidade.

Parece que a novidade de nossa pesquisa está em apresentar no evento da cruz o lugar onde é desvelada a sua identidade de Filho preexistente. A base para tal afirmação, que procuraremos mostrar, é que Jesus é um homem que tem como referência Deus, em quem projeta a sua existência. Na cruz, alcança o grau máximo desse projetar-se em Deus. A ressurreição, consequência de sua entrega na cruz é ainda, nesse sentido, a resposta dada por Deus à vida de Jesus, aprovando-a e assumindo que o Filho correspondeu ao que estava chamado a ser desde a eternidade. A cruz é um acontecimento de história e revelação, de relacionamento trinitário de doação mútua. A ressurreição é um evento de novidade que joga luz sobre o passado de sua história e sobre o desígnio eterno de Deus em seu Verbo de se unir, no Filho, à humanidade. Joseph Moingt procurou apresentar a unidade entre Jesus e Deus não mais a partir de uma relação metafísica de consubstanciação, mas de relação de entrega.

1 A PREEXISTÊNCIA: TEMPO E IDENTIDADE PELOS CAMINHOS DA HISTÓRIA

PROLEGÔMENOS

O cristianismo é um acontecimento de história e revelação e enquanto está sujeito às transformações do tempo, corre o risco de perder a sua identidade se não tiver presente em cada tempo o seu núcleo central, aquilo que servirá de apoio para identificar o fundamento da fé cristã. Muitos pensamentos foram incorporados ao discurso cristão, vindos de outras culturas e que foram adaptados pelo cristianismo, como é o caso do tema da preexistência de Cristo. É preciso verificar até que ponto esse tema trouxe elementos estranhos à sua originalidade. Nesse primeiro capítulo, procuraremos considerar os textos fundadores do discurso cristão relacionados ao tema da preexistência.

A preexistência é uma ideia básica, presente em todas as culturas, uma vez que ela está associada à procura da origem de todas as coisas. É possível perceber passagens na Sagrada Escritura que evocam esse pensamento sem, contudo, desenvolver explicitamente a ideia. De modo geral, a encontramos em poemas, alegorias ou hinos cristológicos. A ideia da preexistência de Cristo como sendo ontológica é complexa em sua evolução até chegar ao dogma e em sua configuração posterior. Foi aplicada a Jesus Cristo, como forma de entender a sua universalidade e singularidade. Explicitamente se faz presente no discurso de Justino a partir do século II d.C, o qual afirma que Cristo é anterior ao seu nascimento humano, associando sua pessoa ao Logos da filosofia (I Apl 64, 2-3).

Biblicamente, está associada à literatura sapiencial e ao prólogo do Evangelho de João. Possui uma história e procura fundar-se em textos antigos da apocalíptica judaica, de passagens do Antigo Testamento, do Novo Testamento e em credos. É ainda resultado dos embates e encontros entre os discursos dos judeu-cristãos com o gnosticismo e com os Padres apostólicos. Apoia-se nos escritos patrísticos e no desenvolvimento do pensamento sobre o Logos (Palavra/Verbo) como Sabedoria divina aplicada a Cristo. Adquiriu seu ponto alto na definição dogmática no Concílio de Nicéia em 325 d.C. A ideia de preexistência comporta

⁶ SESBOÜÉ, Bernard. WOLINSKI, Joseph. *História dos dogmas*: O Deus da Salvação (séculos I-VIII). São Paulo: Loyola, 2002. v. 1, p. 29. O discurso cristão se configurou em seus primórdios a partir de três tradições principais, segundo Bernard Sesboüé: o judeu-cristianismo, o gnosticismo e os Padres apostólicos. Embora cada tradição mantenha seus "respectivos perfis", eles se influenciaram.

⁷ MEUNIER, Bernard. *O nascimento dos dogmas cristãos*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 63.

ainda a relação entre Cristo e a criação e a consumação de todas as coisas, afirmada ao longo das Escrituras ao dizerem que todas as coisas foram feitas "por ele e para ele" (Jo 1,3; Rm 11, 36; 1 Cor 8,6; Cl 1,16).

Neste primeiro capítulo, procuramos apresentar a gênese do tema e o debate sobre a proeminência de Jesus de Nazaré, reconhecido pela fé como o Filho de Deus e Cristo. Em um primeiro momento, buscaremos identificar o núcleo básico da fé cristã que nos remete à pessoa de Jesus e sua ligação com Deus; em seguida, a ideia de preexistência como um dado cultural mais amplo que entrará para o discurso cristão, marcando o seu desenvolvimento. Culturalmente, tal ideia tem a finalidade de apresentar a proeminência de uma realidade material ou humana. Em seguida, procuraremos o fundamento bíblico de tal afirmação e sua força argumentativa na teologia, bem como os problemas hermenêuticos e exegéticos enfrentados na atualidade. Procuramos ainda visitar a questão na patrística, credos e na constituição do dogma.

O tema é vasto e, para o nosso propósito, tivemos a necessidade de selecionar, em cada período da história da teologia, autores de destaque. O objetivo é mostrar os principais caminhos utilizados para pensar a preexistência de Cristo, suas dificuldades e a possibilidade de um caminho adequado. Pensamos que o caminho da história teológica, no evento da paixão, morte e ressurreição de Jesus, seja a melhor senda para se chegar ao sentido da preexistência de Jesus de Nazaré, o Cristo. O autor francês Joseph Moingt parte desse dado de revelação, com o fundo histórico dos acontecimentos, para pensar essa temática.

1.1 A busca de uma compreensão adequada de Cristo

Escritura e Tradição são consideradas os pilares da profissão de fé da Igreja na atualidade. Essa verdade tornou-se ainda mais explícita com o Concílio Vaticano II (1962-1965) que enfatizou a primazia da Sagrada Escritura, sem deixar de reconhecer a Tradição. Ele publicou a Constituição Dogmática *Dei Verbum* sobre a Revelação Divina, documento que reitera a importância das Sagradas Escrituras e de seu uso na reflexão da Teologia Sistemática, dizendo que "o estudo desses sagrados livros deve ser como que a alma da sagrada teologia" (DV, n. 24). Esse apelo nos remete à necessidade de uma maior

_

⁸ A Teologia sistemática não hauria seus temas da Sagrada Escritura, a qual desempenhava papel bem parco, por exemplo, na Cristologia, ou no "Tratado do Verbo Encarnado", chama nossa atenção Joseph Moingt, na introdução do seu livro *O homem que vinha de Deus*.

aproximação entre as Ciências Exegéticas e a Teologia Sistemática. A Sagrada Escritura é a narrativa dos atos salvíficos de Deus, desde a Criação até a plenitude da Revelação em seu Filho Jesus Cristo, conforme professa a fé Cristã. Ela dá inteligibilidade ao modo como a fé cristã encara o sentido da história. A partir dessa inteligibilidade compreende-se que Jesus de Nazaré, o Cristo, é possuidor de um papel fundamental na relação entre Deus e a humanidade. Por tal importância emergiram na consciência eclesial os principais temas de sua reflexão teológica.

A busca por uma ideia adequada de Cristo não se restringe, na atualidade, às Sagradas Escrituras cristãs e à Tradição. Muito embora elas sejam a fonte de intelecção do mistério de Jesus Cristo, sua compreensão está intimamente ligada à visão que o ser humano contemporâneo tem do mundo. O contexto atual é marcado pelo desenvolvimento das ciências em geral e, no caso da Teologia e da Cristologia, pelas ciências hermenêuticas e exegéticas. De outra parte, o surgimento e o desenvolvimento das ciências humanas, em especial a antropologia, têm ajudado muito para uma correta compreensão do ser humano, mesmo que elas tenham seus limites no que se refere à revelação. Contudo jogam luz sobre a pessoa de Jesus. As ciências não podem assumir a tarefa da teologia, mas podem mostrar como essa revelação não se opõe ao modo de ser do mundo. Embora Deus seja distinto do mundo, o seu modo de se comunicar utiliza a linguagem que o ser humano possa compreender.

1.1.1 O núcleo da fé cristológica

Na Sagrada Escritura, encontramos Jesus utilizando expressões de família para apresentar a sua relação com Deus. É a partir da nossa experiência humana de Deus, que iremos atribuir a ele os valores e os significados que ele tem para nós, ou aquilo que experimentamos dele, ou que ele revela de si mesmo. A linguagem humana com seus símbolos, representando sua experiência, é que pode nomear Deus; embora saibamos dos limites e dos riscos que essa linguagem carrega, nesse sentido. Jesus experimenta Deus como sendo seu Pai e dá a conhecer, por sua história, essa relação, que foi confirmada pela fé em sua ressurreição. Os evangelhos nos fazem perceber a singularidade dessa sua relação filial, mas ao mesmo tempo nos incentivam a participar dessa filiação (Mt 5, 16; 6, 9; Mc 11, 25; Lc 2, 49; Lc 6, 36). O serviço de seu anúncio e missão parece se concentrar em chamar a

⁹ VALLS, María Carmen Aparicio. A relação entre Exegese e Teologia Sistemática. In. MAZZAROLO, Isidoro (Org.). *Exegese, Teologia e Pastoral: relações, tenções e desafios*. Santo André: Academia Cristã, 2015, p. 151-180.

atenção para a verdade de sentido de Deus e de sua pessoa e o compromisso que decorre dele (Jo 6, 29; 17, 3. 26; 14, 23).

O núcleo da fé cristã está ligado a esse dado de relacionamento Filho/Servo de Deus. Jesus se relaciona com Deus de um modo inaudito. Ele apresenta em suas atitudes a segurança de alguém que desfruta de sua intimidade. É a partir dessa intimidade que ele olha o mundo e as pessoas, revelando que Deus ama o ser humano. Seu modo familiar revela outro rosto de Deus, não oposto ao do Antigo Testamento, mas qualitativamente mais bem definido. Tanto o adjetivo dado a si, o de Filho, para significar sua condição filial, como aquele de Pai dado a Deus revelam isso. Manifestando essa novidade sobre Deus ele propõe essa paternidade como extensiva a todos os homens (Jo 20, 17). É preciso dizer que o símbolo "Pai" utilizado por Jesus para se referir a Deus adquire um novo significado. Também o termo "Filho", aplicado a Jesus é inaudito. Ele diz que esse sentido de Pai deve ser aplicado somente a Deus (Mt 23, 9).

Em diversas passagens e textos do Novo Testamento, encontramos a afirmação de que Jesus é o Filho de Deus, o Cristo. O reconhecimento dessa ligação filial se torna, inclusive, a condição para estar em comunhão com ambos (1Jo 1, 3). Nesse sentido, ver Jesus como o Filho, o Cristo de Deus, é o específico da fé cristã: Jesus é "Filho de Deus" e, junto a essa profissão de fé, professa-se que ele é o "Cristo", o seu Ungido. O mais comum é que os dois, Filho e Cristo, se conjuguem como sendo essa base, o *kerygma* é o principio de inteligibilidade dessa profissão de fé. Para Walter Kasper (1933), teólogo alemão, o reconhecimento da filiação de Jesus é fundamental para a fé: "A profissão de fé em Jesus Cristo como o Filho de Deus é um resumo que expressa o essencial e o específico de toda a fé cristã. Sem a profissão de fé em Jesus como Filho de Deus não pode haver fé cristã."

Ao longo do Novo Testamento encontramos o esforço de seus autores para apresentar essa afirmação e o modo como ela se liga a nós. No início do Evangelho de Marcos, encontramos: "Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus" (Mc 1, 1). O evangelista procura ao longo de toda a sua narrativa apresentar como ocorre essa filiação e como é possível descobri-la. Filho e Cristo se conjugam em importância. Nos sinóticos, em certa altura da narrativa, Jesus interroga os discípulos a seu respeito: "Quem dizem os homens ser o Filho do Homem? (...) E vós quem dizeis que eu sou?" Pedro responde: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mt 16, 16). Jesus confirma a fala de Pedro, dizendo que essa

Mesmo que a compreensão de "Filho" não se reduza ao fato de ser ele o Messias. Jesus não é Filho de Deus só pelo fato de ser o Cristo. Antes ele é o Cristo por ser Filho de Deus em sentido pleno, ou único.

¹¹ KASPER, W. Jesús, el Cristo. 13. ed. Salamanca: Sígueme, 2012, p. 243.

foi uma revelação do "Pai que está nos céus" (Mt 16, 17). A mesma passagem é apresentada com variantes nos outros evangelhos: "Tu és o Cristo" (Mc 8,29); "O Cristo de Deus" (Lc 9, 20). Em João, na chamada crise da Galileia, encontramos, como motivo dos discípulos permanecerem com Jesus, o fato de ser ele "o Santo de Deus". Perguntando Jesus aos doze se não queriam ir embora também, Pedro responde: "(...) 'Senhor, a quem iremos? Tens palavra de vida eterna e nós cremos e reconhecemos que tu és o Santo de Deus" (Jo 6, 68-69). "O Santo" significa, aqui, aquele que foi separado, eleito ou escolhido por Deus para uma missão. Esse mesmo evangelho mostra André dizendo a Pedro: "Encontramos o Messias (que quer dizer Cristo). Ele o conduziu a Jesus (...)" (Jo 1, 41-42).

Outras duas passagens fundamentais dos evangelhos reforçam a filiação divina de Jesus, onde encontramos a narrativa de uma revelação vinda do céu: a primeira, por ocasião do seu batismo (Mt 3, 17; Mc 1, 11; Lc 3, 22) e a segunda, em sua transfiguração, momento de crise da comunidade diante da paixão (Mt 17, 5; Mc 9, 7; Lc 9, 35). Marcos, ao final de sua narrativa da paixão, traz a profissão de fé de um centurião romano: "Verdadeiramente, este homem era filho de Deus" (Mc 15, 30). A atitude de recusa da pessoa de Jesus pelas autoridades judaicas e romanas e a violência praticada contra ele seriam suficientes para desautorizar a sua pretensão de "filho", contudo, o modo de agir de Jesus revela essa filiação. Também o evangelista João, na conclusão de seu evangelho, ao relatar o motivo pelo qual escreveu, diz: "(...) Esses, porém, foram escritos para crerdes que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome" (Jo 20, 30-31).

Nas cartas paulinas, aos títulos de Filho e Cristo, acrescenta-se o de Senhor. Escrevendo aos Efésios, Paulo apresenta a unidade de Cristo Jesus ao Pai, reflexo da unidade que deve marcar a vida da comunidade. Ele afirma, em Ef 4, 1-5: "Há um só corpo e um só Espírito, assim como é uma só a esperança da vocação a que fostes chamados; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; há um só Deus e Pai de todos, que está acima de todos, por meio de todos e em todos."

Para Paulo, ainda, quem "se une ao Senhor, forma com ele um só Espírito" (1Cor 6, 17). Em sua carta a Timóteo, ao exortar a oração ele considera: "Eis o que é bom e aceitável diante de Deus, nosso Salvador, que quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade. Pois há um só Deus, e um só mediador entre Deus e os homens, um homem, Cristo Jesus, que se deu em resgate por todos" (1 Tm 2, 3-5); Já em 1Cor 8, 4-6, em um contexto onde existe o perigo da idolatria e ao mesmo tempo a necessidade de reconhecer a inexistência dos outros deuses (os do Olimpo, por exemplo) e outros "senhores"

(figuras divinizadas), Paulo afirma o monoteísmo e o reconhecimento de um só Senhor e conclui dizendo: "Para nós, contudo, existe um só Deus, o Pai, de quem tudo procede e para o qual caminhamos, e um só Senhor, Jesus Cristo, por quem tudo existe e para quem caminhamos" (1Cor 8, 6). Caminhamos para Deus, o Pai e para o Senhor Jesus Cristo. É interessante reconhecer que, apesar de Jesus ser considerado Senhor, esse senhorio não está entendido aqui como a deidade de Jesus.

Também em outros textos do Novo Testamento, nas chamadas Cartas Católicas, encontramos o reconhecimento da filiação divina de Jesus de Nazaré. Essa filiação quer falar do forte vínculo existente entre Jesus e Deus. Sem dúvida, esse vínculo vê-se confirmado ou torna-se evidente pelo comportamento de Jesus em relação a Deus. Mas também e principalmente pelo modo como Deus tratou Jesus, ressuscitando-o dentre os mortos.

Jesus é considerado como possuindo condição divina, contudo não é tão claro no Novo Testamento como ocorre esse status, ou o seu ser divino. Ademais, encontramos uma pluralidade de cristologias no Novo Testamento. Mas em todas elas sobressai a condição filial de Jesus, como Filho de Deus. Na Páscoa se fundamenta a leitura que o apresenta como Filho Unigênito de Deus. A construção das narrativas de seu nascimento está marcada pela experiência de sua ressurreição. Seu nascimento não dependente apenas da vontade humana, do consentimento de Maria, mas também da vontade de Deus.

1.1.2 A preexistência no horizonte da Cultura e da Fé Cristã

A ideia de preexistência está presente em grande parte das culturas, com concepções e narrativas variáveis. A finalidade seria apresentar a proeminência da realidade ou das pessoas a que se refere. Servia em muitos contextos para explicar a origem sagrada dos grandes personagens, com carismas ou feitos memoráveis. É uma ideia que está ligada ainda aos mitos de origem dos povos e instituições. Segundo o teólogo católico alemão Karl-Josef Kuschel (1948), ela se liga à procura da origem, do *arché*, e faz parte da concepção de que o mundo e o cosmo tiveram origem em alguma realidade primordial. Entretanto, não só o mito trata da

_

¹² KUSCHEL, Karl-Josef. *Born Before all time? The Dispute over Christ's Origin*. London: SCM Press, 1992, p. 22

¹³ KUSCHEL, Born Before all time? p. 22.

origem, mas também a razão. Essa, deu um grande salto quando procurou não mais no mito, mas em um elemento físico a origem comum de todas as coisas.¹⁴

A ideia de preexistência está presente nas religiões monoteístas: judaísmo, cristianismo e islamismo. É um pressuposto implícito quando afirmam a origem de todas as coisas na vontade criadora de Deus. Concebem a criação como sendo *ex nihilo*: Deus cria do nada. Por meio de sua Palavra ele chamou à existência todas as coisas (Gn 1,1-31;2,1-4a). Ele é o outro, o diferente do que foi criado (Ecl 42,21). Deus possui a prerrogativa de ser "o existente" por excelência e do qual advém a criação (Sl 90, 2). Ao terminar de criar, Deus considerou todas as coisas como sendo boas (Gn1, 31). Na concepção bíblica, além de criar, Ele mantém todas as coisas na existência (At 17, 28). Nesse quadro criacional, o ser humano é criado com o seu corpo e ligado a ele formando uma totalidade (Gn 2,7).

A concepção do homem como preexistente é marcada pelo dualismo "corpo e alma", segundo o qual a alma preexistiria ao corpo e continuará existindo após a morte desse. A alma é a essência do ser humano e não dependeria do corpo para existir. Essa ideia tem na filosofia de Platão a sua expressão maior, pois esse pensamento foi difundido com a helenização dos povos. É uma visão em que a matéria é vista de modo negativo, como sendo o "não ser", o perecível, o mutável. As realidades do tempo e do espaço são consideradas como lugares da corrupção, da ilusão e da *doxa*, opinião (Crátilo, DK 22 A 6).

Sobre a ideia de preexistência de Cristo, está fundamentado o pensamento cristão em relação à pessoa de Jesus Cristo e ao papel que exerceu na história da salvação. A partir da compreensão de que sua pessoa preexiste a seu nascimento humano (Gl 4, 4), vem a ideia de que ele é o Logos de Deus que se encarnou (Jo 1, 14). Em sua encarnação irá recapitular em si a história humana, possibilitando a divinização do homem (Iren. Adv., hae. III, 18,1). É a causa da elevação do ser humano à condição divina, realizando o "intercâmbio" entre a sua divindade e a nossa humanidade. A sua preexistência é ainda o ponto de partida para afirmar que ele é co-eterno a Deus Pai e ao Espírito Santo, formando com eles a Trindade eterna, em uma única Substância divina. Decorre daí a sua consubstancialidade ao Pai e ao Espírito Santo. As três pessoas divinas, em uma única substância, mantêm o monoteísmo do Antigo Testamento. 16

¹⁴ PESSANHA, José Américo. Os Pré-Socráticos: Vida e Obra. In. OS PENSADORES. *Doxografia*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996, p. 5-32. A filosofia surge, pois, como esse importante salto na tentativa de encontrar a realidade originária, uma passagem da explicação mítica para a explicação racional.

¹⁵ ATANÁSIO. In: STEAD, G. C. *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*. São Paulo: Paulus, 2002, p. 181-191.

¹⁶ SESBOÜÉ, Bernard; WOLINSKI, Joseph. *História dos dogmas*: O Deus da Salvação, v.1, p. 251.

Não obstante a importância da preexistência de Cristo, no atual horizonte cultural, essa ideia encontrou diversas dificuldades no campo da linguagem, na concepção atual do ser humano e em sua fundamentação bíblica. A linguagem metafísica utilizada para expressar o dogma recebeu, na modernidade, muitas críticas que lançam suspeita sobre suas afirmações, distantes da experiência humana comum e carentes de plausibilidade. A atual concepção de ser humano o vê como aquele que configura a sua identidade como pessoa ao longo de uma história, portanto sendo devedor de um tempo e de uma cultura. Os estudiosos da Sagrada Escritura mostram outras possibilidades de interpretação dos textos que servem para fundamentar a ideia de preexistência de Cristo. As questões apresentadas pedem uma reflexão que considere a importância do sentido da preexistência para a fé e ao mesmo tempo leve em consideração o nosso horizonte cultural.

O tema tem sido tratado apenas de passagem para se afirmar a encarnação, a divindade ou a eternidade do Verbo no seio da Trindade. Segundo o teólogo e estudioso do Novo Testamento, Simon Gathercole (1974), o tema ressurgiu no debate cristológico na década de 1970, com o lançamento do livro *The Myth of God Incarnate*, do teólogo anglicano John Hick (1922-2012). Como reação a essa publicação surgiram inúmeros artigos e livros com a finalidade de apoiar ou criticar o pensamento de Hick, o qual deu continuidade a sua reflexão sobre a Encarnação em um novo livro: "*The Metaphor of God Incarnate*". Nessa obra ele afirma que a preexistência de Cristo não deve ser tomada de modo categórico, literal ou como uma afirmativa de que de fato Cristo tenha existido ontologicamente antes de seu nascimento humano, mas que deve ser tomado como uma metáfora. Dessa forma, o tema voltou ao centro do debate e o modo como isso tem perdurado mostra sua importância para a atualidade. Dessa forma de atualidade.

A ideia de preexistência aplicada a Cristo traz a novidade de ser a sua pessoa a preexistir e não a sua alma. A Pessoa divina do Verbo (Palavra/Logos), preexistente na plenitude do tempo, veio a se encarnar assumindo a humanidade no seio da Virgem Maria. A alma passa a ser considerada como algo pertencente ao homem vivente e não mais como

_

¹⁷ McCREADY, Douglas. "He came Down from heaven": The preexistence of Christ Revisited. Journal of the Evangelical Theological Society, Westminster, September, 1997, vol. 40, n.3. Disponível em: https://www.etsjets.org/files/JETS-PDFs/40/40-3/40-3-pp419-432_JETS_pdf. Acesso em: 10 set. 2021.

GATHERCOLE, Simon J. *Pre-existence, and the Freedom of the Son in Creation and Redemption*: An Exposition in Dialogue with Ribert Jenson. In: *International Journal of Systematic Theology*. January 2005, v. 7, n.1. Disponível em: https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1468-2400.2005.00150.x Acesso em: 23 mai. 2022.

¹⁹ HICK, John. *A Metáfora do Deus Encarnado*. Petrópolis: Vozes, 2000. Recensão de CAVINI, Carlos Eduardo B. *Reflexus*: Revista trimestral de Teologia e Ciências da Religião, Vitória, v. 1, n. 1, 2007.

²⁰ HURTADO, Manuel. A Encarnação: Debate cristológico na teologia cristã das religiões. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 33-44.

possuindo uma preexistência. A partir dessa conclusão, declarou-se errôneo afirmar que a alma preexiste ao corpo. A preexistência ficou restrita à pessoa de Jesus Cristo enquanto Verbo. Mesmo sua alma não preexistia, ficando essa como um dado antropológico e não divino.

A preexistência pode ser ainda entendida como sendo real ou ideal. A preexistência real se refere àquela que é dita como sendo ontológica, ou absoluta. A realidade preexistente existiria, nesse caso, antes de sua manifestação no tempo e no espaço. A existência ideal seria uma visão prévia de todas as coisas do futuro, ou uma existência na "mente" de Deus, antes de seu surgimento no mundo. Biblicamente, poderia ser considerada como uma eleição ou predestinação de Deus sobre uma realidade, humana ou material. Esse modo de entender pode ser encontrado no AT. A exceção seria a Sabedoria, que foi bastante utilizada para falar da preexistência de Cristo (Pr 8, 22-31).

Para o teólogo Robert Gerald Hamerton-Kelly (1938-2013), cristão metodista, existe uma dificuldade de se definir *a priori* o termo preexistência, pois se refere a algo que é anterior ao modo como se manifesta na existência. Para cada caso, pessoa ou coisa, é preciso considerar o contexto da realidade já existente, ou de seu *a posteriori*, para se proferir uma ideia de preexistência. ²¹No caso de Cristo ocorre a complexidade que marca a ideia de suas duas naturezas, humana e divina: o que acontece com os atributos de sua natureza divina ao assumir a natureza humana é uma questão respondida pelo Concílio de Calcedônia, em 451.

um só e o mesmo Cristo, Filho, Senhor, unigênito, reconhecido em duas naturezas, sem mistura, sem mudança, sem divisão, sem separação, não sendo de modo algum anulada a diferença das naturezas por causa da sua união, mas, pelo contrário, salvaguardada a propriedade de cada uma das naturezas e concorrendo numa só pessoa e numa só hipóstase; não dividido ou separado em duas pessoas, mas um único e o mesmo Filho, unigênito, Deus Verbo, o Senhor Jesus Cristo, como anteriormente nos ensinaram a respeito dele os Profetas, e também o mesmo Jesus Cristo, e como nos transmitiu o Símbolo dos Padres. (DZ 302-303) ²²

Para Larry Weir Hurtado (1943-2019), teólogo e biblista, preexistência é um termo técnico, um jargão utilizado pela cristologia para se referir às passagens de textos judaicos e

²¹ HAMERTON-KELLY, R.G. *Pre-existence, Wisdom and the Son of Man:* A Study of the Idea of Pre-existence in the New Testament. Cambridge: University Press, 1973, p.1.

²² Considerar a humanidade de Jesus limita essa afirmação, porém a dualidade de sua natureza sempre comportará o risco de minimizar uma delas. Contudo, para não dar razão ao docetismo, ocorreu a necessidade do dogma pensar Jesus Cristo como possuidor de duas naturezas, a humana e a divina.

cristãos primitivos aplicando a Jesus, de modo categórico, esse atributo.²³ A preexistência é considerada a marca da sua natureza divina acrescentada à sua natureza humana pelo dogma. É considerada também a diferença entre ele e a humanidade comum dos homens, de modo que a identidade dos homens é dependente da história e a de Cristo o é da transcendência em relação ao mundo.

Não obstante a importância do dogma da preexistência, os teólogos encontram dificuldade em expressá-lo. Sua linguagem anistórica apresenta uma problemática para o nosso horizonte cultural. Ela pretende afirmar duas origens para Jesus Cristo, sendo a origem transcendente, ontológica, considerada como a origem de sua Pessoa. A Na busca de solução para esse problema um número cada vez maior de teólogos tem procurado fazer uma releitura do tema, propondo como solução considerar o aspecto mais metafórico da afirmação dogmática do que sua literalidade. Isso porque o acesso que temos a Jesus se dá pelas narrativas dos evangelhos. Esses textos fazem referência a um acontecimento de tempo e espaço, e mesmo a revelação não prescinde de uma história, ou de um contexto histórico no qual ocorre.

Também encontramos, no campo dos estudos bíblicos descobertas apoiadas em novos métodos exegéticos e novos pressupostos. Surgem daí possibilidades de interpretações diferentes das tradicionais. São métodos e pressupostos apoiados em outros campos do conhecimento, como o da história, da antropologia e da arqueologia. A própria teologia tem considerado melhor a experiência humana atual para pensar a fé. Essas questões têm influenciado o pensamento da teologia sistemática. Grande parte do debate está ligada à fundamentação e à plausibilidade das afirmações do dogma. A história tem tido papel relevante nesses debates.

Em vista dessa constatação, para Joseph Moingt, pensar a revelação de Deus ocorrida em Jesus passa necessariamente por uma narrativa. É o que ele faz em sua cristologia: "Há um adágio muito conhecido na teologia contemporânea: 'O que se passou na história, deve-se poder relatar historicamente". ²⁵ Ele atribui esse axioma, de modo contundente, aos acontecimentos que se deram com Jesus Cristo. É a partir de sua história, considerada nos

²³ HURTADO, Larry Weir. "Pre-Existence" in Ancient Jewish Tradition and The NT. Disponível em: https://larryhurtado.wordpress.com/2019/02/06/pre-existence-in-ancient-jewish-tradition-and-the-nt/. Acesso em: 10 set. 2020.

²⁴ BYRNE, Brendan. Christ's pré-existence in Pauline soteriology. *Theological Estudies*, v. 58, n. 2, p. 308-330, may, 1997. Disponível em: http://journals.sagepub.co/doi/10.1177/004056399705800205. Acesso em: 12 set. 2021. Brendan aponta para um grupo de teólogos (Karl-Josef Kurschel, Pannenberg, Ebeling, Moltmann, Küng, Kasper, Schillebeekx, Sobrino, etc), dizendo haver um consenso ecumênico na busca de valorizar a história e a humanidade de Jesus.

²⁵ MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*. São Paulo: Loyola, 2008, p. 18.

evangelhos e na tradição apostólica, que é possível inferir uma interpretação coerente sobre sua pessoa e missão. Porém, que tipo de história é essa afirmada por Joseph Moingt, já que a historiografia considera grande parte do que foi narrado nos evangelhos e na Sagrada Escritura, de modo geral, como narrativas míticas?

Para o teólogo francês, não é possível que tenhamos acesso a tudo o que se passa na história. Mesmo as narrativas às quais temos acesso passam pela construção imaginária de quem escreve a história. Moingt se apóia em uma concepção de história que considera a narrativa como interpretação, mais do que descrição de fatos. Além disso, o que foi narrado não perde sua força se continua portando um significado para a atualidade. Para ele, o pano de fundo argumentativo, encontrado ao longo dos textos dos evangelhos, nos dá acesso ao que quis ser dito pelos que escreveram os evangelhos. ²⁶ Ao nos aproximarmos desses textos, precisamos entender o horizonte cultural no qual surgiram e o modo como foi possível expressar o que eles criam, perceber o que marca a narrativa como sendo plausível ou credível para uma comunidade de fé. Dito de outro modo, um pensamento é sempre devedor de um horizonte cultural que o permitiu surgir. ²⁷

Nosso autor diz que, na França, surgiu um novo conceito de História que pode ajudar na solução da pertinência do histórico ao teológico. Conceito que encontra nos escritos do filósofo e historiador Michel de Certeau (1925-1986) e de Paul Ricoeur (1913-2005) a sua base teórica. Certeau propõe que a história é uma construção social, marcada pelos conjuntos de situações que possibilitam o surgimento do novo, uma nova narrativa, um modo de crer.²⁸ Se a preexistência de Cristo é uma afirmação indispensável para entender o papel que ele exerce, ela não está dispensada de ser compreendida do ponto de vista da história. Qual história? Aquela que envolve a relação entre Deus e Jesus como sendo um evento de revelação.

De acordo com Paul Ricoeur, a história é capaz de configurar o tempo em uma narrativa. Isso ocorre tanto na narrativa histórica, quanto na narrativa ficcional. O tempo marca a experiência comum entre os seres humanos. Essa experiência só pode ser configurada em uma narrativa, a qual porta consigo a experiência do tempo vivido e narrado. ²⁹ Para Moingt, as narrativas dos evangelhos carregam a força da experiência humana que os fez

²⁶ MOINGT. *O homem que vinha de Deus*, p. 15.

²⁷ CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 34.

²⁸ MOINGT. *O homem que vinha de Deus*, p. 15.

²⁹ RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. v. 2 A configuração do tempo de narrativa de ficção. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 6.

surgir, um sentido que não se prende ao fato ocorrido.³⁰ Nesse caso, trata-se de uma história de revelação de um Deus que vem, seja na palavra pronunciada e narrada, seja pela abertura que damos a ele. Essa história se torna densa de sentido no evento da cruz lido pela fé das testemunhas e das novas gerações cristãs.

Desse modo, iremos procurar na Sagrada Escritura, em uma atitude de escuta - o *Auditus fidei* -, o tema da preexistência, sua presença e fundamentação no discurso da Igreja e na história do pensamento teológico. Devido à grande extensão do tema teremos de limitar, em alguns aspectos, a nossa investigação, selecionando alguns textos. O objetivo principal é fornecer elementos para, no segundo capítulo, perceber o fundamento da argumentação de Joseph Moingt e em diálogo com esse Autor apresentar a novidade de nossa tese. A teologia atual vê-se desafiada por nosso horizonte cultural a uma "fidelidade criativa" a pensar-se como uma ciência a serviço da fé, que precisa evoluir em seu discurso na liberdade, na atitude de ruptura e continuidade. O desafio é continuar a transmitir com fidelidade, credibilidade e dizibilidade a mensagem fundamental da Boa Nova, a esperança e a consolação.

1.2 A Preexistência nas Sagradas Escrituras

A palavra preexistência não está presente nos textos bíblicos,³² apenas a sua ideia, constata Joseph Moingt.³³ É uma ideia que faz referência a realidades consideradas sagradas e possuindo um simbolismo religioso proeminente. No Antigo Testamento destaca-se a Sabedoria, o Templo e a Torah.³⁴ Falaremos detalhadamente mais adiante sobre a relação desses elementos com Jesus, o Messias de Nazaré. Na literatura apocalíptica judaica apócrifa, o próprio Messias é incluído entre as realidades preexistentes. Nessa literatura, é sua alma que preexiste e junto a ele encontram-se as almas das grandes figuras de Israel, os patriarcas e os profetas.³⁵ Um exemplo dessa literatura é o primeiro livro de Enoque (1Enq. 48, 8).

A historiografia judaica considera que a ideia de almas pré-encarnadas, presente no judaísmo, chega com o helenismo e o pensamento platônico no período do domínio

³⁰ MOINGT, O homem que vinha de Deus, p. 208.

³¹ Idem. Respecter lês zones d'ombre qui décidément résistent. *Recherches de Science Religieuse*. Paris, v. 91, n. 4, p. 577-587, oct/dec, 2003, p. 580.

³² Preexistência. In: INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. *Grande dicionário Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p. 2284. Segundo Houaiss, esse termo foi registrado pela primeira vez em 1690.

³³ MOINGT, *O homem que vinha de Deus*, p. 77.

³⁴ HURTADO, Larry Weir. Preexistência. HAWTHORNE, Gerald F. (org). Dicionário de Paulo e suas cartas. 2ªed. São Paulo: Loyola, 2008, p. 985-989.

³⁵ KOHLER, Kaufmann; BLAU, Ludwig. Preexistence. The unedited full-text of 1906 Jewish Encyclopedia. In: *jewishencyclopedia.com*. Disponível em: http://www.jewishencyclopedia.com/articles/12339-preexistence http://www.jewishencyclopedia.c

macedônico e dos Selêucidas (século IV - II a.C.). Até que ponto essa ideia estava difundida entre os judeus da região da Judeia e da Galileia, na época de Jesus, é uma questão em debate. Contudo, é possível encontrar sua presença em alguns movimentos judaicos. ³⁶ Para o historiador judeu Cecil Roth (1899-1970), na Sagrada Escritura (*Torah*) não foi comprovada a sua presença. ³⁷

Na atual conjuntura do conhecimento, não é possível desconsiderar o intercâmbio cultural entre os povos. Contudo é possível perceber o esforço do povo hebreu para não se deixar influenciar por povos estrangeiros. O cristianismo surge dentro do judaísmo e carrega consigo muitos princípios dessa cultura. Nesse sentido, o cristianismo terá o ponto alto da revelação apresentado nos evangelhos e nos escritos apostólicos. São textos que, junto com o pensamento da patrística e dos concílios, configuram a Tradição da Igreja. Eles serão objetos de nosso estudo nos tópicos seguintes. Procuramos selecionar as principais passagens que foram interpretadas pela tradição dogmática como referindo-se à preexistência de Cristo. No caso dos textos bíblicos, o objetivo não é fazer uma exegese, mas apresentar suas características e os principais argumentos dos estudiosos sobre a presença ou ausência da ideia da preexistência nesses textos. Esse levantamento visa trazer presente o pensamento da Tradição e jogar luz sobre o pensamento de Joseph Moingt a esse respeito. Visa ainda nos ajudar a apresentar como é possível chegar pelos caminhos da história ao dogma da preexistência de Cristo e por esse caminho, à fé da Igreja.³⁸

1.2.1 O Antigo Testamento

Os evangelistas se esforçaram para mostrar que o que se passou com Jesus foi segundo as Escrituras Sagradas que falavam a seu respeito. Sua vida seria a realização, segundo eles, (destacando-se Mateus), daquilo que Deus havia prometido por meio de Abraão, de Moisés e dos profetas (Gn 22, 18; Dt 18, 18; Is 7, 14; Mt 1, 23). Em muitas passagens dos evangelhos encontramos o refrão: "isso aconteceu para que se cumprissem as Escrituras", ou "o que foi dito pelos profetas" (Mt 1, 22; 2, 15; 12, 17; 21, 4; Lc 18, 31; Jo 19, 24.36). São narrativas

³⁶ DUNN, James D. G. *El cristianismo en sus comienzos*. Tomo I. Jesús recordado. Estella (Navarra): Editorial Verbo Divino, 2009. p. 306. James Dunn mostra que a ideia de que os eventos que deram origem aos evangelhos foram marcados pelo judaísmo normativo farisaico e rabínico existente na Judeia e na Galileia, no primeiro século, foi jogada por terra após as descobertas do Mar Morto. A antropologia do judaísmo normativo considerava o homem não como dual, corpo e alma, mas como uma totalidade identificada com o seu corpo, sem o qual deixaria de existir. Contudo, os Essênios apresentam características de uma visão dualista.

³⁷ ROTH, Cecil. Preexistência. In: *Enciclopédia judaica M-Z*, Rio de Janeiro: Biblioteca da Cultura judaica: Editora tradição S/A, 1967, p. 985.

³⁸ MOINGT, O homem que vinha de Deus, p. 16.

teológicas com a finalidade de demonstrar que Jesus de Nazaré era de fato o Messias esperado, que sua história se cumpriu conforme um desígnio de Deus. A sua existência é um conhecimento anterior ao seu nascimento, bem como os acontecimentos principais de sua vida (Lc 22, 37). Essa leitura cristã, das comunidades primitivas, encontra ainda em outros textos apócrifos a sua formação. Em muitos deles, é possível encontrar a ideia da preexistência de Cristo, destacando-se 2 Baruque, 4 Esdras e 1 Enoque.

Em Lucas, o próprio Jesus, ressuscitado, relaciona a si as Escrituras: "começando por Moisés e percorrendo os profetas, interpretou-lhes em todas as Escrituras o que a ele dizia respeito" (Lc 24, 27). Mais adiante, ele diz aos discípulos de um desígnio sobre ele presente nas Escrituras: "Era preciso que se cumprisse tudo o que está escrito sobre mim na lei de Moisés, nos profetas e nos Salmos" (Lc 24, 44). De fato, os acontecimentos desconcertantes ocorridos com Jesus fizeram com que as comunidades procurassem entendê-los à luz dos escritos do Antigo Testamento. Jesus, um homem justo e santo, teve um fim trágico em uma cruz.³⁹ São textos que falam da vinda do Messias e o caracterizam como aquele que traz, da parte de Deus, um novo tempo marcado pela realização dos anseios dos povos. Eles não deixam, contudo, de apresentar as contradições que cercam a receptividade de sua pessoa e de seu projeto. Eles procuraram entender isso comparando Jesus com o servo sofredor de Javé, presente no livro do profeta Isaías (Is 42, 1-4; 49, 1-7; 50, 4-9; 52, 13-53.12) e nos salmos (SI 22; 34, 20-21).⁴⁰

1.2.1.1 O Messias prometido do Antigo Testamento

A palavra Messias/Cristo significa "Ungido" ou "consagrado" ao Senhor. Unção inicialmente aplicada aos objetos, tornando-os sagrados, passa também a ser feita a determinados seres humanos (Gn 28, 10-22; Ex 20, 25-31). Messias/Cristo é o adjetivo dado àqueles que em Israel, em nome do Senhor, exerciam algum papel importante de governo ou de sacerdócio junto ao povo. 41 O termo foi aplicado a Saul, a Davi e seus sucessores no trono, bem como aos sumos sacerdotes, para exercerem seu ministério (1 Sm 10, 1; 16, 12-13; Ex 30, 29-30). Nutriu-se, em épocas apocalípticas, a esperança da chegada de um Messias-rei definitivo. É justamente nessa época que se forma toda uma expectativa idealizada da chegada

³⁹ GOURGUES, Michel. Os salmos e Jesus: Jesus e os Salmos. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 5.

⁴⁰ GOURGUES, Os salmos e Jesus, p. 47.

⁴¹ LAURET, Bernard. *Iniciació a la practica de la teologia*. 3 ed., t. II. Madrid: Ediciones Cristiandad. 1984, p. 91.

daquele que iria dar a Israel um governo hegemônico em relação aos outros povos, um Messias escatológico.⁴²

A preexistência do Messias é, antes de tudo, marcada pelas compreensões que se formaram dele. Muitos textos do Antigo Testamento, embora não falem da preexistência do Messias, dão a ideia da espera de alguém que virá no futuro para fazer surgir um novo tempo (Ex 49, 10; Nm 24, 17;). O livro do profeta Isaías é largamente utilizado para falar dessas esperanças messiânicas. Elas se baseiam no olhar do profeta sobre a história de seu povo, procurando mostrar a intervenção de Deus através de seu Ungido. Ele intervirá para mudar a sorte infeliz do povo. É interessante que nem sempre esse Ungido tem sua origem no povo hebreu. Isaías e outros escritos apresentam Ciro, o rei da Pérsia como um Ungindo do Senhor. Ele tem a missão de libertar o povo hebreu de seu cativeiro, mandando-os regressar para Jerusalém, para reconstruírem sua cidade e o Templo (2Cro 36, 23; Is 44, 28). No cristianismo, a figura de Ciro não deixa de ser usada para se referir a Jesus e a sua missão, por exemplo em Irineu de Lyon (130-202 d.C.) no seu escrito *Demonstração da pregação apostólica* (DePrApos49, 131).

Em Isaías, encontramos o anúncio do nascimento de um menino que será o portador de tempos novos, trazendo em seus ombros a paz em todas as suas dimensões (Is 9, 1-6).⁴³ Embora esse menino seja identificado, num plano imediato, com Ezequias, essa imagem foi relida pela comunidade cristã como referência ao nascimento de Jesus.⁴⁴ Ele é intitulado como Príncipe da Paz, portador de um tempo novo na história da humanidade. Para os evangelistas, a promessa isaiana se cumpre em Jesus de Nazaré (Mt 4, 14; 8, 17; Jo 12, 41). A força argumentativa está em apresentar o desígnio de Deus sendo realizado em Jesus. Por exemplo, textos de Isaías que mostram a firme decisão do servo/filho de cumprir sua missão, se comprazendo em realizar o desígnio impassível de Deus, (Is 42, 1- 4; 49, 1-6; 50,4-9; 52, 13-53), foram tomados como chave de leitura para os relatos da Paixão de Jesus (At 8, 26-40).

Quanto a essa esperança messiânica, muitas vezes encontramos na boca de Jesus a expressão "Eu vim" (Mc 1, 38; Lc 12, 49; Jo 5, 43). Essa fala será interpretada também como uma referência à sua origem no além, em uma preexistência ontológica, como veremos mais adiante. Compreensão possível, mas não necessária, pois a vocação de Jesus, embora venha

⁴² RUSSELL, D.S. Desvelamento divino: uma introdução à apocalíptica judaica. São Paulo: Paulus, 1997, p. 155-173. O Autor Apresenta a esperança messiânica como resposta aos conflitos sociais, principalmente em relação a opressão estrangeira.

⁴³ Leitura da missa da noite de Natal, utilizada para a compreensão do sentido messiânico do nascimento de Jesus.

 ⁴⁴ COLINS, John J. Isaías. In. BERGANT, Diane CSA; KARRIS, Robert J. OFM (org.). Comentário Bíblico. v.
2. São Paulo: Loyola, 1999, p. 11-44.

da eternidade, do desígnio prévio de Deus, se desenha em sua história através da resposta dada por ele ao que "ouvia" de Deus (Mt 10, 1-4; Mc 3, 13-19). Também a literatura sapiencial foi largamente utilizada para entender a pessoa de Jesus, em textos que dão base para se pensar sua existência já antes de sua encarnação.

1.2.1.2 A Sabedoria e a identidade preexistente

A literatura sapiencial do Antigo Testamento é um conjunto de textos pós-exílicos surgidos em um contexto de perplexidade e de crise para Israel:⁴⁵ o povo não tem mais um rei próprio nem a instituição profética. José Luís Sicre, biblista, diz que, nesses contextos, os autores recolhem a sabedoria que brota da experiência da vida do povo, observada ao longo de muito tempo e a duras penas.⁴⁶ A pergunta pela possibilidade de uma vida sábia capaz de superar as intempéries da existência é o pano de fundo da literatura sapiencial. A justificativa para dar a atenção à sabedoria é que todas as coisas estão ligadas a ela e a têm como fundamento e constituição. Desse modo, é possível viver bem a vida se a sabedoria for levada em conta.⁴⁷

Em Provérbios 8, 22-31, a Sabedoria, personificada, se apresenta chamando a atenção para sua origem anterior à criação, onde desempenha o papel de "mestre de obras" para o Criador:

22 Iahweh me criou, primícias de sua obra, de seus feitos mais antigos. 23 Desde a eternidade fui estabelecida, desde o princípio, antes da origem da terra. 24 Quando os abismos não existiam, eu fui gerada, quando não existiam, os mananciais das águas. 25 Antes que as montanhas fossem implantadas, antes das colinas, eu fui gerada; 26 ele ainda não havia feito a terra e a erva, nem os primeiros elementos do mundo. 27 Quando firmava os céus, lá estava, quando traçava a abóboda sobre a face do abismo; 28 quando condensava as nuvens no alto, quando se enchiam as fontes do abismo; 29 quando punha um limite ao mar: e as águas não ultrapassavam o seu mandamento, quando assentava os fundamentos da terra. 30 Eu estava junto com ele como o mestre-de-obras, eu era o seu encanto todos os dias, todo o tempo brincava em sua presença: 31 brincava na superfície da terra, encontrava minhas delícias entre os homens.⁴⁸

O objetivo é mostrar que todas as coisas de algum modo dependem da Sabedoria: "Iahweh me criou como primícias", vindo em sequência as obras criadas. A preposição "desde" indica uma continuidade, uma permanência a partir da eternidade em todas as coisas,

⁴⁶ SICRE, José Luís. *Introdução ao Antigo Testamento*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 271.

⁴⁵ RUSSELL, Desvelamento divino, p.35.

⁴⁷ IMSCHOOT, Pal Van; GOLDSTAIN, Jacques. Sabedoria. In: LONGTON, Joseph; POSWICK, R.-Ferdinand. Dicionário Enciclopédico da Bíblia. Loyola: São Paulo, 2013, p. 1184-1187.

⁴⁸ BIBLIA de Jerusalém. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2002.p. 1032-1033, a Pr 8,22-31.

ideia reforçada no versículo seguinte, com o antes da criação das "colinas", elementos considerados os mais estáveis da terra. O Criador se encanta com ela (v. 30), se agrada de sua presença. Com o verbo "brincar" parece informar que não tinha constrangimento em agir na arquitetura da realidade. A superfície da terra é marcada pela sua presença e os homens podem usufruir suas delícias.

Essa sabedoria tem a função de levar o ser humano a uma existência e a um agir coerentes com a ordem estabelecia por Deus na criação. A relação entre a Sabedoria e a criação nos lembra a visão estóica da relação entre Logos e realidade. Assim como a Sabedoria coordena todas as coisas, para os estóicos o Logos perpassa toda a realidade, conduzindo cada coisa a realizar aquilo que lhe é próprio. 49 No cristianismo, a Sabedoria é o meio pelo qual Deus criou todas as coisas. A associação entre Cristo e a Sabedoria parte da afirmação de que ele é a manifestação da Sabedoria de Deus (Rm 11, 33; 1Cor 1, 24-25; Col 1, 15-20). Para Paulo, essa Sabedoria é inversa à sabedoria do mundo (1Cor 1, 21). Outras passagens importantes remetem às mesmas ideias básicas do texto de Provérbios, citado anteriormente: a Sabedoria é um dos atributos de Deus, sai de sua boca como Palavra criadora (Pr 2, 6; Jo 1, 3); se faz disponível para todos os que a quiserem buscar (Pr 1, 23); como obreira do mundo é conhecedora de seus segredos. Daí, a capacidade de ensinar sobre as suas obras (Sb 7, 22); é conhecedora da ciência de Deus e possui influência sobre o seu agir (Sb 8,4); faz parte da intimidade de Deus: "contigo está a Sabedoria", cumpre seu papel na criação e conhece o que agrada e o que é segundo a vontade de Deus (Sb 9, 9). São referências que não deixam de lembrar passagens dos evangelhos ou dos escritos apostólicos que remetem ao modo de ser de Jesus e sua relação com o Pai.

A Sabedoria personificada frequentemente deu base para se pensar a preexistência de Cristo. É o pano de fundo de muitos escritos do Novo Testamento. Jesus é considerado como a verdadeira Sabedoria de Deus manifestada (1Cor 1, 22-24). Certamente uma Sabedoria desconcertante que deverá ser justificada, como possivelmente terá acontecido nas profissões de fé das comunidades primitivas. Alguns hinos manifestam essa ideia e como tal, não teriam, segundo alguns atores, a pretensão de falar de modo objetivo, fazendo afirmações categóricas e absolutas.⁵⁰

⁴⁹ REALE, Giovanni. História da Filosofia Antiga III. Os Sistemas da Era Helenística. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1994, p. 267.

⁵⁰ HONORÉ, Guignebert C. Alfred. Quelques remarques d'exegèse sur Philippiens 2,6-11. In *Revue d'histoire et de philosophie religieuses*, Strasbourg, v. 3, n. 6, p. 512-533, nov./déc. 1923. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/rhpr_0035-2403_1923_num_3_6_2457. Acesso em: 27 mai. 2022.

A associação da pessoa de Jesus Cristo com a Palavra de Deus, com o seu Logos, faz surgir a ideia de sua existência antes da encarnação. Ele é Sábio enquanto tem uma proposta de vida plena para os homens (Mt 1, 19; 12,42; Mc 6,2; Lc 2, 52; 11, 31). Segundo o biblista Giuseppe Segalla (1932-2011), nos evangelhos de Mateus e Lucas encontramos a ideia de que Jesus não apenas possui sabedoria, mas é a Sabedoria. Como a Sabedoria estaria associada à Lei, ele é a verdadeira Torah. A Sabedoria se torna pano de fundo para os textos que apresentam a ideia da preexistência de Cristo. A partir dela, é atribuído a Cristo Jesus um papel na criação (Col 1, 15-17; Ap 3, 14).

1.2.1.3 As figuras tipos e as cristofanias

Nos Padres da Igreja temos a "cristologia angélica", ou as chamadas *cristofanias*, onde eles concebem o "Anjo de Iahweh" como sendo a manifestação de Cristo no Antigo Testamento. Essa é a resposta dada pelos Padres à pergunta dos judeus sobre a presença de Cristo no Antigo Testamento, já que ele estava sendo considerado como divino e existindo antes de se encarnar. Alguns exemplos de *cristofanias*: O Anjo que aparece na Sarça Ardente no deserto a Moisés (I Apl. 63, 1-11); O Anjo que luta com Jacó (Dial 58, 1-13); O Anjo do Senhor que conversa com Abrão (DePrApos 44,1 17).

Paralelamente às *cristofanias*, as leituras tipológicas, apresentam, através de figuras, a ligação entre os dois Testamentos: ⁵² o que Deus fez para conduzir o povo à salvação continuou se realizando na história pessoal de Jesus de Nazaré, por quem ele leva à perfeição os acontecimentos antigos, fazendo algo novo e melhor. Nesse sentido, diversos elementos e personagens do Antigo Testamento são vistos como "tipo" ou modelo para apresentar Jesus. Por exemplo: Isaac é considerado como a figura de Jesus que é entregue à morte na Cruz (Rm 8, 32). Como elemento identificado espiritualmente com Jesus temos o conceito de "palavra": na criação ele já estava presente como Palavra de Deus, pois por sua palavra, Deus chamou todas as coisas à existência (Gn 1, 1-29; Jo 1, 1-14).

Ele é o cordeiro de Deus (Gn 22, 8; Jo 1, 36); é o cordeiro que salvou o povo de Deus do Egito. É visto ainda como a imagem do cordeiro Pascal, que, com seu sangue colocado na porta da casa dos hebreus, livrou do extermínio seus primogênitos e alimentou o povo para sua partida (1 Pd 1, 19/Ex 12,13/ Mt 26, 28; Mc 14, 24). Ele é ainda o cordeiro de Deus que

⁵¹ SEGALLA, Giuseppe. Cristologia do Novo Testamento. São Paulo: Loyola, 1992, p. 47.

⁵² BERGER, Klaus. As formas literárias do Novo Testamento. São Paulo: Loyola, 1998, p. 105-109.

"tira o pecado do mundo". O que se busca afirmar com tais *cristofanias* e figuras tipológicas é que, apesar das diferenças, o Novo Testamento é continuação do Antigo.

Embora o Antigo Testamento sirva, em muitos sentidos, para compreender a pessoa de Cristo, na perspectiva cristã, ele não faz referência direta à preexistência do Messias. Para isso, é preciso lançar mão da mediação de outras realidades consideradas preexistentes e que foram utilizadas como símbolo do Messias: a Sabedoria, a Torah e o Templo. Dentre esses elementos se destaca a Sabedoria. A ideia da existência pré-mundana, seja das almas, seja de objetos, surge na época do domínio estrangeiro, após o exílio babilônico, período também do surgimento da literatura sapiencial. Embora a ideia de preexistência das almas não tenha sido encontrada no Antigo Testamento, ela está associada ao desígnio de Deus sobre alguém que venha a existir. Um exemplo é o Salmo 139, em que Deus sabe o que acontece com o salmista antes mesmo que ele tenha nascido (Sl 139, 15-16).

Ainda, encontramos no livro do profeta Miquéias (Mq 5, 1-4) uma referência à chegada de um rei que tem sua origem em tempos imemoriáveis, às vezes traduzido como "desde a eternidade". É um texto aplicado a Jesus para afirmar a sua origem na eternidade. Alguns comentaristas apresentam que essa expressão se refere à ascendência de Jesus, que se liga aos patriarcas, homens de passado remoto, como Abraão e Davi, até chegar em José.

1.2.2 A preexistência no Novo Testamento

Os escritos dos eventos memoráveis ocorridos com Jesus de Nazaré, o Cristo, e de seus discípulos foram transmitidos, em um primeiro momento, pela oralidade, a qual, segundo alguns, teria permanecido ainda muito tempo depois que foram escritos os evangelhos.⁵³ São fragmentos de narrativas chamadas por Joseph Moingt de "o rumor" de Jesus.⁵⁴ O que fez com que esses eventos fossem narrados, entrando para a história, foi o impacto do sentido que causaram nas pessoas: de sua história, emerge um sentido alcançado pela fé. O "rumor" diz respeito a sua vida, morte e ressurreição e sua ligação conosco, eventos que impactaram seus discípulos, tornando-os testemunhas e propagadores.⁵⁵

⁵³ BAUCKHAM, Richard. *Jesus e as testemunhas oculares*. São Paulo: Paulus, 2011, p. 51.

⁵⁴ Não é no sentido pejorativo que o autor chama de rumor essas falas, mas no sentido de que eram narrativas fragmentadas e sem controle. Se é preciso dizer que existe um controle, ele é dado pela fé que faz reconhecer nesses eventos o agir de Deus trazendo um sentido novo para a história. Só quem estiver disposto a acolher, na liberdade, terá condição de incorporar tal sentido a sua própria vida.

Muitos exegetas tem considerado esse impacto existencial causado por Jesus em seus contemporâneos como iniciador daquilo que marcaria a mudança da história como um antes e um depois de Cristo. Ver: DUNN, James. Jesus em uma nova perspectiva. São Paulo: Paulus, 2013. p. 15. BAUCKHAM, Richard. Jesus e as

Eles afirmam que aquele com quem conviveram e que foi crucificado, morto e sepultado, Deus o ressuscitou dentre os mortos e o constituiu Senhor e Cristo (At 2, 36). Ele está sentado à direita de Deus (Col 6, 1; Ef 1, 20), sendo nosso mediador (Hb 7,25). Ele também voltará no final dos tempos (At 1, 11). Desse modo, a ressurreição de Jesus Cristo, joga luz sobre sua identidade filial e sua história desde o início em Nazaré e dá a ideia de uma origem eterna, "vinda de Deus". O entendimento dessa origem eterna é referido pela tradição, a partir do século II d.C., como sendo ontológica.

Cada evangelista irá desenvolver um aspecto da pessoa de Jesus. Mesmo dentro de um evangelho, é possível encontrar traços de diferentes cristologias. Isso pode significar a complexidade da pessoa e da personalidade de Jesus, mas pode significar também os diferentes ditos e falas que foram feitos a seu respeito. A unidade dos eventos narrados seria a garantia de certa objetividade histórica e do núcleo essencial do Evangelho. A ideia da preexistência de Cristo, nesse caso, seria secundária, no sentido de que não é ela que move as narrativas. No Evangelho de João, por exemplo, essa ideia serve de pano de fundo, mas não é o principal objetivo do anúncio. Inclusive, nos sinóticos, ela não é tão explícita como no quarto evangelho, se procuramos sem uma intenção prévia, segundo o pensamento de alguns estudiosos bíblicos.

1.2.2.1 A preexistência nos evangelhos sinóticos

Como vimos, efetivamente, a preocupação de Jesus nos sinóticos é com o anúncio do Reino de Deus, a sua acolhida e a conversão das pessoas a ele. ⁵⁶ A referência à preexistência de Cristo nos sinóticos se dá mais pela mediação de títulos dados a Jesus, ou de sua autoreferência como "Filho do Homem", do que por afirmações explícitas. Nesse sentido, alguns biblistas se baseiam nesses títulos para concluir a divindade e preexistência de Cristo, como é o caso do biblista inglês Gathercole, defensor da tradicional doutrina da preexistência. ⁵⁷ Ele procurou mostrar em seu livro *The PreexistentSon*, que essa ideia não se restringe ao

testemunhas oculares. São Paulo: Paulus, 2011. DUNN, James. Jesus, Paulo e os Evangelhos. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 101.

MARCONCINI, Benito. Os evangelhos sinóticos: Formação, redação, teologia. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 181.

⁵⁷ GATHERCOLE, Simon J. *The Preexistent Son*: Recovering the Christologies of Mathew, Mark and Luke. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans Publishing, 2006. Recensão de: STREETT, Daniel. Review of Simon Gathercole The Preexistent Son Recovering the Christologies of Mathew, Mark and Luke. Disponível em: https://www.academia.ed/2997027/Review . Acesso em: 8 set. 2021.

Evangelho de João, às cartas de Paulo e à carta aos Hebreus. É uma ideia presente também nos sinóticos. ⁵⁸

Para esse Autor, antes dos anos 70 d.C., os apóstolos e os primeiros cristãos já possuíam o pensamento da preexistência de Jesus Cristo. Desse modo, ele conclui que era natural que essa ideia se tornasse presente nos textos do Novo Testamento. Para ele, é possível afirmar a divindade de Jesus e sua preexistência considerando que alguns títulos reservados para Deus no Antigo Testamento são atribuídos a ele. Por exemplo, o título de "Senhor" (*Kyrios*), ou o de "Deus conosco" (Emanuel) (Mt 1, 23). É possível encontrar, ainda, tanto a ideia de sua divindade quanto a de sua preexistência, nas passagens onde Jesus diz "eu vim", dando a entender a sua vinda da eternidade (Mt 5, 17; 10, 34-35; Lc12, 49.51).⁵⁹ Em Marcos, os espíritos impuros mostram a oposição existente entre eles e Jesus: "Que queres de nós, Jesus Nazareno? Vieste para arruinar-nos? Sei quem tu és: o Santo de Deus" (Mc 1, 24). E ainda, em relação à missão que veio cumprir, Jesus declara: "Vamos a outros lugares, às aldeias da vizinhança, a fim de pregar também ali, pois foi para isso que eu saí" (Mc 1, 38).⁶⁰

Temos ainda as atitudes de Jesus que indicariam sua divindade, como por exemplo, perdoar pecados (Mt 9, 2; Mc 2, 5.7; Lc 7, 48). Outros indícios de sua divindade estão nas atitudes das pessoas em relação a ele, quando, por exemplo, se inclinam ou se prostram diante dele pedindo alguma coisa que só da parte de Deus poderia ser dada (Mc 1, 40; Mt2, 11; Lc 24, 52), atitudes que, no judaísmo, são permitidas apenas diante de Deus e, portanto, quando feitas diante de Jesus indicariam o reconhecimento de sua divindade. Assim, é possível encontrar em Mateus, Marcos e Lucas, como no restante dos escritos neo-testamentários a confirmação da divindade e da preexistência de Cristo.⁶¹

James Dunn (1939-2020), especialista em Novo Testamento e das origens do cristianismo, afirma que a identidade de Jesus como Filho de Deus assumiu grande importância na medida em que foram se formando os textos dos evangelhos e das cartas católicas.⁶² Analisando o termo "Filho" em várias passagens do Evangelho de Marcos, Dunn conclui que, com tal título, o evangelista não teve a pretensão de afirmar uma preexistência

⁵⁸ GATHERCOLE, The PreexistentSon, p. 46.

⁵⁹ GATHERCOLE, *The PreexistentSon*, p. 92.

⁶⁰ GATHERCOLE, The PreexistentSon, p. 84. Ele cita: Mc 1, 38; 2, 17; Mt 9, 13; 5, 17; 10, 34; Lc 4, 43; 12, 51.

⁶¹ KIRK, Daniel J.R. *A Man Attested by God: The Human Jesus of the Synoptic Gospels*. Grand Rapids: Eerdmans, 2016. Daniel Kirk apresenta em seu livro um grupo de estudiosos que afirmam essa presença nos sinóticos, entre eles Lerry W. Hurtado, Simon J. Gathercole, Richard Bauckham e outros, com publicações de estudos recentes.

⁶² DUNN, James D. G. *Christology in the Making*: a New Testament inquiry into the origins of the doctrine of the Incarnation. 2 ed. London: SCM Press Ltd., 1989, p. 46.

de Jesus, mas ressaltar a intimidade de Jesus, o Filho, com Deus, seu Pai, intimidade superior à dos anjos (Mc 12, 6; 13, 32).⁶³ Conforme Dunn, a descida do Espírito Santo sobre Jesus (Mc 1, 10-11) teria o significado do início de sua filiação, assim como a sua transfiguração é o pré-anúncio de sua ressurreição e exaltação (Mc 9, 2-10 e paralelos em Mt 17, 1-9 e Lc 9, 28-36).

Ainda de acordo com esse autor, o vínculo de Jesus Cristo com Deus, que seria a base do entendimento de sua pessoa e missão, é acessado pela ressurreição: "o que está claro, em qualquer alternativa, é que a ressurreição de Jesus foi considerada como de importância central na determinação de sua filiação divina". ⁶⁴ Continuando, afirma não existir nos sinóticos uma ideia de filiação preexistente, mas é possível encontrar a ideia de desígnio eterno sobre o Filho, reiterando que o entendimento de sua filiação acontece apenas na ressurreição de Jesus dentre os mortos. ⁶⁵

Passamos agora à citação e ao comentário de alguns textos sinóticos geralmente utilizados como base para afirmar a preexistência de Cristo. Geralmente são textos comuns aos três evangelhos, mas cada um dando destaque para diferentes aspectos. O Evangelho de Marcos, considerado mais antigo do que Mateus e Lucas, por exemplo, é mais sintético. Narra fatos que tiveram desenvolvimentos maiores nos outros dois. Um exemplo é que Mateus e Lucas acrescentaram a narrativa do anúncio e do nascimento de Jesus, apresentando sua origem humana em Maria a partir da intervenção divina.

1.2.2.1.1 A natividade de Jesus

Mateus e Lucas são evangelhos que revelam certa evolução na compreensão da filiação de Jesus. Já Marcos inicia a sua narrativa apresentando Jesus a partir de seu batismo e faz pouca referência a sua família (Mc 3, 31-35; 6, 3). Em Mateus e Lucas ele é Filho de Deus gerado por obra do Espírito Santo no seio da Virgem Maria (Mt 1, 18-23; Lc 1, 30-35). A origem da criança está ligada à iniciativa de Deus e ao sim de Maria. José acolhe essa iniciativa dando ao menino o nome de Jesus, que significa "Deus salva". A preocupação de Mateus é mostrar a origem de Jesus e a sua ligação com a história de Israel. Alguns estudiosos chamam a atenção para a narrativa da genealogia de Jesus. Sua origem tem a base nos patriarcas Abraão, Jacó, e no rei Davi, terminando em José, que desempenha papel

⁶³ DUNN, Christology in the Making, p. 47.

⁶⁴ DUNN, Christology in the Making, p. 35.

⁶⁵ DUNN, Christology in the Making, p. 35.

fundamental nessa ligação. José é o pai legal da criança, mas a iniciativa de seu surgimento vem de Deus.

Mateus nos remete à promessa feita por Deus ao rei Acaz por meio do profeta Isaías (Is 7, 10-14; Mt 1, 22-23). José entra na narrativa como aquele que dá o nome ao menino. Desse modo ele garante a sua descendência davídica. Mateus atende assim ao requisito de que Jesus é o Messias segundo a tradição judaica: ele é o cumprimento da promessa de Deus a Acaz e, por causa de José, é descendente de Davi. Ele recebe ainda o título de Emanuel, título dado por Isaías à criança. Mateus acrescenta: "que significa 'Deus está conosco'." Tais narrativas não falam de uma existência prévia à sua concepção no seio de Maria. Não fazem referência a uma preexistência, mas apontam para o futuro: "salvará o seu povo".

São consideradas narrativas tardias e estão cheias de sinais de sua paixão, morte e ressurreição. Querem dizer que a origem de Jesus não é simplesmente iniciativa humana, mas também divina. É pela vontade de Deus que acontece o seu nascimento e com o consentimento materno de Maria. Através dele, Deus se faz presente na história humana. 66 São construções teológicas e em algumas passagens, como Lucas, estão baseadas em textos do Antigo Testamento; são passagens que narram a infância de grandes personagens. 67 Como vimos, muitos estudiosos não vêem nos sinóticos as notórias afirmações da preexistência de Jesus Cristo como no Evangelho de João. No entanto, encontramos nesses evangelhos muitos títulos dados a Jesus que, em outros contextos, são atributos dados a Deus, e desse modo deduziriam sua divindade e consequentemente sua preexistência divina.

O biblista Larry W. Hurtado, comentando essa passagem, chama a atenção para as singularidades da narrativa: Maria não é estéril, não é de idade avançada nem deseja tirar a própria vergonha por não ter sido ainda mãe ou a vergonha de José, como acontece em outros textos do Antigo Testamento. O relato deseja colocar ênfase na iniciativa de Deus e em seu projeto salvífico. Para o teólogo James Dunn, é necessário considerar o impacto causado por Jesus nas pessoas e a decisão que tomaram de segui-lo, como os discípulos que se encontraram com ele na região do mar de Tiberíades, o que não acontece com os personagens das narrativas da infância.

⁶⁶ BROWN, Raymond. O nascimento do Messias. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 8.

⁶⁷ BROWN, Raymond. *Introducción a la cristologia del Nuevo Testamento*. 2 ed., Salamanca: Sígueme, 2005, p. 42.

⁶⁸ HURTADO, Larry Weir. *Lord Jesus Christ:* Devotion to Jesus in earliest christianity. Grand Rapids: William B. Berdmans, 2005, p. 329.

⁶⁹ DUNN, James D. G. *El cristianismo en sus comienzos*. Tomo I. Jesús recordado. Estella (Navarra): Editorial Verbo Divino, 2009, p. 398.

As narrativas da infância seriam relatos bastante tardios, depois do desenvolvimento do restante dos evangelhos, com a finalidade de apresentar a origem do personagem central do Evangelho. Dunn diz que os relatos sobre Maria foram feitos por outras pessoas. De Maria, Lucas diz que ela guardava tudo em seu coração. Para esse autor, as narrativas da infância são construções teológicas de Mateus e Lucas.⁷⁰

Para Karl-Josef Kuschel, que fez uma longa pesquisa sobre o tema, apesar do contexto marcado por mitologias, miragens apocalípticas e ideias de sabedoria preexistente, os evangelistas tiveram a preocupação em narrar acontecimentos ligados a fatos humanos, com suas contradições. Os fatos do início da vida de Jesus estão ligados a esses condicionamentos humanos, marcados por um tempo e um espaço. Mateus e Lucas narram a origem de Jesus apresentando a sua ligação com fatos terrenos e suas contradições. Eles não estão interessados em fundamentar a história de Jesus em um tempo anterior.⁷¹

Nosso autor, Joseph Moingt, examinando a utilização do nascimento virginal de Jesus, mostra que ele jamais foi utilizado nos Atos dos Apóstolos, nas cartas apostólicas, mesmo nos evangelhos para argumentar sobre sua origem ou sobre sua identidade divina. Essa ideia terá um desenvolvimento maior no pensamento dos Padres da Igreja que irão interpretar "as narrativas do nascimento virginal de Jesus (...) como a descida do Logos divino ao ser nascido de Maria". As narrativas da anunciação e da infância de Jesus colaboram para entender que a sua humanidade tem origem em uma família humana. Essa origem não tem a ausência da intervenção de Deus, como tudo o que diz respeito a sua pessoa e a sua missão. As narrativas chamam a atenção para reconhecer que sua origem humana ocorre pela iniciativa de Deus.

O evangelista Lucas narra a origem de Jesus com os mesmos eventos básicos apresentados por Mateus. A origem da criança é apresentada como iniciativa de Deus e do sim de Maria. O anjo, ao anunciar, fala das duas origens: "Ele será grande, será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai..." (Lc 1,32). Lucas dá destaque à pessoa de Maria, apresentando também José. Juntos eles deram o nome de Jesus à criança (Lc 2, 21). Ambos aceitam a missão acolhendo o menino, dom de Deus para salvar o seu povo. Lucas, assim como Mateus, não apresenta aí uma ideia de preexistência, mas fala da forte ligação do menino com Deus e com a sua salvação. Coloca um cântico na boca de Zacarias: "Bendito seja o Senhor Deus de Israel, porque redimiu o seu povo, e suscitou-nos uma força de salvação na casa de Davi, seu servo,..." (Lc 1, 68-69). E na apresentação da

⁷⁰ DUNN, El cristianismo en sus comienzos, p. 398.

⁷¹ KUSCHEL, Born Before all time? p. 222-223.

⁷² MOINGT, O homem que vinha de Deus, p. 74.

⁷³ MOINGT, O homem que vinha de Deus, p. 75.

criança no Templo, a fala profética de Simeão: "... meus olhos viram a tua salvação" (Lc 2, 30).

1.2.2.1.2 O Filho de Deus

Jesus é descoberto como Filho de Deus ao longo de sua convivência com os discípulos. Eles testemunharam no cotidiano o modo como Jesus vivia, em relação a Deus, como Filho. A compreensão da singularidade de sua filiação é ainda um desenvolvimento, que tem seu termo e ao mesmo tempo sua origem nos eventos de sua paixão, morte e ressurreição. Se esse reconhecimento estava ligado ao fato de o considerarem como o Cristo, antes de sua paixão, esta o apresenta como Filho de modo diferente. Paradoxalmente (cruz e morte), o apresenta em sua singularidade como o Filho/servo acolhido por Deus como "Outro de si".

Os discípulos e os leitores dos evangelhos passam por um processo de reconhecimento e desvelamento da filiação divina de Jesus. Os evangelistas, incluindo João, narram esse processo difícil. O reconhecimento é coroado pela paixão e pelos eventos pascais. Os acontecimentos levam à conclusão de quem é Jesus: em Mateus encontramos: "O centurião e os que com ele guardavam a Jesus, ao verem o terremoto e tudo mais que estava acontecendo, ficaram muito atormentados e disseram: 'de fato, este era Filho de Deus!'" (27, 54). Também Marcos: "O centurião, que se achava bem defronte dele, vendo que havia expirado desse modo, disse: 'Verdadeiramente este homem era filho de Deus!'" (15, 39). Lucas não é tão direto: "O centurião, vendo o que aconteceu, glorificava a Deus, dizendo: 'Realmente este homem era justo!'" (23, 47).

Marcos anuncia previamente de quem vai falar: "Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus" (Mc 1, 1). Os outros evangelistas apresentam também essa filiação em momentos importantes de *epifania*. Até mesmo as potências espirituais adversas reconhecem essa filiação. É com o título de "Filho de Deus" que Marcos irá desenvolver o seu Evangelho. Contudo, o qualificativo de Filho é retomado em diversos momentos, atribuindo não apenas a Deus essa paternidade: Ele é o Filho do Homem, Filho de Maria, Filho de Davi; Filho de José (Mc 6, 3; 10, 47; Lc 4, 22).

Nos sinóticos, temos um suspense a respeito da sua filiação davídica (Mt 22, 41-46; Mc 12, 37; Lc 20, 41-44). É a constatação de que o título de "Filho de Davi" dado a ele, na expectativa da sucessão messiânica, não contempla a totalidade de sua pessoa. A questão de fundo é se ele é um simples "filho de Davi". A narrativa diz que não, ele não é simplesmente

mais um Filho de Davi. O modo de entender essa passagem não é bem claro, num primeiro momento. Devemos recorrer, além dos textos, à sua origem e à interpretação feita pela própria Escritura. O título Senhor estaria ligado à sua entronização à direita de Deus após a sua ascensão. Tratar-se-ia de um diálogo de Deus, o Senhor, com o Senhor, o Messias sendo acolhido por Deus junto de si.⁷⁴ A base para esse entendimento, além do Salmo 110, 1, vem dos outros textos do Novo Testamento que fazem referência à sua vitória sobre a morte, sua ressurreição. Ele é filho de Davi, mas o seu reinado é definitivo, não está ligado a um tempo político ou geográfico (At 2, 33-36; 1Cor 6, 25).

As referências a Jesus como Filho, subentendendo sua filiação divina, são múltiplas. O modo de ser Filho de Deus é um reconhecimento que tem um desenvolvimento nos evangelhos. A partir do Batismo é possível perceber o crescimento dessa ideia até a completa afirmação na paixão e ressurreição. Ao ser tentado no deserto, após o batismo, entra em questão a sua filiação. O tentador coloca em dúvida a afirmação da voz vinda do céu que, na cena do Batismo, o chamou de "Filho Amado". A primeira tentação é em relação ao alimento em benefício próprio (v. 3). A segunda desafiando a intervenção de Deus, para protegê-lo de se machucar: "Se" és Filho de Deus, "joga-te daqui abaixo". Os evangelhos não dão qualquer sinal de que Jesus tivesse dúvida de sua filiação divina. A questão de fundo parece ser até que ponto essa filiação seria capaz de livrar Jesus das dificuldades enfrentadas pelos outros homens. O fato de ser Filho de Deus o coloca em uma situação diversa em relação aos demais. O tentador visa colocar em dúvida a filiação de Jesus, condicionando-a ao uso extensivo de seu poder ou se apoiando na intervenção de Deus.

Mateus 8, 27 descreve o espanto dos homens diante de Jesus e de sua força sobre a natureza perguntando: "Quem é este?" No versículo seguinte, dois endemoninhados perguntam sobre a intenção de Jesus, afirmando ser ele "Filho de Deus" que veio para atormentá-los antes do tempo. Diante disso, é possível pensar em sua vinda para restabelecer o equilíbrio das forças da natureza e das forças espirituais como marca do Reinado de Deus. Nesse sentido, o título de Filho está ligado à ideia de Servo, o que tem como referência a vontade do Outro. Em uma segunda narrativa do mar revolto, a confissão de que Jesus é verdadeiramente o Filho de Deus vem da boca de seus discípulos: "Verdadeiramente, tu és o Filho de Deus" (14, 33).

Percebe-se um desenvolvimento no reconhecimento de que Jesus é o Filho de Deus. No primeiro momento, o tentador coloca no condicional a afirmação. No segundo momento

⁷⁴ BARBAGLIO, Guiseppe; FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. Os Evangelhos I. São Paulo: Loyola, 1990, p. 569.

os discípulos levantam a questão de sua identidade "quem é este?". No terceiro, temos os demônios que o chamam de Filho de Deus e a sua vinda com o objetivo de ser estorvo para eles, libertando os dois homens de seus domínios. No terceiro momento os discípulos, vendo o modo como ele domina o mar e a tempestade, confessam a sua filiação divina.

1.2.2.1.3 O Filho do Homem

O título de "Filho do Homem" dado a Jesus ou utilizado por ele, para referir a si mesmo, em diversas situações, está presente em vários textos do Novo Testamento. Procuramos apresentar algumas dessas passagens a seguir.⁷⁵

Esse título está presente na literatura apocalíptica judaica, no livro de Daniel (Dn 7, 13) e na literatura apócrifa, por exemplo, em 1 Enoque. O título é recorrente na boca de Jesus e aparece poucas vezes em outras passagens no Novo Testamento (At 7, 56; Hb 2, 6; Ap 1, 13; 14, 14). O teólogo alemão, Karl-Josef Kuschel, fala da dificuldade de interpretar esse título no Antigo Testamento, com muitas interpretações contraditórias, e o quanto essa dificuldade se avoluma no Novo Testamento.

Kuschel pergunta se Jesus teria entendido a si mesmo como Filho do Homem preexistente. Fele apresenta três tendências básicas na interpretação: um grupo que afirma que o dito Filho do Homem não remontaria ao Jesus histórico, mas seria criação da comunidade pós-pascal; outro, que Jesus poderia ter utilizado o título de Filho do Homem, mas não para se referir a si mesmo, mas a outra pessoa. O terceiro grupo afirma que as *logias* utilizadas por Jesus se referem a ele mesmo, embora em terceira pessoa. Contudo, seria a comunidade que teria associado essa fala de Jesus à figura do Filho do Homem em Daniel.

Em uma visão apocalíptica, o profeta Daniel vê uma figura, como de "um Filho do Homem", vindo das nuvens do céu (Dn 7, 13). O texto não o apresenta como Messias, contudo ele possui as características que servirão de marca ou meio para o identificar como tal: ele exercerá o papel de governo e juiz para o povo. Essa figura é a que mais se aproxima da ideia de uma vinda celeste e de uma existência desse personagem anterior à sua vida na terra. Daniel o apresenta com as características de Cristo: como juiz e com a missão de estabelecer um novo governo (Dn 7, 14). Essa "vinda do céu" tem o propósito de estabelecer o Reinado de Deus que implantará o direito e a justiça entre os homens. Ao contrário do modo

⁷⁵ Todas as citações são da BIBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2002.

⁷⁶ KUSCHEL, Karl-Josef. Born Before all time? p. 228.

de ser dos governantes anteriormente descritos por Daniel, comparável a figuras de bestas assassinas, ele será humano: "Filho do Homem".

De qualquer forma, essa figura será acolhida no Novo Testamento, sendo aplicada a Jesus considerado como o Cristo (Ap 1, 13; 14, 14). Encontramos em várias passagens dos evangelhos Jesus falando de si mesmo como sendo o Filho do Homem (Mt 26, 64; Mc 14, 62; Lc 19, 10; Jo 6, 62). No livro apócrifo 1 Enoque é descrito como alguém que goza de grande prestígio diante do trono do Ancião de muitos anos (1 Enq 46,1).

Contudo não é esse o único significado de Filho do Homem, uma figura celeste, como em Daniel ou em 1 Enoque. Na morada celeste, o Filho do Homem está ligado de modo especial ao "Ancião de muitos dias". Ele tem o seu nome invocado "antes que o sol e os sinais fossem criados, antes que as estrelas do céu tivessem sido formadas" (1 Enq 48,3-4). A expressão "Filho do Homem" está presente também em outros livros do Antigo Testamento, mas com conotações diferentes como, por exemplo, no profeta Ezequiel. Ao se dirigir ao profeta, Deus o chama de "filho do homem" (Ez 2,1 etc.). Alguns exegetas entendem que esse título aplicado a Ezequiel, quer ressaltar a "distância que existe entre Deus e o homem".

Geza Vermes (1924-2013), biblista de ascendência judaica, considera que esse atributo não é um título. Usado com a terceira pessoa denotaria "reserva e modéstia" e ocasionalmente possui uma nuança pejorativa de pessoa astuciosa ou sem escrúpulos. Para esse autor, o atributo Filho do Homem dado a Jesus e assumido por ele nos evangelhos não deveria levantar questões diferentes de sua pura condição humana. Segundo o teólogo e exegeta Giuseppe Segalla, a fala utilizada por Jesus é ambígua e o termo serve tanto para revelar como para esconder. Para esse autor, talvez Jesus não quisesse se identificar diretamente com a figura do Filho do Homem, mas só de maneira enigmática e obscura. Se

Como vimos o tema está envolto em muitas dificuldades exegéticas. Aqui acenamos para essas dificuldades para mostrar que os estudos que procuram fundamentar a preexistência de Cristo no título "Filho do Homem", não gozam de unanimidade. Contudo, as numerosas vezes que o título aparece no Novo testamento para se referir a diversas situações

⁷⁷ FISICHELLA, Rino. III. Títulos Cristológicos. In: LATOURELLE, René; FISICHELLA, Rino. Dicionário de Teologia fundamental. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 151-158. O termo Filho do Homem aparece nos evangelhos cerca de 82 vezes.

⁷⁸ Algo semelhante acontece com a sabedoria: ideia de uma anterioridade à criação.

⁷⁹ FISICHELLA, III. *Títulos Cristológicos*. p. 545. Aparece no texto por 93 vezes o adjetivo "filho de homem".

⁸⁰ A BIBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2002, p.1484, nota "i" a Ez 2,1. Essa mesma passagem é traduzida pela BÍBLIA Sagrada Edição Pastoral, 84 ed., São Paulo: Paulus, 2012, p. 1036, nota "2,1-3,15" a Ez 2,1, como "criatura humana", esclarecendo, em nota, que tem a função de mostrar que "o homem é um quase nada diante de Deus, é incapaz de lhe ver a transcendência e ouvir a sua voz."

⁸¹ VERMES, Geza. Jesus e o mundo do judaísmo. São Paulo: Loyola, 1996, p. 111.

⁸² SEGALLA, Cristologia do Novo Testamento, p. 24.

devem ser levadas em consideração. A unilateralidade não seria possível nesse caso, pois o termo é portador de muitas interpretações e é preciso levar em consideração o contexto no qual é usado. Nesse caso temos problemas históricos sobre o contexto preciso de sua origem.

1.2.2.2 A preexistência nos escritos joaninos

O Evangelho de João e, de modo especial, o seu Prólogo, têm servido aos exegetas e teólogos sistemáticos como base para a afirmação de que Jesus tinha uma existência celeste, antes de nascer de Maria. O quarto Evangelho se destaca dos demais pelo modo como reflete sobre a origem de Jesus, ⁸³ podendo nele serem encontradas passagens que trazem a ideia de preexistência de Jesus Cristo e, junto a elas, a de que ele possui a divindade. Nele, Jesus é um personagem enigmático, de modo que suas ações despertam admiração e ao mesmo tempo muitos questionamentos (Jo 3, 2; 7, 41.46; 8, 19). Aos leitores do evangelho, é revelado, desde o início, o seu mistério como "Palavra" de Deus que se fez carne (Jo 1, 14). O caráter metafórico ou ontológico dessas afirmações é causa de debate entre os teólogos sistemáticos e exegetas na atualidade.

De qualquer forma o autor se refere ao conjunto de seus escritos como tendo a pretensão de apresentar Jesus como o Cristo, o Filho de Deus, para que acreditemos nele e para que tenhamos nele a "vida" (3, 15-16; 20, 31). O prólogo é comparável ainda com um sumário dos acontecimentos que serão narrados, ou seja, o modo como essa "Palavra" que se fez carne irá cumprir sua missão de se dar a conhecer aos seres humanos. Apesar de ser a Palavra de Deus, a luz que veio ao mundo, ela não está isenta de ser rejeitada pelos homens (Jo 1, 4-11). Várias passagens podem embasar a preexistência de Cristo no quarto Evangelho remetendo sua presença no início de todas as coisas.

Gerd Theissen (1943) e Annette Merz (1965), estudiosos do Novo Testamento e do cristianismo primitivo, também fazem referência à ideia de preexistência no Evangelho de João. Eles comentam que a imagem que o quarto evangelista tem de Jesus é uma construção teológica: "Jesus fala consciente de sua preexistência (Jo 8, 58)". Apontam as dificuldades históricas e teológicas do Evangelho, onde elementos míticos parecem moldar a vida de Jesus, uma vida não histórica. Afirmam: "Jesus é, no Evangelho de João, um ser divino

⁸³ HURTADO, Lord Jesus Christ, p. 124.

⁸⁴ THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. O Jesus histórico: um manual. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004, p. 56.

⁸⁵ THEISSEN, MERZ, O Jesus histórico, p. 114.

vagando sobre a terra, criador de todas as coisas". E reiteram: "e até mesmo conhecedor de sua preexistência."

Existem autores, contudo, que procuram limitar a ideia de preexistência ao Prólogo do Evangelho e à Primeira Epístola de João⁸⁶ e ainda outros que falam da possibilidade de uma leitura diferente, em uma construção mais cosmológica, paralela ao livro de Gênesis, em seu Prólogo.⁸⁷ A ideia, segundo esses autores, seria apresentar a nova criação de Deus realizada a partir de Cristo, o Verbo de Deus Encarnado. Nesse contexto, considera-se o termo Verbo como uma metáfora para significar que Jesus é a Palavra e a Sabedoria de Deus dirigida ao mundo. É nesse sentido que o exegeta de Marburg, Rudolf Bultmann, citando também a Primeira Epístola de João (1Jo 1, 1s), afirma que "na pessoa de Jesus se tornou audível e palpável a realidade divina do além no espaço do Mundo Terreno".⁸⁸

1.2.2.2.1 No Evangelho de João: o prólogo e outras passagens

A Descrição do texto: Nos primeiros cincos versículos o autor apresenta o Verbo (Palavra/Logos) através de sua relação com Deus (estava junto de Deus, v. 1) e a sua identidade divina (o Verbo era Deus, v. 1), sua relação com a criação (tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito, v. 3) e também com os homens (o que foi feito nele era a vida, e a vida era a luz dos homens, v. 4) e a manifestação dessa luz que não é apreendida, ou como fala a nota "d" da tradução da Bíblia de Jerusalém, "e as trevas não a compreenderam" (v. 5). ⁸⁹ Daí, o autor continua falando da luz e do papel desempenhado por João, o Batista, em relação a ela: Ele veio para dar testemunho da luz (1, 6-8).

Nos versículos de 9 a 14 ele retoma a ideia, apresentando o "ser luz" do Verbo como a "luz de verdade": "Luz dos homens". Na tradução em questão temos o verbo vir no pretérito imperfeito, indicando "ele vinha ao mundo" e ao mesmo tempo ele estava no mundo, e, apesar do mundo ter sido "feito por meio dele", não foi aceito ou "o mundo não o reconheceu.". O texto fala de sua missão, da recusa dos seus, da filiação de Deus para aqueles que acreditam nele e o modo como são gerados. O versículo 14 é o ponto alto, quando é afirmado que esse "Verbo se fez carne". Novamente fala de João Batista como testemunha, retoma em seguida para falar de sua plenitude da qual recebamos "graça por graça". Fala da

⁸⁶ MOINGT, Joseph. *Deus que vem ao homem*: Da aparição ao nascimento de Deus. v. II. Aparição. São Paulo: Loyola, 2010, p. 79.

⁸⁷ MOINGT, Joseph. Deus que vem ao homem, v. II. Aparição. p. 213-218.

⁸⁸ BULTMANN, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento*. Santo André: Editora Acadêmica Cristã, 2008, p. 463.

⁸⁹ A BIBLIA de Jerusalém. Nov.ed. rev. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2002, p. 1842, nota "d" a Jo 1,5.

importância da lei de Moisés, mas da graça e da verdade vinda por meio de Jesus Cristo. Conclui apresentando Jesus como revelador do Pai: "Ninguém jamais viu a Deus: o Filho unigênito, que está no seio do Pai, este o deu a conhecer" (1, 18).

Em seu comentário, Alviero Niccaci (1940-2018) e Oscar Battaglia observam que a relação entre o Prólogo e o restante do Evangelho é "um problema aberto". 90 Embora tenhamos a continuidade de muitos dos seus temas desenvolvidos ao longo do Evangelho, temos a introdução de palavras que só se encontram aí, no Prólogo, como *Cháris* (graça), *Pléroma* (plenitude), e sobretudo, *Logos* (Verbo). Para esses autores, ao que tudo indica, apesar das modificações ou adaptações realizadas por João, a origem parece ser um hino litúrgico que fala da preexistência. A disposição das palavras e as repetições indicam características de um poema. Indicam ainda a presença de algumas ideias inspiradas no Antigo testamento, como por exemplo, a ideia de "princípio" remete ao início do livro do Gênesis. 91 É interessante ainda a observação da aproximação entre o prólogo e outros textos do Antigo Testamento, como os livros de Provérbios, Eclesiastes e Sabedoria. Essa aproximação mostra que o Prólogo, embora tenha sido composto por João ou pela comunidade joanina, possui uma derivação das ideias contidas em textos que falam da preexistência, como o da Sabedoria. Os autores observam que a afirmação de que a "Palavra estava junto de Deus" é a mesma que se diz da Sabedoria em Pr 8, 30.92

O Prólogo do Evangelho de João começa falando sobre o princípio: ao mesmo tempo em que está com Deus, o Verbo é Deus (Jo 1, 1). O autor reafirma: "no princípio ele estava com Deus" (Jo 1, 2). Há uma diferença, mas ao mesmo tempo uma igualdade. Pode ser entendida ainda como a fala, a expressão daquele que fala. Mostra ao mesmo tempo a igualdade e a diferença. Mostra o seu papel na criação: "tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito" (Jo 1, 3), ou seja, ele não é o autor, mas o mediador da criação, ou tudo o que foi feito tem a sua presença ou a sua marca. O conjunto dos versículos do livro de Gênesis que narram a criação apresentam Deus criando o universo por meio de sua palavra. Entre cada ato criador intercala-se a expressão "E Deus disse". O que vem à existência é aquilo que Deus chama (Gn 1, 1-31).

Inácio de Antioquia (30-107), chama Jesus de Verbo saído do silêncio de Deus (InMag 8, 2). Também encontramos em Hebreus a apresentação de Jesus Cristo como sendo o

⁹⁰ NICCACI, Alviero; BATTAGLIA, Oscar. Comentário ao Evangelho de São João. Petrópolis: Vozes, 1981, p. 33

⁹¹ NICCACI, BATTAGLIA, *Comentário ao Evangelho de São João*, p. 34. Princípio: *Bereshît*, em hebraico, e *en arché*, em grego.

⁹² NICCACI, BATTAGLIA, Comentário ao Evangelho de São João, p. 35.

resplendor da glória" de Deus e a "expressão de sua Substância" (1, 3-6). Em seguida, com a expressão o que "foi feito nele era a vida" lembra as passagens em que Jesus é considerado como Autor da vida (At 3, 15; 17, 25).

Outra passagem que apresenta Jesus como o Verbo é o versículo que diz: "E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória, gloria que ele tem junto ao Pai como Filho único, cheio de graça e de verdade" (Jo 1, 14). Reiterando, o caráter metafórico ou ontológico dessa afirmação dá margem para muita discussão. Deve-se abrir mão do costumeiro paradoxo ou do reconhecimento de que se trata de uma metáfora ou de um poema, recurso utilizado pelos poetas que tentam falar de uma verdade difícil de ser expressa por um discurso racional ou sistemático. As marcas das ideias apresentadas no Prólogo de João podem ser reencontradas ao longo de muitos outros textos do Novo Testamento. A ideia de Jesus estar junto do Pai está presente principalmente em outras passagens do Evangelho de João.

Essa ligação de Jesus com Deus é tema de muitas disputas nos evangelhos. Tanto as autoridades judaicas quanto os discípulos tiveram dificuldade em compreender. Como vimos acima, a filiação de Jesus não se reduz à filiação dos homens em geral, compreendida no Antigo Testamento. Ele é filho não pelo fato de ter "saído das mãos de Deus": Deus, autor de todas as coisas é considerado o Pai universal. Também não corresponde ao fato de ser mais um Messias. Certamente, é também pelo fato de ser Messias, mas um Messias definitivo. A fé cristã propõe que existe uma ligação ontológica entre Deus e Jesus, mas essa ligação não deixa na sombra a humanidade de Jesus. O acesso que temos a essa ligação é pelas narrativas dos Evangelhos e pela tradição apostólica. Uma reivindicação importante que é atendida pela ideia da preexistência ontológica, proposta pelo dogma, é o fato de Jesus possuir ao mesmo tempo uma universalidade e uma singularidade. Ele se liga a Deus e aos homens sendo o mediador entre eles (1Tm 2, 5; DZ 293).

O modo desconcertante, para as autoridades judaicas, com que Jesus chama a Deus de Pai e afirma a singularidade de sua ligação, o coloca em muitas situações de perigo: "Então os judeus, com mais empenho, procuravam matá-lo, pois, além de violar o sábado, ele dizia ser Deus seu Pai, fazendo-se, assim, igual a Deus" (Jo5, 18). É possível perceber a recorrência à ideia de sua vinda do céu (como o Maná) com o objetivo de dar a vida ao mundo (Jo 6, 33). Essa vida, que deve ser entendida não simplesmente como a biológica, diz respeito ainda à vida do espírito. Outra passagem mostra a exclusividade de sua pessoa, como base universal de acesso ao conhecimento de Deus: "Não que alguém tenha visto o Pai; só aquele que vem de junto de Deus viu o Pai" (6,46). A rejeição de sua pessoa é marca da rejeição da luz, em

sua vinda ao mundo: "Vós, porém, procurais matar-me, a mim, que vos falei a verdade que ouvi de Deus. Isso Abraão não fez!" (8, 40). O sentido da missão recebida, tendo como referência o que envia: "Não vim pela minha própria vontade, mas foi ele que me enviou." (8, 42). Temos ainda o testemunho das pessoas que percebiam nele o suficiente para afirmar a sua origem: "Se esse homem não viesse de Deus, não poderia fazer nada" (9, 33).

Existem passagens em que a discussão sobre a deidade de Jesus é muito clara e incontroversa, mas sempre abre espaço para uma interpretação alternativa. Para exemplificar, temos a passagem da controvérsia sobre a deidade de Jesus, em Jo 10, 22-39: em um diálogo com as autoridades judaicas, que o interrogam se ele é o Messias, Jesus apresenta as suas obras como testemunho de sua identidade: ele é "enviado por Deus" (5, 36). Fala da sua unidade com o Pai: "Eu e o Pai somos um". Então os judeus, outra vez, apanham pedras, entendendo que ele está se fazendo igual a Deus e querem apedrejá-lo por blasfêmia. Ele interroga os judeus: "Eu vos mostrei inúmeras boas obras, vindo do Pai. Por qual delas quereis me apedrejar?" Os judeus respondem que não é pelas obras, mas pela blasfêmia: "sendo apenas um homem, tu te fazes Deus."

Jesus, na sequência, explica: "Não está escrito em vossa lei: 'Eu disse: Sois deuses?'" Ele os remete à explicação da Escritura que autoriza os juízes a serem chamados de deuses por causa da função que ocupam.⁹³ Para Jesus, alguém que ocupar uma função própria de Deus (julgar), que é o caso dos juízes, poderá ser chamado de "deus". Desse modo, Jesus não blasfemaria ao se considerar Filho de Deus. Ele argumenta: quanto mais "àquele que o Pai consagrou e enviou ao mundo..."

Em muitas outras passagens joaninas encontramos referência à deidade de Jesus ou à sua preexistência. Em uma de suas aparições, ressuscitado, quando mostra as mãos e a ferida do lado a Tomé, Jesus recebe deste a profissão de fé: "Meu Senhor e meu Deus!" (Jo 20, 28). Outro exemplo inconfundível está na passagem em que ele diz: "Em verdade, em verdade, vos digo: antes que Abraão existisse, Eu Sou" (Jo 8, 58). Tal forma de se denominar evoca o nome com o qual Deus se revelou a Moisés: "Eu Sou". Contudo, muitos estudiosos do cristianismo primitivo dizem que essa afirmação não leva em consideração o horizonte cultural judaico no qual teve origem a pessoa de Jesus. O fato de atribuir a Jesus características divinas reflete o lugar que ele ocupa como Filho de Deus e junto de Deus. Não permite, contudo que queira atribuir a si uma preexistência ontológica.

⁹³ A BIBLIA de Jerusalém. Nov.ed. rev. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2002, p. 1855, nota "g" a Jo 5, 39: Jesus está se referindo "aos juízes, chamados deuses metaforicamente, por causa de seu ofício, pois o julgamento cabe a Deus." (...) "por um argumento a fortiori, de tipo rabínico, Jesus deduzirá daí que é estranho tachar de blasfêmia que o Santo e o Enviado de Deus se diga Filho de Deus."

1.2.2.2.2 O livro do Apocalipse: Ap 1, 8; 21, 6; 22, 13

O Apocalipse trata do drama da história marcada pelo perigo constante de submersão ao poderio escandaloso do mal e à força aparentemente impotente de Deus e do seu Cordeiro. Trata do sentido da história que tem sua origem no Criador, o princípio sem princípio, que perpassa o tempo, e abre o novo tempo que virá. Desse modo, João dirige às Igrejas da Ásia Menor uma mensagem de ânimo e, ao mesmo tempo, um convite à perseverança no caminho escolhido. A primeira passagem referente à "permanência" de Deus ocorre logo após o prólogo (1, 4-7): "João, às sete Igrejas que estão na Ásia: a vós graça e paz da parte d' "Aquele-que-é, Aquele-que-era, e Aquele-que-vem."

Em seguida se refere aos demais que também concorrem para essa graça e essa paz: os sete Espíritos e Jesus Cristo, de quem apresenta entusiasmado os atributos, as ações e o status: 94 1) a testemunha fiel, 2) o primogênito dentre os mortos, 3) o príncipe dos reis da terra, 4) o que nos ama, 5) nos lavou por seu sangue, 6) fez de nós um reino de sacerdotes para Deus, seu Pai", 7) "a ele pertence a glória e o domínio pelos séculos dos séculos." No v. 7 está clara a identidade de Jesus Cristo como aquele que "vem com as nuvens", pois ele é o que "transpassaram" (referência à lança e aos cravos da cruz). Concluindo o endereçamento da carta, João apresenta a peculiaridade de Deus: "Eu sou o Alfa e o Ômega, diz o Senhor Deus, 'Aquele-que-é, Aquele-que-era e Aquele-que-vem', o Todo-poderoso" (Ap 1, 8). Dito de outro modo, aquele que domina todas as temporalidades, que é o princípio sem princípio, que permanece sempre no presente e que propicia o advento, ou que está no horizonte do futuro. A unidade entre Deus e Jesus Cristo está presente nas temporalidades, que abrem caminho para o assunto da carta e o seu desfecho.

A questão está ligada aos atributos de "Alfa e Ômega" aplicados ao "Senhor Deus" e a "Cristo Jesus". Essas palavras, referentes às temporalidades (Alfa e Ômega), aparecem três vezes no Apocalipse (Ap 1, 8; 21, 6; 22, 13), sendo as duas primeiras proferidas pelo Senhor Deus e a terceira proferida por Cristo. Existem variantes que indicam a existência permanente de um e de outro. Para o "Alfa e Ômega" aplicados ao Senhor Deus temos a fórmula "Aqueleque-é, Aquele-que-era e Aquele-que-vem, o Todo-poderoso" (Ap 1, 8). Sua base é a forma como Deus se apresenta a Moisés no deserto (Ex 3, 14). Desse modo, parece claro que o v. 8 não se aplica a Jesus. ⁹⁵

⁹⁴ HURTADO, L.W. Lord Jesus Christ, p. 591. O autor de Apocalipse coloca o culto prestado a Jesus junto com o que é prestado a Deus e apresenta a causa desse merecimento.

⁹⁵ SHICK, Eduard. O Apocalipse. Petrópolis: Vozes, 1980, p. 33.

O segundo é uma variante aplicada a Jesus e temos: "Eu sou o 'Primeiro e o Último' o Vivente; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos" (Ap 1, 17). O "Primeiro e o Último" se referem a Cristo Jesus. A expressão irá aparecer mais uma vez em Ap 2,8: "Ao anjo da Igreja que está em Esmirna escreve: Assim fala o Primeiro e o Último, o que morreu, mas voltou à vida". Algumas bíblias traduzem os termos "o Primeiro e o Último" (ο πρωτος και ο έσχατος)⁹⁶ por "Alfa e Ômega", ⁹⁷ revelando mais uma interpretação do que uma fundamentação textual. Aplicados a Cristo Jesus, seriam uma afirmação de sua eternidade ou preexistência junto a Deus.

Já no v. 17 não se usa para Jesus o "Alfa e o Ômega", mas "o Primeiro e o Último", e esse é identificado com Jesus Cristo, o "Vivente que esteve morto". É ainda interessante perceber que "o Primeiro e o Último" coloca a mão direita sobre o vidente para o encorajar e confortar. A narrativa prossegue e antes do Epílogo nós encontramos novamente, no contexto final da "realização" do Novo Céu e da Nova Terra (Ap 21, 1) a invocação de alguém que garantiu essa realização: "Disse-me ainda: Elas se realizaram! Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim; e a quem tem sede eu darei gratuitamente da fonte de água viva" (Ap 21, 6). Essa passagem parece se referir àquele que é a origem de tudo, o Senhor Deus. No versículo seguinte ele se refere ao vencedor (Jesus, o Cordeiro): "O vencedor receberá essa herança, e *eu serei seu Deus e ele será meu filho*" (v. 7). "O vencedor", aqui, se refere a Jesus Cristo que por sua morte venceu o mal, afirmando o seu amor através de seu ser pacífico. Por sua ressurreição ele é reconhecido como Filho (At 2, 36; Rm 1, 4; Hb 1, 5). ⁹⁸

A última passagem, no Epílogo (Ap. 22, 13), UdoSchnelle (1952) diz corresponder ao Prólogo, justificando, a transferência dos atributos "Alfa e Ômega" para Jesus Cristo. 99"O Primeiro e o Último" se tornam o dado de Jesus Cristo, aquele que vem, como no livro de Daniel 7, 13, para realizar o julgamento. A ideia é que Deus perpassa o tempo e o seu Messias está ligado a ele e ao seu projeto: "Eis que venho em breve, e trago comigo o salário para retribuir a cada um conforme o seu trabalho. Eu sou o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim (...)" (Ap 22,13).

No nosso modo de ver, o livro do Apocalipse ao procurar animar as comunidades à perseverança, apresenta as contradições da história. Porém, o amor de Deus revelado em Cristo, abre um caminho para a vida nova. A história tem um sentido que não está parado na

⁹⁶ NOVUM Testamentum Graece Nestlè-Aland. ed. 27 ver. Kor. Nördlingen: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006, p. 633 referente a Ap 1,8.

⁹⁷ BIBLIA de Evangelismo: Contendo o Velho e o Novo Testamento [...] Por João Ferreira de Almeida. Ed. corr. e rev. São Caetano do Sul: Editora Bíblica, 2008, p.178, referente a Ap 1,8.

⁹⁸ A BIBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2002, p. 2166, nota "g" a Ap 21,7.

⁹⁹ SCHNELLE, Udo. Teologia do Novo Testamento. São Paulo: Paulus, 2017, p. 996.

arrogância do poder que se opõe a Deus e a seu Filho. A questão não se dirige à hierarquia entre Deus e seu Messias, mas ao fato de que os interesses de Deus pela salvação, desde o princípio até o fim, estão ligados a Cristo Jesus. Eles realizam a salvação. Apesar de "estar perto" o acontecimento, existe ainda um tempo a cumprir. Tempo em que essa salvação se manifestará plenamente com a sua chegada.

A seguir, abordemos alguns textos das cartas de Paulo. 100 Ele foi o primeiro a dar notícias e a elaborar através de seus escritos o significado teológico do que se passou com Cristo Jesus. Possuidor de grande conhecimento da história do povo de Israel e da Sagrada Escritura (AT), fez uma leitura dos acontecimentos cristãos como a realização das promessas que Deus havia feito pelos profetas a seu povo. É ele quem nos legou importantes notícias de grande parte das comunidades primitivas e de suas organizações em torno dos eventos suscitados pelo Evangelho.

1.2.2.3 A preexistência nos escritos paulinos

Paulo difundiu o evangelho entre os pagãos, sendo o fundador de muitas comunidades. Ele tem importância fundamental na história da Igreja primitiva e através de seus escritos continua presente na vida cristã por sua teologia e cristologia. Em seus escritos, encontramos os principais pontos da fé cristã. Ele trata desde a filiação divina de Jesus Cristo até o papel que ele desempenha para a salvação da humanidade. Em suas cartas, encontramos muitas passagens que remetem à ideia de preexistência de Cristo.

O primeiro escritor cristão não dá muitas notícias a respeito de Jesus de Nazaré, antes da paixão. 101 Não fala muito sobre seu convívio com os outros apóstolos. Fala de Cristo a partir de sua experiência, quando o encontrou ressuscitado no caminho para Damasco (At 9, 3-6). Embora tenha na cruz de Cristo o ponto de referência para o entendimento da solidariedade de Deus e de seu Cristo com a humanidade, a cristologia de Paulo é considerada como alta cristologia. Não dá tanta importância para Jesus em sua humanidade e o seu convívio com os apóstolos. Paulo se envolveu em muitas controvérsias a respeito de seus métodos e de sua visão em relação à tradição judaica. Toda relação com Deus se vê transformada e o antigo é relativizado diante da acolhida de Jesus Cristo e de sua proposta. Paulo constrói uma cristologia do rebaixamento e da exaltação (Fl 8, 9).

¹⁰⁰ DUNN, James Douglas Grant. A teologia do apóstolo Paulo. São Paulo: Paulus, 2003, p. 315-345.

¹⁰¹ DUNN, A teologia do apóstolo Paulo, p. 223s.

Para muitos autores e estudiosos de Paulo, a preexistência de Cristo marca a sua cristologia. A soteriologia paulina é marcada pela ideia da solidariedade de Deus e do Senhor Jesus Cristo com o ser humano. Para muitos, essa solidariedade se dá principalmente pelo seu rebaixamento, kénosis, esvaziamento de sua glória (divindade), tornando-se humano. É nesse sentido que muitas passagens de seus escritos são entendidas como afirmações da preexistência de Cristo. Selecionamos alguns textos utilizados pelos especialistas para afirmála, sendo ela, segundo tais textos, anterior ao pensamento paulino e uma das marcas do culto cristão primitivo.

Não obstante esse pensamento ter se firmado ao longo de uma tradição milenar, hoje um grupo de estudiosos estão convictos de que esses textos não foram interpretados corretamente e apresentam novas alternativas. 102 Apresentamos aqui algumas dessas interpretações. É preciso notar que existem dificuldades de interpretação desses textos. Os contextos do surgimento da ideia de preexistência não se podem determinar bem. De qualquer modo, é possível perceber uma tendência da cultura da época em considerar as pessoas que se destacavam socialmente e moralmente como tendo uma ligação especial com a transcendência em sua origem e em seu destino. Como essa mentalidade foi aplicada a Jesus no contexto judaico da Palestina, ou fora é uma questão discutida.

Outra dificuldade seria estabelecer qual o grau de objetividade ou de literalidade com que Paulo faz determinadas afirmações. Aqui também está em questão o conflito entre a ontologia e o caráter metafórico da afirmação. O risco de tomar como sendo literal o que, na verdade, era uma metáfora paulina existe. Exemplo dessa questão é em que sentido Paulo considera Cristo como a pedra que acompanhava o povo no deserto, fazendo brotar água para eles (1Cor 10, 4). É uma metáfora com alcance teológico, dentro do quadro maior da história da salvação. A tendência atual é levar em consideração o contexto literário das afirmações de Paulo, tendo como critério uma postura mais crítica, levando em consideração aquilo que é verossímil e factível, não deixando, é claro, de levar em consideração o sentido metafórico que pode ajudar na compreensão teológica.

Alguns defensores da presença da ideia de preexistência nas cartas paulinas afirmam que não é possível excluir delas a perspectiva da preexistência real (ontológica) de Cristo. ¹⁰³ Brendan Byrne defende em seu artigo *Christ's pre-existence in Pauline soteriology* que, para

¹⁰² DUNN, James D. G. A nova perspectiva sobre Paulo. São Paulo: Paulus, 2011, p. 18.

¹⁰³ HURTADO, Lord Jesus Christ, p. 124.

entender corretamente a teologia paulina da salvação, essa ideia é imprescindível. ¹⁰⁴ Segundo esse autor, o modo como o apóstolo dos gentios se refere ao amor de Deus pela humanidade é o acontecimento da *kénosis* de Cristo, explicitada em pelo menos duas passagens: no hino de Fl 2, 6-8 e em 2Cor 8, 9. ¹⁰⁵

Para Byrne, se retirarmos essa perspectiva, a interpretação dessas cartas perde em coerência. O autor argumenta, ainda, que a presença da ideia de preexistência não é isolada em um único escrito paulino. Seu ponto alto, entretanto, encontra-se no referido hino cristológico da Carta aos Filipenses. Para outros, o hino ou o cântico não tem a pretensão do rigor metodológico e positivo da filosofia ou ciência positiva, ou ainda de fazer referência objetivamente a uma realidade.

1.2.2.3.1 Análise do hino de Paulo aos Filipenses: Fl 2, 6-11

A carta é endereçada à comunidade de Filipos, fundada por Paulo, em um contexto difícil de perseguição (At 16, 12s). Ela contém o hino onde Jesus Cristo é apresentado como modelo a ser seguido (Fl 2, 5-11). Paulo escreve da prisão, agradecendo à comunidade e aproveita para tratar de algumas questões ligadas à vida e à prática cristãs. ¹⁰⁶ Deseja que os cristãos de Filipos progridam sempre mais na fé e na participação da vida de Cristo Jesus (Fl 1, 9). Inclusive fala do sofrimento que eles têm experimentado por essa causa, participando do sofrimento do Apóstolo e do sofrimento de Cristo. Paulo está na prisão por ter pregado o Evangelho, consequência da oposição de muitas pessoas.

O hino em questão está localizado no capítulo 2, que compreende 30 versículos, onde são tratados especificamente os temas da unidade no Espírito (2, 1-5); o hino que se refere a Cristo Jesus, cujo exemplo de humildade deve ser seguido pelos filipenses (2, 6-11); a necessária perseverança no caminho da Salvação, marcado pela alegria (2, 12-18) e, por fim, a referência a Temóteo e Epafrodito que, seguindo esses exemplos, são seus colaboradores no obra de Cristo (2, 19-30).

A autoria do hino não é bem certa. Alguns estudiosos dizem não ser de Paulo, mas da tradição pré-paulina, do culto prestado a Jesus pelas comunidades. ¹⁰⁷ Outros estudiosos,

¹⁰⁶ GNILKA, Joachim. A Epístola aos Filipenses. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 8.

¹⁰⁴ BYRNE, BYRNE, Brendan. Christ'spré-existence in Pauline soteriology. *TheologicalEstudies*, v. 58, n. 2, p. 308-330, may, 1997. Disponível em: http://journals.sagepub.co/doi/10.1177/004056399705800205. Acesso em: 12 set. 2021.

¹⁰⁵ DUNN, A nova perspectiva sobre Paulo, p. 314.

¹⁰⁷ GNILKA, Joachim. *A Epístola aos Filipenses*, p. 41. Este autor afirma que a autoria do hino não pode ser de Paulo, pois ele não tinha familiaridade com os vocábulos usados, embora admita que ele o reinterpretou.

porém, estão mais propensos a admitir a autoria paulina. ¹⁰⁸ Sendo um hino prévio a Paulo, alguns afirmam que a ideia de preexistência de Cristo era já um dado de fé das comunidades primitivas. De qualquer modo, o texto parece ser devedor de outros, do Antigo Testamento e mesmo do Novo Testamento. Podemos citar como exemplo os textos do livro de Gênesis e do Profeta Isaías, entre outros (Gn 1,27;3,5; 2,19;Is 53, 12; 54,16). ¹⁰⁹ No contexto da cristologia sistemática e da teologia bíblica, é o texto mais utilizado para afirmar a preexistência de Cristo, contudo essa fundamentação é muito debatida na atualidade, quando muitos exegetas têm levantado suspeita de que sua interpretação tradicional seja a mais aceitável. ¹¹⁰

Paulo convida os filipenses a terem em si "o mesmo sentimento de Cristo Jesus" (v. 5). Qual seja: "Ele, estando em forma de Deus não usou de seu direito de ser tratado como um deus" (v. 6). É falando sobre o modo de agir de Cristo Jesus, que Paulo o apresenta como modelo a ser seguido. Duas marcas estão presentes no modo de agir de Cristo Jesus: o amor e a humildade, que Paulo convida os filipenses a desenvolver (Fl 2, 2).

A ideia de preexistência não é explícita, mas deduzida da compreensão de que ele possuía a "forma de Deus". Esse "estando [existindo] em forma de Deus" (2,6) ¹¹¹ é interpretado como se referindo à divindade, enquanto a "forma de escravo" (2,7) ¹¹² assumida, como sendo a sua encarnação, ou humanização. ¹¹³ Os vocábulos "forma" e "semelhança", tomados como sinônimos, podem dificultar essa compreensão. Semelhança não implica a igualdade, mas a proximidade. No livro de Gênesis, na narrativa da criação o ser humano é criado por Deus como sua Imagem e Semelhança (Gn 1, 26).

Ligada à tradição de Filipenses 2, 6-11, alguns autores, a conjugam com a doutrina do Logos e de seu rebaixamento. Por exemplo, o estudioso do Novo Testamento Russell Norman Champlin (1933-2018) diz:

A doutrina é que o Logos, chamado Cristo, em sua missão terrena e como messias dos judeus, proposital e voluntariamente limitou a si mesmo, despindo de vários de seus atributos divinos a fim de que pudesse tornar-se carne e compartilhar da humanidade, posto que sem pecado.¹¹⁴

¹⁰⁸ CAPAZZI, Nunzio. *L'uso di Fl 2,6-11 nella Cristologia Contemporanea (1965-1993)*. Roma: EditricePontificiaUniversità Gregoriana, 1997, p. 29.

¹⁰⁹ A BIBLIA de Jerusalém. Nov.ed. rev. São Paulo: Paulus, 2002. Notas de Fl 2, 6-7.

¹¹⁰ BYRNE, *A nova perspectiva sobre Paulo*, p. 314; CAPAZZI, Nunzio. *L'uso di Fl 2,6-11 nella Cristologia Contemporanea (1965-1993)*. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1997.

Estando [existindo] em forma de Deus: o verbo "estando" no gerúndio indica uma ação continua, porém uma abdicação do direito de ser "tratado como um deus."

¹¹² A ação de Cristo é a de despojar-se, rebaixando-se, tomando a forma de escravo.

¹¹³ CAPAZZI, Nunzio. L'uso di Fl 2,6-11 nella Cristologia Contemporanea (1965-1993), p. 27.

¹¹⁴ CHAMPLIN, R. N. Auto-limitação. In: Enciclopédia de bíblia e filosofia. Vol. 1, p. 398.

Nessa mesma linha, Joaquim Gnilka (1928-2018), teólogo católico alemão e exegeta, comenta essa passagem dizendo que se trata do caminho de Cristo: "Ele se aniquilou a si mesmo. Deixou de ser ele próprio" (...) "assumindo a figura de servo." O autor considera ainda que o texto quer "confessar, louvando e celebrando o evento singular, que Deus se fez homem."116 Para o estudioso do cristianismo primitivo, Larry Hurtado, ao longo dos escritos paulinos, é possível encontrar muitas passagens que falam do rebaixamento de Cristo, dentre eles se destacando o hino de Filipenses. 117 Para Hurtado "ser igual a Deus" é entendido como algo que pertence a Cristo, e a ideia é que ele não deseja usar dessa igualdade de modo egoísta. 118 São posturas que procuram fundamentar a preexistência de Cristo na Sagrada Escritura.

Na linha de interpretação oposta, temos o estudioso de Paulo, James Dunn, para quem não existe nos escritos paulinos a ideia de preexistência de Cristo. 119 Ele interpreta esse poema tendo como paralelo a antítese que Paulo constrói entre Cristo e Adão e considera que o texto é uma cristologia adâmica, assim como o texto de Hb 2, 5-9. 120

Joseph Moingt também observa que a finalidade do texto não é falar da preexistência de Cristo, mas do exemplo de sua humildade que tem, na obediência e na sua entrega na cruz, o modelo a ser seguido pelos cristãos. Fala do seu caminho como caminho de exaltação, referindo-se ao que Deus fez com ele como resultado: "por isso" Deus soberanamente o elevou, tornando-o digno da reverência de todos, proclamando-o Senhor para a glória de Deus Pai. Moingt observa que o texto não nega a preexistência, porém não a está afirmando, pois não é o seu objetivo. 121

1.2.2.3.2 A Rocha no deserto como imagem de Cristo: 1Cor 10, 1-5

No trecho em que Paulo adverte os coríntios sobre o perigo de "perecer", ele lembra a travessia do povo no deserto. Apesar dos benefícios espirituais que receberam eles pereceram, porque desagradaram a Deus com suas atitudes. Dentre os benefícios recebidos ele apresenta Cristo como Rocha itinerante, que os acompanhava no deserto. O contexto é de afirmação

¹¹⁵ GNILKA, A Epístola aos Filipenses, p. 42.

¹¹⁶ GNILKA, A Epístola aos Filipenses, p. 43.

¹¹⁷ DUNN, Christology in the Making, p. 121.

¹¹⁸ DUNN, Christology in the Making, p. 122-123.

¹¹⁹ DUNN, Christology in the Making, p.123.

¹²⁰ DUNN, A teologia do apóstolo Paulo, p. 337.

¹²¹ MOINGT, Joseph. Croire au Dieu qui vient. 1. De la croyance à la foi critique. Paris: Gallimard, 2014, p. 446.

tipológica, ¹²² visto que Paulo está tomando como exemplo um evento do passado para advertir os coríntios sobre o perigo do orgulho e da presunção: "Esses acontecimentos se deram para nos servir de exemplo" (v. 6). Além da rocha, Paulo utiliza um conjunto de outros símbolos espirituais.

A questão é sobre sua afirmação da presença de Cristo como rocha, causando a ideia de uma preexistência ou uma cristofania. Nesse contexto, Paulo utiliza um recurso didático que era comum entre os rabinos, de quem tinha recebido sua formação. Eles também aproveitavam do que já existia de conhecimento ou de lenda entre o povo para fazer seus ensinamentos. Parece que havia entre os rabinos uma lenda que dizia que a rocha utilizada por Moisés para fazer brotar água para o povo no deserto os acompanhava. 123

Tomar a afirmativa ao pé da letra seria ignorar que a comparação trata de um recurso com uma finalidade bem precisa de advertência. 124 Como Paulo compreende essa presença seria o entendimento, segundo comentadores, de que os cristãos faziam parte da mesma história da salvação: "Não quero que ignoreis, irmãos, que os nossos pais estiveram todos sob a nuvem" (1Cor 10,1). O ponto alto dessa história seria a pessoa de Cristo, que de algum modo está presente em toda a história da salvação, uma vez que tudo concorre para ele. 125

A questão poderia ainda ser pensada pela ótica da comparação de Cristo com a rocha, pois no Antigo Testamento a palavra "Rocha" é utilizada para se referir a Deus. Israel tinha Deus como sua Rocha, no qual encontrava segurança (Is 17,10). Contudo entre os cristãos era comum também se referir a Cristo Jesus como a pedra, a rocha que os pedreiros rejeitaram (At 4,11). De qualquer forma, é possível compreender que existe entre Deus e Jesus Cristo uma unidade na ação salvífica.

Paulo utiliza largamente o gênero literário da tipologia em seus escritos, como no caso de 1Cor 10, 1-13. Esse texto tem a função de advertir os coríntios quanto ao excesso de confiança no status de terem recebido o Batismo ou algum bem espiritual e ignorado o modo de viver cristão. Referindo-se à narrativa do Êxodo, Paulo diz: "Esses acontecimentos se

HURTADO, Lord Jesus Christ, p. 569. Hurtado apresenta esse gênero literário utilizado não apenas pelos Padres da Igreja como também por Paulo e outros autores do Novo Testamento. Muitos acontecimentos do Antigo Testamento foram retomados pelas comunidades cristãs primitivas para se referir a Jesus ou a vida da comunidade. São as chamadas visões tipológicas, ou tipos (Gr. Typos). Essas abordagens tipológicas contemplavam figuras, eventos, símbolos, como prenúncios de acontecimentos futuros. São considerados modelos ocorridos por iniciativa divina para antecipar ou prefigurar o que ocorreria com Jesus

¹²³ BÍBLIA do Peregrino. 3 ed. São Paulo: Paulus, 2017, p. 2356, nota "10, 1-10" a 1Cor 10, 1-5. BÍBLIA. Tradução Ecumênica. Nova ed. rev. e corr. São Paulo: Loyola, 1995, p. 2217, notas "c, e, f, g, h" a 1Cor 10, 1-5

¹²⁴ BÍBLIA Sagrada Ave Maria Edição de Estudo. 3 ed. São Paulo: Edições Claretianas, 2012, p. 1851, nota "10,1-13" a 1Cor 10, 1-5.

¹²⁵ WALTER, Eugen. A primeira epístola aos Coríntios. Petrópolis: 1973, p. 167.

deram para nos servir de exemplo" (v. 6). Na conclusão ele adverte: "Assim, pois, aquele que pensa estar de pé tome cuidado para não cair" (v. 12). O foco gira em volta da prática da comunidade e sua coerência com a vida cristã.

A questão aqui é como Paulo compreende a presença de Cristo nesse texto que se refere à passagem do povo pelo Mar Vermelho e sua travessia pelo deserto. Ele traz a situação para a vida da comunidade. Moisés aqui poderia ser tomado como a figura tipo de Jesus: ele estava ligado a Deus de modo que representava uma segurança: "sob a nuvem atravessaram o mar" (v. 1), isso garantia a nova vida: "na nuvem e no mar foram batizados em Moisés". Todavia, além de Moisés há outro, e é com esse que Paulo compara Cristo: "o rochedo espiritual que os seguia, e este rochedo era o Cristo" (v. 4). Rocha ou rochedo no Antigo Testamento tem muitas conotações, dentre elas é um atributo dado a Deus.

1.2.2.3.3 Um só Deus e um só Senhor: 1Cor 8,6

Em um contexto marcado pelo perigo de idolatria e adoção de outros deuses ou divindades (henoteísmo), Paulo afirma o *Shemá* do povo israelita, válido também para os cristãos. Contudo, ele o apresenta acrescentando mais uma unicidade de Deus, a de um só Senhor Jesus Cristo. A questão é se Paulo estaria dando a Jesus Cristo o mesmo status de Deus ao chamá-lo de um só Senhor. Tal título, atribuído a Jesus, não teria o mesmo significado se derivasse do judaísmo ou do mundo pagão. Segundo Hurtado, estudioso do cristianismo primitivo, se ele deriva do judaísmo, muito provavelmente Paulo estaria dando a Jesus o mesmo atributo de Deus.¹²⁶

James Dunn chama a atenção para um dos argumentos utilizados para se afirmar a preexistência de Cristo nos escritos paulinos: exatamente o fato de neles encontrarmos regularmente passagens que sugerem essa ideia. ¹²⁷ O autor considera que duas passagens em particular, 1Cor 8, 6 e Cl 1, 15-20, poderiam ser tomadas como fundamento inequívoco para esse argumento. ¹²⁸ Para ele, são passagens que teriam como pano de fundo a afirmação de que Jesus é a Sabedoria de Deus. ¹²⁹ Também para Hurtado, essas passagens confirmam que nos escritos de Paulo a ideia da preexistência de Cristo é um pressuposto, e acrescenta estas outras duas isso: Filipenses 2, 6-11, que vimos acima, e 2Cor 8,9.

¹²⁶ HURTADO, Lord Jesus Christ, p. 14.

¹²⁷ DUNN, A teologia de Paulo, p. 216.

¹²⁸ DUNN, *A teologia de Paulo*, p. 316.

¹²⁹ DUNN, *A teologia de Paulo*, p. 319.

Eugen Walter, comentando a passagem, faz referência ao contexto cultural religioso dos coríntios. Era comum que se pensasse que outras divindades exerciam poder sobre determinados campos da vida. Desse modo, poderiam exigir dos coríntios determinadas práticas ou culto. Paulo mostra que não: "Para nós, contudo, existe um só Deus, o Pai, de quem tudo procede e para o qual caminhamos, e um só Senhor, Jesus Cristo, por quem tudo existe e para quem caminhamos." Desse modo, os coríntios não têm de prestar culto a outros deuses ou de reconhecê-los como tais nem têm de obedecer a eles. Paulo apresenta Jesus junto de Deus para esclarecer essas coisas, considerando-o como a Sabedoria, o mediador na criação e o destino dos cristãos nas realidades últimas.

1.2.2.3.4 Por ele e para ele todas as coisas existem: Col 1, 12-20

O texto de Colossenses 1 faz referência a Cristo como o "primogênito" de toda a criatura ao seu papel na criação e a subsistência de todas as coisas nele. É também o primogênito dos mortos e o ponto de reconciliação de todas as coisas com Deus. 130

Novamente, encontramos a aproximação entre Jesus Cristo e a Sabedoria, como tendo o mesmo ciclo existencial. A Sabedoria é primogênita, organizadora das coisas criadas, as quais possuem a sua marca, subsistindo nesse saber. Depois, é apresentada uma particularidade que se refere apenas a Jesus Cristo: sua ressurreição, ao dizer: Ele é "o primogênito dos mortos". Ele é ainda a sabedoria que reconcilia todas as coisas com Deus. Na sabedoria, está o desígnio de Deus sobre todas as coisas e no procedimento coerente com ela, tudo se aproxima de Deus.

O contexto dessa carta de Paulo é marcado por sua prisão (Cl 4, 18), de onde escreve, e a vida da comunidade marcada por um sincretismo (Cl 2, 8). Seguindo seu estilo, Paulo apresenta a sua teologia antes de exortar a comunidade a um agir ético. Seu texto apresenta essa teologia, profundamente enraizada na ligação de Cristo Jesus com o Pai. O hino em questão apresenta a centralidade de Cristo, seja na criação, na redenção ou na reconciliação da humanidade com Deus. Visava com isso superar o sincretismo presente na comunidade com o perigo constante de sufocar o caráter único e inaudito da fé cristã.

As ações são exercidas por Deus em vista do Filho: "vos fez", "nos arrancou", "aprouve", "fazer habitar", "reconciliar", "realizando". "Nós" somos afetados por sua

¹³⁰ MUSSNER, Franz. Novo Testamento: Comentário e mensagem 12: A Epístola aos Colossenses. Petrópolis: Vozes, 1968, p. 34-50.

¹³¹ MUSSNER, Franz. Novo Testamento: Comentário e mensagem 12, p. 25.

vontade, atingidos por sua liberalidade. Jesus é também determinado por essas ações, e através dele ("no qual") Deus nos alcança. O louvor é dirigido a Deus por Jesus, é através dele que Deus leva à plenitude todas as coisas, humanas e cósmicas. É nele, ainda, que todas as coisas têm sua subsistência. A ação de Jesus é a realização da paz pelo seu sangue.

1.2.2.3.5 A salvação como gesto de solidariedade e amor: 2Cor 8, 9

Empenhado em uma coleta de solidariedade com os judeu-cristãos de Jerusalém, que passavam necessidades materiais, devido às perseguições, Paulo convida também os coríntios a participarem dessa ação (2Cor 8, 6-8). Ele apresenta como exemplo as comunidades cristãs da região da Macedônia (v. 8, 1). Depois, como modelo a ser seguido por todos, apresenta a graça generosa com que Cristo se tornou solidário a todos: "Com efeito, conheceis a generosidade de nosso Senhor Jesus Cristo, que por causa de vós se fez pobre, embora fosse rico, para vos enriquecer com a sua pobreza" (v. 8, 9).

O que está em questão é que forma de riqueza Jesus Cristo possuía, e que tipo de abdicação fez "para vos enriquecer". Aqui nos deparamos novamente com a possibilidade de interpretar tradicionalmente essa riqueza e pobreza como sendo a sua kénosis: abdicar-se de sua condição divina (riqueza) e assumir a nossa condição humana (pobreza) (Fl 2, 6-11). Tal é a interpretação feita pela maioria dos estudiosos, mas o novo modo de interpretar Paulo apresenta uma alternativa. Como vimos, Hurtado vê nessa passagem uma inequívoca referência à ideia de preexistência. Ele concorda com James Dunn sobre a prudência em interpretar uma metáfora, mas argumenta que mesmo uma metáfora tem como base uma verdade. 132

Paulo não indica qual foi a "riqueza" que Jesus abandonou: se é um status divino, ou o fato de ter renunciado a uma vida cômoda, que, segundo sua missão, lhe caberia, ou ainda o cume de sua entrega através da paixão e morte (Mt 8, 20; Fl 2, 7). A tradição interpreta essa passagem como Jesus ter deixado sua glória divina para se tornar homem e, mediante sua encarnação ter realizado a salvação da humanidade. Para muitos, o fato de Paulo não ter entrado em detalhes é porque pressupunha que as comunidades já soubessem de que se tratava esse esvaziamento.

É possível que os cristãos contemporâneos de Paulo tivessem um pensamento sobre a importância que Jesus Cristo teve em toda a história da salvação e mesmo da criação. Eles

-

¹³² HURTADO, Lord Jesus Christ, p. 120.

estavam bem convictos da união entre Jesus Cristo e Deus. Nesse sentido, teriam desenvolvido uma reflexão a esse respeito. Sendo alguém de grande importância, conduziu a sua vida com humildade, frequentando e tendo como ponto de partida para sua missão as realidades mais sofridas. É interessante reiterar: inclusive se fazendo pobre com os pobres, para a partir deles instaurar o Reino de Deus.

1.2.2.3.6 A comunicação de Deus por meio do Filho: Hb 1, 1-4

O autor inicia seu escrito indo direto ao assunto, com um prólogo, sem os cumprimentos comuns de uma carta na antiguidade. Muitos estudiosos chamam a "Carta aos Hebreus" de Sermão ou Homilia. 133 É um prólogo denso de informações sobre o Filho de Deus. Ele nos informa que Deus se comunicou outrora através dos [ou, nos] profetas, mas agora ele se comunica por meio do [ou, no] Filho. A comunicação de Deus continua no Filho, ou melhor, tem a sua plena comunicação no Filho. Ele é sua fala atual e definitiva dirigida a nós nestes "últimos tempos" (v. 2). Como Filho de Deus, ele foi constituído herdeiro de todas as coisas (v. 2; Sl 2, 8). É por meio dele que foram feitos [os mundos] os séculos (v. 2; Gn 1; Sl 32, 6; Pr 8, 22-31; Sb 7, 22; Jo 1, 3). Sua ligação com Deus é estreita: ele é o "resplendor" da glória do Pai e expressão [de seu ser] da sua "substância" (v. 3), dois substantivos que o ligam diretamente a Deus: ele é parte de seu Ser. "Sustenta o universo pelo poder de sua palavra" (v. 3b). O ato de "sustentar" pode ser atribuído tanto ao Pai quanto ao Filho. 134 Apresenta a obra do Filho e a exaltação: "Depois de ter realizado a purificação dos pecados, sentou-se nas alturas à direita da Majestade." Apresenta a ação que Jesus fez por nós e o "assentar-se a direita de Deus", considerado como a mais antiga profissão de fé dos cristãos.

O texto fala da superioridade de Jesus Cristo tanto em relação à comunicação acontecida através dos profetas, quanto ao papel que ele ocupa na criação do mundo e no destino de todas as coisas. A afirmação da preexistência está relacionada com a criação: "pelo qual fez todos os séculos" (v. 4), que certamente foi inspirada em Sb 7, 22. O prólogo pode ter sido inspirado em um hino litúrgico, como sugere o biblista Raymond E. Brown (1928-1998), devido ao vocabulário utilizado. 135

¹³³ VIELHAUER, Philipp. História da literatura cristã primitiva. Santo André: Academia Cristã, 2015, p. 270. Parece não haver consenso entre eles se temos uma carta ou sermão. Se no início do texto não temos um endereçamento, no final temos a indicação segundo as cartas paulinas (Hb 13, 22-25).

¹³⁴ BIBLIA. Tradução Ecumênica. Nova ed. rev. e corr. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1995, p. 2348, nota "h" a Hb 1, 3: "Pela palavra de seu poder. O possessivo pode referir-se a Deus ou ao Filho."

¹³⁵ BROWN, Raymond E. Introdução ao Novo Testamento. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 892.

Apresentamos até aqui alguns textos do Antigo e do Novo Testamento tratando sobre a importância de Jesus, apresentado como tendo um papel chave na história da salvação e da criação. Esse papel é representado pela ideia que remete à sua presença junto de Deus antes da criação, e à realização de sua redenção e salvação na pessoa e nos atos de Jesus de Nazaré, reconhecido pela fé como o Cristo de Deus. Essa ideia está latente nas Escrituras Sagradas e será explicitada no período da Patrística, nos concílios e credos da Igreja.

1.3 A Preexistência nos primórdios do cristianismo

A missão recebida pelos apóstolos do Ressuscitado (Mt 28,19-20) foi difundida em todo o Império Romano. Um dos efeitos, graças a essa difusão e receptividade, será uma pluralidade de expressões da fé cristã. As comunidades cristãs procuraram se organizar em torno de lideranças que, como bispos (epíscopos), além do exercício pastoral tinham a tarefa de refletir sobre os pontos importantes da doutrina e da fé cristãs. Passado o tempo de perseguição, que ceifou muitas vidas, veio o momento que possibilitou maior organização da Igreja. Foi nesse momento que ela pôde buscar respostas para perguntas internas e externas em relação aos fundamentos da fé em Jesus Cristo.

O cristianismo inicialmente não foi levado a sério pelas pessoas mais cultas do mundo helenizado, porém o modo de viver dos cristãos despertava a atenção de todos. Muitos os perseguiam, outros os admiravam. O modo de vida cristã chamou a atenção principalmente por apresentar aspectos humanos e éticos de solidariedade e transcendência. Pensar os motivos desse modo de viver fez surgir os primeiros escritos cristãos. A literatura cristã primitiva teve um desenvolvimento maior no meio dos convertidos que haviam tido acesso à filosofia, ao direito ou à retórica. Esse discurso assumiu um caráter apologético, apresentando a base e a defesa da fé. Os chamados "Padres da Igreja" irão se destacar nesse campo.

Segundo Bernard Sesboüé, o discurso cristão teve como constitutivas três visões sobre a pessoa de Cristo: a dos judeu-cristãos, a do movimento gnóstico e a dos Padres da Igreja. Entre os judeu-cristãos encontramos aqueles que admitiam Jesus como o Cristo e outros que o consideravam como o maior entre os profetas. Esse grupo continuava na sua prática judaica, mas com o passar do tempo diminuiu. Os gnósticos, por sua vez, colocavam no conhecimento a causa da salvação. Possuíam um viés elitista, pois consideravam a salvação destinada para os iniciados ao mistério da gnose. Concebiam Jesus como sendo um

¹³⁶ SESBOÜÉ, Bernard. WOLINSKI, Joseph. História dos dogmas: O Deus da Salvação (séculos I-VIII). Tomo I. São Paulo: Loyola, 2002. p. 36.

Anjo ou um Espírito, negando a sua corporeidade e encarnação. Apesar da heterogeneidade desses discursos, para Sesboüé, é possível perceber influência mútua. 137

1.3.1 A Patrística

Os Padres da Igreja ou escritores do cristianismo primitivo tiveram papel determinante nos rumos que o cristianismo tomou. ¹³⁸ Foram homens que, na maior parte, possuíam formação filosófica e retórica e utilizaram esses instrumentos para pensar a fé e a doutrina cristã. A base para esse pensamento estava nas Sagradas Escrituras, nas tradições orais, pequenos credos e nas liturgias, conservadas e constantemente visitadas pelas comunidades. Os Padres buscaram conjugar a sua formação com os conteúdos da fé para responder às questões que se impunham interna e externamente ao cristianismo, construindo assim sua teologia e doutrina.

O grande e importante tema daqueles primórdios dizia respeito à pessoa e à identidade de Jesus de Nazaré, confessado pela fé como o Cristo. Ao redor dessa identidade, giram todos os demais conteúdos da fé cristã. Ao longo do processo de formação do pensamento sobre Jesus Cristo, a comunidade cristã não encontra um caminho claro. Dentre as muitas possibilidades de resposta, a comunidade se depara com uma grande complexidade, nem sempre correspondente aos evangelhos, mas, para não perder essa complexidade, aceita pensar a identidade de Jesus envolvida em muitos paradoxos. Já em Inácio de Antioquia, encontramos algumas informações sobre Jesus Cristo que não possuem uma linearidade. "Existe apenas um médico, carnal e espiritual, gerado e não gerado, Deus feito carne, Filho de Maria e Filho de Deus, vida verdadeira na morte, vida primeiro passível e agora impassível, Jesus Cristo nosso Senhor" (IngEf 7,2).

Para muitos teólogos, não obstante sua raiz neotestamentária, é com os Padres da Igreja que o tema da preexistência de Cristo emerge de uma nova forma no discurso cristão. Ela adquire um status ontológico. Joseph Moingt apresenta Justino de Roma (100-165), em seu livro *Diálogo com Trifão*, como o introdutor do tema ao comparar o *Logos* com Cristo (Dial 87). Ele afirma ser possível encontrar ecos da ideia de preexistência em alguns escritos gnósticos ou apócrifos, ¹⁴⁰ porém, ela chega ao cristianismo por meio de Justino (I Apl 59), com a finalidade de defender o vínculo entre Jesus Cristo e Deus. Justino procurou

¹³⁷ SESBOÜÉ, Bernard. WOLINSKI, Joseph. *História dos dogma*, p. 29.

¹³⁸ MEUNIER, Bernard. O nascimento dos dogmas cristãos. São Paulo: Loyola, 2005, p. 11.

¹³⁹ MOINGT, O homem que vinha de Deus, p. 13.

¹⁴⁰ MOINGT, Joseph. Deus que vem ao homem, v. II. Aparição, p. 41.

assim legitimar o modo como Jesus Cristo era tratado pelos cristãos: "como um deus", diziam os judeus.

Já nas cartas de Inácio de Antioquia (107 d.C.), encontram-se frases curtas afirmando a preexistência de Jesus junto a Deus e sua deidade. Em seu caminho para o martírio, Inácio, dirigindo-se aos bispos, presbíteros e diáconos, escreve: [vocês] "aos quais foi confiado o serviço de Jesus Cristo, que antes dos séculos estava junto do Pai e, por fim, se manifestou" (InMag 6,1), e ainda: "pela vontade do Pai e de Jesus Cristo, nosso Deus." (CartEfe 7,2). Contudo, são passagens cuja autenticidade é colocada em dúvida por muitos estudiosos, ¹⁴¹ por tratarem também de uma oposição de Inácio aos judeus e insistirem no poder episcopal como sendo o poder do próprio Cristo, temas que surgiriam bem mais tarde na história do cristianismo. Pesa, portanto, sobre muitas dessas passagens a suspeita de interpolação. ¹⁴² Esses escritos, por outro lado, têm grande aceitação e são defendidos justamente pela força do testemunho do martírio de Santo Inácio.

Em Justino, o encontro do discurso cristão com a filosofia facilitou expressar a transcendência de Deus, porém afastou a possibilidade de entendê-lo por meio das mediações próprias do mundo e da história. ¹⁴³ Justino era filósofo quando se converteu ao cristianismo, dizendo ter encontrado neste a verdade que procurava na filosofia. Procurou, pois, mostrar a superioridade da "filosofia" cristã sobre as outras: para ele "só os cristãos possuem o *Logos* completo que é Cristo." Não abandonou o "manto de filósofo", mas levou a lógica da filosofia e seu modo característico de argumentar para o discurso cristão. Comparando Cristo com o *Logos*, dizia que os homens participam da sua presença quando agem corretamente segundo a sua razão. Jesus Cristo é o *Logos* de Deus, o seu primogênito, *Logos* do qual todo ser humano compartilha (I Apol 23,1).

Para ele, todos que vivem segundo o *Logos* são cristãos, mesmo quando são considerados ateus, como Sócrates (I Apol 64,2-3). Desse modo, era possível identificar a presença do *Logos* Cristo nas filosofias de Sócrates e de Platão. Entretanto, este se manifestaria de modo visível na pessoa de Jesus Cristo, quando se encarnou, assumindo a condição humana. Justino não teve dificuldade em compreender o cristianismo a partir da filosofia platônica que, como sabemos, não considera o mundo fenomênico como verdadeiro, mas como aparência.

¹⁴¹ VIELHAUER, Philipp. História da Literatura cristã primitiva. Santo André, SP: Academia Cristã, 2015, p. 569

¹⁴² VIELHAUER, Philipp. *História da Literatura cristã primitiva*, p. 575.

¹⁴³ DE SIMINE, Russell J. Justino filósofo e mártir. In: BERARDINO, Angelo Di. *Dicionário patrístico e antiguidades cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 798-800.

Sem perder de vista o que foi afirmado anteriormente sobre como Justino utiliza a Escritura, em sua apologética, ele argumenta que a preexistência de Cristo pode ser percebida em diversas passagens do Antigo Testamento. Como vimos anteriormente, para ele, a manifestação de Cristo está ligada às manifestações de Javé em diversos textos, como aquela a Abraão, junto ao carvalho de Mambré (Gn 18, 1) e várias vezes a Moisés, no deserto. Ele denomina essas aparições como "cristofanias". Com tais princípios, Justino elaborou sua apologética, inclusive defendendo a adoração de Cristo como Deus (I Apol 48-68). Porém, surgiu o problema de como conciliar a divindade única de Deus com a divindade do Pai e do Filho, cuja solução levaria tempo até que fosse definitivamente elaborada no Concílio de Nicéia, em 325, com a Igreja vivendo em outro contexto.

Tertuliano (160-220) irá introduzir alguns termos para auxiliar na compreensão da relação entre as pessoas do Verbo e de Deus. Ele contribuiu de modo fundamental para a elaboração do entendimento cristão de Deus como Trindade. Lembremos que foi sobre esse Padre da Igreja que Joseph Moingt elaborou sua tese doutoral. Embora apresente certa resistência em adotar o pensamento filosófico na elaboração do discurso cristão, ¹⁴⁴ Tertuliano adotou alguns termos filosóficos que seriam utilizados mais tarde para pensar a união das pessoas divinas. Ele perguntava: "Que há de comum entre Atenas e Jerusalém, e entre a academia e a Igreja?" (AdvPrax 7). Foi o primeiro a utilizar o termo "substância" para falar da unidade de Deus. Procurou "tornar a mensagem cristã assimilável às estruturas e ao modo de pensar próprios do Ocidente latino". ¹⁴⁵ Criou a fórmula "uma só substância em três pessoas", que seria utilizada mais tarde no Concílio de Nicéia. ¹⁴⁶

Esses vocábulos irão se somar aos princípios que foram formulados ao longo do cristianismo, como contendo os princípios básicos da fé. São os chamados credos ou profissão de fé, que tinham o papel de recordar aos fiéis o núcleo central daquilo que criam. Esses credos têm raízes na tradição judaica. Exemplo disso é a oração do *Shemá*, rezada cotidianamente pelos judeus piedosos, na qual afirmam a unicidade e unidade de Deus. Os cristãos assimilam essa profissão de fé e acrescentam junto de Deus (sentado a sua direita), Jesus Cristo. É uma visão que reflete a consciência cristã do papel que Jesus realizou em sua missão salvífica e escatológica. Veremos agora alguns desses credos, nos quais foi

¹⁴⁴ DE SIMINE, Russell J. Filosofia e os Padres. In: BERARDINO, Angelo Di. Dicionário patrístico e antiguidades cristãs. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 577-578.

¹⁴⁵ SINISCALDO, Paolo. Tertuliano. In: BERARDINO, Angelo Di. *Dicionário patrístico e antiguidades cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2002, p.1347-1352.

¹⁴⁶ SINISCALDO, Tertuliano, p. 1350.

progressivamente incorporada a ideia da divindade de Jesus e, consequentemente, a sua preexistência.

1.3.2 A preexistência de Cristo nos símbolos da fé e nos concílios

A passagem do Antigo para o Novo Testamento, na visão dos Apóstolos (At 2, 14-36; 7, 1-53), considerando principalmente Paulo, é marcada por uma continuidade no que diz respeito à herança teológica e muitos elementos culturais de Israel. A novidade está na pessoa e na mensagem de Jesus, que obriga, em muitos pontos, uma releitura da Antiga Tradição. Já no Evangelho de Mateus, nós encontramos Jesus fazendo uma releitura das leis e normas do passado (Mt 5, 17). É, na verdade, um aprimoramento, ou uma aproximação maior do espírito da lei. É recorrente nesse Evangelho a frase de Jesus: "assim foi feito ou dito (...) "Eu, porém, vos digo" (Mt 3, 15; 5, 22. 28.32 etc.). A novidade trazida por Jesus, contudo, tem o seu pleno reconhecimento após a sua ressurreição. Ela faz surgir uma nova perspectiva de fé e um modo novo de professá-la. A primeira profissão de fé não se refere em primeiro lugar à filiação de Jesus, mas à sua ressurreição e ao fato de ter sido elevado à direita de Deus, acontecimentos que têm um significado salvífico universal. 147

É principalmente no livro dos Atos dos Apóstolos, nas cartas de Paulo e nas chamadas cartas católicas que teremos os primeiros credos do cristianismo. São exemplos: a profissão de fé de que "Jesus é o Senhor", como consequência da fé na sua ressurreição (Rm 10, 9; 1Cor 12, 3), de que ele está "sentado a direita de Deus" (At 2, 33. 34; 5, 31; 7, 55; Rm 8, 34; Ef 1,2 0; Cl 3, 1; Hb 1, 3 etc.) e outras profissões de fé, como "Jesus é o Filho de Deus", conforme vimos acima. Também, e principalmente, o reconhecimento de que ele ressuscitou dentre os mortos e com ele também nós ressuscitaremos (1Cor 15, 12-23). Junto a esses credos são retomadas as principais narrativas da fé de Israel, como, por exemplo, o reconhecimento de Deus como o criador de todas as coisas. São credos que apresentam a fé de maneira narrativa: Deus se fez narrativa ao se comunicar em uma história. 148

Os credos ou profissões de fé estão presentes também nos concílios, que manifestaram oficialmente a fé eclesial. Eles tiveram a missão de pensar a identidade de Jesus como Cristo, Salvador e Filho de Deus, qual tipo de relação existe entre Deus e Jesus e qual a sua consequência para a realização de sua obra salvífica. Para os judeu-cristãos Jesus havia sido

¹⁴⁷ BROX, N; SEIBEL, W. Confissão – Profissão (da fé). In. FRIES, Heinrich. *Dicionário de Teologia: Conceitos fundamentais da Teologia atual*, 2. Ed. São Paulo: Loyola, 1983, v. I. p. 267-277.

¹⁴⁸ FORTE, Bruno. *Introdução à fé*: Aproximação ao mistério de Deus. São Paulo: Paulinas, 1994, p.10.

adotado por Deus, no momento de sua ressurreição; para os gnósticos e docetas Jesus não havia se encarnado, não era Deus ou homem, mas um anjo, não possuía corpo. Havia ainda a ideia modalista, que afirmava que o mesmo Deus possuía modos diferentes de se manifestar, ora como Pai, ora como Filho e ora como Espírito Santo, mantendo assim o monoteísmo. Por fim,o arianismo, que afirmava a preexistência de Cristo e seu papel mais elevado, sendo criado por Deus e subordinado a ele. Contra esses modos de compreender, o Concílio de Nicéia (325) procurou definir a divindade de Jesus Cristo como Filho eterno de Deus e elaborou sua profissão de fé.

Consideremos agora, principalmente, os concílios de Nicéia e de Constantinopla, com seus credos que surgiram de acordo com a experiência da fé da comunidade, dos desafios vindos das heresias ou das chamadas heterodoxias, do pensamento dos Padres da Igreja e dos concílios, além da tradição apostólica. Eles se tornaram mais elaborados, acrescentando os desenvolvimentos e progressos da organização eclesial, como os dogmas e as doutrinas. O credo possui caráter comunitário, ou seja, é a profissão de fé de uma comunidade, no caso, a Igreja que reconhece como seu, aquele modo de crer. É, portanto um reconhecimento sancionado, reconhecido pela autoridade eclesial (DH 1-2). Nós recebemos a fé da Igreja e cremos com ela.

É possível encontrar nos credos uma evolução tendo como ponto alto a profissão de fé do Concílio de Nicéia em 325, Constantinopla em 381 e Calcedônia em 451. É claro que, ao longo dos séculos, os credos anteriores foram retomados e em muitos aspectos foram ampliados, contudo carregam sempre o essencial da fé professada desde as origens. Os primeiros quatro concílios fizeram definições importantes para a cristologia e para a teologia cristã. O primeiro afirma a fé em Deus, em Jesus Cristo e no Espírito Santo; é um concílio trinitário (DH 125-126). De Deus afirma-se que: "Cremos em um só Deus" (*credimus in unum Deum*) mantendo e afirmando o monoteísmo (Ef 4, 6). A fé é dirigida a Deus Pai e a partir dele e com ele "*et in*" Jesus e "*et in*" Espírito Santo. De Deus, se diz que ele é: "Pai onipotente, artífice de todas as coisas visíveis e invisíveis." Depois de professar junto ao Pai, a fé em um só Senhor Jesus Cristo (1 Cor 8, 6), passa-se às afirmações sobre quem é ele, alargando assim a concepção. Nicéia é a resposta ao pensamento de Ário (256-336),

PELIKAN, Jaroslav. A tradição cristã: uma história do desenvolvimento da doutrina. O surgimento da Tradição Católica – 100- 600. São Paulo: Shedd Publicações, 2014. Vol. 1, p. 28.

¹⁵⁰ MÜLLER, Gerhard Ludwig. *Dogmática Católica*: Teoria e prática da Teologia. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 257.

¹⁵¹ LIBANIO, João Batista. Eu creio nós cremos: Tratado da fé. São Paulo: Loyola, 2000, p. 249-253.

presbítero de Alexandria, que afirmava que Cristo foi criado por Deus na eternidade, negando, assim, a divindade de Jesus.

Em seu credo, Nicéia afirma que Jesus Cristo é Filho unigênito do Pai: a profissão de fé explica que isso quer dizer que sua origem é da substância do Pai: Deus nascido de Deus, luz nascida da luz, Deus verdadeiro nascido do Deus verdadeiro. Diferencia nascimento (geração) de criação. Jesus não é criatura, mas alguém saído de Deus, nascido dele: "Nascido, não criado". Reafirma a unidade: ele possui uma só substância, entendida como ser, sendo um só ser com a única divindade. Desse modo, Nicéia afirma que Jesus Cristo é perfeito Deus, assim como o Pai, de quem tem origem. ¹⁵² Afirma a unidade entre o Pai e o Filho. ¹⁵³

Em seguida, fala da participação do Filho na criação: "através dele, todas as coisas foram criadas." Retoma aqui a ideia da Sabedoria como "arquiteta" ou "artífice" da criação. O credo apresenta então, após essa afirmação, a obra da redenção realizada por Jesus Cristo: "por causa nossa". Vemos aqui ressonância de F1 2, 7-8 e outras passagens que sugerem o "por nós" desse ato. Depois, professa a fé no Espírito Santo, sem fazer maiores considerações a seu respeito: "et in" Espírito Santo. Passa imediatamente aos anátemas sobre os que "afirmam que houve um tempo em que O Filho não existia" ou "só passou a existir quando nasceu" ou "que Deus é mutável ou alterável."

O Concílio de Constantinopla I (381) é reunido para pensar sobre o lugar que o Espírito Santo ocupa na história da salvação, enfrentando a heresia dos macedônios. Eles afirmavam que o Espírito Santo é uma criatura de Deus e não Deus. O Concílio dá sequência ao credo, afirmando: "Creio no Espírito Santo, Senhor e vivificador, que procede do Pai e do Filho, que com o Pai e o Filho simultaneamente é adorado e conglorificado" (DH 150). Outra questão cristológica, definida nesse concílio, é sobre a humanidade de Jesus: se ele possuía ou não alma humana. Apolinário de Laodicéia havia afirmado que a pessoa do *Logos* havia assumido o lugar da alma humana de Jesus. O concílio afirma que Jesus possuía corpo e alma humanas e que sua humanidade era perfeita. O Concílio de Éfeso (413) trata a questão da encarnação e da unidade entre a humanidade e a divindade de Jesus Cristo. A questão se refere principalmente à maternidade de Maria, pois havia a afirmação de Nestório de que Maria era mãe apenas do homem Jesus. Afirmando a unidade da humanidade e da divindade de Jesus Cristo, o terceiro Concílio afirmou também a maternidade divina de Maria, pelo que ela recebe o título de *Theotókos*, Mãe de Deus (DH 250-264).

¹⁵² SESBOÜÉ. WOLINSKI. História dos dogmas: O Deus da Salvação. v. I, p. 214.

¹⁵³ Mal-entendida, essa unidade poderia levar ao pensamento modalista: Deus como uma única pessoa com três manifestações diferentes: Pai, Filho e Espírito Santo.

O Concílio de Calcedônia assume um papel importante no pensamento cristológico, pois procurou pensar a questão da unidade das duas naturezas em Jesus, a divina e a humana. A questão se dá pela associação da natureza divina, infinitamente superior à natureza humana. Como estar juntas sem que a natureza humana não seja absorvida, já que o infinito se sobrepõe ao finito? Calcedônia afirma as duas naturezas sem mistura, porém unidas:

Confesse que um só e o mesmo Filho, o Senhor nosso Jesus Cristo, perfeito na sua divindade e perfeito na sua humanidade, verdadeiro Deus e verdadeiro homem <composto> de alma racional e de corpo, consubstancial ao Pai segundo a divindade e consubstancial a nós segundo a humanidade, semelhante em tudo a nós, menos no pecado [cf. Hb 4,15], gerado do Pai antes dos séculos segundo a divindade e, nestes últimos dias, em prol de nós e de nossa salvação, <gerado> de Maria, a virgem, a Deípara, segundo a humanidade; um só e o mesmo Cristo, Filho, Senhor, unigênito, reconhecido em duas naturezas, sem mistura, sem mudança, sem divisão, sem separação, não sendo de modo algum anulada a diferença das naturezas por causa da sua união, mas, pelo contrário, salvaguardada a propriedade de cada uma das naturezas e concorrendo numa só pessoa e numa só hipóstase; não dividido ou separado em duas pessoas, mas um único e o mesmo Filho, unigênito, Deus Verbo, o Senhor Jesus Cristo, como anteriormente nos ensinaram a respeito dele os Profetas, e também o mesmo Jesus Cristo, e como nos transmitiu o Símbolo dos Padres. [Sanção] Depois de termos estabelecido tudo com toda a possível acríbia e diligência, o santo Sínodo ecumênico decidiu que ninguém pode apresentar, escrever ou compor uma outra forma de fé ou crer e ensinar de outro modo. (DZ 301-302)

O concílio preserva a humanidade defendida no Novo Testamento e afirma a sua divindade, realidades necessárias, segundo o critério dos santos Padres, para que a salvação aconteça. Se ele não assume verdadeiramente a humanidade, essa não poderá ser redimida. As definições dos quatro primeiros concílios servirão como direção para se pensar a cristologia, mesmo que não tenham dado respostas para todas as questões referentes à pessoa de Cristo e não tenham produzido unanimidade entres as Igrejas cristãs — e em muitos casos tenham gerado separação e conflito. O que é possível perceber é que a questão das duas naturezas servirá para um constante debate dentro da cristologia. Percebe-se um constante perigo de unilateralidade concorrendo sempre para o perigo de um monofisismo. No fundo do problema, estará sempre a questão da salvação e de quem pode salvar: o divino ou o humano em Jesus? Essa salvação estará ligada sempre à questão da Encarnação.

1.4 A Preexistência na Escolástica e na Modernidade

A preexistência de Cristo é o pressuposto fundamental para a União Hipostática, pela qual acontece o intercambio entre o humano e o divino compreendido como evento de salvação. Na patrística, o acontecimento salvífico assume na Encarnação o seu ponto fundamental, embora os padres não dispensem os eventos da cruz e da ressurreição. Na

Encarnação, o Verbo de Deus se fez homem em Jesus, tornando possível que o ser humano possa se deificar (Incarn. 54). Tal pensamento opera uma mudança na compreensão anterior, segundo a qual, são os eventos da morte e ressurreição de Jesus que abrem caminho para a salvação do ser humano. Salvação compreendida como a ressurreição de Jesus, sua vitória sobre a morte. A ressurreição de Jesus abre caminho para a ressurreição (salvação) de todos. A morte de Jesus traz a vitória sobre a morte com sua ressurreição.

Apresentamos a seguir duas figuras teológicas da Idade Média que embora não reflitam diretamente sobre a preexistência de Cristo constroem suas cristologias sobre esse pressuposto. Com Anselmo de Cantuária (1033-1109), temos um pequeno deslocamento: embora procure mostrar a importância da Encarnação, destaca o acontecimento da cruz, como sendo um acontecimento vicário. São Tomás de Aquino (1225-1274), por sua vez, embora siga a tradição, procura valorizar a humanidade de Jesus. Mostra ser necessário levar a sério a sua humanidade real para pensar a redenção. São teólogos marcados pela racionalidade e a lógica casuística.

A seguir, apresentamos o surgimento da modernidade e seu questionamento da cosmovisão antiga. É o momento de transformação do modo do ser humano se relacionar com o conhecimento. O mundo perde o seu encantamento e a predominância do conhecimento dedutivo, refletindo ainda no modo de pensar a fé e a revelação. Ponto de partida para as transformações que iremos ver mais adiante na reflexão teológica e na cristologia.

1.4.1 O Cur Deus Homo: salvação e legalidade

Anselmo de Cantuária, em sua obra *Cur Deus Homo*, considerada por muitos como sua obra principal, pretende mostrar a necessidade da encarnação como único modo possível para que acontecesse a redenção da humanidade. ¹⁵⁴ A obra está dividida em dois livros: o primeiro, mostra as objeções dos infiéis à fé cristã e a resposta dos fiéis; o segundo livro fala da vocação humana, a felicidade e a necessidade do Deus-homem para que essa felicidade se concretize.

O tema da encarnação, se não é o eixo a partir do qual se inicia a descoberta do mistério de Cristo e da sua obra redentora, forma, com a ressurreição, os dois polos que tornam inteligível o mistério da humanidade e da divindade de Jesus. O tema é tratado com especulações interessantes por Santo Anselmo, levantando questões e conjecturando respostas

¹⁵⁴ ANSELMO, Santo. Por que Deus se fez homem: Cur Deus Homo. São Paulo: Novo Século, 2003.

até então não pensadas. Com esta obra, Anselmo pretende, sem lançar mão da revelação, responder as objeções feitas pelos infiéis à fé cristã.

O tema da Encarnação de Cristo é retomado no período Medieval como tendo a finalidade de realizar um ato expiatório, como salvação. É um dado pacífico a preexistência de Cristo; contudo, pergunta-se por qual motivo ele teria se Encarnado. Sua dupla natureza, divina e humana, é condição indispensável para que a salvação aconteça. Anselmo de Cantuária, considerado fundador da teologia escolástica, irá argumentar a respeito da dívida paga a Deus pela Paixão de Cristo. Seu discurso é baseado na razão e na mentalidade jurídica como instrumentos para pensar a revelação.

A Encarnação cumpre uma função salvífica, tanto no pensamento dos Padres da Igreja como no pensamento de Anselmo e de Tomás de Aquino. A diferença está no modo e no motivo desse acontecimento. Para os Padres, a Encarnação é o primeiro ato que leva à salvação dos seres humanos, pela sua divinização. Para Anselmo, a Encarnação se dá em vista do ato expiatório de Jesus realizado na cruz. Para Tomás de Aquino, a salvação se realiza pelo amor e pela bondade de Deus que chega até nós por Jesus Cristo.

Anselmo pergunta por que Deus se fez homem: *Cur Deus Homo*? E responde: para justificar os nossos pecados diante de Deus Pai. ¹⁵⁶ É um pensamento que propõe uma visão bastante jurídica de Deus. ¹⁵⁷ Tem como pressuposto a justiça que Deus deve fazer a si mesmo pelo pecado dos homens e com isso poder salvá-los. Como pode Deus, sendo justo, permitir que aconteça injustiça contra si mesmo? O tema é exposto com um rigor lógico, inaugurando o estilo lógico e casuístico da escolástica. A salvação é uma conquista que se dá pela morte expiatória de Jesus Cristo na cruz.

Outro aspecto dessa casuística jurídica é que esse fato determina a identidade de Jesus como sendo Deus, uma vez que a morte de um homem comum não seria suficiente para justificar o pecado que foi praticado contra Deus. Do mesmo modo, é preciso que ele seja igualmente homem, para que, em nome da humanidade, pague o "devido" preço do pecado cometido por ela. Vê-se, nesse pensamento, um reflexo do horizonte cultural da época de Anselmo. Nesse período, a quebra de um pacto ou uma falta cometida contra alguém deveria ser paga por uma pessoa que possuísse a mesma dignidade ou condição social de quem foi prejudicado ou ofendido. Caso contrário, a falta se tornaria impossível de ser paga.

¹⁵⁵ VILANOVA, Evangelista. *Historia de la teología Cristiana*. Barcelona: Editorial Herder, 1987. v. I. p. 478.

¹⁵⁶ A ideia é que a pessoa ofendida deve ser apaziguada mediante a satisfação realizada por algum ato.

¹⁵⁷ ANSELMO, Santo. Por que Deus se fez homem, Cur Deus Homo. São Paulo: Novo Século, 2003, p. 161.

Esse pensamento não é de todo original, pois a expiação por meio de sangue derramado está presente em alguns textos tanto do Antigo, como do Novo Testamento (Hb 9, 22; 10, 10; 1Pd 1, 19). É importante procurar entendê-los melhor, cabendo uma releitura dos mesmos na atualidade. A morte de Jesus seria justificada para apagar o pecado original, doutrina criada por Santo Agostinho. Outros textos dão a entender outros motivos, contudo é bem verdade que Deus não deixou, em seu amor, de transformar a morte de Cristo em um meio de salvar a todos, pela ressurreição do Filho. Pela relação entre Pai e Filho, na paixão, ocorre a doação do seu Espírito vivificante ao Filho e, através dele para todos os homens. O entendimento da morte de Jesus passa por uma leitura que procura explicar um desígnio que é consequência de uma missão, mais do que um determinismo.

A expiação é um modo de entender a lógica da paixão de Jesus, um acontecimento certamente desconcertante para alguém que procurou viver como ele viveu. Nesse sentido, sua morte teria que encontrar alguma justificava na visão de que Deus domina todos os acontecimentos. Também esse modo de perceber as coisas é um desafio para a atualidade, principalmente depois da morte de milhões em Auschwitz. O pensamento da morte expiatória de Jesus terá forte influência na teologia posterior. É uma questão que fere a sensibilidade das pessoas na atualidade. Para a consciência contemporânea, um pai não exigiria a morte do filho para apagar as faltas da humanidade. Um Deus assim não merece a nossa simpatia, não é o mesmo Deus que não poupou seu próprio Filho, como modo de ser solidário conosco; que é bom e não violento, na concepção de Jesus, ele mesmo estando junto do Filho; que se faz história de modo pessoal em Jesus Cristo, o Filho eterno.

1.4.2 Jesus Cristo: a humanidade e mediação da graça

Tomás de Aquino desempenhou papel fundamental no pensamento teológico no Ocidente. Nesse ponto, a sua cristologia traz novidade em relação à humanidade e à divindade de Jesus. A aproximação que fez do cristianismo junto à filosofia de Aristóteles serviu para pensar a teologia no contexto de crise do pensamento platônico. O pensamento aristotélico estava mais ligado à valorização dos sentidos físicos e não tanto a uma ontologia metafísica, ou uma ontologia diferente da sua manifestação na matéria, como essência. Cada ser possui a essência da identidade do gênero a que pertence. Tomás de Aquino saberá usar esse pensamento para valorizar a humanidade de Cristo como ponto fundamental da

-

¹⁵⁸ VILANOVA, Historia de la teología Cristiana. v. I. p. 790.

mediação exercida por ele. Embora continue a ter como referência o pensamento cristológico anterior, segundo a ortodoxia, procurou criar uma dialética, mostrando a importância da humanidade de Jesus Cristo e de sua história para que a salvação aconteça.¹⁵⁹

Tomás de Aquino procura preservar a ortodoxia da cristologia da Igreja, descrevendo e combatendo as heresias antigas. Considera errado e faz críticas ao pensamento de Ário, Nestório e Teodoro de Mopsuéstia (Santo Tomás, III parte, q. 2, a. 6, 3). Aceita as premissas dos dogmas e os ensinamentos dos doutores reconhecidos da Igreja, como por exemplo, Agostinho e João Damasceno. O acento da salvação do ser humano recai sobre o acontecimento da Encarnação, que deve ser levada a sério. Ao assumir a humanidade, Jesus Cristo se torna participante da história humana, dando a conhecer aos homens, através de sua humanidade, a pessoa de Deus. A sua Encarnação não teve como objetivo a expiação dos pecados, mas a revelação de Deus, que acontece na sua humanidade. Esse evento possibilitou o acesso à sua graça, sendo completado pela acolhida que o ser humano faz dos sacramentos.

Edward Schillebeeckx (1914-2009) chama a atenção para o pensamento de Tomás de Aquino, segundo o qual não é possível compreender um homem que não seja pessoa, decorrendo daí a necessidade de pensar a humanidade da pessoa de Jesus. ¹⁶⁰ Procura mostrar a estreita relação da pessoa do Verbo na unidade entre a natureza divina e humana. O homem Jesus não está privado de sua pessoa, sendo essa a humanização do Verbo de Deus. Desse modo o homem Jesus não é destituído de seu ser pessoa comum a todos os homens. Ele considera assim a humanização de Deus na Encarnação do Verbo (Santo Tomás, III parte, q. 2, a. 8, 3).

Tomás tem a concepção da Encarnação como sendo a humanização de Deus. Nessa encarnação, acontece uma novidade, é algo novo criado por Deus (Santo Tomás, III parte, q. 2, a. 7, 3). Esse pensamento é importante, na valorização da humanidade de Jesus Cristo, uma vez que essa tende a ser menos considerada. A ideia que prevalecia é que o que conta para a salvação é a sua divindade. Tomás mostra que essa não acontece sem unir-se também à sua humanidade. A preexistência de Cristo é pressuposto para a sua cristologia, ele atribui à Encarnação um valor salvífico e, nesse sentido, procura mostrar a unidade da pessoa de Cristo em sua divindade e humanidade. Desse modo ele fortalece o pensamento de Gregório Nazianzeno (328-389), para quem a salvação só acontece com aquilo que foi assumido pelo Verbo (GreNazEp101,32).

¹⁵⁹ VILANOVA, Historia de la teología Cristiana. v. I, p. 791.

¹⁶⁰ FAUS, José I. Gonzales. La dicusión holandesa sobre Calcedonia. In. *Selecciones de Teología*, Barcelona, v.11, n. 42, p.168-182, abr./jun. 1972, p. 171-172.

Esse pensamento será retomado por muitos teólogos contemporâneos que terão como tema a valorização da humanidade de Deus, ocorrida em Cristo Jesus. Será uma possibilidade de valorizar a grande tendência atual em considerar o aspecto humano de Jesus sem desconsiderar a sua divindade. É uma cristologia descendente, mas que considera o aspecto da experiência humana de Jesus como princípio de conhecimento de sua divindade. Contudo, a tendência unilateral de considerar a sua divindade como o que prevalece em sua história, sempre pode colocar em risco suas características afirmadas nas Sagradas Escrituras, características que são humanas. A linguagem utilizada para falar da sua divindade e das afirmações dogmáticas irá entrar em crise na modernidade. Crise chamada por Joseph Moingt de desconstrução do dogma do Verbo Encarnado. 161

1.4.3 Modernidade e Dogma: A volta à História como revelação

A Bíblia na Idade Média possuía não apenas a concepção religiosa do mundo, mas era entendida como ciência capaz de pronunciar uma palavra positiva sobre os acontecimentos da natureza. Ela fez parte da cosmovisão e do conhecimento humanos até a modernidade. A partir do renascimento, do humanismo e do iluminismo temos uma grande transformação desse papel. É o período em que o homem inicia um processo de autonomia face à religião e seu domínio na sociedade. É uma transformação impulsionada pela nova ciência e filosofia. O método científico criado por Galileu Galilei (1564-1642) dá início a esse processo. Seu método abalou a autoridade da Bíblia e da Igreja. René Descartes (1596-1650) com seu racionalismo inaugura um novo tempo para a filosofia, emancipada de teologia e baseada na razão. ¹⁶² Com o pensamento de Immanuel Kant, (1724-1804) temos a sequência dessa autonomia. Surge a filosofia crítica que tem como tarefa examinar as bases de toda forma de conhecimento.

As novas descobertas põem em questão as afirmações aceitas como verdades científicas e que foram afirmadas pela Sagrada Escritura, colocando em crise a cosmovisão antiga. A nova consciência afirma que os textos bíblicos não podem ser tomados como livro de ciência, mas de sentido. ¹⁶³ Por outro lado, surge um movimento dentro do próprio cristianismo que irá procurar trazer a fé para dentro do mundo da ciência. A teologia liberal

MOINGT, Deus que vem ao homem: Do luto à revelação de Deus. v. I. São Paulo: Loyola, 2010, p. 49.

¹⁶¹ MOINGT, O homem que vinha de Deus, p. 13.

¹⁶³ GALILEU Galilei. A Bíblia deve ser interpretada. In. NICOLA, Ubaldo. Antologia ilustrada de Filosofia: Das origens à idade Moderna. São Paulo: Globo. 2005, p. 204- 213. Galileu Galilei escreve carta a Benedetto Castelli falando que a verdade da Bíblia não deve ser tomada de forma literal (Lettera a Benedetto Castelli).

carrega a marca de uma interpretação da história do cristianismo segundo os moldes historicistas que propunham uma explicação da realidade sem transcendência, considerando apenas a cultura produzida pelo homem. É uma teologia que tem em Adolf Harnack seu principal representante.

Ele utilizou como instrumento de suas investigações o chamado método histórico crítico, que terá papel importante no pensamento exegético desde então. Por esse método, apresenta a distância entre o modo de expressar a fé no Novo Testamento e o nosso contexto atual. Propõe como solução para essa disparidade procurar entender o sentido para a ética e moral cristã do que foi escrito, sem considerar a transcendência ou a revelação. Harnack pretende produzir uma teologia "científica", nos moldes das outras ciências de sua época.

Ao longo dos três últimos séculos, é possível perceber, graças a uma paulatina tomada de consciência do aspecto histórico da fé, uma transformação do pensamento cristão sobre si e sobre o mundo. Isso ocorre em meio a crises, rupturas, descobertas e recomeço. É um questionamento que tem, no primeiro momento, a consideração da historicidade da Sagrada Escritura e depois os fundamentos do dogma. Antes do Iluminismo, os eventos narrados pelo Evangelho eram considerados, sem maiores problemas, como eventos ocorridos, históricos. Ora, a partir do Iluminismo, a primeira questão levantada é sobre a historicidade dessas narrativas. Descobrem-se na Escritura relatos fantásticos e míticos. É precisamente o modo de lidar com essas questões, a relação entre ciência e fé, entre mundo e transcendência, que assumirá um novo caminho no pensamento teológico. A teologia contemporânea vem desempenhando o papel de repensar e repropor a fé em Cristo em coerência com esse novo horizonte cultural.

CONCLUSÃO PARCIAL

O primeiro capítulo procurou apresentar o núcleo da fé cristã e fazer o levantamento da gênese do tema da preexistência de Cristo. Para isso, buscou demonstrar a ligação entre Deus e Jesus como a base desse núcleo para, em seguida, dissecar os fundamentos da ideia de sua preexistência no Antigo e no Novo Testamento, bem como seu desenvolvimento posterior, em grandes linhas, na Patrística, nos primeiros concílios, na teologia medieval e as dificuldades iniciadas a partir da modernidade. A consciência da ligação singular e filial de Jesus com Deus é o ponto inicial da construção da fé cristã e de seu pensamento. Nela ele é visto como o ápice da história da salvação. Sua ressurreição é o termo desse reconhecimento e, ao mesmo tempo, o ponto de partida para pensar a sua identidade. Tal compreensão da centralidade da história de Jesus se encontra presente no Novo Testamento e na constante referência que esse faz ao Antigo Testamento, especialmente aos profetas e à literatura sapiencial. A ideia de preexistência surge assim para afirmar a sua importância teológica e histórica.

Em nossa investigação, foi possível considerar a preexistência no quadro geral da cultura humana. Podemos concluir que esse é um tema que não se restringe ao cristianismo ou ao judaísmo. Foi utilizado em muitos outros contextos para se referir à proeminência de pessoas ou coisas, inclusive na filosofia, para se pensar a *Arché* da realidade material. Desse modo, a ideia de preexistência foi aplicada a Jesus Cristo, para apresentar a sua superioridade a todas as coisas consideradas sagradas ou divinas. É uma concepção que foi assumida pelo discurso cristão em um contexto polêmico onde estava em questão a centralidade da pessoa e da missão de Jesus.

No Novo Testamento, essa ideia se encontra na associação de Jesus com a Sabedoria de Deus preexistente e com sua Palavra, tema desenvolvido principalmente nos escritos joaninos e paulinos. Contudo, o desenvolvimento explícito dessa ideia, associada de modo mais amplo ao *Logos* da filosofia grega, pode ser acompanhado a partir do segundo século, com Justino Romano, até chegar às definições posteriores dos concílios. É uma ideia que procura fundamentar a força salvífica dos atos de Jesus ao seu status divino.

O risco de uma visão unilateral fez com que o Concílio de Calcedônia afirmasse também a sua humanidade. Duas realidades conjugadas no ato salvífico realizado por Jesus Cristo: sua natureza humana, por um lado, e sua natureza divina, por outro. Anselmo de Cantuária viu na união hipostática a possibilidade da salvação e da reconciliação entre a humanidade pecadora e Deus. Um ato jurídico, segundo a visão da época, para justificar o

homem em seu delito ou ofensa a Deus. Tomás de Aquino vê na Encarnação o acontecimento da graça e a considera como a humanização de Deus, tema que será desenvolvido depois, para entender a seriedade do modo humano de ser de Deus em Jesus de Nazaré.

Vimos ainda que a modernidade surge com um novo modo de lidar com a natureza e coloca sérios questionamentos sobre a cosmovisão antiga. Esse posicionamento trará consequências para a visão da Sagrada Escritura, considerada, desde então, não mais como livro de ciência, mas de sentido. Fará também com que a teologia sistemática e o dogma entrem em crise devido à linguagem ontológica utilizada para construir seu pensamento. Esses fatos mostram, ainda, que o modo como o ser humano compreende a realidade se liga irredutivelmente ao modo como ele crê. A tarefa da teologia, a ciência da fé, se reverte em apontar como é possível crer, entender e dizer a fé diante daquilo que o ser humano compreende de si mesmo e da realidade. O segundo capítulo surge apresentando o esforço da teologia contemporânea para pensar os temas da fé diante dessa transformação. Assim, entrevemos que a pesquisa parece ter um peso não apenas teórico, mas espiritual e pastoral.

2 UM CONTEXTO DE MUDANÇA: DO TRATADO DO VERBO À CRISTOLOGIA

PROLEGÔMENOS

No capítulo anterior procuramos apresentar o núcleo da fé cristã como sendo a ligação entre Jesus e Deus concebida pela tradição cristã como relação entre Pai e Filho. O modo como ocorre essa filiação se desdobra em muitos sentidos com o esforço de verbalizar a singularidade e estreiteza dessa relação. A ideia de preexistência presta esse serviço quando procura mostrar que a sua origem vem da eternidade, de junto de Deus, antes de todos os tempos. Apresentamos uma série de textos bíblicos, de modo geral utilizados, como base para tal afirmação. Vimos ainda a suspeita sobre a correta interpretação desses textos para a afirmação de uma preexistência ontológica de Cristo. Na sequência, vimos o desenvolvimento desse pensamento no período medieval e a crise que esse discurso encontrou na modernidade. Nesse segundo capitulo, procuraremos apresentar o tema desenvolvido dentro do grande movimento de renovação, da Cristologia e da Teologia contemporâneas. Dentro desse quadro de renovação apresentaremos a proposta da cristologia de Joseph Moingt como uma "história teológica" para pensar o dogma da preexistência.

A cristologia das últimas três décadas se inscreve no contexto da rápida secularização da Europa e uma crescente suspeita sobre as instituições sociais, de modo especial sobre a religião. Por outro lado, temos o surgimento de movimentos neoconservadores, que colocam na modernidade e nos avanços tecnológicos a causa da crise de sentido vivida por grande parte do homem europeu. Muitos consideram necessária a libertação de um mundo marcado por mistificações que anestesiam o ser humano das reais condições de limites ou possibilidades que possui, atribuindo-as ao iluminismo ou à modernidade. O paradoxo é que o mesmo cristianismo que contribuiu para que se construísse uma cosmovisão marcada pela religião é aquele que gestou no ser humano o desejo de se ver livre de todas as amarras, incluindo as desse tipo de religião. A teologia tem um papel importante a desempenhar nesse contexto, seja o de libertar o ser humano de uma ideia que afasta da sociedade o espírito do cristianismo, seja do perigo de retrocesso a uma cristandade que não leva em consideração os valores humanos surgidos da modernidade.

J. Moingt inscreve seu nome e seu pensamento teológico no grupo de teólogos que veem no cristianismo valores humanos e de transcendência fundamentais para o homem. Nesse sentido, procura assumir uma postura de diálogo, não se fechando nas categorias do passado, mas procurando situar a revelação cristã diante do homem contemporâneo, com suas

buscas e questionamentos. Consideramos a importância dos dogmas como balizas para pensar a revelação e também a necessidade de uma real desmistificação e olhar lúcido sobre o seu sentido. Moingt propõe uma reestruturação do dogma da cristologia e com ele repensar os principais dogmas cristãos. Como ponto de apoio, sobre o qual se embasa a maior parte dos dogmas, ele encontrou o dogma da preexistência de Cristo, fundamento para pensar a Encarnação e a Trindade. A fim de vencer o distanciamento, tanto do ponto de vista metafísico quanto do ponto de vista cultural, esse autor propõe abandonar o caminho dedutivo característico da metafísica para trilhar o caminho da narrativa. Para ele, abandonar a mistificação significa procurar conhecer essa base pelos caminhos da história.

Nossa tarefa nesse segundo capítulo está em descrever o esforço de muitos teólogos em pensar a cristologia em diálogo com o homem contemporâneo. A ideia de preexistência, muitas vezes, não é o principal foco desse esforço, mas é sempre seu pano de fundo, uma vez que os conteúdos cristológicos se ligam indiretamente a esse tema.

2.1 A Preexistência: o debate atual

No primeiro momento, apresentaremos o debate atual sobre a preexistência de Cristo nos principais teólogos, reformados e católicos. Em seguida, apresentaremos a proposta teológica de Joseph Moingt e com ela o modo como procura repensar essa preexistência. Trabalhando a noção de Jesus como consubstancial aos homens, ele parte dessa unidade marcada pela ressurreição para acessar o tipo de preexistência que é possível conceber a seu respeito. Encontra nessa preexistência uma importância protológica e escatológica, uma revelação que se dá no evento da Paixão, Morte e Ressurreição. Tal acontecimento é, para o autor, um acontecimento trinitário, onde a transparência da presença de Deus no mundo ocorre em Jesus. Moingt pretende ir ao encontro desse mistério pelo caminho da narrativa que conta a história de Jesus com Deus.

A necessidade de adaptar ou transmitir, com uma linguagem própria de nosso horizonte cultural, o sentido do dogma e sua verdade é algo reconhecido pela Igreja como legítimo. É possível, em nosso horizonte, repensar o dogma da preexistência de Cristo. Entretanto, embora a teologia e a cristologia não possam dispensar a ajuda da filosofia para pensar a fé, não convém mais utilizar a filosofia do "ser". Um dos motivos é a oposição que essa filosofia comporta entre o mundo fenomênico e o mundo estático e imutável do "ser". Não se pode negar a transcendência de Deus ou sua distinção em relação a todas as coisas, mas isso não implica encontrar em Deus uma situação semelhante à do ser. Uma cristologia

que parte do "ser" o coloca distante de nossa humanidade e sua existência no mundo fica sem maiores consequências ontológicas para a sua pessoa. É o modo de entendermos a pessoa de Jesus que o distancia de nós, prejudicando a possibilidade de nos relacionarmos com ele. O ser humano atual pergunta: o que Jesus tem a ver conosco?

A tendência comum atual é desmistificar o mundo e os seus fenômenos procurando entender a realidade a partir daquilo que ela nos apresenta de si. No campo da teologia, tal processo de secularização tem sido deplorado por muitos, o que revela como o ser humano tem buscado entender sua existência por caminhos distantes do mundo. Entender a existência a partir da realidade não significa uma recusa de Deus e de sua presença, mas compreender como ele se aproxima de nós valendo-se dessa mesma realidade. A secularidade revela uma perda, talvez uma ilusão, contudo, abre um caminho para um verdadeiro encontro da presença de Deus no mundo que não mistifique essa realidade. O caminho da cristologia proposto por Moingt é uma alternativa, a nosso ver, pois considera a humanidade de Jesus e, nela, a transparência da presença de Deus. Com ele, ocorre a plenitude da revelação que joga luz sobre todos os modos como Deus fala aos seres humanos.

Em uma nova busca, nosso teólogo considera a Tradição como importante caminho de reconhecimento do percurso trilhado pela cristologia, no qual podem ser reconhecidos avanços na consideração da importância dada a Jesus na história da salvação, como Filho de Deus e nosso irmão. De fato, o acontecimento Jesus produziu a força transformadora da história cujos reflexos permanecem ainda hoje. Jesus atrai as pessoas mais por sua vida e ensinamentos do que pelos dogmas e definições sobre sua pessoa. Os especialistas reconhecem que os vínculos de solidariedade e compaixão manifestados por ele aos mais frágeis da sociedade de seu tempo, ainda hoje, fazem surgir nas pessoas o sentimento de afeição e simpatia por ele. Esse modo de ser de Jesus não fica estacionado nos seus atos de bondade, mas, ao contrário, sua solidariedade funda uma fé e uma esperança ao apresentar o amor de Deus e o seu desígnio. Na pessoa de Cristo Jesus e em sua relação com Deus se abrem, segundo a tradição bíblica, o caminho de uma humanidade renovada e a esperança da ressurreição que fecunda seu modo de viver e agir.

2.1.1 A aproximação entre fé e cultura nos cristãos reformados

No campo da teologia reformada, encontramos as primeiras tentativas de entendimento entre o discurso cristão e a cultura moderna. A tentativa de dar à teologia um status de ciência fez surgir alguns movimentos, como o deísmo, que procurou entender a

religião como um fenômeno humano. Ele surge sob a influência do pensamento deísta do empirismo inglês e procura não lançar mão da revelação. 164 O deísmo nos apresenta a visão de um Deus que dá origem ao mundo e se retira. Desse modo, o único "vestígio" que podemos ter de Deus é a criação com as suas leis e ordem rigidamente estabelecidas. Por sua vez, o deísmo influenciou a chamada teologia liberal, que tem a pretensão de constituir uma teologia científica e de sentido meramente ético ou moral. 165

A teologia liberal interpreta a história do cristianismo segundo os moldes historicistas. Ela propõe uma explicação da realidade sem a transcendência, considerando apenas a cultura produzida pelo homem. Tem em Adolf Harnack (1851-1930), teólogo luterano, seu principal representante. Ele influenciou a teologia posterior, usando o método histórico-crítico que considerou a distância entre o modo de expressar a fé no Novo Testamento e o nosso contexto atual e propõe como solução para essa disparidade procurar entender o sentido dos escritos. Para ele, é preciso reinterpretar as escrituras procurando principalmente o sentido ético presente nos textos, sem se deixar prender pela exterioridade ou mitos de seus enunciados.

Harnack considera o mito presente na Escritura como parte da cultura que o produziu. Em relação à preexistência, apresenta-a como integrante do judaísmo antigo para se referir a realidades ou entidades importantes¹⁶⁷ que existiriam de algum modo em Deus antes de sua manifestação terrestre. Para ele, ainda, a preexistência poderia ser considerada sob dois aspectos: real ou ideal. Real, seria uma preexistência presente no "pensamento" de Deus e a ideal sendo um projeto ou um desígnio de Deus sobre algo ou alguém no futuro. Segundo o autor, a ideia da preexistência, ainda que encontrada na literatura judaica do primeiro século, entrou no cristianismo pelo processo de sua helenização.¹⁶⁸

A teologia liberal é considerada ainda como o resultado de um mal-estar da teologia, resultado da distância entre sua fala e a experiência humana atual. O resultado seria a sua dificuldade de comunicar ao homem moderno a sua mensagem, por isso o acento sobre a relação entre teologia e ciência. Essa teologia é sintomática de um tempo em que o ser humano colocou ênfase na ciência e procurou, através dela, a solução para todos os problemas. Apesar de toda a negatividade com que essa vertente teológica foi recebida pelos

¹⁶⁴ GIBELLINI, Rosino. A teologia do século XX. 2. Ed. São Paulo: Loyola, 2002, p. 13.

¹⁶⁵ VILANOVA, Evangelista. *Historia de la Teología Cristiana*.. Barcelona: Herder, 1992. v. 3, p. 615.

¹⁶⁶ VILANOVA. Historia de la Teología Cristiana, p. 614-618.

¹⁶⁷ HAMERTON-KELLY, Robert Gerald. *Pre-Existence, Wisdom and the Son of Man:* Study of the Idea of Pre-Existence in the New Testament. London: Cambridger University Press, 1973, p.10.

¹⁶⁸ HAMERTON-KELLY, Robert Gerald. *Pre-Existence, Wisdom and the Son of Man*, p. 10.

teólogos seguintes, ela deixou marcas positivas na teologia. Como afirmamos, o método histórico-crítico, sua herança, se tornou importante para investigar os textos bíblicos.

As lacunas dessa teologia em relação ao transcendente fizeram surgir a teologia dialética que, em oposição àquela, fará avançar o discurso cristão, mas, por outro lado, terá dificuldade em considerar a importância da história para pensar a fé. Seu representante máximo será o teólogo Karl Barth (1886-1968), para quem a teologia liberal havia se afastado do seu tema principal que é a revelação. 169 Ele chama a atenção da "teologia liberal" para o seu esquecimento da Palavra de Deus e de sua tentativa de reconciliar o cristianismo com a ciência da modernidade, abrindo mão de escutar o que essa palavra diz. Fala de uma tentativa de "amordaçar a Palavra de Deus com a razão". 170 Com essa atitude, a "teologia liberal" tornou-se uma teologia meramente secular. Ela se esqueceu de seu objeto e do lugar a partir do qual pode falar de Deus.

Barth procura, pois, recuperar a força da Palavra de Deus para a teologia. É preciso reconhecer a autoridade daquele que pronuncia a Palavra (Deus) e ao mesmo tempo a pequenez do ser humano a quem ela é dirigida. Ao ser humano, resta a humildade de acolher essa Palavra. Com um grupo de teólogos, procurou se afastar da filosofia ou utilizar o mínimo necessário da filosofia contemporânea, sem, contudo, abrir mão da primazia da Palavra de Deus. Recusou utilizar a filosofia natural para pensar as questões teológicas. ¹⁷¹

Esse autor postula a impossibilidade do conhecimento de Deus por outra via que não a da revelação. 172 No primeiro momento, influenciado por Kierkegaard (1813-1855), admitia dois significados para a teologia. Um, ligado à compreensão de seu objetivo: como ciência, possui função de análise a ser cumprida com "frieza", outro, subjetivo, diz respeito à experiência interna, "calorosa", causada pelo efeito da Palavra de Deus na própria vida. Esse segundo significado tem um sentido existencial profundo. Contudo, Barth pontuou o perigo do subjetivismo em Kierkegaard e de basear o discurso teológico em um antropocentrismo. 173

Embora se coloque dentro do movimento de renovação da cristologia, Barth olha com desconfiança a tentativa de aproximação entre o discurso cristão e a história, que pretende fazer a fé cristã obter o aval de uma instância pertencente ao mundo dos homens. Por isso, ele valoriza a revelação em detrimento da história, contrapondo-se à modernidade traduzida

¹⁶⁹ GIBELINI, Rosino. A teologia do século XX. 2. ed., São Paulo: Loyola, 2002, p. 20.

¹⁷⁰ MONDIN, Battista. Os Grandes Teólogos do século XX. São Paulo: Editora Teológica, 2003, p. 29.

¹⁷¹ MONDIN, Os Grandes Teólogos do século XX, p. 30.

¹⁷² GRENZ, Miller E. Stanley. *Teologias contemporâneas*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 21.

¹⁷³ GRENZ, Teologias contemporâneas, p. 22.

no discurso cristão pela teologia liberal. Nesse sentido, não abre mão da ideia de preexistência de Cristo, como meio de pensar a Trindade Imanente. 174 Deus é o totalmente Outro em relação à história, embora se revele na pessoa de Jesus Cristo, em acontecimentos que fazem parte da história.

Rudolf Bultmann (1884-1976), outro teólogo importante na transformação da teologia contemporânea, seguindo Barth, também se opôs ao liberalismo teológico, apesar de sua formação acadêmica dentro dessa escola, 175 igualmente pela ausência da ideia de revelação nessa corrente teológica. Marcado pelo ceticismo em relação à possibilidade de se ter acesso ao Jesus da história, afirma que o único evento do qual não se pode duvidar ter ocorrido historicamente com Jesus é a sua morte na cruz. Parte, pois, desse evento de revelação e diante do qual somos chamados a decidir.

Bultmann é responsável por mostrar a grande diferença entre a cosmovisão à qual pertence o pensamento e os escritos neotestamentários e a cosmovisão contemporânea. Diz que tomar tal visão como verdade, é uma violência contra a inteligência: "Uma aceitação cega da mitologia neotestamentária seria arbitrariedade. (...) O cumprimento de tal exigência seria um *sacrificium intellectus* ['sacrifício da inteligência']". ¹⁷⁶ Como resposta a esse distanciamento, ele propõe o processo de demitização dos evangelhos, ou seja, a busca do sentido que se encontra por detrás da narrativa mítica, ou o seu significado para o nosso horizonte. ¹⁷⁷

Para ele, a preexistência faz parte desse conjunto de mitologias que precisam ser demitizadas. O mito é a roupagem do conteúdo essencial, que é o acontecimento salvífico. Através da linguagem mítica e poética os principais temas da salvação são transmitidos.

A proclamação emprega a linguagem mitológica; eis que é chegado agora o tempo final; 'vindo a plenitude do tempo', Deus enviou seu filho. Este, um ser divino preexistente, aparece na terra como um ser humano. Sua morte na cruz, a qual ele sofre como um pecador, propicia expiação para os pecados dos seres humanos. Sua ressurreição é o começo da catástrofe cósmica através da qual será aniquilada a morte, trazida ao mundo por Adão. ¹⁷⁸

Para Bultmann o mito da preexistência de Cristo é uma construção que possui a finalidade de apresentar o sentido salvífico e cosmológico da pessoa de Jesus. É o resultado

¹⁷⁴ KUSCHEL, Born Before all time? p. 119.

¹⁷⁵ GRENZ, Teologias contemporâneas, p. 49.

¹⁷⁶ BULTMANN, Rudolf. Demitologização: coletânia de ensaios. São Leopoldo: Sinodal, 1999, p. 8.

EICKLELSCHULTE, Dietmar. Hermennéutica y teologia em Rudof Bultmann. *Selecciones de Teología*, Barcelona, v. 5, n. 20, p.287-297, oct./dic. 1966.

¹⁷⁸ BULTMANN, Rudolf. Demitologização: coletânia de ensaios. São Leopoldo: Sinodal, 1999, p. 6.

de especulações filosóficas e religiosas à semelhança do pensamento de Fílon de Alexandria em relação ao $Logos^{179}$, que, como os outros mitos, carece de reinterpretação. ¹⁸⁰ Essa reinterpretação deve possuir um viés existencialista, sendo uma tarefa contínua da teologia que não pode ser realizada por um "só indivíduo, mas exige plenitude de tempo e empenho de uma geração teológica." ¹⁸¹Bultmann procura se desvencilhar não apenas do mito, notório na construção literária do Novo Testamento, mas também da metafísica. Ele apresenta como Paulo elabora a sua teologia não lançando mão de uma concepção metafísica sobre Jesus, Deus ou o ser humano:

Sob esse aspecto também se encontra a cristologia de Paulo, que não discute especulativamente a essência metafísica de Cristo, sua relação com Deus e suas "naturezas", mas fala dele como aquele por meio do qual Deus age para a salvação do mundo e do ser humano. Assim também todo enunciado sobre Cristo é um enunciado sobre o ser humano, e vice-versa; e *a cristologia paulina é simultaneamente soteriologia*. Por isso, objetivamente a teologia. 182

A força do argumento de Paulo está na razão da cruz de Cristo e não em narrativas míticas de acontecimentos misteriosos ou de razões metafísicas.¹⁸³

Ernest Käsemann (1906-1998), discípulo de Bultmann, dá um passo significativo na afirmação da importância da história para a teologia e a cristologia. Ele apresenta os limites da teologia liberal e também da teologia hermenêutica de Bultmann. Para a teologia liberal, "a questão do Jesus histórico se apresenta como decisiva para a teologia e pregação" da Igreja. ¹⁸⁴Käsemann mostra que não temos acesso ao Jesus histórico no modo proposto por essa teologia. De fato o acesso que temos ao Jesus passa pela experiência de fé da comunidade. Nisso Bultmann tem razão.

Contudo, a histórica não pode ser dispensada no pensamento teológico, nem se deve renunciar a toda busca pelo Jesus histórico. É a partir da experiência de fé fundada em um acontecimento histórico que a comunidade constrói o seu discurso. No entanto, no pensamento de Bultmann o Jesus histórico deixa de ter significado constitutivo. Para Käsemann, essa visão torna o Evangelho carente de uma base histórica, o que reduziria o discurso a mero mito. Para Käsemann, é preciso considerar a origem do cristianismo no

¹⁷⁹ BULTMANN, Rudolf. *Teología Del Nuevo Testamento*. Salamanca: Síguime, 1981, p. 182.

¹⁸⁰ BULTMANN, *Teología Del Nuevo Testamento*, p. 361.

¹⁸¹ BULTMANN, Demitologização: coletânia de ensaios, p. 20.

¹⁸² BULTMANN, Demitologização: coletânea de ensaios, p. 246.

¹⁸³ BULTMANN, Demitologização: coletânea de ensaios, p. 368.

¹⁸⁴ KÄSEMANN, Ernest. *El Jesús Histórico y el Cristo de la fé. Selecciones de Teología*, Barcelona, v. 11, n. 42, p. 87-103, abr./jun. 1972, p. 87.

evento histórico de Jesus. É preciso procurar por "debaixo" da construção das narrativas dos evangelhos o seu fundamento histórico e não renunciar a essa busca.

O teólogo alemão Paul Tillich (1886-1965) argumenta que falar de Deus não é possível com a linguagem comum, é preciso que usemos símbolos para falar de Deus, uma vez que ele não corresponde a nenhuma situação mundana. Porém, essa fala sobre Deus é possível mediante o símbolo. Ao distinguir símbolo de sinal, mostrando o caráter participativo do símbolo no mistério afirma:

O símbolo participa da realidade que simboliza. Portanto, nunca podemos dizer de algo que é 'apenas um símbolo'. Isso seria confundir símbolo com sinal. Do que foi dito segue que tudo o que a religião afirma sobre Deus, inclusive suas qualidades, ações e manifestações, têm um caráter simbólico e que deixamos por completo de entender o significado de 'Deus' se tomarmos a linguagem simbólica de forma literal. 185

É preciso falar de Deus e essa fala que proferimos sobre ele, de algum modo, nos dá acesso ao seu mistério. Contudo, existe uma tensão na fala que proferimos sobre ele. É preciso ter presente os limites dessa fala que é sempre uma mediação. A tentativa de superar essa tensão marca a história da teologia dos últimos três séculos. A tensão entre as realidades mundanas e a transcendência de Deus deveria ser reconhecida como parte constitutiva do discurso cristão sobre Deus. Esse tema é pensado por J. Moingt como a relação entre história e revelação, como veremos mais adiante.

Para Tillich a preexistência é símbolo para falar da cristologia encarnacionista do *Logos* ou do Verbo e é utilizada para explicar a cristologia adocionista. As duas cristologias estão presentes no Novo Testamento e uma cristologia está ligada à outra e se exigem mutuamente. Elas procuram fundamentar o aspecto soteriológico da pessoa de Jesus Cristo. Nesse contexto o autor recorda o pensamento dual das naturezas de Jesus Cristo, a humana e a divinacomo isso evoluiu no decorrer dos três primeiros séculos, tendo presente que somente alguém grandioso poderia operar a salvação. 187

O autor apresenta, então, a tentativa da teologia protestante de solucionar a questão da unidade das duas naturezas de Cristo. Os problemas que decorreram dessa tentativa são insolúveis, como bem apontou a teologia liberal de Harnack. Porém, Tillich apresenta o problema na atualidade para conferir uma natureza divina à força da salvação. Para ele, "essa

¹⁸⁵TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. 7. ed. São Paulo: Sinodal, 2014, p. 305.

¹⁸⁶ TILLICH, *Teologia sistemática*, p. 435.

¹⁸⁷ TILLICH, Teologia sistemática, p. 433.

¹⁸⁸ TILLICH, *Teologia sistemática*, p. 432.

cristologia será sempre de baixo valor, porque elimina o paradoxo e o substitui por um milagre supranatural." Ele continua: "E a salvação só pode provir daquele que participou plenamente na condição existencial do ser humano, não de um Deus que caminha sobre a terra e é 'diferente de nós em todos os aspectos'." 189

Ele reivindica, como tarefa atual da cristologia, pensar a natureza humana de Jesus, o Cristo, como sendo completa, no sentido de sua liberdade e no sentido da sua união com Deus que o leva a superar as tentações, e por fim, pela participação que faz de todas as ambigüidades da história. Sob o impulso da modernidade, surge uma nova forma para pensar a fé. É um modo por vezes desconcertante, mas que parte da experiência plausível do ser humano para falar de Deus e de sua fala no mundo. Mesmo o ateísmo, que é um fenômeno de maior difusão na modernidade, não deixou de dar a sua contribuição, para que tivéssemos um maior cuidado para falar de Deus. Muitos teólogos encontraram nesse apuramento crítico um sinal de Deus, indicando o modo como ele não quer mais que falemos dele, lançando mão de mistificações.

Nessa linha, temos o teólogo luterano Eberhard Jüngel (1934-2021) que chama a atenção para o diálogo estabelecido entre o teísmo e ateísmo no seu livro *Deus como mistério do mundo*. ¹⁹⁰ Ele sugere que o ateísmo teve relativa importância no desenvolvimento de um novo paradigma para a teologia. É que a crítica dirigida à ontoteologia, pelo ateísmo, fez com que a teologia revisse o modo como estava falando de Deus e revisitasse as origens do cristianismo para considerar melhor a sua fala. ¹⁹¹ Ele mostra a falha das duas posturas. Uma, por utilizar categorias impróprias em seu discurso sobre Deus, a ontoteologia, e a outra por se contrapor as essas para afirmar a morte de Deus.

No mundo marcado pelo pragmático, a fala sobre Deus é colocada em questão quando se descobre que essa fala não é mais fundamental para se conhecer o mundo e seus fenômenos. O ser humano, no cotidiano pragmático, não precisa de Deus. Consegue sem a "hipótese de Deus" ¹⁹² explicar o funcionamento do mundo. Deus torna-se "supérfluo", não é necessário para que o mundo "funcione". O teólogo alemão luteramo mostra o cenário humano e existencial no qual é possível falar de Deus e se relacionar com ele na atualidade, através da gratuidade, do amor e do reconhecimento.

¹⁸⁹ TILLICH, *Teologia sistemática*, p. 433.

¹⁹⁰ JÜNGEL, Eberhard. *Dios como misterio del mundo*. Salamanca: Sígueme, 1984, p. 21

¹⁹¹ JÜNGEL, Dios como mistetio del mundo, p. 21.

¹⁹² Apud SCHWEITZER, Paul. A. Deus na cultura atual. In: *Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, v. 8, n. 23, p. 9-16, 1981. Pierre Simon de Laplace, ao ser interrogado por Napoleão sobre o lugar que Deus ocupava em sua teoria do determinismo estrito, teria respondido: "Je n'ai pas de cette hypothèse" (não preciso desta hipótese).

2.1.2 O esforço da teologia católica de dialogar com a cultura

A teologia católica, na primeira metade do século XX, embora tenha buscado a atualização em muitos espaços acadêmicos, só teve maior progresso após o Concílio Vaticano II com a abertura de seu método pastoral. Graças a isso alcançou uma intensificação no diálogo ecumênico, pelo qual fez surgir no cenário teológico novas perspectivas de aproximação e diálogo com a modernidade, reaproximando-se da cultura contemporânea. Ainda antes do Concílio, encontramos a vanguarda dessa renovação, tendo destaque a teologia produzida na Alemanha e na França.

Na França teremos o incentivo à volta às fontes cristãs: as Sagradas Escrituras e os Padres da Igreja. Esse movimento se caracteriza por oferecer alternativa à hegemônica teologia escolástica. Movimento de renovação, denominado Nouvelle Théologie, teve como figuras de destaque o dominicano Marie-Dominique Chenu (1895-1990), os jesuítas Henri de Lubac (1896-1991) e Jean Daniélou (1905-1974). Este último foi o orientador de Joseph Moingt em sua tese sobre a Trindade em Tertuliano. Na Alemanha, a abertura começa com a escola de Tübingen, que já na primeira metade do século XIX, procurava dialogar com algumas escolas filosóficas. Nesse contexto, se destacaram os teólogos do campo protestante que terão grande influência no pensamento teológico cristão, em geral, como vimos acima. No campo do cristianismo católico, podemos destacar: Karl Rahner (1904-1984), Romano Guardini (1885-1968), Joseph Ratzinger (1927) e Hans Küng (1928-2021), entre outros.

Muitos desses teólogos atuaram como assessores e peritos do Concílio Vaticano II. Dentre esses, Karl Rahner irá mostrar o caráter hermenêutico da teologia mediante categorias filosóficas. ¹⁹³ O motivo, para Rahner, é que a filosofia diz respeito à interpretação do tempo humano, operando assim uma passagem da categoria cosmocêntrica para um pensamento antropocêntrico. A prioridade não será mais a natureza, mas o ser humano como parte da natureza e a sua abertura para a transcendência. Rahner procura dar à teologia um fundamento racional, tentando distanciá-la da categoria do mito.

O tema da preexistência de Cristo ressurge quando entra novamente em questão a necessidade de se recuperar e valorizar a sua humanidade. Assim, é possível perceber o crescente número de teólogos que pensam direta ou indiretamente o tema. Muitos deles não dispensam a ideia, porém procuram dar a ela uma interpretação considerando o caráter da humanidade e da historicidade de Jesus. A maior parte dos teólogos está consciente do

¹⁹³ MONDIN, Os grandes teólogos do século XX, p. 99.

distanciamento do dogma, face à Escritura, por um lado, e, por outro, igualmente face ao horizonte de compreensão atual do ser humano.

Karl Rahner, por exemplo, fala da necessidade de se repensar o tema da preexistência de Cristo para os nossos tempos: "A nova cristologia deverá tratar com mais precisão e cuidado da questão da preexistência de Cristo do que se tem feito até o momento." ¹⁹⁴ A necessidade da reaproximação da teologia cristã com a Sagrada Escritura para pensar os temas importantes da revelação deve contar com a possibilidade de uma nova leitura sobre os dogmas. Isso tendo em vista as novas formas de conhecimento do texto e da antropologia. É notório o progresso da teologia bíblica, o que terá repercussão sobre o modo de se pensar os princípios do dogma. É preciso, igualmente, reconsiderar os modos pelos quais a fé reconhece a vinda de Deus a nós e a doação que faz de si mesmo à humanidade. A vinda dele no homem Jesus, que vive uma humanidade semelhante à nossa. ¹⁹⁵

Eduard Schillebeeckx (1914-2009), teólogo católico belga, procura considerar a história de Jesus como ponto de partida para pensar a cristologia. Para ele, o tema da preexistência de Cristo é a evolução da comparação de Jesus com a Sabedoria. Mas essa comparação está ligada à lembrança da admiração que ele causava por sua fala carismática (Mc 6, 2-3). Para ele, o tema da preexistência de Cristo é a evolução da admiração que ele causava por sua fala carismática (Mc 6, 2-3). Para ele, o tema da pressa com a Sabedoria se dá mais tarde através do mito sapiencial preexistente. Para ele, o tema da pressa com paração está ligada à lembrança da admiração que ele causava por sua fala carismática (Mc 6, 2-3). Para ele, o tema da pressa com paração está ligada à lembrança da admiração que ele causava por sua fala carismática (Mc 6, 2-3). Para ele, o tema da pressa com paração está ligada à lembrança da admiração que ele causava por sua fala carismática (Mc 6, 2-3). Para ele, o tema da pressa com paração de Jesus com a Sabedoria estavá da mais tarde através do mito sapiencial preexistente. Para ele, o tema da pressa ele, o tema da pressa

Em relação ao título Filho do Homem, também utilizado para afirmar a preexistência de Cristo, o autor apresenta sua derivação da apocalíptica judaica. Segundo ele, faz parte da apocalíptica judaica, assim como era comum no oriente, a ideia de que tudo o que existe no mundo já teve uma existência anterior no céu e estava preparado, desde a criação do mundo, para acontecer. 199

A questão central é como ocorre a relação entre Deus e Jesus, de que modo Jesus é considerado Filho de Deus: por adoção ou por procedência ontológica? Schillebeeckx entende que a ressurreição faz com que Jesus seja reconhecido como verdadeiro Filho de

¹⁹⁴ RAHNER, Karl. Curso fundamental da fé. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1989, p. 358.

¹⁹⁵ RAHNER, Curso fundamental da fé, p. 258.

¹⁹⁶ SCHILLEBEECKX, Edward. Jesus a história de um vivente. São Paulo: Paulus, 2008, p. 258.

¹⁹⁷ SCHILLEBEECKX, Jesus a história de um vivente, p. 430.

¹⁹⁸ SCHILLEBEECKX, Jesus a história de um vivente, p. 432.

¹⁹⁹ SCHILLEBEECKX, Jesus a história de um vivente, p. 510.

Deus, e é um evento que torna a sua pessoa universal, pois diz respeito aos demais homens. Essa filiação deve ser compreendida dentro do contexto bíblico, como uma filiação davídica, cuja confirmação é a ressurreição. Esta representa a vitória de Jesus sobre os seus opositores, pela qual ele é entronizado à direita de Deus. ²⁰⁰ É pela ressurreição, segundo as Escrituras, que Jesus é exaltado como "Cristo e Senhor". ²⁰¹

As propostas de interpretação dos eventos narrados pela Sagrada Escritura, principalmente os do Evangelho e da tradição apostólica, têm em comum a tentativa de tornar o entendimento sobre a humanidade de Jesus coerente com a experiência humana. Esse esforço se traduz na busca de valorizar a sua história humana como ponto de partida para a cristologia, como lembra o teólogo católico Brendan Byrne. ²⁰² Isso visa, sobretudo, livrar do perigo negativo do mito qualquer concepção que possamos ter dele. Contudo, essa busca se depara sempre com a dificuldade de tornar inteligível a importância que lhe é atribuída pela fé, reconhecendo apenas a sua humanidade. Jesus deve ser reconhecido como um homem como os outros, contudo, esse reconhecimento deve apresentar o papel único e universal de sua pessoa.

Para Hans Küng (1928-2021), o objetivo da mensagem cristã é apresentar o significado que Jesus Cristo tem para o ser humano. Essa mensagem se depara com as dificuldades advindas do afastamento da concepção de sua pessoa como um ser humano comum. Küng sintetiza de certa forma o mal estar da cristologia contemporânea apresentando essas dificuldades e propondo partir de um pensamento marcadamente histórico, o que não estaria distante do modo como foi compreendido por seus primeiros discípulos. Propõe levar em consideração o verdadeiro homem Jesus, sua aparição na história, a realidade temporal, a sua mensagem, enfim: sua vida e destino. A cristologia é desafiada a pensar a pessoa de Cristo em meio a uma tensão constante entre a tradição e a renovação cultural da atualidade.

Na Europa, o cristianismo vive uma crise sem precedentes: se por um lado temos a crescente desconfiança das religiões tradicionais, entre elas o cristianismo, por outro temos grupos tradicionalistas que reivindicam, no caso da Igreja Católica, a volta ao espírito de cristandade. Joseph Moingt acompanhou, principalmente a partir da segunda metade do século XX, com suas publicações, as grandes transformações ocorridas dentro da Igreja, o

_

²⁰⁰ SCHILLEBEECKX, Jesus a história de um vivente, p. 510.

²⁰¹ SCHILLEBEECKX, Jesus a história de um vivente, p. 513.

BYRNE, Brendan. Christ's preexistence in Pauline soteriology. *Theological Studies*, v. 58, n. 2, p. 308-330, may,1997. DOI: 10.1177/004056399705800205; Date:May,1997. Disponível em: https://journals.sagepub.co/doi/10.1177/004056399705800205. Acesso em: 12 set. 2021, p. 308.

²⁰³ KÜNG, Hans. Ser Cristiano. 4ª ed. Madrid: Ediciones Cristandad, 1978, p. 163.

Concílio Vaticano II e as revoluções culturais. Estas últimas tendo como marco os acontecimentos em Paris, em maio de 1968, terão repercussão mundo afora, marcado pela difusão do pensamento existencialista.

Passamos agora ao estudo de sua cristologia onde está presente a sua proposta de repensar o dogma, e a nosso ver, como ponto nodal, o da preexistência de Cristo.

2.2 Joseph Moingt: Os desafios da Fé na Cultura Contemporânea

Joseph Moingt nasceu em 19 de novembro de 1915 em Salbris e faleceu em Paris no dia 28 de julho de 2020. Entrou para a Companhia de Jesus em 1938 e estudou Filosofia em Ville Francher-sur-Saône e Teologia em Lyon-Fourvière. Defendeu sua tese de doutorado em 1955 no Institut Catholique de Paris, sob a orientação de Jean Daniélou. Sua tese foi sobre a teologia trinitária de Tertuliano, tendo sido publicada em quatro grandes volumes, entre 1964 e 1969.²⁰⁴ Em seu pensamento teológico, principalmente a partir de 1993, com o seu livro *L'homme qui venait de Dieu*, propõe um novo método de reaproximação do dogma da Igreja, não mais por um caminho da metafísica do ser, mas pelo caminho de uma história teológica. Nós nos propomos a acompanhar seu pensamento focando o tema da preexistência. Em Moingt, encontramos uma proposta de renovação da teologia fundamental em sua linguagem e em seu método. É, nesse contexto de mudança, que iremos apresentar esse teólogo e sua proposta de passar do Tratado do Verbo Encarnado para a cristologia.

O "Tratado do Verbo Encarnado" não considerava importante se referir à morte e ressurreição de Cristo, nem procurar as bases escriturísticas da sua divindade ou filiação eterna. Limitava-se a ter como referência textos autorizados previamente, como a história do dogma, o ensino do Magistério e a Escolástica. Segundo nosso autor, todos esses conhecimentos não foram suficientes para responder suas dúvidas, o que ele percebia acontecer também com outras pessoas. Tal estado de coisas viria a se transformar com a abertura operada pelo Concílio Vaticano II, a partir do qual, mais do que comentar os ensinamentos da Igreja ou ensiná-los, ele passou a buscar seus fundamentos e explicá-los.

Os historiadores reconhecem que a década de 1960 foi um marco na transformação cultural, tanto que ficou conhecida como a década da revolução cultural. Suas mudanças se devem às grandes decepções da juventude em relação às instituições sociais, destacando-se as

O primeiro tomo, intitulado Théologie Trinitaire de Tertullien: Histoire, Doctrine, Méthodes, foi publicado em Paris, em 1964; o segundo, com o subtítulo Substantialité et Individualité, saiu em 1966; nesse mesmo ano foi publicado o terceiro, com o subtítulo Unité et Processions, repetido para o quarto tomo, publicado em 1969. Todas as edições foram publicadas pelas Éditions Aubier-Montaigne.

políticas e religiosas. O modo opressor com que impunham seu domínio e controle social, as normas de convívio social e os valores não correspondiam ao ideal juvenil de liberdade. O ano de 1968 é particularmente significativo na história da França porque foi marcado por grandes protestos e levantes de estudantes e da juventude, em geral, desse país. Em vários lugares do mundo se constatou, naquela década, o surgimento de movimentos *hippies*, enquanto a filosofia existencialista, que colocava dúvida sobre os determinismos, atingia seu auge. Essa filosofia questionava as visões de um determinismo *a priori* da realidade humana, onde o modo de existir deveria perseguir um dado prévio. Sartre conseguiu condensar em uma frase essa problemática, dizendo que "a existência precede a essência".²⁰⁵

Foi nesse contexto que Moingt foi transferido para Paris, onde assumiu o magistério de Cristologia. É interessante, ainda, ter presente as grandes transformações que aconteceram dentro da Igreja católica, tendo como marco o Concílio Vaticano II. Embora não tenha tratado de questões dogmáticas, o Concílio inovou pelo método de abordagem dos problemas contemporâneos, com um viés pastoral caracterizado pela abertura e diálogo com o mundo moderno. A nosso ver, ao citar o apelo que o Concílio fez aos teólogos, nosso autor está apresentando também uma das razões para seu trabalho de pesquisa.

A partir dessa abertura, apresenta alguns pontos metodológicos fundamentais de sua teologia: parece que adota uma atitude fenomenológica, caracterizada pela investigação constante dos principais temas teológicos. Além do método narrativo, a descrição dos eventos históricos da emergência da fé em Cristo, por exemplo, e o rumor que faz Jesus entrar para a história, ele revisita ao longo de sua obra determinados temas, trazendo novos elementos de compreensão. O próprio tema da preexistência de Cristo, problema marcante da ontoteologia, é constantemente retomado por ele. Na proposta fenomenológica da volta às coisas mesmas, pode-se considerar a retomada do Evangelho como ponto de partida da sua cristologia. Ele pretende examinar, a partir daí, o que se pode afirmar ou não, a respeito de Jesus. Apresenta essa atitude como sendo uma exigência da atualidade:

2.2.1 A teologia cristã em um contexto de mudança

O dogma da preexistência de Cristo é portador de um sentido importante para compreender o papel singular que Jesus desempenhou na história da salvação. Surge em um contexto dual, onde é preciso definir a sua origem, e a partir dela, a sua capacidade salvífica.

_

²⁰⁵ SARTRE, Jean Paul. *O existencialismo é um humanismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 9.

Para "o credível" (a credibilidade que se deseja para uma mensagem) de tal contexto, onde se difundiu a sua mensagem, sua veracidade dependia de sua identidade, e esta deveria ser buscada na sua divindade. 206 Sendo de origem terrena, essa capacidade estaria comprometida: não lhe seria possível salvar. 207 Ao contrário, se de origem divina e transcendente, a salvação estava garantida. ²⁰⁸ O contexto é o da linguagem da filosofia helenístico-platônica, que possuía, naquele universo cultural, a legitimidade discursiva requerida para atender as exigências de garantir a Cristo sua proeminência na história.

Para o teólogo bíblico Pierre Benoit (1906-1987), a preexistência de Cristo é uma ideia teológica que surge paulatinamente em uma caminhada de reflexão secular. ²⁰⁹ É a tomada de consciência da ligação singular entre Jesus e Deus, entre Filho e Pai, descoberta que se deu gradualmente a partir das considerações da Escritura e não por uma invenção da Igreja. 210 Tal interpretação procura respeitar a tradição primitiva, mas usando uma linguagem metafísica para se expressar. Como vimos no primeiro capítulo, a fé cristã procurou descobrir a preexistência de Jesus fazendo referência a categorias do Antigo e do Novo Testamento que hoje um ramo da nova Exegese afirma terem outro sentido. Concorreram ainda para esse pensamento os atributos divinos dados a Jesus.²¹¹

Quanto ao uso das Escrituras como base para as afirmações do dogma da preexistência de Jesus, sabemos que existem, de fato, passagens falando que os acontecimentos envolvendo Jesus não eram improvisados, mas previstos por Deus. Poderia ser levantada a questão se esse desígnio ou providência não serviria como alternativa à preexistência ontológica. A doutrina oficial da Igreja não considera essa hipótese. Existe uma preexistência nas promessas da vinda de alguém. Essa ideia é manifestada ora em uma figura misteriosa, vagamente identificada, e ora em uma figura importante, mas anônima, e ainda na figura do Emanuel ou na figura de um Cristo definitivo. Essas promessas foram feitas aos patriarcas e aos profetas, alimentando a expectativa do povo. Esse é o primeiro tipo de preexistência, alguém que não existe ainda, mas que virá no futuro.

²⁰⁶ Michel De Certeau propõe que uma crença só poderá surgir se houver uma base cultural que o permita. Ele chama essa base de "o credível" (apud MOINGT, O homem que vinha de Deus, p. 29). E Paul Tillich cita o pensamento de um padre que afirmava que "Quanto mais grandioso for o que afirmamos a respeito do Cristo, tanto maior a salvação que podemos esperar dele" (TILLICH, Teologia sistemática, p. 433).

²⁰⁷ Nesse contexto a salvação havia se tornado o ponto focal do anúncio do Evangelho, uma salvação transcendente.

²⁰⁸ KUSCHEL, Karl-Josef. Cristología y dialogo interreligiso. *Selecciones de Teología*, Barcelona, v. 31, n. 123, p.211-221, jul./sept. 1992, p. 218.

²⁰⁹ BENOIT, Pierre. Préexistence et Incarnation. *Revue Biblique*, Paris, v. 77, n. 1, p. 5-29, janv. 1970, p. 7.

²¹⁰ BENOIT, *Préexistence et Incarnation*, p. 8.

²¹¹ BENOIT, *Préexistence et Incarnation*, p.12.

Para Moingt, a preexistência possui uma importância na compreensão do papel que Jesus desempenha na criação e no modo como Deus, através dele, acolhe a humanidade. Esse contexto se estendeu a toda a teologia. A própria concepção de Deus como Trindade eterna surge dessa ideia. A preexistência se tornou a chave principal de interpretação da cristologia e da teologia. Se esse contexto antigo favoreceu deduzir as conclusões do dogma, a mudança de contexto jogou essas conclusões em crise na atualidade, distantes das narrativas bíblicas e também da concepção antropológica atual. Como vimos, o desafio é pensar a preexistência sem reduzir a humanidade de Jesus e, ao mesmo tempo reconhecer o seu papel protológico e escatológico.

A grande maioria dos teólogos está convencida de que a linguagem metafísica para falar da revelação e dos principais temas teológicos já não atrai a audiência de nossos contemporâneos. O seu discurso, aos olhos de muitos, aparenta mistificação e distanciamento da realidade. É um discurso que está longe de interagir com a experiência histórica comum aos seres humanos e os vocábulos utilizados são marcados por um hermetismo conceitual. O problema é identificado não apenas no campo da teologia, mas também no da linguística.²¹² Os vocábulos utilizados para falar do dogma e da preexistência foram fixados em um horizonte cultural distante do nosso e seu hermetismo os torna de difícil compreensão para o cristão comum de hoje.

O discurso teológico tradicional, para muitos, é um discurso que parte da especulação e está distante dos reais problemas que afligem a humanidade na atualidade. ²¹³ Por esse motivo, vêem a necessidade de abandonar a linguagem metafísica para falar de Jesus Cristo e de Deus, sem, contudo deixar de dialogar com a filosofia. ²¹⁴ Outra marca da cultura atual é o desejo de entender como se chega a determinada verdade, ou afirmação de fé, e não simplesmente ter a verdade já pronta. ²¹⁵

Por outro lado, temos um grupo de teólogos que afirmam ser impossível fazer uma teologia que abandone a linguagem metafísica. Se isso acontecesse, a teologia se tornaria simplesmente uma antropologia. ²¹⁶ Perderia aspectos importantes da revelação, como a concepção da Trindade eterna e outros temas que envolvem a pessoa e a missão de Jesus. É fato, porém, que essa linguagem tem suscitado muitas críticas na atualidade e levantado

_

²¹² CAMARGO, Maria Tereza. Vocabulário teológico: um vocabulário para-temporal? *Alfa, revista de linguística*. v. 10, 1966. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3281. Acesso em: 10 mar. 2020.

²¹³ WEGER, Karl-Heinz. Karl Rahner: Uma introdução ao pensamento teológico. São Paulo: Loyola, 1981, p. 9.

²¹⁴ PANNENBERG, Wolfhart. *Metafísica e ideia de Dios*. Madrid: Caparrós Editores, 1999, p. 11.

²¹⁵ MOINGT, O homem que vinha de Deus. p. 11.

²¹⁶ LAURET, Bernard; REFOULE, François. *Iniciación a la pratica de la teología*. Madrid: Ediciones Cristandad, 1984, p. 46.

dúvidas sobre o discurso cristão,como a sensação de alheamento da realidade e a suspeita do caráter mítico de suas afirmações. Isso se deve ao paradoxo que acompanha o discurso teológico. Embora não possamos nos distanciar de toda ontologia ao falar sobre Deus, pois ele não é acessível como as outras realidades, deve-se manter o discurso ligado à realidade através da qual o ser humano tem acesso a ele. O discurso da teologia clássica parte de princípios que não levam em consideração a realidade, mas a definição da filosofia do ser.

Para o nosso teólogo francês, Deus entra na história fazendo-se história, possibilitando-nos encontrar sua fala a partir da própria fala que ele suscita em nós. ²¹⁸ Nesse sentido, é preciso considerar a transcendência de Deus, mas essa transcendência é comunicada aos homens. A revelação coloca-se em contiguidade com a realidade criada, não em oposição a ela. Uma comunicação que não prescinde da experiência existencial do ser humano e da interpretação da mesma. É nesse contexto interativo que Deus suscita em nós a fé. A história vivida e refletida é o meio pelo qual podemos ter acesso à fala de Deus que se dá a conhecer. Moingt recorre à categoria filosófica de Merleau-Ponty, a dialética do visível e do invisível, ²¹⁹ na qual este se manifesta no visível pertencente à história do Homem que é a imagem do Deus invisível (Col 1,15).

Existe ainda o constante risco de idolatria ao falar de Deus. J. Moingt propõe vencer o perigo da idolatria apresentando o ser humano como lugar onde é possível encontrar e falar de Deus. Ele encontra a base dessa ideia a partir da leitura de Gênesis 1, 26: da imagem de Deus refletida no homem, podemos falar de Deus sem que essa fala seja idolátrica. Apresenta em Jesus essa humanidade plena, de modo que ele é, no paradoxo da cruz, a revelação plena da humanidade de Deus. Nesse sentido, em Jesus Cristo a cristologia se torna uma teologia. O modo de viver e de agir de Jesus revela Deus (2 Cor 4, 3-6). Por outro lado, para Moingt a história de Deus não começa com a história de Jesus, mas é anterior, como encontramos na Sagrada Escritura e se processa lentamente, convergindo toda ela para a pessoa de Jesus, já presente no desígnio de Deus. 223

²¹⁷ AMATO, Angelo. Encarnación de Cristo. Reflexiones dogmáticas. In: VV. AA. Semanas de Estudios Trinitários XXXII Encarnación Redentora. Salamanca: Ediciones Secretariado Trinitario, 1999, p. 87-115, p. 91.

²¹⁸ MOINGT, O homem que vinha de Deus, p. 284.

²¹⁹ MOINGT, Joseph. *Deus que vem ao homem*, v. II, Aparição, p. 27-28.

MOINGT, Joseph. Imagens, ícones e ídolos de Deus: a questão da verdade na Teologia Cristã. *Concilium*. Petrópolis, v. 298, n. 1, p. 139-148, 2000, p. 142.

²²¹ MOINGT, *O homem que vinha de Deus*, p. 512.

²²² MOINGT, O homem que vinha de Deus, p. 549.

²²³ MOINGT, O homem que vinha de Deus, p. 77.

É mediante a história que temos acesso à fé que Deus suscita em nós, e ainda aquela que nos chega mediada pela tradição. Contudo, nessa linha poderia ser feita a crítica de que a história não abrange todas as coisas e não dá acesso ao mistério dos mistérios. A Deus mesmo a história não daria acesso, de modo que a Trindade imanente não seria conhecida como tal. Existiria uma reserva da Trindade que a história não comportaria.²²⁴ Reconhecer os limites do conhecimento pela história é uma postura verdadeira, pois se deve considerar que o conhecimento humano é limitado, não conseguimos solucionar todas as questões. No entanto, a história é sinal de vida, de movimento e mesmo é preciso considerar que em Deus temos uma história. Deus é vivo e de algum modo se "move": cria, faz aliança, suscita pessoas para que colaborem com ele, "trabalha sempre". ²²⁵

A linguagem sobre Deus é uma linguagem fundamental para quem crê e experimenta a dimensão existencial desse ato. A linguagem da ciência e da metafísica possui limite maior para falar de Deus, uma vez que essa fala não parte de ponto empírico ou de conceitos. Impulsionada por esses limites a teologia procurou retornar às Escrituras e à história para falar de Deus. Como vimos, o acesso a Deus se dá sempre pela mediação da revelação que ele faz de si na história, não é como os objetos que estão à mão da ciência. Tampouco é possível ter acesso a essa fala fugindo do mundo, desconectado dos acontecimentos que inspiram em nós o reconhecimento de sua presença. Portanto, existe uma "materialidade" histórica a partir da qual temos acesso a suas mediações.

Como respostas a essas dificuldades abriram-se novas perspectivas que têm sido o trabalho dos teólogos dos últimos três séculos, período em que o discurso cristão passou por inúmeras transformações em seu método e em sua linguagem. A causa foi o seu embate com as novas filosofias e as ciências surgidas na modernidade e contemporaneidade. O conhecimento atual é marcado por uma postura crítica e investigativa, atitude que vem sendo assumida igualmente no campo da teologia. Como vimos, isso não significa a pretensão de ter acesso a uma certeza para a fé, mas sim reconhecer que a fé não nos impõe absurdos, embora utilize da linguagem comum para falar de seus conteúdos.²²⁶

²²⁴ FORTE, Bruno. *A Trindade como história*. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 19. A Trindade imanente não é idêntica a Trindade Econômica. Salvaguarda assim a sua transcendência, o perigo de reduzi-la a história.

_

²²⁵ MOINGT, *O homem que vinha de Deus*, p. 501. Moingt cita Paul Tillich, para quem Deus é um vivo, e o dinamismo da vida introduz em Deus uma certa temporalidade, de distribuição de sua existência segundo os três momentos das temporalidades.

²²⁶ LAURET, Bernard; REFOULE, François. *Iniciación a la pratica de la teología*. Madrid: Ediciones Cristandad, 1984, p. 33.

O modo como acreditamos e fazemos nossa experiência de fé está ligado à forma como compreendemos o mundo à nossa volta e o modo como o expressamos.²²⁷ O processo de fazer a fé dialogar com o horizonte cultural no qual é anunciada é ainda um esforço que marca a reflexão teológica.²²⁸ O que tem a fé a ver com o ser humano, com a sua vida e experiência? A história narrada nas Escrituras nos remete a esse "a ver": Deus se revela fazendo aliança salvífica com um povo nômade e se interessa por entrar em relação com ele. Mediante a fé, esse povo entende que Deus é o Deus que salva o povo. Para Moingt, Deus é o Deus que se aproxima, dando-se a conhecer.

Para muitos teólogos da América Latina, Deus, em seu mistério²²⁹ e em seu amor, é aquele que vem a nós e se identifica com o pobre, como o apresenta a melhor tradição bíblica (Ex 3, 7-8).

Muitos procuram solucionar essa questão, entre a teologia clássica de cunho metafísico e o novo horizonte cultural tendo presente aquilo que pode ser dito e entendido na atualidade a partir dos textos bíblicos. Alguns teólogos falam de uma "virada hermenêutica" da teologia, onde ela assume uma postura de caráter compreensivo à luz da revelação e da fé. ²³⁰ Tal é, a nosso ver, a postura de Joseph Moingt. Ele lida com os materiais e temas da revelação e da tradição com uma postura hermenêutica e fenomenológica. O esforço teológico de nosso autor é marcado por um novo método, com características descritivas e fenomenológicas. Recebe a tradição interpretando-a diante da razão e da interrogação da cultura atual. Procura, através da narração, apresentar o que pode ser crível e dizível para o contexto atual.

2.2.2 Uma proposta teológica

A reflexão de Joseph Moingt representa um passo importante para a cristologia, tanto pelo método utilizado, como pela capacidade especulativa e novidade. Ele coloca-se aberto aos questionamentos, às propostas para repensar os temas tradicionais do cristianismo de

²²⁷ PANNENBERG, Wolfhart. Fé e Realidade. São Paulo: Novo Século, 2004, p. 10.

²²⁸ SESBOÜÉ, Bernard. De la rumeur de Jésus à géneration du Verbo: Du nouveau en Christologie. *Recherches de Science Religieuse*. Paris, v. 82, n. 1, p. 87-102, janv/mars. 1994. Uma característica deste "movimento", não formalizado, é o ecumenismo. Existe uma interação maior entre os teólogos pertencentes as diversas Igreias cristãs.

²²⁹ SOBRINO, Jon. Epílogo. In: VIGIL, José Maria. *Descer da Cruz os Pobres*: Cristologia da Libertação. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 345-357.

²³⁰ O teólogo católico francês Claude Geffré (1926-2017) chama a atenção para essa condição atual da teologia. Faz uma distinção entre o método de fazer teologia segundo o método dogmático e a diferença segundo um método hermenêutico (GEFFRÉ, Claude. Crer e interpretar: A virada hermenêutica da teologia. Petrópolis: Vozes, 2004).

modo diverso, valendo-se das descobertas exegéticas e hermenêuticas atuais, que têm levantado questões e problemas para as interpretações clássicas, em relação a sua coerência com o nosso horizonte cultural. Percebemos que tal abertura significa, para Moingt, a intenção de apresentar a si mesmo e aos demais a razoabilidade da fé cristã. Em seu trabalho, não deixa de chamar a atenção para a esperança escatológica cristã, que não tem a função de tirar do ser humano a responsabilidade pelo presente, mas de dar a esta uma dimensão de fecundidade cristã.

Tendo apresentado os fatos e os problemas que giram em torno da ideia de preexistência de Cristo, apresentaremos agora o pensamento de Joseph Moingt sobre o assunto e sua proposta de solução. O tema de nossa pesquisa é recorrente em sua obra. Ele procura repensar a questão da preexistência de Cristo, apresentando a pertinência do histórico para pensar a revelação. É uma reflexão que marca uma visão de mundo e um modo de conceber o agir cristão. Embora Deus não se confunda com a realidade, ele a fundamenta. Faz surgir pessoas que colaborem com ele em seu projeto salvífico.

A consciência da co-responsabilidade pela salvação na história em colaboração com Deus marca seu pensamento. Poderia ser essa uma ponte entre sua teologia européia e um dos imperativos da teologia na América Latina. A teologia não pode ser alheia à história e ao drama humano vivido em diversas instâncias. Daí, a tarefa para a cristologia, no pensamento de muitos teólogos, de pensar a humanidade de Jesus, ou ainda, a humanidade de Deus que se aproxima de nós em seu Filho.

A partir de 1993, Joseph Moingt dá início à sua mais importante obra, o livro *O homem que vinha de Deus*, ²³¹ onde procura desenvolver, de modo sistemático, um diálogo com a tradição teológica e com a teologia contemporânea, formulando suas perguntas e propondo um método de reencontro com as grandes intuições do cristianismo, seus dogmas e doutrinas, pelo caminho da história. É um projeto cristológico e teológico que valoriza a história e a experiência humanas como meios de acesso à revelação e à fé. Inicia, assim, uma investigação que apresenta as dificuldades de uma cristologia baseada em um discurso conceitual e ontológico.

Propõe, como alternativa, um discurso que valoriza a narrativa e a simplicidade do Evangelho e o seu encontro com o nosso horizonte cultural. Apresenta o contexto de mudanças na cristologia, através do método narrativo, com cuidadosa descrição. Diz o modo como surge o discurso sobre Jesus, em um "rumor" que o faz entrar para a história. Trabalha o

²³¹ MOINGT, Joseph. L'homme qui venait de Dieu. Paris: Cerf, 1993.

distanciamento da história ocorrido no discurso cristão por conta da elaboração de conceitos metafísicos, bem como a desconstrução desse discurso na modernidade crítica e a tentativa de sua reconstrução em outras bases. Por fim, apresenta sua proposta teológica, com um método que valoriza a história, considerando o dizível e o credível, revisitando a tradição e os dogmas.

Em outra obra, intitulada *Deus que vem ao homem*, publicada em três volumes, ²³² nosso autor dá continuidade a sua pesquisa, aprofundando alguns temas da obra anterior e respondendo a algumas questões que surgiram com as críticas recebidas e os mal-entendidos. No primeiro volume, com o subtítulo *Do luto à revelação de Deus*, ele trata do "eclipse" do nome de Deus na modernidade, identificado por muitos como "a morte de Deus". Em diálogo com a filosofía, analisa as causas dessa "morte" e apresenta o esforço da teologia para responder às interrogações vindas da modernidade. Considera necessário admitir a razão da modernidade ao recusar certo tipo de discurso sobre Deus. É o momento de perceber que a morte de Deus se dá mais pelo discurso que proferimos sobre ele, logo, precisamos buscar um novo modo de falar de Deus. O teólogo francês propõe, então, o retorno ao Evangelho para escutar e perceber o modo como Deus se revela em Jesus de Nazaré e em sua história. Observa que essa revelação se dá mais pela atitude de Jesus chamar a atenção das pessoas para Deus e para o seu Reino do que falar de si mesmo e de sua identidade. Deus se revela em Jesus trinitariamente e toma o ser humano como seu interlocutor, oferecendo sua comunhão e revelando-se a "favor" do homem.

Joseph Moingt faz parte de um número considerável de teólogos que desde muitos anos não têm poupado esforços para fazer dialogar a fé e o horizonte cultural da modernidade e pós-modernidade. Como esses outros teólogos, ele abriu caminho deixando suas marcas na teologia. No espírito da *Nouvelle Theologie*, que propagava a volta às fontes do cristianismo para dialogar com o presente, recusando o método da teologia escolástica, ele defendeu sua tese sobre a teologia da Trindade em Tertuliano. Ao se aproximar da construção do discurso cristão a partir de Tertuliano, descobriu o quanto esse discurso se afastou da simplicidade dos evangelhos e tornou-se complexo, marcado por uma construção metafísica distante da história.²³³

²³² Em francês: Dieu qui vient à l'homme. Cada volume recebeu seu próprio subtítulo: Du deuil au dévoilement de Dieu (2002), De l'apparition à la naissance de Dieu - 1. Apparition (2005) e De l'apparition à la naissance de Dieu - 2. Naissance (2008), todospublicados pelas Éditions du Cerf (Paris).

²³³ Para Moingt, existe um desacordo entre a pregação de Jesus e a pregação da Igreja. Esta se liga à identidade da pessoa de Jesus, enquanto aquela diz respeito ao Evangelho e ao Reino de Deus (Cf. MOINGT, Joseph. Desacordo entre a pregação de Jesus e a da Igreja. Entrevista. *IHU*, São Leopoldo, ed. 248, p. 41, dez. 2007. Disponível em: https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/1582-joseph-moingt . Acesso em: 03 jun. 2021.

As questões que ele levanta possuem uma pessoalidade crítica: quase sempre escreve em primeira pessoa, desde sua experiência pessoal da dúvida, apesar de se referir ao bem comum da revelação, procurando responder às perguntas que surgiam em seu próprio espírito. Porém, percebeu também que essas questões são comuns e levantadas por outras pessoas. Sua reflexão teológica mostra-o atento aos problemas do mundo atual. Eles o impulsionam a uma atitude pastoral de solidariedade com a consciência crítica do homem contemporâneo. Seu modo de abordar os problemas faz com que ele não fuja das questões mais difíceis da teologia. Confessa ser um homem de fé e procura examinar aquilo em que acredita com os elementos da cultura. Seu intento é mostrar a plausibilidade, racionalidade e credibilidade do cristianismo, entendendo que a fé cristã é portadora de valores importantes para a nossa humanidade.

Reavalia, então, a teologia anterior utilizando o método narrativo e fenomenológico, apresentando as dificuldades e as aporias que suscitaram as críticas da modernidade à fé cristã. O objetivo é construir um novo caminho que considere o nosso horizonte cultural. É um método que não se contrapõe ao modo como se deu a revelação e como ela permaneceu pertinente à experiência humana em todos os tempos.

Enfatiza, ainda, o aspecto crítico necessário à teologia para superar os métodos que dão a ilusão de certeza inquestionável às proposições de fé, a qual não é da ordem da certeza ou do conhecimento positivo, mesmo que, por outro lado, as verdades da fé não se deixem apanhar ou ser captadas na irracionalidade. Propõe, então, crer com uma atitude de constante interrogação, não para renunciar à fé, mas interrogar o que se acredita, para crer com maior clareza, sem obscurantismo.

Assim sendo, ele se vê na necessária atitude de aceitar o modo como se apresentam para a nossa experiência as mediações da fé. Opõe-se aos postulados de Kierkegaard de que crer é aderir ao absurdo e de crer "porque é absurdo". A revelação não "cai do céu" como um desafio à inteligência humana, mas emerge da própria história no convite que Deus faz ao homem de perceber sua presença. Nesse sentido, o homem é, ao mesmo tempo, o lugar e o intérprete, hermeneuta da revelação. A fé não é desprovida de razão ou falta de inteligência ou sabedoria. Moingt faz seu itinerário teológico através de uma teologia narrativa, com vasta produção bibliográfica. Seu método não depõe a Tradição pedida pelos teólogos da *Nouvelle Theologie*, que impulsionou o ressurgimento do estudo dos Padres da Igreja e o retorno às Sagrada Escrituras.

²³⁴ A fé como paradoxo, o "*credo quia absurdum*" (creio porque é absurdo). Ver GOUVÊA, Ricardo Quadros. *A paixão pelo paradoxo:* uma introdução a Kierkegaard. São Paulo: Fonte Editorial, 2006, p. 145.

Propõe essa volta para considerar os dogmas, não mais a partir da linguagem de sua definição conceitual e dedutiva, mas pelos caminhos da história. Não se trata da história no sentido positivo, mas daquela que se deixa narrar, precisamente para escutar o que é dito e perceber, na força argumentativa da narrativa, a presença do Outro, de Deus que vem a nós pela fala que proferimos sobre ele, e que ele mesmo suscita em nós. Essa volta à "fala" dos evangelhos não é simplesmente para escutar o passado em detrimento do presente, mas tem a tarefa de situar o passado em vista do presente, pelo fato de que o anúncio da esperança cristã nos alcança no horizonte cultural no qual deve fazer sentido.

2.2.3 Do tratado do Verbo e a Cristologia

O diálogo entre fé e ciência a serviço do discurso cristão. A cristologia surge como uma nova postura investigativa sobre a pessoa e a mensagem de Jesus. Diferencia-se do antigo Tratado do Verbo Encarnado pela postura crítica e acesso a uma série de objetos de pesquisa e de modos de abordagem relacionadas a Jesus Cristo. Nesse sentido, a cristologia vê-se valorizada em uma ampla possibilidade de investigação. Ocorre a passagem de uma atitude receptiva, formulado pelo dogma e discursos já prontos para uma atitude investigativa. Isso fez com que a cristologia adquirisse maior liberdade para constatar, em diversos lugares teológicos e dados da cultura, o fundamento de seu discurso. Com a cristologia, vários temas foram revisitados levantando novas questões que marcam a nossa contemporaneidade.

Joseph Moingt propõe ainda, como resposta aos desafios de repensar a cristologia, o diálogo constante da teologia com as diversas instâncias da cultura. Para ele, a teologia deve levar em consideração o desenvolvimento do conhecimento e os problemas enfrentados pelo homem contemporâneo, oferecendo sua proposta de sentido e o seu serviço de solidariedade, a cristologia precisa passar por uma refundamentação:

A refundamentação da cristologia não pode ser feita somente no interior do discurso teológico, nem da Bíblia, nem da tradição, nem da interconexão desses 'lugares teológicos' sob a perspectiva da fé. A relação da fé com a cultura do tempo e com o estado histórico da sociedade também é um 'lugar teológico', fundamental mesmo, pois condiciona a inteligibilidade da fé. Grandes mudanças ocorreram desses dois pontos de vista. O teólogo que quer, na linha da pregação dos apóstolos, anunciar Jesus Cristo ao nosso mundo deve levá-las em conta em sua reflexão cristológica. Não é uma simples questão apologética de credibilidade; é uma questão de verdade,

-

²³⁵ MOINGT, O homem que vinha de Deus, p. 9.

²³⁶ A Teologia cristã tem dialogado com outras ciências e utilizado de seus saberes em benefício de sua reflexão,. atitude que amplia e fortalece criticamente sua especificidade. A história, a antropologia, a psicologia e as ciências do texto são exemplos desse diálogo.

pois a verdade cristã não é independente da verdade humana que se realiza no tempo. 237

Deve-se buscar seu objeto essencial anunciando a fé no seio da cultura. É uma narrativa que reconhece o aspecto hermenêutico da cristologia. Ele propõe para a teologia sistemática a aproximação entre dogmática e exegese bíblica, ²³⁸ considerando também o núcleo histórico do evento e os vínculos que esses eventos estabelecem conosco. Não caindo, porém na tentação de querer dar à fé uma certeza histórica, como no caso da redução da teologia liberal.

Como resposta a essa redução, surge a teologia dialética que considera a necessidade de se dar importância à Palavra de Deus. Essa importância, por outro lado, não deu o devido valor à história como ponto de partida para pensar a fé. Entretanto, percebe-se o esforço dos representantes desse movimento para distanciar o discurso da fé, da chamada helenização da fé. Outros movimentos de vanguarda surgem ainda dentro do cristianismo católico, os quais se viram acelerados com o acontecimento do Concílio Pastoral do Vaticano II (1962-1965). Já no início do século XX, na França, encontramos movimentos de vanguarda católicos que deram à Igreja nomes que irão influir decisivamente em sua abertura para dialogar com a cultura moderna. Joseph Moingt coloca-se nessa linha de volta às raízes da tradição da Igreja, superando a teologia escolástica ou oferecendo uma alternativa, considerando as filosofias contemporâneas.

A ideia da preexistência de Cristo, depois sua afirmação no dogma, surge no contexto em que a centralidade de sua pessoa para a história da salvação estava sendo colocada em dúvida. Por um lado, os judeus hebionitas viam no tratamento dado a Jesus pelos cristãos algo devido somente a Deus, e por outro, os de cultura pagã, consideravam as grandes figuras da história como homens deuses e Jesus seria mais um dentre eles. A reação foi oferecer à concepção de Jesus os elementos que fariam reconhecer nele o que viam como pretensão da Sagrada Escritura e da tradição apostólica.

O dogma da preexistência real pretende mostrar que Cristo Jesus não depende do tempo ou do espaço para existir e, com isso, ele é eximido da vulnerabilidade da história. O acento dado a sua divindade, por outro lado, colocou em risco o reconhecimento de sua humanidade, o que fez surgir igualmente uma doutrina para garantir essa sua condição. A

_

²³⁷ MOINGT, O homem que vinha de Deus, p. 230.

²³⁸ MOINGT, Joseph. Fin de la théologie? Relecture d'un intinéraire. *Revue théologique de Louvain*, v. 39, n. 4, p. 465-475. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/thlou/0080-2654/2008/num/39/4/3712. Acesso em: 15 out. 2020.

necessidade de conciliar, na mesma, pessoa realidades tão diferentes é que fez o dogma evoluir.

Na modernidade, principalmente a partir do iluminismo, surgem muitos pensadores que colocaram em cheque o pensamento sobre essa dualidade. A visão de ser humano na atualidade, a constituição de sua identidade, é marcada por um conjunto de fatores de caráter incontornável, seja do ponto de vista biológico, seja do ponto de vista histórico e existencial. Por isso, o movimento de renovação da cristologia vem procurando apresentar a importância de Jesus, sem com isso diminuir a sua humanidade.

Como vimos, a dualidade ontológica sobre sua pessoa traz dificuldade para se pensar a sua unidade. Nesse sentido, é sintomática a divisão ocorrida no século XVIII entre o Jesus da história e o Cristo da fé. Por mais que se queira ver essa diferença nos textos do Novo Testamento, a diferença das duas "personagens", uma segundo a humanidade e outra segundo a divindade, tem origem no dogma. Nas narrativas, vemos o homem Jesus, em uma relação singular com Deus e com os outros seres humanos.

Nos evangelhos, temos a narrativa de alguém que, vivendo tal existência humana, foi reconhecido como Filho de Deus por sua morte e ressurreição. O problema dessa dualidade ontológica repercute não apenas na abordagem da teologia, mas ainda na vida e na prática cristãs. Esse modo de pensar traz problemas para o seguimento de sua pessoa. A espiritualidade cristã se ressente da distância entre o que experimentamos no dia a dia e aquilo que idealizamos de Jesus. Poderíamos perguntar se não estaria nesse distanciamento, entre o Cristo da fé e o Jesus da história, o modo como idealizamos a vida cristã e a forma como é possível colocá-la em prática.

A unilateralidade ocorre quase sempre supervalorizando o Cristo divino e glorioso em detrimento de sua humanidade, tendência que revelaria, de certa forma, o medo de diminuir ou ver minimizado a grandeza de sua pessoa. As afirmações feitas pelo dogma sobre Jesus revelam o difícil diálogo com a cultura contemporânea. Como vimos, conservar a visão do passado, para muitos, demandaria fazer violência ao conhecimento adquirido pela antropologia, psicologia e história. Em resposta a esse distanciamento, muitos classificam a fé cristã como crenças folclóricas ou mitos edificantes. À cristologia cabe, portanto, a tarefa de pensar o sentido profundo do dogma e recuperar a verdade que quis proferir na linguagem de sua época, tentando traduzi-la para a atualidade, na linguagem de hoje.

A necessidade de adaptar ou transmitir com uma linguagem própria de nosso horizonte cultural o sentido do dogma e sua verdade é algo reconhecido pela Igreja. ²³⁹ É possível, em nosso horizonte, repensar o dogma da preexistência de Cristo considerando a sua singularidade e universalidade. Nesse contexto, a maior parte dos teólogos do movimento de renovação da teologia percebeu que, embora a teologia não possa dispensar a ajuda da filosofia, não convém mais utilizar a filosofia do "ser". ²⁴⁰ Um dos motivos é a oposição que essa filosofia comporta entre o mundo fenomênico e o mundo estático e imutável do "ser". Ainda outro motivo é seu distanciamento da história e da linguagem bíblica.

Não se pode negar a transcendência de Deus ou sua distinção em relação a todas as coisas, mas isso não implica encontrar em Deus uma situação semelhante à do ser da filosofia. Uma cristologia que parte do "ser" o coloca distante de nossa humanidade e sua existência no mundo fica sem maiores consequências ontológicas para a sua pessoa. Nessa perspectiva, o modo de entendermos a pessoa de Jesus distancia-o de nós, prejudicando a possibilidade de nos relacionarmos com ele. O ser humano atual poderia perguntar sobre o que Jesus tem a ver conosco.

A tendência atual é desmistificar o mundo e os seus fenômenos procurando entender a realidade a partir daquilo que ele nos apresenta de si. No campo da teologia, tal processo de secularização tem sido deplorado por muitos, atitude que revela um inconformismo com a realidade ou uma rejeição da história e que é criticada porque o ser humano tem buscado entender sua existência por caminhos distantes do mundo.

Entender a existência a partir da realidade não significa uma recusa de Deus e de sua presença, mas compreender como ele se aproxima de nós valendo-se dessa mesma realidade. É a partir dessa realidade que foi suscitada a fé ao longo das narrativas da Sagrada Escritura. A secularidade revela uma perda, talvez uma ilusão, contudo, abre um caminho para um verdadeiro encontro da presença de Deus no mundo.

Nossa hipótese é que, para Joseph Moingt, o questionamento do dogma, como foi expresso anteriormente, faz surgir uma nova via. Se for possível chegar a Deus pela história, isso implica o modo e a mediação pela qual ele vem até nós. Na nossa percepção, o teólogo francês considera essa revelação presente no humano, como uma escrita ou narrativa que possibilita acessar a presença e a revelação de Deus: "uma revelação que surge da densidade da história." ²⁴¹ Esse caminho é apto para responder ao modo como é possível acessar o

²³⁹ MOINGT, O homem que vinha de Deus, p.11.

²⁴⁰ MOINGT, O homem que vinha de Deus, p. 83.

²⁴¹ MOINGT, O homem que vinha de Deus, p.88.

dogma da preexistência de Cristo pela via da história. A fala que Deus profere de si aos homens passa pela revelação que ele faz de si em sua humanidade presente em Jesus, pela relação que ele estabelece com este. É o que pressupomos como resposta a nossa tese.

A humanidade de Jesus é a transparência da imagem de Deus que, de certa forma e de modo imperfeito, todo ser humano carrega, o que o possibilita tornar Deus presente no mundo. Por isso a sacralidade do ser humano e o humanismo cristão. A história humana como sendo a história de Deus, forma o elo entre sua vinda no homem Jesus e a encarnação, que se dá no ato mesmo de criar e de vir constantemente aos homens. Pensamos que para Moingt é por esse meio que a encarnação tem um prolongamento na história, no corpo de Cristo que é a Igreja, de modo especial, mas também no mundo. A encarnação é um acontecimento trinitário, no modo de chamar o mundo à existência em vista do Filho e na própria relação entre o Filho e o mundo antes de sua vinda, como homem, na história e após sua vinda.

A encarnação é uma prolongação da escrita de Deus no mundo, pelos vínculos que ele estabelece com a criação e com o ser humano através de Jesus Cristo. Acreditamos que Joseph Moingt se inspira em Emmanuel Levinas, quando fala da "exterioridade ou da transcendência no rosto do outro" ou dos traços do eterno no homem. Próximo da ideia de "teografía" no pensamento de Ulpiano Vázquez, ampliada a toda a criação. A Nosso pensamento tem a ver com o título de sua trilogia: Deus que vem ao homem e nele, Jesus, vem a todos os homens. O acesso a Deus se dá pela criação, mas também pela mediação do homem que não mistifica essa realidade. O caminho da cristologia proposta por Moingt é uma alternativa ao Tratado do Verbo Encarnado, a nosso ver, pois considera a humanidade de Jesus e, nela, a transparência da presença de Deus. Com ele ocorre a plenitude da revelação que joga luz sobre todos os modos como Deus fala aos seres humanos.

Joseph Moingt considera a Tradição como caminho de reconhecimento da importância de Jesus na história da salvação, como Filho de Deus e nosso irmão. De fato, o acontecimento Jesus produziu a força transformadora da história cujos influxos permanecem ainda hoje. Jesus atrai as pessoas mais por sua vida e ensinamentos do que pelos dogmas e definições sobre sua pessoa. Isso não ocupa o primeiro lugar na adesão a ele. Os especialistas reconhecem que os vínculos de solidariedade e compaixão manifestadas por ele aos mais frágeis da sociedade de seu tempo, ainda hoje fazem surgir nas pessoas o sentimento de

²⁴³ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70, 1980, p. 12.

²⁴² MOINGT, O homem que vinha de Deus, p.94.

²⁴⁴ VÁZQUEZ, Ulpiano. *A orientação Espiritual*: Mistagogia e Teografia. São Paulo: Loyola, 2001, p. 10.

afeição e simpatia por ele. Esse modo de ser de Jesus não fica estacionado nos seus atos de bondade, mas, ao contrário, sua solidariedade funda uma fé e uma esperança. O modo como revela Deus faz suscitar a fé, o amor e compromisso com Deus e o seu projeto. Na pessoa de Cristo Jesus e em sua relação com Deus, abrem-se, segundo a tradição bíblica, o caminho de uma humanidade renovada e a esperança da ressurreição, que fecundam um estilo de viver e agir.

A transformação que ocorreu a partir do século II no discurso do cristianismo sobre Jesus deu início a uma tradição que terminou por distanciar sua pessoa do mundo e da história, embora não recuse sua encarnação e humanidade. Razão disso foi a necessidade de responder aos questionamentos que eram dirigidos à fé cristã naquele horizonte. A busca de coerência com os princípios estabelecidos dogmaticamente nos concílios anteriores fez surgir um discurso sempre mais complexo, sobre a relação entre Jesus e Deus.

Essas definições influenciaram a teologia e configuraram o modo como os cristãos prestavam culto a Deus. Aliás, esse culto sempre esteve associado ao modo como os cristãos entendiam a pessoa de Cristo e se relacionavam com ele, mas não deixou de receber a influência do contexto cultural no qual o Evangelho foi difundido. Pode-se dizer que a cristologia e o dogma são devedores, em muito, desses contextos. Exemplo disso é a difusão da ideia de que a salvação não pode depender em nada deste mundo. Para que ele seja salvo, essa salvação deve vir de fora.

O pensamento, herdado do gnosticismo e depois adotado na visão doceta, de que pesa sobre o mundo e a matéria uma negatividade, aparece muito cedo no cristianismo, podendo ser encontrado já nos escritos de João, que combatem a ameaça que essa ideia representava para a concepção da humanidade de Jesus Cristo, por afirmar que ele não veio na carne (1Jo 4, 2). Esse modo de pensar tornou-se uma constante ameaça ao cristianismo ao longo da história. De certa forma, essa ideia assumiu nova configuração na afirmação de que Jesus Cristo é homem, mas, antes de sua encarnação, desde sempre, na eternidade, ele era Deus. O dogma, portanto, não dá a razão unicamente à divindade de Cristo, pois, de certo modo, é limitado pelos textos sagrados, que insistem na afirmação de sua humanidade.

Para que o dogma não perca o seu valor é preciso reinterpretá-lo considerando a experiência humana atual e, com isso, o seu horizonte de compreensão. Nesse sentido, Moingt se pergunta o que, de verdade, é afirmado na tradição cristã e que deve ser considerado como fundamental em todos os tempos. A resposta a essa questão faz surgir o núcleo fundamental da fé, a partir do qual ele constrói sua cristologia. Pontua que será preciso, a partir da interpretação do Evangelho, considerar a pessoa de Jesus como consubstancial aos homens,

pois foi sobre essa humanidade, em sua relação com Deus, que Jesus construiu a sua identidade. Desse modo, considera a sua unidade e não a dualidade de natureza afirmada pelo dogma. Reconhecer Jesus como Palavra de Deus, Verbo de Deus, não implica afirmar que exista nele dualidade. Jesus é o Filho de Deus, como atesta a sua entrega generosa, a projeção que faz de si mesmo no Pai, um projetar que segundo Joseph Moingt abre caminho para uma nova criação beneficiando seus irmãos, a humanidade.²⁴⁵

Para o teólogo francês, a cruz é lugar de revelação. Nela se manifesta a lógica do amor de Deus, o seu "ser" para nós, dele e do Filho. É momento que irrompe o dom do Espírito para a Igreja, tornando-a o Corpo de Cristo presente na história. O desenvolvimento dessa ideia presente em sua cristologia nos permite entrever a ideia de preexistência de Cristo, como parte de seu desígnio sobre a encarnação, a criação e a história. Em nossa hipótese, ele pretende apresentar essa ideia pelo caminho da história de Jesus com Deus. Antes, porém, de desenvolvermos essa ideia, é preciso considerar algumas dificuldades.

2.2.4 Joseph Moingt e a preexistência de Cristo

Como já afirmamos, a discussão sobre o dogma da preexistência de Cristo é matéria recorrente nos Escritos de Joseph Moingt. O motivo é que a ideia se tornou ponto nodal do pensamento teológico e cristológico, ²⁴⁶ embora seja considerado por ele como "conceito de transição" até que se chegasse às afirmações que se tornaram ponto de referência para o discurso cristão, a saber: a questão da Encarnação, da Trindade e da divindade e co-eternidade de Cristo com Deus. ²⁴⁷ Para ele, essa ideia não está explícita no Novo Testamento, contudo pode ser intuída a sua presença em algumas passagens. ²⁴⁸ E ainda, ela começa a fazer parte explicitamente do discurso cristão com o filósofo Justino de Roma, comparando Jesus com o *Logos* da filosofia. ²⁴⁹

Justino foi o primeiro a introduzir no discurso cristão as categorias da filosofia grega, desenvolvendo a doutrina do Filho-Logos e Deus-Pai. Em suas obras Apologia e Diálogo com Trifão irá desenvolver uma reflexão sobre a preexistência de Cristo e sua origem em Deus, como Filho: "Jesus Cristo é propriamente o único Filho nascido de Deus, como seu Verbo, seu Primogênito e sua Potência. Feito homem pelo seu desígnio, ele nos ensinou essas

²⁴⁵ MOINGT, O homem que vinha de Deus, p. 523.

²⁴⁶ MOINGT, *O homem que vinha de Deus*, p. 67. De uma afirmação simples passa-se a uma afirmação nodal para o discurso cristão.

²⁴⁷ MOINGT, O homem que vinha de Deus, p. 80.

²⁴⁸ MOINGT, O homem que vinha de Deus, p. 77.

²⁴⁹ MOINGT, O homem que vinha de Deus, p. 13.

verdades para a transformação e condução do gênero humano." (Apl. I 23,2). Em outra passagem do Diálogo com Trifão, afirma de Jesus: "ele é o unigênito do Pai do universo, particularmente nascido deste como Verbo e Potência, e depois nascido da virgem como homem." (105, 1). Para nosso Autor, a partir de Justino, temos o desenvolvimento da doutrina do Cristo pré-encarnado que desembocará na definição do Dogma em Nicéia (325).

Para J. Moingt o problema não está no termo preexistência, mas no modo como foi utilizado para fazer afirmações sobre Jesus que não podem ser verificadas nas narrativas dos Evangelhos e nas tradições apostólicas. Faz críticas ao caminho pelo qual o dogma foi definido de modo dedutivo e propõe, como alternativa, chegar ao dogma pelos caminhos da história teológica presente nos Evangelhos e na tradição apostólica. Para Joseph Moingt, essas narrativas, embora não possam oferecer certeza histórica, nem por isso se opõem à história e, ao modo de uma narrativa teológica, portam uma verdade de fé.

Aliás, para ele o discurso teológico tem como pressuposto de entendimento a fé suscitada em nós por Deus. Uma fé que interroga e busca entender os eventos através de perguntas até chegar ao seu sentido. Como vimos, para ele, a revelação possui uma lógica que perpassa a história e a partir do sentido dessa lógica ele procura fundamentar o seu discurso teológico. Ele parte do pressuposto de que a história revelada marca o sentido da criação de todas as coisas, destacando a humanidade em vista de Jesus Cristo.

A atitude inovadora da cristologia de Joseph Moingt enfrenta uma série de dificuldades, das quais expomos algumas, como o problema da linguagem. Vimos que ele escolhe a linguagem da narratividade para expor seu pensamento recusando a metafísica ou a linguagem positiva da ciência. Através da narrativa, ele pretende apresentar, em processo descritivo, os problemas que envolvem o discurso anterior e o seu pensamento. É um convite ao leitor para acompanhá-lo em suas reflexões em busca de respostas para suas próprias interrogações, que, de repente, são interrogações mais comuns do que se poderia pensar, à primeira vista. Ele retoma constantemente seu pensamento em postura autocrítica, procurando a verdade em grande esforço especulativo, contudo coerente com essa busca.²⁵⁰

Desse modo, ele entra no movimento que pede uma refundação da cristologia, mais próximo da história e retomando a Sagrada Escritura, renovação que "mostra o declínio do antigo discurso". ²⁵¹ Como ele entende a história e a validade da mesma para a fé é uma questão que procuramos apresentar acima, principalmente quando falamos da sua

_

²⁵⁰ THEOBALD, Christoph. Dieu qui vient à l'homme: à propos de la "Théologie systématique" de Joseph Moingt. *Recherches de Science Religieuse*. v. 92, n. 2, avril/juin, 2004, p. 567.

²⁵¹ MOINGT, O homem que vinha de Deus, p. 68.

proximidade ao pensamento filosófico de Paul Ricoeur. Ele utiliza ainda a ideia filosófica e fenomenológica de Merleau-Ponty, a ideia de "visível e invisível" que se manifesta na "carne do mundo", para mostrar a força reveladora dos eventos.²⁵²

Joseph Moingt considera que o ponto de partida para pensar a revelação acontecida em Jesus é o evento de sua paixão, morte e ressurreição. Como vimos, na lógica da cruz se revela o ser de Jesus e do Deus que ele revela. É sintomática a forma como o evangelista Marcos apresenta a confissão paradoxal do centurião que, ao testemunhar o modo como Jesus morre, confessa: "De fato, este homem era filho de Deus" (Mc 15, 39). 253 Da cruz, nasce a convicção e o testemunho dos apóstolos, de que aquele homem com quem conviveram e que passou fazendo o bem às pessoas era o Filho de Deus. Um testemunho que cresce e na experiência que tiveram da ressurreição os torna leitores fundamentais do evento que levaria o cristianismo a entrar para a história. Esse ponto de partida não é tão pacífico entre os estudiosos. Poderia representar um obstáculo ao modo como Joseph Moingt construiu sua cristologia. A revelação não pode ser concentrada apenas no evento da Morte e Ressurreição de Cristo. É preciso considerar todas as etapas da revelação anterior: a encarnação, a vida pública de Jesus com o que se cumpriu anunciado pelos profetas. Essa visão é a que marca a mudança do ponto de partida da cristologia para a ideia de encarnação, da vinda de Cristo de fora do mundo, por obra do Espírito Santo no seio da Virgem Maria.

Os estudiosos dos Evangelhos admitem que o sentido de entendimento dos discípulos a respeito de Jesus e de sua ligação filial com Deus ocorre a partir da ressurreição. De fato, a nosso ver, é preciso considerar que a revelação em Cristo é resultado de um processo histórico, mas que a base para a leitura de todo esse processo se torna possível somente a partir da resposta que Deus dá. Essa resposta é dada pela ressurreição de Jesus. Deus aprovando sua vida e existência como revelador de seu desígnio de salvar, em Jesus, a humanidade.

Em relação à dificuldade da linguagem, muitos pensam no prejuízo da teologia em abandonar a linguagem da metafísica. Seria impossível fazer uma teologia que negue a linguagem metafísica grega. Fazendo isso, a teologia perderia aspectos importantes da revelação. Percebemos em nossas leituras dos teólogos do movimento de renovação da cristologia e outros em geral, que a linguagem teológica precisa se reaproximar da história. É justamente a linguagem da metafísica que tem suscitado muitas críticas à teologia na atualidade e levantado algumas dúvidas ao seu discurso.

²⁵² MOINGT, Deus que vem ao homem, Aparição, v. II, p. 25 e 28.

²⁵³ MOINGT, O homem que vinha de Deus, p. 449.

Como vimos acima, é preciso considerar a transcendência de Deus, mas essa transcendência é comunicada sem dualidade, por Deus, aos homens, e se coloca em contiguidade com a realidade criada. É mediante essa realidade que temos acesso à fé que Deus suscita em nós. Ainda nessa linha, poderia ser feita a crítica de que a história não abrange todas as coisas e não dá acesso ao mistério dos mistérios. Essa postura é verdadeira, considerando que o conhecimento humano é limitado, não conseguimos solucionar todas as questões. No entanto, a história é sinal de vida, de movimento e mesmo é preciso considerar que em Deus temos uma história. Deus é vivo e de algum modo se "move": cria, faz aliança, suscita pessoas para que colaborem com ele, "trabalha sempre".

Outra situação, considerada a de maior dificuldade para muitos, é a questão que se refere à autoridade da Sagrada Escritura, da Tradição e do Magistério da Igreja. Podemos constatar, a partir de muitos estudos atuais no campo da exegese e da história, que muitos textos utilizados para afirmar certas verdades não correspondem verdadeiramente ao que a interpretação tradicional dizia. Joseph Moingt nos chama a atenção de que a fé nos chega por meio da Igreja (A Sagrada Escritura e a Tradição) e na Igreja. Ela é instância de referência para que a fé não caia em um subjetivismo, serve de baliza para nos impulsionar a buscar e expressar em linguagem atual, aquela Verdade de que é portadora. O modo de transmitir uma verdade é sempre devedor de um horizonte cultural. Ao reler essa verdade em outro horizonte temos sempre a necessidade de rupturas. Para que a verdade continue a ter os seus efeitos espirituais e pastorais é necessário que a ruptura com esse horizonte anterior se efetue.

Apesar das problemáticas enfrentadas para a renovação da cristologia, percebe-se, ao longo do tempo, uma lenta evolução. A nosso ver, o resultado positivo é uma maior interação entre a fé professada e a realidade vivida pelas pessoas de nosso tempo. As marcas deixadas pela linguagem de um período quase bimilenar desempenham papel normativo na maior parte das Igrejas cristãs. Contudo, percebe-se uma maior abertura para o diálogo. Bernard Sesboüé (1929-2021), teólogo Jesuíta, antigo aluno de Cristologia de Joseph Moingt, diz que haveria possibilidade de uma convergência entre a consciência dos teólogos e do Magistério na busca pela verdade. Esse seria o ideal. A nosso ver, isso ocorre na medida em que existe respeito mútuo e a liberdade para pesquisar, para propor caminhos pautados pela seriedade e compromisso de buscar a verdade.

²⁵⁴ Cf. MOINGT, O homem que vinha de Deus, p. 13.

²⁵⁵ SESBOÜÉ, Bernard. Magistério e Consciência. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 44, n. 124, p. 399-413, Set/Dez. 2012.

CONCLUSÃO PARCIAL

Vimos a necessidade de repensar a cristologia em muitos pontos, a fim de adequar o discurso cristão ao nosso horizonte cultural. Para isso, procuramos apresentar os principais esforços nesse sentido, considerando a necessária releitura do dogma da preexistência. A receptividade das Escrituras e do dogma enfrentou dificuldades a partir da ruptura entre o mundo cultural e o mundo religioso antigo. Procuramos apresentar essas dificuldades dando destaque para a ideia de preexistência de Cristo e o modo como a teologia e a cristologia procuraram responder a esses desafios. Procuramos ter presente o tema da preexistência de Cristo como ponto nodal do pensamento cristológico e o modo como foi pensado esse tema com suas dificuldades.

Apresentamos em um primeiro momento o surgimento da teologia liberal, com a tentativa de aproximar a cristologia da cultura através de uma concepção científica da revelação. A tentativa de uma fundamentação histórica do discurso cristão teve como resultado uma secularidade perigosa para a fé, que foi combatida pela teologia dialética. Essa, por sua vez, colocou em risco qualquer fundamentação histórica do cristianismo. Foi necessário que Käsemann mostrasse o perigo da recusa de qualquer núcleo histórico para a fé ou de fazer a fé depender de certezas históricas. Vimos o debate cristológico e a busca de renovação nos principais teólogos do cristianismo reformado e católico. Existe uma constatação ecumênica de um mal estar do discurso cristológico no atual contexto e a necessária revisão de muitos pontos.

A partir do levantamento das problemáticas, apresentamos a proposta da cristologia do teólogo francês Joseph Moingt. Ele propõe entender a revelação considerando a relação entre fé e história, tendo para a história uma nova concepção. Propõe retornar às Escrituras e procurar alcançar sua força argumentativa para as afirmações da fé, e ao mesmo tempo considerar as transformações atuais e as condições das mesmas para transmiti-la. No próximo capítulo, procuraremos apresentar o modo como Joseph Moingt responde à questão da renovação da cristologia, considerando a importância do tema da preexistência. Nossa percepção é que ele se esforça para apresentar o modo como a revelação diz respeito não apenas ao passado, mas à atualidade, abrindo caminho para o futuro.

Passamos no próximo capítulo à apresentação da proposta teológica de Joseph Moingt em relação ao tema da preexistência de Cristo, à verificação de nossa hipótese, bem como à pergunta que norteou a nossa investigação: como é possível chegar, pelo caminho da história,

ao dogma e como ele pode ser aplicado ao dogma nodal do discurso cristão: a preexistência de Cristo?

3 NO CORPO DE JESUS CRISTO A FALA DE DEUS NA HISTÓRIA

PROLEGÔMENOS

Procuramos aqui formular uma resposta à interrogação da nossa tese sobre o papel da paixão, morte e ressurreição de Cristo no reconhecimento de sua preexistência, conforme o teólogo francês Joseph Moingt, e como é possível chegar a essa ideia pelos caminhos da história. Percebemos a necessidade de considerar, com seriedade, os eventos narrados nos Evangelhos e o seu ponto alto. Um evento de história e de revelação que permita encontrar o sentido universal e singular de Jesus Cristo. Sua ligação aos seres humanos seus irmãos e ao fato de ser esse "homem", Jesus, o mediador entre a humanidade e Deus. Essa mediação se dá pela ligação singular entre o Pai e o Filho. Ele vê na relação entre Deus e Jesus o núcleo central da fé cristã e ela se dá pelo acontecimento da cruz visto como evento trinitário. É uma relação que ocorre pela comunhão, onde um terceiro, o Espírito, se torna ponte entre os dois, deixando de lado a relação por substância.

A cruz é o lugar da relação de entrega, de comunhão, reconhecimento e identificação. O teólogo francês tem esse momento como o *Kairós* da revelação cristã. Ao trabalharmos o tema da preexistência, tocamos o cerne do discurso cristão a respeito da Trindade, da encarnação, da divindade e da co-eternidade de Cristo. Temas lidos e definidos em uma linguagem metafísica, que vimos, não convirem mais para dialogar com o homem contemporâneo.

Ele propõe o método da narratologia para pensar a fé, considerando a história entre Jesus e Deus encontrada nos Evangelhos. Tem como parâmetro de suas investigações, além das questões que lhe surgiram no espírito, o que os textos autorizam a "dizer hoje em resposta às interrogações da fé crítica." Sua proposta, mesmo que tenha que pensar uma ontologia, é não abandonar o terreno da narrativa. Na busca de pensar uma cristologia e teologia que possam ser acolhidas pelo homem contemporâneo, ele dialoga com as grandes linhas do pensamento e da ciência atuais. Entende que é uma necessidade permanente que a teologia dialogue com os seus contemporâneos e com o modo de conceberem a realidade. Isso, sem detrimento do núcleo central da fé.

No corpo de Cristo, a fala de Deus na História, já indica que procuramos não fugir do dado apresentado por esse corpo, para falar de Deus. Consideramos que esse corpo foi narrado, de modo a tornar inteligível sua pessoa e sua mensagem, que ainda hoje impacta os seus ouvintes. No título, encontramos ainda a resposta à pergunta que norteará o capítulo:

como encontrar no corpo de Cristo o sentido de sua preexistência, sem que sua pessoa seja tirada da história ou dividida em dois sujeitos, um anistórico e outro histórico, contradizendo a experiência humana que é constituída na história.

3.1 O fundamento do Discurso Cristão

No corpo de Jesus, narrado e prolongado na história, temos acesso a sua pessoa como revelador de Deus. É no seu modo de ser que encontramos a humanidade de Deus que quis, nele, desde a eternidade, existir de outro modo. A anterioridade desse projeto corresponde ao seu desígnio desde a eternidade. Na linguagem da tradição a ideia de preexistência procura mostrar a importância de Jesus Cristo em seu advento na história. O dogma da preexistência de Cristo é portador de um sentido importante para compreender o papel singular que Jesus desempenhou na história da salvação. O problema é que ele foi pensado em uma linguagem puramente metafísica e conceitual. A partir dessa linguagem, foram tiradas muitas conclusões que, além de distantes das narrativas bíblicas, fogem da concepção antropológica atual.

A esse respeito, o desafio ocorre em duas frentes: pensar a preexistência sem reduzir a humanidade de Jesus e, ao mesmo tempo, reconhecer o seu papel protológico e escatológico. Os teólogos procuram solucionar essa questão tendo presente aquilo que pode ser dito e entendido na atualidade a partir dos textos bíblicos.

A teologia cristã contemporânea tomou consciência, a partir de seu embate com a modernidade e o iluminismo, dos limites para falar de Deus. Antes, ela pretendeu se referir a ele de modo categórico, partindo de conceitos e princípios racionais abstratos desencarnados da história. Grande parte dos teólogos reconheceu que o discurso utilizado até então não era verdadeiramente adequado. Ele não pode ser reduzido à razão filosófica ou ao conhecimento demonstrativo exigidos pela razão comum. ²⁵⁶

A condição do conhecimento de Deus está ligada a revelação e a fé, mesmo tendo que considerar o mundo e a história. Procuramos mostrar o acesso ao dogma da preexistência de Cristo considerando o caminho da história pelo viés de sua pró-existência. É o caminho da historia teológica, o do relacionamento entre Jesus e Deus em sua pró-existência. O cume é o acontecimento da Cruz que se revela como um acontecimento trinitário. Esse caminho é o de uma Cristologia narrativa.

²⁵⁶ PASCAL. *Pensamentos*. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 92.

3.1.1 Busca de um discurso adequado à cristologia

A experiência cristã, que procura dialogar com a modernidade, percebe que a fé não é desprovida de racionalidade. Não impõe crer de modo a mistificar a realidade. A fé não é irracional, é um dom suscitado em nós por Deus, que leva em consideração o princípio da razão que rege o universo humano. Embora não tenha como base as categorias das ciências, não está isenta de dialogar com elas. Por não ser irracional, pede de nós um empenho para entendê-la de modo coerente com a razão. Assim, a antropologia, a história, a sociologia, a filosofia e outras ciências humanas podem fornecer informações importantes para a melhor compreensão do contexto da revelação, das Escrituras, propiciando melhor entendimento para anunciar e viver o Evangelho.

Essa consideração aproxima a compreensão que temos da humanidade de Jesus daquela que temos de nós mesmos, e ele pode assim falar verdadeiramente ao ser humano de hoje. Além desse aspecto, fica claro que não podemos descuidar da revelação, e é nesse sentido que Moingt parte da história de Jesus com Deus no acontecimento pascal. Jesus é considerado em sua história, na qual ele constrói a sua identidade, na condição de pessoa humana e com natureza humana. É a partir de sua humanidade que encontramos a sua singularidade na relação com Deus. Mas a teologia se faz na história e os movimentos da história são dialéticos e vagarosos.

Joseph Moingt constata certo desconforto na teologia contemporânea. Não se pode continuar usando uma linguagem metafísica na teologia que desconsidere a lógica da revelação que é relatada em uma narrativa. A base do discurso teológico deve levar em

AMATO, Angelo. Encarnación de Cristo. Reflexiones dogmáticas. In: VV. AA. Semanas de EstudiosTrinitarios XXXIII. Encarnación Redentora. Salamanca: Ediciones Secretariado Trinitario, 1999, p. 87-115, p. 87.

²⁵⁸ BYRNE, Brendan. Christ's pre-existence in pauline soteriology. *Theological Estudies*, v. 58, n.2,p. 308-330, may, 1997. Disponível em: http://journals.sagepub.co/doi/10.1177/0040563, p. 309.

consideração essa forma que engloba a existência humana no mundo, no qual se dá o encontro entre Deus e os homens. Da transcendência de Deus, ou de Deus em si mesmo, só podemos falar a partir daquilo que ele revelou de si, uma revelação na história. A teologia cristã está no terreno da história da salvação, por esse motivo, ela deve partir da narrativa, procurando uma visão global da vida de Jesus e o modo como Deus fala nele. Essa procura, contudo, não é a do ponto de vista da historiografia. O homem Jesus de Nazaré, reconhecido pelos cristãos como o Cristo, entrou na história através de uma narrativa.

A dificuldade enfrentada pelo discurso cristão na modernidade expôs o distanciamento desse discurso da experiência comum dos seres humanos. Esse hiato verifica-se não apenas no discurso metafísico que parte de definições a priori para pensar a identidade de Cristo, mas também na impossibilidade de termos acesso ao que, de fato, aconteceu. O que temos é a interpretação que não dispensa a sua base factual, mas que cumpre uma finalidade maior de promover a fé em Jesus de Nazaré, como sendo o Filho de Deus e Cristo. É um discurso que pretende despertar a fé em seus ouvintes. A teologia, como reflexão sobre a revelação de Deus, tem o desafio de construir um caminho narrativo que considere o factual sem se prender a ele, e ao mesmo tempo propor uma "ontologia" da história. Vimos, no segundo capítulo, que essa vem sendo construída ao longo dos últimos três séculos. Ela busca fazer dialogar fé e horizonte cultural.

Procuramos, no primeiro capítulo, apresentar o núcleo da fé cristã. Ela está baseada na ligação singular entre Jesus e o Deus que se revelou na história de Israel. O modo de refletir sobre essa relação encontrou diferentes matizes ao longo da história, e o tema da preexistência de Cristo assumiu papel nodal nessa reflexão. A partir do segundo século, a preexistência foi utilizada para mostrar essa ligação, sendo a pessoa de Cristo anterior ao seu nascimento humano. Analisamos na Sagrada Escritura, Antigo e Novo Testamento, textos que dão margem à interpretação de que Cristo teve uma preexistência ontológica. Vimos que a evolução das ciências exegéticas e hermenêuticas tem feito surgir novas possibilidades de interpretação. As interpretações diversas dificultam fechar a questão sobre a existência de uma base escriturística para afirmar essa preexistência ontológica de Cristo. As duas principais posturas em debate, a teologia tradicional e a nova exegese, têm entendimentos divergentes.

A nova exegese que faz reconhecer o salto dado pelo dogma nas conclusões a que chegou, aponta a distância existente entre esse dogma e aquilo que as narrativas autorizam

²⁶⁰ MOINGT, Joseph. *Deus que vem ao homem*, v.I, p. 271.

²⁵⁹ MOINGT. O homem que vinha de Deus, p. 336.

dizer. Apesar do salto, a preexistência pode ser compreendida por outro caminho; ela porta um significado sobre a pessoa de Jesus Cristo que deve ser entendido como revelação. Moingt procura caminho alternativo para pensar a preexistência de Cristo sem negar a sua plena humanidade e singular ligação com Deus. Vimos que a nova tendência na interpretação bíblica é aproximar a ideia do Cristo pré-encarnado ao conceito da Sabedoria. É por meio da Sabedoria que Deus cria todas as coisas, e ela se torna um modo de entendimento da pessoa de Cristo. Seria essa Sabedoria primogênita de Deus que se manifestou em Jesus, convidando a humanidade para acolhê-la. Moingt defende que o objetivo da criação é o encontro de Deus com a humanidade a partir do Filho.

Procuramos visualizar a presença da preexistência no credo cristão e constatamos uma evolução no seu modo de exprimir. Percebe-se uma complexificação no entendimento da pessoa de Cristo. Os credos mais primitivos manifestam a fé em Jesus como Filho de Deus e não como Deus Filho. Essa complexificação é que faz um salto da narrativa bíblica para a conceituação de sua pessoa como sendo consubstancial ao Pai. Vimos a definição de Cristo no Concílio de Nicéia, que marca um novo início para o discurso cristão, sem fazer ruptura, porém distante dos caminhos da história. Esse discurso se desdobra em outros concílios, que procuraram defender a humanidade de Jesus contra o perigo do monofisismo e do dualismo de sua pessoa.

Joseph Moingt constata a dificuldade do Concílio de Nicéia em admitir um vir a ser em Deus, isso para guardar a sua eternidade. Eternidade é para os padres conciliares uma duração imóvel sem começo e nem fim. Essa ideia tem ainda a finalidade de que a filiação do Verbo não dependa da criação e da História. Eles dizem que essa filiação se dá na eternidade em Deus. Para Joseph Moingt essa posição representa muito mais um preconceito metafísico do que um projeto de fé. Os padres conciliares dizem isso para salvaguardar a Trindade imanente ao abrigo da economia da história, onde ela se manifesta. A proposta de Joseph Moingt é a de reconsiderar essa atitude, partindo novamente da história de Deus que é narrável como vemos na Sagrada Escritura. O que se faz na história só pode ser contado historicamente. No caso da teologia cristã, isso acontece respeitando a historicidade evangélica, única fonte da fé cristã.

Fizemos uma rápida passagem pelos padres da Igreja e pelo período Medieval. Apresentamos Justino como aquele que aproxima o discurso cristão do helenismo comparando o *Logos* cristão com o *Logos* da filosofia grega. Destacamos, no período medieval, as figuras de Anselmo de Cantuária e Tomás de Aquino, que tinham a preexistência como pressuposto da Encarnação, cuja finalidade seria a expiação dos pecados da

humanidade. Terminamos o primeiro capítulo apresentando a crise iniciada na modernidade, com o surgimento da nova ciência e uma nova concepção do ser humano. A modernidade mostrou os hiatos entre o discurso cristão e a experiência vivida pelo homem moderno.

O segundo capítulo visou apresentar o modo como a teologia e a cristologia procuraram responder às questões que surgiram nos novos horizontes culturais, marcados pelo questionamento do conhecimento, inclusive do conhecimento religioso. Como o discurso cristão pode ser proferido de modo "dizível" e "credível" em nosso horizonte cultural é a preocupação. A busca de diálogo surge primeiro nas igrejas reformadas com a teologia liberal e dialética. É um processo constante de tentativa de reconstrução do discurso cristão culminando nas teologias contemporâneas. No cristianismo católico, esse diálogo ocorre de modo mais claro e explícito após o Concílio Vaticano II. Esse movimento de renovação do discurso cristão possui caráter ecumênico, como dissemos, e é possível perceber uma influência mútua. É um processo dialético de aproximação da fé da experiência humana ou da história.

A figura teológica de Joseph Moingt surge na França dentro de um movimento teológico que procurou a renovação da teologia revisitando a tradição dos Padres da Igreja e os textos fundadores do Cristianismo. Ele informa que foi a partir do ano de 1968, em Paris, assumindo novas funções de professor e mais tarde diretor da revista *Recherches de Science Religieuse*, que viu a necessidade de ampliar o diálogo em seu campo de investigação, considerando não somente a tradição, mas a teologia contemporânea, principalmente a alemã, bem como as novas filosofias e ciências. É, contudo em 1993 que ele dá início à publicação de sua obra maior com o livro *L'homme qui vinait de Dieu* (O homem que vinha de Deus), onde traça um programa de teologia e cristologia inovador quanto ao método e aos resultados.

Para o teólogo francês, embora a fé desempenhe papel fundamental no acesso à revelação, ela está ligada aos acontecimentos que a suscitaram e não é irracional. A fé é suscitada em nós por Deus, pelos eventos da história e pelo discurso que proferimos dele, mesmo que ela possa nos impor acreditar em coisas que não são verificáveis segundo as categorias da ciência. Ela emerge de acontecimentos que portam um sentido, que fazem surgir uma narrativa com uma interpretação.

Um discurso adequado sobre Jesus Cristo deve considerar o modo como ele foi apresentado pelos evangelhos e pela tradição apostólica. Em sua cristologia, Moingt procura a força argumentativa dos evangelhos e dos escritos apostólicos para ver o que permitem afirmar ou não sobre Jesus. Considera ainda o nosso horizonte cultural, procurando o que é possível dizer de modo credível. A justificativa é, em primeiro lugar, o fato de que "o que

aconteceu na história só pode ser narrado historicamente" e, em segundo, que o anúncio é feito em nosso contexto, devendo ser dito em linguagem compreensível para o ser humano atual.

Ele utiliza a concepção de "credível" de Michel de Certeau, que se refere a situações e experiências humanas que permitem o surgimento de uma crença ou impede outras de surgirem. Assim os eventos ocorridos com Jesus têm a seu dispor a tradição bíblica de Israel. É a partir de um "credível" que foi possível aos apóstolos e às demais testemunhas chegarem a um entendimento do significado da pessoa e da mensagem de Jesus. Tal mensagem, por sua vez, foi transmitida de geração em geração, desde então, e acolhida por muitos que vêem, nesses acontecimentos, algo com o qual se identificam. Ela se liga à expectativa da tradição da história da salvação de Israel reconhecida como acontecida em Jesus. Desse modo, o discurso cristão deve ter como base para sua reflexão as narrativas dessa história e aquilo que corresponde à experiência existencial do homem contemporâneo.

Os eventos narrados mostram que, em Jesus, aconteceu algo de novo na relação entre Deus e a humanidade. Apresentam ainda esse algo novo como o modo como Jesus anunciava a chegada do Reinado de Deus. Os que conviveram com Jesus experimentaram nele a misericórdia e a compaixão de Deus. Jesus revelava Deus como Pai não somente com suas palavras, mas também pelos seus atos e gestos. Essas narrativas servem de preâmbulo, avisa Moingt, para o que acontecerá na cruz, o ponto alto da revelação de Jesus e do Deus anunciado por ele.

Esses eventos servirão de base para apresentar Jesus como o Filho e o Cristo de Deus. O conhecimento de Deus, ainda que fizesse parte da tradição de Israel, devia ser reconhecido de um novo modo, pois Jesus o apresenta de um modo novo. Contudo, o conhecimento anterior será fundamental em muitos aspectos para o conhecimento de Jesus como Filho de Deus e Cristo. Os acontecimentos que se deram com ele não teriam importância se não fossem vistos à luz do Antigo Testamento, a *Torá*, os Escritos e os Profetas. Jesus se liga à tradição dos patriarcas e dos profetas, a tradição religiosa de Israel. Evento e narrativa ganharam sua síntese na interpretação da fé feita pelos evangelistas e demais autores do Novo Testamento. Sem colocar Jesus e sua liberdade em segundo plano, eles identificaram outro ator principal, permanente e ao mesmo tempo ausente: aquele para o qual Jesus procurava chamar a atenção dos homens, aquele a quem chamava de Pai. Se a história de Deus é anterior à história de Jesus, nele ela ganha uma transparência inaudita.

_

²⁶¹ Moingt, Joseph. O homem que vinha de Deus, p. 35.

Os fatos e os acontecimentos têm a sua importância, mas só se tornam história se são capazes de movimentar pessoas e reflexões muito tempo depois de terem acontecidos. Se forem importantes o suficiente para serem relatadas pela narrativa à posteridade. Para Moingt, Jesus entra para a história porque ele fez algo que deu motivo para as pessoas falarem dele, e ainda recolherem do "rumor" o núcleo dos acontecimentos para relatar à posteridade. O "rumor" porta consigo um anúncio que não se baseia em certeza, mas só é acessível e crível através da fé. Ela se dirige àquele que é o ator principal dos atos, até mesmo do ato de entregar Jesus à história, agindo por ele e com ele: Deus, o Pai. São relatos ainda hoje capazes de suscitar a fé, fazendo com que as pessoas se lembrem de Jesus muito tempo depois de ele ter terminado sua caminhada na terra. Jesus só será capaz de permanecer na história se esses relatos forem ainda hoje narrados, sem fugir da história, fazendo as novas gerações terem acesso a eles.

O sentido que rege os textos encontra dificuldade para se expressar na "razão comum" da modernidade, adverte Moingt. Isso não significa que se expressaria melhor no discurso metafísico, que tira a revelação do mundo e lhe impõe muitas vezes um discurso arbitrário. O anúncio e o seu sentido se apresentam mais como um convite do que uma imposição. O significado dessa constatação é que a fé não é da ordem da certeza, embora não dispense a razão, ela se posiciona mais no campo da entrega livre, daquele que se dispõe a acolher e a crer. Como sinal da gratuidade de Deus, do dom da liberdade dada à criação, o ser humano é convidado a se relacionar com ele em um espaço de liberdade e gratuidade.

Moingt não faz crítica à razão moderna, pelo contrário, reconhece seus motivos. A razão da modernidade está em destronar uma mentalidade que agiu tiranicamente e instrumentalizou a fé para justificar princípios distantes da prática do humanismo evangélico, apresentado por Jesus no serviço prestado ao Pai através do cuidado com seus irmãos. Dessa pró-existência do Filho, semelhante à do Pai, descobrimos que Jesus é mais do que a expectativa nutrida pela vinda de um Messias com caráter exclusivo para um povo. A doação de sua vida revela uma universalidade. Aprofundando a razão que rege o sentido para a história apresentado pela revelação, essa universalidade ocorre primeiro, na entrega que Deus faz de si chamando todas as coisas à existência, para participarem daquilo que lhe é próprio: Deus é aquele que existe. Essa lógica é marcada pela gratuidade e pelo amor, revelado principalmente pela entrega que Deus faz de si na história.

A criação é um ato livre de Deus. Ele não cria por necessidade, mas por amor, porque quer compartilhar sua existência conosco. Moingt desenvolve uma reflexão sobre o querer de Deus a esse respeito, manifestado em várias atitudes de seu "ser para nós", de sua pró-

existência. 262 Essa decisão envolve o Filho no qual ele antecipa a existência, destinando-se a se manifestar nele em nossa história. Em Jesus, nós encontramos a "reverberação", da Palavra de Deus, do seu Verbo, desse "ser de Deus para nós". O Filho é assim o projeto de Deus de existir de outro modo, em vista de sua própria humanização. A *kénosis* de Deus acontece em Jesus, a quem ele chamava desde a eternidade a ser. Ele se identifica com o Filho na história, começando assim o processo de encarnação do Verbo, que tem o seu ponto alto no evento da cruz, considerado como evento de revelação trinitária.

Moingt procura mostrar que o sentido, ou a razão se mostra de uma maneira abrangente no evento da cruz. Abrangente por que joga luz sobre o passado e sobre o futuro. Sobre o passado, porque mostra que antes de todos os tempos o Filho já era chamado pelo Pai a existir tal qual realizou sua existência, e sobre o futuro, porque o que aconteceu com o Filho, em sua ressurreição, se destina a acontecer com todos os que se identificam com ele. Esse tema envolve uma temporalidade, não apenas na história, mas também em Deus, como nos dispomos a mostrar mais adiante. Aqui, é preciso concluir que o discurso cristão sobre Deus tem seu referencial na história, nos eventos que fazem surgir a interpretação. Contudo o sentido da revelação pode ser alcançado mais pelas narrativas do que pelos fatos, pois o sentido está contido nas narrativas acessíveis a cada tempo pela fé.

3.1.2 As temporalidades: no mundo desde a eternidade

A indefinibilidade de Deus, por ser o totalmente Outro, não deve impedir de reconhecer nele um caráter. Isso é possível porque ele se revela dando a conhecer o seu projeto de amor. Deus é espírito e desse modo não está sujeito ao tempo ou ao espaço, contudo é preciso reconhecer que Deus faz história e tem uma história ao criar e ao se envolver com a criação. Como vimos acima, a eternidade em Deus se iguala ao ato que lhe é próprio, que é o de existir, de ser. A sua eternidade não pode ser confundida com imobilidade, pois Deus é vivente e interage com sua criação e com os seres humanos, não para intervir privando-os da liberdade, mas no ato de garantir a sua existência e revelar-se aos homens dando-lhes a conhecer a possibilidade de encontrá-lo.²⁶³ Ao se revelar na história, Deus não priva o homem de sua liberdade, mas dá-lhe a conhecer o seu desígnio. Sem se prender ao tempo, Deus vela e desvela a sua presença, suscita nos seres humanos uma fala para

²⁶³ MOINGT. *O homem que vinha de Deus*, v.I, p. 501. Citando Paul Tillich, ele fala que Deus é um Deus vivo e como tal não é estático e que é preciso admitir certa temporalidade nele. Uma temporalidade distribuída segundo seus três momentos constitutivos: passado, presente e futuro.

²⁶² MOINGT. O homem que vinha de Deus, p. 82-91.

apresentar-se ao mundo. Silencia-se quando é negado, mas renasce confirmando sua presença, quando reconhecido e afirmado.

Percebemos no teólogo francês um pensamento cosmológico que visa reconhecer o vínculo entre Deus e Jesus desde a eternidade. Esse pensamento procura se apoiar na Sagrada Escritura e na tradição. Moingt tem cuidado em não tirar Jesus de sua temporalidade, historicidade e liberdade humana. Para Moingt, Deus cria todas as coisas em vista do seu Filho. Por ele e nele estabelece uma relação com a humanidade inteira e com todas as coisas. A encarnação é trinitária, em um processo constante de devir de Deus, na criação, em Jesus e no Espírito (no acontecimento de Pentecostes). A humanização do Verbo se dá em Jesus. O devir do Verbo em Jesus ocorre em um processo de identificação e reconhecimento. Moingt entende que a encarnação do Verbo no corpo de Jesus Cristo se prolonga no tempo da Igreja através do Espírito. Desse modo, procura superar a visão de uma preexistência em que o homem Jesus é separado do Verbo em duas naturezas. Ele entende ainda que o Verbo completa a sua identificação com Jesus no evento da cruz.

A idéia de Encarnação, que requer a idéia de preexistência, é 'mítica', apesar de sua verdade intrínseca, porque separa o Filho de Deus e o homem Jesus, a essência divina e sua manifestação corpórea, reunindo-as apenas por um movimento de descida e de nova subida, e 'deixa escapar a profundidade real do acontecimento da crucifixão e da ressurreição de Jesus.²⁶⁴

É na cruz ainda que a Trindade se revela na comunhão de entrega. Sua cristologia é, portanto, trinitária, em uma relação "dialética" de entrega entre Pai e Filho mediante o Espírito. O mesmo Espírito, pertencente aos dois, é doado ao mundo. Ele está presente na Igreja, estabelecendo no tempo a nova criação inaugurada em Jesus Cristo, por sua ressurreição. Para Moingt, Deus existe trinitariamente, em uma troca relacional, um em vários, de modo idêntico. ²⁶⁵ Propõe assim a pluralidade do um e não uma substância na pluralidade, cada um, porém, mantendo a sua identidade na relação com o outro. Diz que embora não possamos falar da Trindade sem uma linguagem metafísica, essa deve partir da Trindade econômica que se entrega na história, na sua economia. Usando o axioma de Karl Rahner, afirma que a "Trindade imanente é a Trindade econômica" sem usar o vice-versa. ²⁶⁶ A eternidade de Deus é o ato de se projetar num outro, de se dar um Filho, de se reconhecer nele tal como em si mesmo e de se fazer reconhecer por ele. ²⁶⁷

²⁶⁴ MOINGT. *O homem que vinha de Deus*, p.226.

²⁶⁵ MOINGT. O homem que vinha de Deus, p. 328.

²⁶⁶ MOINGT. O homem que vinha de Deus, p. 226.

²⁶⁷ MOINGT. O homem que vinha de Deus, p. 583.

Essa revelação Joseph Moingt pretende acessar no acontecimento da cruz, juntando acontecimento de história e de revelação. A cruz é vista pelo Autor como um acontecimento trinitário. Para ele esse é o ponto de partida para o discurso cristão e o reconhecimento da razão de Deus em seu Filho, a sua "vingança" e ao mesmo tempo a confirmação de seu caráter como aquele que foi apresentado por Jesus ao longo de sua história. Para nosso autor, Jesus "passa" pela história, com a intenção de chamar a atenção das pessoas para Deus e o seu reinado que ele mesmo inaugura. Como um "relâmpago", ele passa, sem a pretensão de chamar a atenção para si, mas para o Pai e o seu reino. Entende sua missão como sendo a de um revelador de Outro, contudo a atenção é dirigida não somente a Deus, mas também a ele. No centro da missão de Jesus está Deus e o seu Reino.²⁶⁸

Deus não se dá de modo explícito no mundo fenomênico, entretanto é aquele que sustenta o mundo, em uma atitude de amor e de gratuidade. Ele não faz parte desse mundo, embora por mediações seja possível, pela fé, perceber sua presença. A verdade objetiva de sua fala só pode ser alcançada pela fé. É preciso ressaltar, ainda, que a fé não é irracional e tem nos acontecimentos surpreendentes das vindas de Deus a sua emergência. Deus suscita em nós a fé fundada nos dados que o revelam.²⁶⁹ Essa é a dialética do visível e do invisível que utiliza para pensar a possibilidade do discurso cristão, o qual, embora não seja da ordem inteiramente do visível, não dispensa o seu fundamento.²⁷⁰ Nosso Autor argumenta que na humanidade de Jesus, Deus fala de si à humanidade de um modo novo sem, contudo, negar, nessa fala, a história que fez, anterior à de Jesus, iniciada no Antigo Testamento.

O verdadeiro Deus se faz conhecer por revelação, vindo a nós, fazendo-se descobrir por si mesmo, porque não é possível ser de outro modo, por nossa própria iniciativa, nem conhecido nem descoberto tal como é: ele é o Totalmente-Outro. Manifesta-se por surpresa, surpreende-nos em um acontecimento de encontro, um acontecimento da história, tão imprevisto quanto infalível: o que acontece uma vez, fazendo-se reconhecer como o que devia acontecer sempre.²⁷¹

Deus não teria uma história em si mesmo, mas por amor quis se dar uma. Ele faz história ao entrar em relação com o mundo e com os seres humanos, suscitando interlocutores e colaboradores na obra da criação e da salvação. A história comporta uma temporalidade que em Deus é diferente do mundo. Para o Autor francês, a temporalidade em Deus não se iguala

_

²⁶⁸ MOINGT, O homem que vinha de Deus, p.427.

MOINGT, Joseph. Imagens, ícones e ídolos de Deus: a questão da verdade na Teologia Cristã. *Concilium*. Petrópolis, v.298, n.1, p. 139-148, 2000. O ser humano, ao mesmo tempo em que é o portador da imagem de Deus, que o revela, é o seu interprete. Aquele que profere dele uma fala, uma narrativa. Para Moingt, uma das formas de Deus vir a nós é permitindo se captar pela fala que os homens proferem dele.

²⁷⁰ MOINGT, Deus que vem ao homem, v. II, Aparição, p.7.

²⁷¹ MOINGT, O homem que vinha de Deus, p.336.

à nossa, marcada por um devir que transforma o ser.²⁷² Sendo Deus afetado pela história, essa história não lhe transforma o ser. O próprio de Deus é existir e essa existência é idêntica a si mesmo, ou seja, a eternidade é o ato mesmo do ser de Deus.²⁷³

Desse modo, a eternidade em Deus não é o ato de ser estático, imóvel, mas o de existir no presente. Por outro lado, ele é um vivente, e, nesse sentido, alguém que interage com a criatura, chama à existência aquilo que não existia, possibilitando que a criação participe de seu devir, de seu futuro. A *kénosis* de Deus é se dar uma história, existindo no Filho de um modo diferente. Ao pensar a sua teologia, nosso autor procura fazer sempre referência à Sagrada Escritura, propõe como caminho de reconhecimento da ligação entre Jesus e Deus o relacionamento de doação e entrega e não a substância. No Filho e pelo Espírito essa relação se estende aos homens e à criação. A salvação que Deus realiza se estende também à história. No devir está o desvelamento do sentido que a perpassa. Deus funda essa história sem, contudo, se confundir com ela.

A criação é o resultado livre de seu amor, e esse amor se manifesta ainda ao permitir que a criatura possa existir em liberdade. Esse ato comporta certo risco, a possibilidade de que a criatura não corresponda ao seu desígnio, que escolha outro sentido ou modo de existir. Em resposta a esse risco Moingt diz que Deus se revela ainda capaz de salvar se a criatura vier a correr o risco de se perder ou do perigo de fracassar. Deus forma um povo com Abraão e seus descendentes para que, através deles, venha aquele que será causa da bênção para todos os povos. A expectativa do nascimento desse personagem "enigmático," que será delineado com o passar do tempo, e a constante renovação da promessa, são consideradas por Joseph Moingt como o primeiro modo de preexistência de Jesus Cristo. Sua história é esperada e foi prevista antes de seu nascimento. A história de Deus, narrada na Bíblia, apresenta o ato criador e o papel que o homem desempenha na criação. Deus cria em vista de seu Filho, e a criação atinge a plenitude no acontecimento histórico de Jesus de Nazaré.

Desse modo, ao reconhecer que a história de Deus é anterior à história de Jesus, temse presente que ela conflui para a pessoa do Filho desde a eternidade. Nesse mesmo sentido, existe uma eternidade de Jesus em Deus, em seu Verbo. Contudo, a encarnação do Verbo e a sua identificação com Jesus não é um acontecimento de eternidade, mas de tempo. Um ser humano não nasce pessoa, ele torna-se pessoa ao longo da história. Aqui, é preciso dizer que, para o teólogo francês, o papel que Jesus desempenha na criação está ligado à forma como Deus cria e chama as coisas. Desde a eternidade o Filho é chamado a desempenhar um papel

²⁷² MOINGT, O homem que vinha de Deus, p.587.

²⁷³ A tradição judaica o denomina de o "Eterno": "Tú Eterno..." ou "Vós, Eterno..."

na história, assumindo em si o Verbo de Deus preexistente. Ele não tira do homem Jesus as características de sua humanidade, mas é assumido por ele, em um processo contínuo até a completa identificação. A identificação do Verbo e do homem Jesus é um modo de conceber a unidade contínua do homem. Assim se expressa J. Moingt sobre o Verbo:

Ele existe em Deus com uma existência ao mesmo tempo atual e por vir. Existe na história com uma existência simbólica e futura. Existe em Deus como seu Verbo, isto é, seu Projeto de existência, seu Projeto de futuro. Vejamos em primeiro lugar o que diferencia esses dois modos de existir, antes de ver que eles qualificam uma existência em si mesma única.²⁷⁴

Desse modo, a hipótese maior que temos em relação ao caminho da história, como revelação da preexistência de Cristo, está no modo generoso de viver sua pró-existência. A hipótese que levantamos é que a pró-existência de Cristo, abalizada pela morte-ressurreição, fundamenta esse discurso. A pró-existência é o seu ato de projetar-se em Deus, recebendo em si o Verbo, culminando com a sua entrega radical na paixão, morte e ressurreição. Evento de tempo e eternidade, de história e de transcendência. Uma relação entre Jesus e Deus que desperta a fé, uma revelação de reconhecimento de que ele devia ser, desde sempre, o que é: o Filho de Deus, o seu Verbo humanizado.

Vimos que a primeira forma de sua preexistência está presente nas promessas feitas aos patriarcas e aos profetas. Ela é percebida pelos apóstolos e pelas pessoas que conviveram com Jesus. Moingt compreende, desse modo, as intuições presentes nos textos do Novo Testamento, em uma de suas releituras, quando comenta algumas passagens. ²⁷⁶ Jesus fazia surgir entre as pessoas que conviveram com ele ou que escutavam o rumor a seu respeito, a impressão de ser ele o Cristo esperado. Mas a confirmação disso ocorre somente a partir da experiência que os discípulos e as primeiras testemunhas tiveram da ressurreição. A ressurreição é ato surpreendente de Deus que transforma a história de Jesus e com ele a história humana. É a confirmação de que verdadeiramente Jesus tinha em si a intimidade capaz de revelar quem é Deus. A ressurreição faz parte de um credível que tem sua força no reconhecimento de que Deus não abandona o justo. Tal crença já era comum entre os fariseus, nascidos da experiência histórica de Israel na época dos Macabeus, contudo a ressurreição de Jesus representa algo novo. A sua ressurreição é um acontecimento que abre caminho para a ressurreição de outros.

²⁷⁴ MOINGT, O homem que vinha de Deus, p.571.

²⁷⁵ MOINGT, O homem que vinha de Deus, p.522.

²⁷⁶ MOINGT, Joseph. *Croire au Dieu qui vient*. De la Croyance à la foi critique. Paris: Éditions Gallimard, 2014. v. I, p. 430.

J. Moingt apresenta Jesus como um homem que dispõe para os outros toda a sua existência e prática, tendo como referência a pessoa de Deus. O primeiro vínculo entre eles, destacado na Sagrada Escritura, é a manifestação da sua existência voltada para os outros. Jesus é alguém que, como dissemos, tem a missão de anunciar o Reino de Deus e, nesse sentido, apresentar sua chegada promovendo o bem das pessoas. Ele se revela, assim, marcado pelo interesse de Deus identificado por justiça, por fazer a sua vontade. Realiza sua missão ao ensinar e curar, apontando para Deus e o seu Reino, com essas atitudes. Nesse jeito de viver e agir revela a presença de Deus no mundo e desperta nas pessoas o "rumor" de ser aquele que foi anunciado e que viria da parte de Deus.

Vimos como J. Moingt apresenta a sua visão de história, inspirado no pensamento de Paul Ricoeur. Assim valoriza as narrativas dos evangelhos como fonte primária da cristologia. A narrativa reproduz o tempo passado, permitindo aos leitores revisitar os acontecimentos e se deparar com os argumentos que dão testemunho de Jesus como o Cristo, o Filho de Deus. Do ponto de vista social, pensa o surgimento do Cristianismo e da fé como parte de um credível, preparado há muito pela história do povo de Israel e, de certo modo, presente em todos os povos. O discurso cristão surge do terreno cultural judaico, da interpretação dos acontecimentos que se deram com Jesus a partir da fé.

J. Moingt utiliza a categoria visível e invisível de Merleau-Ponty como caminho de interpretação do transcendente. ²⁷⁷ Pondera a esse respeito que não deseja fazer a revelação depender de um pensamento filosófico, mas reconhece a importância da filosofia como uma categoria de conhecimento humano, reconhecendo a razão como parte do dom recebido e que deve ser usado. Embora a fé nos chegue como um dom, ela não se liga ao absurdo. Como vimos acima, a fé é dom que Deus suscita em nós, nas surpresas de suas vindas, mas ela emerge de acontecimentos que se dão na história, na abertura de quem a acolhe. Para Merleau-Ponty o visível é portador, não apenas de um conhecimento positivo, ele apresenta a partir de sua visibilidade um sentido ou algo que não se pode perceber apenas no visível. O visível revela também o invisível. Ou melhor, citando o próprio autor "o sentido recobre o visível e se profere nele." ²⁷⁸

Essa percepção é que faz encontrar no dado imediato uma compreensão, que poderia ser considerada algo insólito, mas não irracional, que nos remete para o sentido presente no evento. A fé suscitada por Deus nas testemunhas da ressurreição faz com que elas, a partir dos acontecimentos, percebam a intervenção de Deus. Evento e reconhecimento se dão num

²⁷⁸ MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 45.

²⁷⁷ MOINGT. Deus que vem ao homem, Aparição, v. II, p. 25-26.

espaço de liberdade e acolhida. Moingt não apresenta os detalhes desse acesso, mas diz que algo acontece de modo que somos levados a reconhecer sua presença.

O mesmo ocorreu com os discípulos para que eles fossem capazes de testemunhar a ressurreição e pensar o seu sentido para reconhecer Jesus como o Filho de Deus. É a partir desse pensamento que Joseph Moingt constrói a sua reflexão sobre o evento da Páscoa como portador de um acontecimento fundamental da revelação cristã. Ele não se prende às exigências da ciência, que pretende exigir da fé um fundamento verificável. Também não cai na tentação de mistificar os acontecimentos, recusando a história como ponto de partida para pensar a fé. Ele conjuga de modo dialético os dados que são oferecidos a partir da fé sobre a ressurreição para pensar a cristologia.

3.2 Preexistência: Eternidade e Tempo no corpo de Cristo

As narrativas dos evangelhos desvelam a origem de Jesus e sua ligação singular com Deus. Seu modo de Existir faz referência ao modo de ser de Deus, como uma existência voltada para o ser humano, chamando a atenção para seu Reinado e Desígnio. Vimos que para Paulo, Jesus é a Imagem do Deus invisível (Col 1, 15-20). Encontrar em seu corpo vivido e continuado na história, por seu Espírito, faz reconhecer o seu amor como revelador de Deus. É a partir desse reconhecimento de fé que pensamos "encontrar" a sua preexistência. Ela se manifesta como um desígnio eterno de Deus, marcado pelo encontro e identificação entre o Verbo e o homem Jesus.

É um reconhecimento que tem seus efeitos protológicos e escatológicos e nosso Autor chama de "conhecimento retroativo", tomando de Pannenberg essa categoria. Acontecimento trinitário de troca do Espírito entre o Pai e o Filho, na cruz Jesus entrega seu Espírito ao Pai e é recebido pelo Pai que, por sua vez, também envia seu Espírito vivificador ao Filho. Pai e Filho enviam ao mundo esse Espírito comum a ambos.²⁷⁹ A exaltação do Filho a direita do Pai significa que ele, por sua ressurreição, assume aquilo que devia ser desde a eternidade. Deus o ressuscitou dentre os mortos, inaugurando com esse ato a nova criação, a ressurreição, que chega a todos os seres humanos que procuram viver segundo o seu Espírito e o Espírito de Cristo. Moingt trata então da questão do Verbo de Deus, considerado aquele que desde a eternidade está junto de Deus e que é Deus. Como se dá a relação entre Jesus e o Verbo é parte dessa resposta.

_

²⁷⁹ MOINGT. O homem que vinha de Deus, p. 583-584.

Para nosso Autor, o Verbo eterno de Deus se faz presente na história em processo de devir e de assimilação pelo homem Jesus, de modo que ele, Jesus, irá assumindo em sua humanidade esse Verbo. É na humanidade de Jesus que o Verbo de Deus assume a nossa condição, de modo que é possível dizer que Jesus é a humanidade de Deus; e ainda, é outro modo de ser de Deus. Com isso, Jesus se torna *o homem que vinha de Deus*, pois em sua liberdade humana assume ser aquilo a que estava destinado a ser desde a eternidade junto de Deus. O Verbo e Jesus são a mesma pessoa, para o teólogo francês.De modo que a história de Jesus é também a história da Trindade econômica. Em Jesus não há uma dualidade, mas a unidade de sua pessoa humana, cuja existência é projetada em Deus. O reconhecimento de sua identidade preexistente pelo caminho da história é uma revelação, mas traz o seu sinal no ato de ter uma existência voltada para Deus em prol da humanidade.

Antes de ser um evento puramente constatável, a ressurreição é um evento de história e de narrativa, não se funda em um acontecimento perceptível ou comprovável historicamente. A fé não se apóia em "certezas" ou em acontecimentos verificáveis. A força do rumor que se propagou ao redor desse evento e que o faz entrar para a história é que ele possui um sentido. Sentido marcado pelo encontro de Deus que vem em Jesus e aquele que se abre a essa vinda. Sentido encontrado na fé suscitada por Deus nos apóstolos, nas testemunhas oculares, fazendo-o chegar até nós pelo Corpo de Cristo que é a Igreja. Esta é ao mesmo tempo portadora da Palavra e da Tradição, intérprete dos acontecimentos. Ela tem como missão de levar essa Palavra ao longo dos séculos para que as pessoas tenham contato com ela. Tem como tarefa ligada a essa missão atualizar e interpretar o núcleo fundamental da fé. ²⁸⁰ Para nosso teólogo, a Igreja tem como missão "facilitar o acesso ao Jesus do Evangelho a todos os que o desejem e 'abrir-lhes as Escrituras' que, todas, falam dele." ²⁸¹

O que aconteceu com Jesus provocou mudança na humanidade e emerge como história, segundo o estilo bíblico de narrar, o qual apresenta os acontecimentos como que fazendo parte do grande desígnio de Deus. Trata-se de uma história que porta uma mensagem em linguagem que não faz parte do nosso horizonte cultural. Essa linguagem, contudo, não foge do que é narrável. É uma narrativa que tira de si mesma a consistência em um sentido que nos alcança. Ela suscita em nós a fé. Esse alcance sem fronteira de cultura ou etnia é, para Joseph Moingt, uma das marcas universais do cristianismo e que o difere das marcas comuns da religião. A religião é encarada como uma forma de congregar um grupo

²⁸⁰ Jesus de Nazaré, o Cristo, é o Filho de Deus e portador da Boa-Nova que liberta e salva os seres humanos. Ele é o caminho para a nova humanidade.

²⁸¹ MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*. São Paulo: Loyola, 2008, p. 15.

social, principalmente em torno de práticas e ritos, dando ao grupo características comuns. O cristianismo inaugura um novo modo de se relacionar com Deus.

Com Jesus de Nazaré, temos um recomeço no conhecimento de Deus. ²⁸² Não obstante a importância de sua revelação no Antigo Testamento, ele é apresentado por Jesus como seu Pai e nosso Pai: ao ensinar seus discípulos a rezar, Jesus pede que se dirijam a Deus chamando-o de Pai (Mt 6,9 e Lc 11,2-4). Apresenta-o como alguém que não compactua com a injustiça; que, apesar de sua grandeza, não despreza o pequeno, pelo contrário o considera seu preferido; que procura fazer história com os homens e não declarar guerra ao mundo; que não está estacionado no passado, mas no presente, ou melhor, que "vem do futuro". ²⁸³

3.2.1 A Morte e Ressurreição de Cristo como eventos de Revelação

Procedemos agora ao trabalho de interpretação do que conseguimos perceber da preexistência de Cristo no pensamento de Joseph Moingt. Pensamos que Joseph Moingt, ao pretender explicar a preexistência de Cristo, parte do acontecimento Pascal. De fato, o papel da paixão, morte e ressurreição de Jesus de Nazaré no reconhecimento de sua identidade como Filho de Deus e Cristo é recorrente nas narrativas dos Evangelhos e demais escritos neotestamentários. A interpretação e as narrativas partem de elementos factuais, que não podem ser considerados como mito ou definições a priori. Partem da compreensão do homem Jesus que viveu na Palestina, que deu início a um movimento, que suscitou a fé e a esperança no povo, que morreu em uma cruz, confiando o seu espírito a Deus. ²⁸⁴ Desses fatos, nasce a interpretação a partir da qual Deus suscita a fé através da revelação. A partir da experiência da ressurreição, vivida pelas testemunhas qualificadas, acontece a descoberta dessa identidade. Uma descoberta que joga o passado para o futuro em uma interpretação retroativa e dialética. Veremos isso melhor mais adiante. ²⁸⁵

No prólogo do Evangelho de João encontramos a afirmação de que o Verbo estava junto de Deus desde o princípio. Procurando entender a ligação que o Evangelista propõe entre o ato de existir em Deus e ser Deus, Moingt apresenta a relação entre o Verbo e Jesus. Para nosso Autor, o Verbo eterno de Deus se faz presente na história em processo de devir, de identificação com Jesus. Ao invés de a divindade acolher o homem é o homem que acolhe o Verbo, se identificando com ele.

²⁸² MOINGT, Joseph. O homem que vinha de Deus, p. 56.

²⁸³ MOINGT, Joseph. O homem que vinha de Deus, p. 29.

²⁸⁴ MOINGT. *O homem que vinha de Deus*, p. 15 e 296.

²⁸⁵ MOINGT. O homem que vinha de Deus, p. 229.

Jesus irá assimilando o Verbo em sua vida, assumindo em sua história aquilo que desde sempre deveria ser. De modo que a história de Jesus é também a história da Trindade econômica, pois a salvação é um ato trinitário. Contudo, em Jesus Cristo não há uma dualidade de natureza, mas a unidade de sua pessoa humana, cuja existência é projetada em Deus.

A ordem do desvelamento dessa revelação tem seu início no evento da cruz e da ressurreição. Partindo da ressurreição, passando pela cruz, pela longa convivência com os discípulos, os conflitos com as autoridades religiosas, a etapa do anúncio do Reino de Deus e os sinais de sua chegada, vemos o início de sua missão no Rio Jordão ao ser batizado por João, o Batista, e sua origem em Nazaré. Em Mateus e Lucas, o seu nascimento tem origem em um desígnio de Deus manifestado a Maria, sua mãe. Desígnio com ecos de sua expectativa na história de Israel. O Evangelho de João traz o marco do Verbo presente em Deus, o mesmo que se faz carne e habitou em nosso meio.

Do desvelamento retroativo do evento da cruz vemos que a encarnação do Verbo em Jesus, a eternidade que vem ao tempo, ocorre como um processo. Não ocorre em um momento de modo abrupto. A pessoa de Jesus tem sua emergência na história, não obstante a sua singularidade filial. Desse modo, o Verbo é o encontro de identificação que se dá ao longo de uma existência iniciada no seio materno. É a identificação da Palavra de Deus com o homem Jesus.

O que ocorre é que ao invés de o Verbo assumir o homem, é o homem que assume em sua existência a identidade desse Verbo, tornando-se a sua pessoa. A pessoa de eternidade estava chamado a ser. Moingt apresenta Jesus como um homem que não pertence a si mesmo. Ele procura ter um itinerário existencial atendendo aos apelos de seu Pai, apelos que emerge de sua fala da história.

O aprendizado da comunidade, que em um primeiro momento, diante dos acontecimentos da paixão, viu o fracasso de Jesus, se transforma a partir do desvelamento da ressurreição. O processo é o reconhecimento daquilo que Deus fez em Jesus, e, através dele, à humanidade inteira. A interpretação/revelação faz saber que, de sua morte surge a vida; a ressurreição salvífica é o resultado da entrega de sua vida, de uma existência que se projeta em Deus a favor da humanidade.²⁸⁶Moingt mostra que na doação que Jesus faz de si Deus se

_

²⁸⁶ SCHILLEBEECKX, Edward. *Jesus, a história de um vivente*. São Paulo: Paulus, 2008, p. 675. O evento Pascal é tomado como ponto alto da revelação, o ser do Filho que se doa ao Pai, tendo como sinal dessa doação e dessa pertença o serviço que presta à humanidade. Moingt é influenciado pelo teólogo alemão Schillebeeckx (1914-2009), que pensa a existência de Jesus Cristo como "um traduzir da bondade de Deus" por nós.

faz presente na história, em uma relação de identidade (aquilo que ele é) e de identificação (aquilo que vai configurando em sua existência como pertencente a Deus). ²⁸⁷ Essa identificação tem início em sua humanidade no seio de Maria. Os evangelhos nos autorizam a dizer isso. O menino que irá gerar será chamado Filho de Deus (Lc 1, 31-35).

Ele é o Verbo de Deus em processo de identificação, o qual, culminado no evento pascal, faz reconhecer que esse homem vinha de Deus desde a eternidade. É a conclusão do evento de revelação que joga luz sobre a vida e a história de Jesus. Um evento de caráter protológico e escatológico, pois a ressurreição mostra que ele é aquele que devia ser desde sempre e aquele que abre caminho para o futuro. Moingt chama ainda a atenção para o fato de que a ressurreição é o resultado do julgamento que Deus faz entre Jesus e o seu povo, em relação a sua própria identidade. A pergunta sobre quem é o Deus de Jesus encontra resposta no ato de amor, na entrega mútua de ambos. É o juízo de Deus sobre a história de Jesus e daqueles que se opuseram a ele. É a revelação, igualmente, da identidade do Pai, como aquele apresentado por Jesus, contra a tradição da religião culpada de sua morte. Ao procurar chamar a atenção dos homens para Deus e colocá-los à sua escuta, Jesus enfrentou oposição e perseguição, pois apresentava muitas novidades a seu respeito.

A ressurreição é novidade salvífica realizada por Deus em Jesus que envolve os que se assemelham a ele, ou buscam viver segundo seu Espírito, pois o "Filho tem o poder de conduzir ao Pai." À semelhança de Jürgen Moltmann (1926), para Moingt o evento da cruz é um acontecimento trinitário, mas um acontecimento de relação e de doação, a história da relação de Jesus e Deus na cruz, na doação mútua do Espírito: do Filho que entrega ao Pai o seu Espírito e do Pai que dá o seu Espírito vivificador, e de ambos que o doam ao mundo.²⁸⁸ O Espírito comum ao Pai e ao Filho doado ao mundo constitui o corpo de Cristo, a Igreja, que continua a encarnação do Verbo de Deus identificado a Jesus na sua história. A cruz é ainda o momento de *kairós* ou momento fundante da história e da revelação.²⁸⁹

Esse reconhecimento da ligação de Jesus com o Verbo de Deus não tira Jesus de sua história humana e nem vê nele a dualidade de naturezas, mas sua unidade com o Verbo. O Verbo se une a Jesus sem tirar dele a sua unidade de pessoa humana. Moingt diz que: "Em Jesus nascente, o Verbo recebe uma existência nova: torna-se Filho. Até aqui preferi utilizar o

²⁸⁷ MOINGT. O homem que vinha de Deus, p. 552.

²⁸⁸ MOINGT, O homem que vinha de Deus, p. 16.

²⁸⁹ MOINGT, Joseph. *Deus que vem ao homem*. Da aparição ao nascimento de Deus. Nascimento. São Paulo Loyola, 2012. v. II, p. 167.

nome Verbo em lugar de Filho." ²⁹⁰ Evento de revelação, acessível pela fé de que nesse homem Deus se dirige pessoalmente à humanidade.

A preexistência do Verbo apresentada na visão clássica significa que ele existe antes de todas as coisas e antes do homem Jesus. Moingt, a nosso ver, não discorda dessa anterioridade, mantendo assim suas duas origens. Contudo, a unidade de Jesus em sua humanidade não é um dado prévio. Sua humanidade se desdobra historicamente de modo comum aos demais homens. Jesus não é exonerado de sua história e humanidade. É o homem Jesus que assume em si o Verbo de Deus, na vinda que Deus faz a ele, reconhecendo-o como seu Filho amado. O que é existente antes de todas as coisas envolve uma temporalidade, um antes e um depois. Desse modo, Jesus assume em si o Verbo.

3.2.2 A preexistência: protologia e escatologia na cruz

Na pró-existência de Jesus, podemos acessar a sua identidade como Filho de Deus e Cristo, como vindo de Deus em seu Verbo, antes da criação do mundo: Jesus é um com o Pai, na unidade do Espírito. A preexistência está ligada ao reconhecimento da Trindade, como relação e não como substância, como propõe o Autor francês. Pelo desenvolvimento de nossa pesquisa chegamos a conhecer que a preexistência de Cristo possui modos diferentes de ser compreendida, tanto na Sagrada Escritura quanto na tradição da Igreja. Para Joseph Moingt, não existe ruptura entre as duas interpretações, contudo, a tradição do dogma afastou Jesus da história, chegando a conclusões que estão distantes do horizonte cultural das narrativas bíblicas.

Ele apresenta, então, os caminhos de entendimento da revelação que Deus faz de si em Jesus. Mostra que os exegetas estão conscientes de que o entendimento da pessoa de Jesus não tem sua origem em um sentido cronológico da narrativa, mas no sentido contrário. É a partir da morte e a ressurreição que ocorre a interpretação que é dada à vida e à origem de Jesus. A descoberta não é descendente e nem ascendente, ou seja, o conhecimento teológico não se dá a partir da eternidade para a história, tampouco ocorre da história para a eternidade, mas do evento fundante da cruz, em sentido protológico e escatológico.

Na Sagrada Escritura é possível intuir a preexistência relacionada com a expectativa da vinda do Cristo, sempre remetida aos textos de promessas, dos patriarcas e dos profetas para o futuro. Ele não é alguém que vem do passado, mas vem no futuro. A surpresa do

²⁹⁰ MOINGT, Joseph. *Deus que vem ao homem*, Nascimento, v. II, p.325.

acontecimento ocorre com o anúncio de que Jesus de Nazaré rompe essa expectativa. Ele fala da chegada iminente do Reino com a sua pessoa, chegada percebida mais pelo rumor que o acompanhava, chamando a si as multidões. Ele não declarava ser o Cristo, mas suas palavras e gestos faziam surgir nas pessoas essa suspeita. A base desse rumor está no anúncio que ele fazia e em sua proximidade aos doentes e pobres, nos ensinamentos e gestos plenos de compaixão e amor. O modo como vivia e agia aproximava as pessoas de Deus.

Sua vida foi marcada por uma existência a favor das pessoas com quem encontrava. Tinha a preocupação de fazer o bem, revelando assim, o amor do Pai. Ele tinha como referência a bondade de Deus, a quem chamava de Pai e incentivava os outros para que o tratassem da mesma forma. Ser Isso fez com que fosse reconhecido como Aquele que vem de Deus: homem na sua inteireza identificado com o Verbo ao longo de sua existência. A vinda do Verbo em Jesus se dá em um processo de identificação e identidade desde seu nascimento, culminando em sua entrega na cruz. O Verbo é manifestado no amor do Filho, sem dualidade na pessoa de Jesus, sem impor de fora algo que não seja seu, isto é, sua condição de Filho. A pró-existência de Jesus revela o seu amor ao Pai e à humanidade. O ponto alto dessa entrega ocorre na doação de sua vida na cruz. E é na cruz que se reconhece a sua filiação e igualmente a paixão da Trindade. Temos ainda, na cruz, a resposta de Deus dada a essa entrega: é pela morte e ressurreição que se ascende ao conhecimento de sua origem eterna, na comunhão do Verbo. Na carne de Jesus, encontramos a revelação de Deus. Moingt se expressa assim a esse respeito:

A narração de sua vinda ao mundo é já narração da paixão de Cristo, o que dá razão aos teólogos contemporâneos (Jüngel, Moltmann e outros) de dizer que a Cruz de Jesus está plantada no coração do mistério trinitário. A revelação de Deus em seu todo gira em torno de Cristo, e é a história entre três parceiros 'para nós, os homens, e para a nossa salvação'. A história do Verbo é pois simplesmente a de Jesus Cristo em que ela se consuma: 'e o Verbo se fez carne'. Não se deve entender essa expressão enigmática no sentido de uma transformação, nem tampouco, no oposto, no sentido de revestimento, mas no sentido de um devir que ele assume advindo em um indivíduo humano em virtude da historicidade que tomou sobre si. ²⁹²

Dentre as diversas formas apresentadas por Moingt para pensar a teologia e a cristologia, ele escolhe a base da pregação dos Evangelhos. A morte e ressurreição de Jesus é o ponto central da pregação evangélica. ²⁹³ Opõe a razão metafísica e a "razão comum" da

²⁹¹ J. Moingt observou que essa revelação trazida por Jesus não se compara com aquela realizada pelos profetas, nele Deus não fala a partir de fora. Em Jesus é o próprio Deus que se expressa.

²⁹² MOINGT, Joseph. *Deus que vem ao homem:* Da aparição ao nascimento de Deus. Aparição. São Paulo: Loyola, 2010. v. II, p.129.

²⁹³ MOINGT, Joseph. *Deus que vem ao homem*, Aparição, v. II, p. 271-344.

modernidade à razão da cruz.²⁹⁴ É nesse evento que podemos fundar, em Jesus, de modo definitivo, a revelação de Deus.²⁹⁵ Nosso Autor apresenta a cruz como acontecimento trinitário, lugar onde ocorre o ponto alto da projeção do Filho, de si no Pai com a mesma resposta. Ele aproxima-se do pensamento teológico de Jürgen Moltmann que valoriza a cruz como lugar de revelação de Deus.²⁹⁶

Na cruz, ocorre a revelação de que o Filho, assim como o Pai, é um ser de entrega absoluta em seu amor. O ser de Deus "para nós" está presente igualmente no ser do Filho, que conhece o Pai com intimidade buscando em tudo fazer sua vontade. Ao revelar o modo de ser de Deus, ele enfrentava diversas oposições. Moingt faz lembrar que Jesus se via envolvido em situações conflitantes: sua misericórdia para com os que sofrem, o comer com os pecadores e o perdão dado a eles, toda essa compaixão é símbolo dos acontecimentos últimos, os quais ele vem inaugurar.²⁹⁷

O Autor faz ver que a ideia da preexistência de Cristo tem importância na compreensão da ligação entre Deus e Jesus e, a partir dele, com a humanidade, não do ponto de vista de um pensamento metafísico de substância, mas do ponto de vista da relação de entrega e reconhecimento. Ele tem um papel na criação, não como alguém que existe antes de seu tempo, ou mesmo de uma preexistência ideal, "na mente de Deus". O problema segundo nosso Autor, não está no termo em si e nem em sua ideia, mas nas afirmações que foram feitas a partir dela. Ela está presente na vontade livre e amorosa de Deus que quer se dar um Filho e através dele e por ele uma multidão de irmãos.

Tocamos ainda os temas ligados à ideia de preexistência como a Trindade, a Encarnação e a filiação divina de Jesus. A Trindade é um acontecimento de história, da cruz, marcado pela unidade de Deus na relação de entrega, de doação. Aí se fundamenta o discurso da preexistência de Cristo. O Filho entrega seu Espírito ao Pai e o Pai, igualmente, entrega seu Espírito vivificante ao Filho. A relação trinitária é uma relação constitutiva da identidade de cada um na Trindade. O modo de Deus se relacionar com Jesus constitui a identidade de Jesus como Filho e o mesmo ocorre na relação de Jesus com o Pai. O ato de ir e vir, sem destituir o

²⁹⁴ MOINGT, Joseph. *Deus que vem ao homem*, Aparição, v. II, p.372.

²⁹⁵ Para Moingt, embora exista diferença entre a "razão comum" e a razão da cruz, existe uma ligação entre elas, pois a recusa da razão comum em dar atenção, a fala de Deus na razão metafísica, faz nascer a "razão da cruz" como único lugar a partir do qual é possível falar de Deus na atualidade.

²⁹⁶ MOLTMANN, Jürgen. O Deus crucificado: A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. Santo André: Academia Cristã. 2014, p. 272. Dentro da tradição da reformada Lutero faz crítica ao modo como se pretendeu falar de Deus, sem levar em consideração a cruz de Cristo. Aponta uma oposição entre a teologia da glória e a teologia da cruz.

²⁹⁷ MOINGT, Joseph. *Deus que vem ao homem*, v.I, p. 307-308.

próprio eu, constitui a identidade do terceiro que é o Espírito, o amor que é doado ao mundo. Para Joseph Moingt

Existe um terceiro, onde o impulso do Pai para o Filho e do Filho para o Pai renasce sem jamais se deter nem sair de Deus. O Dom interdito do Outro para o Outro. Assim 'procede' o Espírito Santo, Espírito porque é o sopro do impulso que projeta o Pai e o Filho Um para o outro; Santo porque posto a distância, 'impedido' no próprio fato de ser o Bem comum a que cada um renuncia em proveito do outro, o Dom 'inapreensível' porque é a pura gratuidade e liberdade do Amor. ²⁹⁸

A última fala sistemática desse Autor sobre a preexistência de Cristo encontra-se em seu livro *Croire au Dieu qui vient*.²⁹⁹ Ele fala da condição mítica da ideia de preexistência, um mito entre a eternidade e o tempo, que procura relacionar a eternidade de Deus e o tempo de Cristo. Apresenta novamente a importância dessa ideia que fundamenta o dogma cristão da Trindade, da Encarnação e da Redenção. Reconhece que o mito possui um sentido pejorativo na atualidade, o que pode desacreditar a proposta do dogma. Contudo, o mito pode funcionar para aclarar o real, já que ele seria a primeira tentativa de um discurso científico, uma tentativa de verbalizar esse aclaramento.

O esforço de compreender a ideia de preexistência mostra a importância nodal desse conceito para a teologia e a cristologia. Dentro do discurso cristão a ideia de preexistência se liga ainda a uma visão de história que tem o seu sentido em um devir de escatologia e salvação. Nosso Autor procede à análise de diversos textos bíblicos para pensar, a partir daí, a preexistência de Jesus, considerando o desígnio eterno que alcança o tempo, dentro da criação.

A proposta de retornar às origens traz consigo o reconhecimento do limite das diversas fontes do discurso cristão. As Escrituras Sagradas originaram-se de narrativas de fé, relatos que servem de base para o discurso cristão. Tal discurso, portanto, não surge de modo abrupto de um conhecimento a priori ou de uma dedução lógica conceitual desencarnada da realidade. Mesmo que esteja baseado em acontecimentos e interpretações dos dados da história, ele não tem na história, o seu controle, mas na fé dirigida a Deus, o autor da história.

3.2.3 A pró-existência: vínculo entre eternidade e tempo

Em nossa proposta geral, na ideia de preexistência está presente um desígnio de Deus sobre a criação e a história: "para o Filho", como ensina Paulo, retomado pelo teólogo

²⁹⁹ MOINGT, Joseph. *Croire au Dieu qui vient.*v.I, p. 428ss.

²⁹⁸ MOINGT. O homem que vinha de Deus, p. 584.

francês, é que existe a criação (Cl 1, 16). Esse desígnio pode ser percebido ainda por esta expressão de Paulo: "Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho, nascido de mulher (...)" (Gl 4, 4). O aspecto escatológico desse envio se desvela no modo de viver e agir de Jesus. Ele toma como referência o Deus que se revelou na cultura de seu povo. Embora eles tomassem esse Deus como sendo o "seu Deus", reconheciam a sua universalidade ao afirmar que não há outro Deus além dele. Os profetas procuravam mostrar o papel sacerdotal que Israel possuía, mas mostravam igualmente que a solicitude de Deus alcançava outros povos (Gn 12,3; Is 61,9). Paulo reivindica essa universalidade após sua experiência de encontro com Jesus no caminho de Damasco (At 9, 3-6; 1Cor 15, 8). Diz que a bondade de Deus se manifestou nele, quando uniu em si o que estava dividido (Ef 2, 14).

Lendo as páginas dos evangelhos, percebemos os vínculos que eles apresentam entre o anúncio da chegada do Reino e a prática de sanar as pessoas de suas dores, de apontar caminhos e valores que manifestam o "desejo" de bem que perpassa a criação. A preexistência de Cristo na expectativa de Israel fazia crer que ele iria realizar todas essas coisas. Embora Jesus não dissesse de si ser o Cristo (as narrativas raramente apresentam essa situação), sua vida "pró-existente" indica claramente isso. As suspeitas sobre ele eram o enigma que o acompanhava e elas apontavam exatamente para a possibilidade de ele ser muito mais do que parecia. Sem mistificação, o visível portava um sentido maior de sua pessoa, mas só acessível pela fé.

A proposta de nossa pesquisa é descobrir e defender a tese de que a preexistência de Cristo é um conhecimento de história teológica e que esse conhecimento é alcançado pela sua pró-existência, na doação de sua vida no evento da cruz. Joseph Moingt, em sua cristologia, apresenta o acontecimento da cruz como sendo o coração do Evangelho, um acontecimento trinitário de doação e comunhão, lugar do conhecimento dos discípulos de que Jesus de Nazaré é verdadeiramente o Filho de Deus, aquele que estava destinado desde a eternidade a ser o que foi.

O ponto de partida de nosso trabalho de pesquisa é o reconhecimento neotestamentário do vínculo entre Jesus e Deus. A Escritura apresenta-nos Jesus como sendo o Filho de Deus, símbolo mais forte escolhido para falar da ligação e da relação de laços e interesses comuns entre duas pessoas. Jesus de Nazaré, o Filho de Deus, reconhecido como o Cristo, é o portador do governo de Deus sobre a história e inaugurador do seu Reino no mundo.

Procuramos mostrar que a ideia de preexistência na Sagrada Escritura não dirige o relato e também as dificuldades de acessar tal concepção pela linguagem metafísica. Percorremos a tradição antiga da Escritura, de alguns credos, padres da Igreja e dois teólogos

medievais. Apresentamos a ruptura entre o discurso metafísico e o horizonte de compreensão da realidade ocorrido na modernidade e contemporaneidade. Apresentamos o surgimento de propostas de leitura alternativas da revelação, desembocando na cristologia contemporânea.

Joseph Moingt é um teólogo que procurou revisitar os textos fundadores do cristianismo para colher ali, em diálogo com seus pares, a proposta de sua cristologia. Procurou nas Escrituras os argumentos que servem de base para pensar a fé. Essa procura revelou a distância entre a linguagem narrativa das Escrituras e a linguagem conceitual e dedutiva do dogma. Encontrou, ainda, problema na interação entre o discurso clássico e a valorização da história na cultura atual. Isso fez com que desenvolvesse a proposta de construir sua cristologia/teologia pelo caminho da narrativa, servindo-se da descrição dos eventos para apresentar os alcances de suas afirmações e de seus limites. Acompanhamos sua proposta de acessar o dogma não mais pelos caminhos da metafísica do ser, mas pelos caminhos da história, mesmo que o discurso da fé não esteja totalmente isento de lidar com o "invisível", nem de possuir uma ontologia.

O objetivo é fundamentar sempre o discurso cristão em uma narrativa de história teológica. Desse modo, a nossa proposta é que a fé é um dom mediado pela história. Procuramos, assim, pensar o tema da preexistência de Cristo pelo caminho da história teológica. Consideramos a ideia de Moingt de que a fé não cai do céu, mas emerge dos eventos da história. Pensamos, pois, em conceituar "história teológica" como sendo as narrativas de fé que descobrem, nos eventos históricos, a presença e o agir de Deus. A fé, suscitada em nós por Deus e acolhida por quem interpreta e narra, desempenha aí papel fundamental. Do mesmo modo, essa história teológica só é acessível, em seu sentido profundo, para quem se abre a acolher, com fé os relatos. Do contrário, como um texto comum, esses relatos podem ser considerados apenas como parte da literatura universal.

A novidade está em pensar a preexistência não como um evento do passado, mas do futuro. Segundo o teólogo francês, Jesus é consubstancial aos homens, embora esteja relacionado ao Verbo eterno, e se torna pessoa na história, nas condições e debilidades comuns aos demais homens. É nesse processo histórico que ele irá configurar a sua identidade. O impulso interno em acolher a vontade de Deus a seu respeito passa por sua liberdade que decide acolher essa vontade. Desse modo, Jesus é um homem que não se pertence a si mesmo, afirma Moingt. Ele projeta a sua existência em Deus doando a sua vida a serviço dos homens. Nessa condição, os evangelhos mostram a bondade e a misericórdia de Deus agindo nele (Mc 7, 37; Jo 7, 46; At 10, 38).

A ressurreição é um ato do Pai, em resposta ao amor doador do Filho. Sua singularidade de Filho está na confiança inquebrantável no amor do Pai: o reconhecimento está na entrega definitiva em suas mãos: "Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito!" (Lc 23, 46; Mt 27, 50; Jo 19, 30). O reconhecimento maior de sua pró-existência está em projetar no Pai o seu Espírito. A preexistência está presente na pró-existência, no modo como Jesus realiza a obra do Pai (Jo 11, 41-42).

3.2.4 O traço de eternidade no corpo de Jesus

Existe uma pluralidade de caminhos para pensar a revelação de Deus, pontua o nosso autor. Entre eles cita a busca pela história das religiões convergindo para a singularidade do cristianismo, o terreno da criação ou da Encarnação do Verbo. ³⁰⁰ Ele parte do fato histórico da salvação realizada na pessoa de Jesus Cristo. Procura, para isso, uma compreensão global de sua história que, como vimos, é uma história teológica. Escolhe os evangelhos em sua globalidade, atento às pregações de Jesus, mas procura fundar a sua cristologia no evento da cruz.

Procuramos identificar no corpo de Cristo, narrado e prolongado na história, o princípio de inteligibilidade da revelação. É nesse campo que o autor apresenta a alternativa a uma visão de preexistência com seus efeitos protológicos e escatológicos. Para ele, a revelação ocorre no corpo de Cristo sob três acepções, tiradas do pensamento paulino: em sua carne crucificada, em seu Corpo ressuscitado e glorioso, e por fim, em seu Corpo novo, que é seu prolongamento na história. Esse corpo novo é dado pelo Espírito que o faz presente na Igreja.

É em seu corpo ressuscitado e glorioso que se revela aos apóstolos para que tomem consciência de sua vitória sobre a morte. Na alegria, reconhecimento e gratidão eles são enviados para dar continuidade à missão de anunciar o Evangelho e o Reino, duas faces da mesma missão. A Trindade é um conhecimento da ressurreição e de agora em diante se faz presente também na missão (Mt 28, 16-20). A todos que recebem seus ensinamentos o Espírito dá a possibilidade de participar dos frutos de sua paixão.

Como dissemos, a resposta para a questão que levantávamos sobre a possibilidade de pensar o dogma a partir da história pode ser encontrada, como intuíamos, no coração do Evangelho, que, para nosso Autor, está no evento da cruz. A cruz é um evento de história e de

_

³⁰⁰ MOINGT, Joseph. Deus que vem ao homem, v.I, p. 271-344.

revelação. Acontecimento de doação e comunhão trinitária, onde da morte de Jesus surge a vida, onde a história é nele recapitulada. Lugar de onde é doado o Espírito à comunidade dos crentes. O traço da eternidade, paradoxalmente, se faz presente no corpo de Jesus, maltratado e morto na cruz. A cruz é o lugar do qual ele entrega o seu Espírito ao Pai. Ainda que seja o lugar de seu suplício é também o do reconhecimento de ser ele o Filho de Deus.

Propomos, em nossa tese, que os fatos oferecem a possibilidade de interpretação, em uma narrativa que porta um sentido. Somente assim seria possível pensar a história como lugar de revelação de Deus. Assim o discurso cristão encontra no corpo de Cristo o traço da eternidade, revelando ser ele o Filho de Deus, a fala de Deus no mundo. Deus suscita em nós a fé, mas ela tem como impulso os acontecimentos que o ser humano percebe, possibilitando descobrir e falar de sua presença. Seguindo a proposta de Moingt, de valorizar a história como lugar de revelação, ainda que essa história seja confiada a uma narrativa, percebemos ser possível afirmar que a vinda de Deus em Jesus permite um discurso a seu respeito. Assim, no corpo de cristo, por diversos modos, é possível descobrir a fala de Deus.

A fala de Deus em Jesus propõe o Reino como um Evangelho, uma boa notícia para todos, principalmente para os pobres e em favor dos pobres. Ele é anunciado de modo a libertar as pessoas de seus medos da divindade e a entrar em comunhão com Ele e com Jesus. O Evangelho e o Reino nascem do amor e da gratuidade de Deus. A pró-existência, ou economia da Trindade é doação de si ao mundo e aos seres humanos. Vemos aqui a necessidade de relacionar a preexistência e a pró-existência da Trindade com o chamado do ser humano na história para uma relação de comunhão trinitária. Por ser marcada pela gratuidade essa relação deve ocorrer em um "espaço" de liberdade. É na relação entre inteligência da fé e esse espaço de liberdade e de decisão que podemos acolher o sentido dessa história. Ele se manifesta de modo completo na paixão, morte e ressurreição de Jesus.

3.2.5 A preexistência: história teológica do Filho e do Verbo

O esforço da teologia atual em dar razão à fé diante de uma sociedade crítica e cambiante deve ser uma constante. O próprio discurso cristão está sujeito às mutações da história, visto que deve falar de forma inteligível ao ser humano que lhe é contemporâneo. A linguagem é variável, embora o núcleo da fé permaneça. Ela se dirige a Deus que se revelou em seu Filho. A linguagem na qual foi relatado esse evento não está distante do nosso

horizonte cultural, pois usa a linguagem comum que é a da narratividade. Ainda que essa linguagem utilize o mito, ela é portadora de um sentido que visa alcançar a inteligência da fé.

É mais comum entre os teólogos que desejam dialogar com seus contemporâneos evitarem usar a linguagem metafísica para falar sobre a fé. A vantagem maior está em refletir tendo presente a lógica da revelação que é a da história e é transmitida por uma narrativa. Esta, engloba melhor a experiência humana na qual se dá o encontro entre Deus e os homens. O objetivo foi descobrir essa possibilidade de pensar o dogma da preexistência, que em um primeiro momento pensávamos não ser possível. Contudo, como o demonstramos, está presente, mesmo que de modo indireto, na lógica das narrativas dos evangelhos.

Joseph Moingt constata a dificuldade do Concílio de Niceia em admitir um vir a ser em Deus, isso, para resguardar a sua eternidade, que para os padres conciliares seria uma duração imóvel sem começo e nem fim, diz ele. Procuramos mostrar que a imutabilidade do ser de Deus não pode ser compreendida como uma atitude estática, mas como o ato mesmo de Deus existir. Ele chama à existência todas as coisas e se revela como um Deus a nosso favor.

Do mesmo modo, os padres conciliares pensaram em fazer com que a filiação do Verbo não dependesse da história. O Autor considera que tal posição se deu muito mais por um preconceito metafísico do que por um projeto de fé. Isso seria para salvaguardar a Trindade imanente ao abrigo da economia da história, onde ela se manifesta. A proposta de Joseph Moingt é reconsiderar essa atitude partindo novamente da história de Deus que é narrável, como vemos na Sagrada Escritura. O que se faz na história só pode ser contado historicamente. No caso da teologia cristã, isso acontece respeitando a historicidade evangélica, única fonte da fé cristã.

Percebemos muitas semelhanças entre esse modo de fazer teologia na Europa e a teologia latino-americana da libertação. Um das coisas em comum é a busca de valorização da história que acompanhamos no Autor francês. Apesar de muito difundida entre os teólogos em geral, nem todos tiram a real consequência de tal valorização. Por exemplo, alguns valorizam a história, mas até o momento em que essa não coloque em dúvida a concepção de ser aplicada a Deus. A questão de fundo está no modo como é estabelecido o vínculo entre a revelação e o homem concreto. E ainda, os vínculos que existem entre a nossa humanidade e a humanidade de Jesus de Nazaré, apresentando o sentido existencial da revelação.

De fato a teologia clássica, por mais bonita e logicamente concatenada no campo da metafísica ou da ontologia, não se preocupa com as questões que realmente pesam para o homem contemporâneo. Muitas vezes, é tomada como bordão que mais desanima do que dá esperança. Como vimos, a essa teologia estão ligadas muitas concepções da pessoa de Cristo.

O trabalho atual da cristologia e da teologia é apresentar os aspectos humanos fascinantes de Jesus, sem recusar a compreensão da transcendência e da singularidade dessa humanidade, possibilitando colocar em prática em nossa humanidade os seus valores. De outro modo, a mistificação de Jesus, por mais admirável que seja, mais o afasta, do que o aproxima, de nós.

Se a cristologia européia, de modo geral, está mais preocupada em dialogar com a modernidade para transmitir a fé de modo credível, a teologia latino-americana da libertação preocupa-se em mostrar essa credibilidade pelo compromisso ético da fé. Quer mostrar o fundamento de uma existência cristã marcada pela atitude generosa de seguimento de Jesus Cristo pró-existente, assim como o Pai.

A "preexistência" do Verbo junto do Pai está no seu desígnio de amor em relação ao Filho. Este se faz Filho no tempo, na promessa antes de seu nascimento, e no Verbo desde a eternidade. À relação tempo e eternidade na Trindade, Joseph Moingt dá o nome de "dialética teológica".

Verbo se torna realmente homem, mas não um homem; este homem, pois ele não se torna um outro sujeito, um sujeito humano; pode-se dizer que "Deus é ele mesmo mutável no outro" ouvindo-o do Pai em relação ao Verbo encarnado; não se pode dizê-lo do Logos (press

uposto como pessoa do Filho) em relação à humanidade de Jesus, que não é assumida como um outro. A dialética do mesmo e do outro exige ser tratada com maior rigor. ³⁰¹

O fato de a ideia de preexistência não movimentar as narrativas dos evangelhos pode causar a impressão de que ela seja estranha a eles. Contudo, a busca de fundamentação bíblica revela que existe de fato na Sagrada Escritura essa ideia, embora ela não corresponda em tudo ao que foi afirmado pelo dogma. Moingt constata que existe uma preexistência na expectativa da vinda do Messias. Ele foi anunciado pelos profetas para chegar no futuro. Por outro lado, temos que considerar o solo do Evangelho de João, onde encontramos a figura do Verbo, palavra de Deus que se fez carne. Essa preexistência é a que está ligada à eternidade junto de Deus, no princípio, desde antes da criação. Ela é também a base bíblica para afirmar que temos uma preexistência que se liga a Jesus.

João não diz que o Verbo é o Filho, mas anterior ao nascimento de Jesus, este sim, considerado o Filho. Por outro lado, é preciso considerar ainda os evangelhos sinóticos, onde Jesus não é apresentado como Deus, mas como Filho. No Evangelho de João, encontramos sugestões a esse respeito, porém em contextos onde Jesus reivindica a autoridade de ser o Filho de Deus. Defendendo a realidade humana de Jesus e o caráter eterno do Verbo de Deus

_

³⁰¹ MOINGT. O homem que vinha de Deus, p 218.

é preciso encontrar a relação entre os dois, de modo que não ocorra dualidade. Do Verbo com a sua dinâmica na criação e do modo como Jesus viveu a sua existência, em um dinamismo de projeção de sua vida em Deus, é possível afirmar que existe um processo de identificação entre eles. É o que faz Joseph Moingt afirmar que o Filho foi se tornando Filho na história. Esse processo de identificação, como vimos acima, ocorre de modo que Jesus pode ser considerado como a Palavra ou a Sabedoria de Deus que se manifestou.

Essa posição visa não abandonar o terreno da Escrituras, que, por um lado, afirmam a humanidade de Jesus, e por outro, afirmam esse vínculo estabelecido entre ele e Deus, que corresponde simbolicamente ao substantivo "filho" atribuído a Jesus e ao substantivo "pai" aplicado a Deus. A revelação dessa relação ocorre, por outro lado, em um processo, marcado por acontecimentos fortes como o do batismo no Rio Jordão, a transfiguração e o acontecimento da cruz, quando Jesus é reconhecido como o justo ou o Filho de Deus. É um processo que tem como pano de fundo a doação que Jesus faz de sua vida, de viver, não segundo os próprios interesses, mas doar-se a serviço de Deus, procurando fazer sua vontade.

Esse processo de doação e identificação ocorre no anúncio do Reino de Deus, no modo de falar de Deus aos homens, mostrando a sua proximidade. Jesus ensina que o interesse de Deus é que os seres humanos tenham vida, que seu desígnio é de bem, igual ao desejo que sua justiça aconteça. Seu empenho da própria vida em procurar as pessoas que sofrem, para saná-las e anunciar-lhes uma palavra de ânimo revela nessa pró-existência o dinamismo da Palavra de Deus que instaura a salvação que vem de Deus.

As consequências desse compromisso, esse modo de ver e interpretar Deus fora dos esquemas tradicionais da religião trouxe problemas. A religião que estabelecia, muitas vezes, formas de discriminação contra os infelizes, como por exemplo, os leprosos e, de modo geral, as pessoas marcadas por algum tipo de doença, estigma social ou tragédia, entrou em conflito com Jesus. Foi essa religião estabelecida que decidiu acabar com a vida dele. O fato de Jesus revelar em seu agir seu compromisso com sua visão de Deus o pôs fora da religião oficial. Ele destacou a sua face misericordiosa, sua proximidade da humanidade. Para a fé cristã, essa forma de existir revela o ser do Pai em Jesus. Esse reconhecimento se torna o coração do evangelho que a comunidade apostólica interpretou, duplamente autorizada, porque conviveu com Jesus e tive a experiência gratuita e generosa da sua ressurreição. Foi a partir dessa experiência que chegaram a afirmar que Deus ressuscitou Jesus, aprovando-o como Senhor e Cristo.

Joseph Moingt procura mostrar que a cruz é um acontecimento trinitário. A entrega que Jesus faz de sua vida afeta o próprio Deus em seu amor pelo Filho e, neste, Deus é

afetado pela dor de toda a humanidade. O fato de Jesus ter o Pai como referência de sua vida culmina na entrega confiante de seu Espírito nas mãos desse Pai. Até aqui, no nosso modo de pensar, temos um acontecimento de história que nos conduz, pela fé, a uma narrativa de história teológica. Ela remonta a outras narrativas, outras afirmações sobre Deus, atos de fé que balizam e apresentam o "controle" e a "veracidade" do sentido das narrativas da ressurreição. Um exemplo dessas afirmações é a de que Deus não abandona o justo "nas amarras da morte." O aparente abandono transforma-se em ato de louvor, quando Deus reverte a situação trágica, como se lê no Salmo 23. A história da Trindade é história da comunhão dos três, da comunicação que os dois fazem do terceiro, que é o bem comum a ambos. Considerando esse mistério no terreno da Escritura, nosso Autor entende como princípio hermenêutico de revelação uma história teológica: a entrega que Jesus faz de seu Espírito ao Pai. Por sua vez, o Pai dá o seu Espírito vivificador ao Filho sem, contudo, perder aquilo que lhe é próprio. Ele o ressuscita dentre os mortos, como professam as Escrituras e o credo cristão, fazendo-o assentar-se à sua direita. O mesmo acontece no acontecimento de Pentecostes, quando ambos enviam o Espírito, que é comum aos dois, para que a Igreja, o novo corpo de Jesus Cristo, continue no mundo a sua história de salvação, o Reino de Deus e a ressurreição. Essa foi considerada pelos discípulos como a aprovação, por parte de Deus, da vida e dos ensinamentos de Jesus. Para Moingt, tal aprovação corresponde ao fato de que Jesus foi aquele que dizia ser, e ainda, de ele corresponder ao que estava chamado a ser desde a eternidade.

CONCLUSÃO PARCIAL

Pretendemos, nesse capítulo, chegar à resposta para a interrogação de nossa pesquisa: como é possível chegar ao conhecimento da preexistência de Cristo pelo caminho da história, segundo a proposta de Joseph Moingt? Vimos que, pelo caminho anterior da metafísica não se pode mais seguir, em razão de vários problemas, devidos a seu distanciamento do nosso horizonte cultural. Vimos que se trata de uma "história teológica", onde os principais atores formam uma relação trinitária. Procuramos pensar uma temporalidade em Deus a fim de compreender como nele está presente desde a eternidade o Verbo e como ele se encontra com Jesus em sua história, concluindo que existe um processo de identificação entre os dois, ou seja, o Verbo, a Palavra, é assumida por Jesus em uma existência inteiramente doada a Deus, tendo como ponto culminante o acontecimento da cruz.

Procurar, na história, as marcas da presença de Deus e a sua fala é um desafio que tem sido enfrentado há séculos, desde o surgimento do conhecimento crítico. Nessa busca, a teologia tomou consciência dos limites dessa fala, mas também da possibilidade de suas mediações. Partimos da ideia de Moingt de que a fala de Deus acontece no corpo de Cristo compreendido na narrativa dos evangelhos. Queremos dizer com isso que a revelação tem o evento como pressuposto e é, a partir do evento, que surge a interpretação da fé como uma história teológica. Procuramos esboçar a proposta de Joseph Moingt para chegar ao dogma em geral e, de modo especial, ao dogma da preexistência, pelo caminho da história. Vimos que o teólogo francês percorre essa fala de Deus no corpo de Cristo sob três acepções para "corpo": sua carne crucificada, seu corpo ressuscitado e glorioso e seu corpo novo que o Espírito reúne na Igreja. Concentramos nossa procura pela fala de Deus no corpo crucificado de Jesus, ponto alto da revelação que, como vimos, joga luz sobre o passado e o futuro, fazendo reconhecer a sua identidade trinitária.

No primeiro tópico deste capítulo, buscamos mostrar a não aceitação, na atualidade, de uma linguagem que fale de Deus e de sua revelação em Jesus Cristo afastando-o da história. Do mesmo modo, abordamos a impossibilidade de uma linguagem com a pretensão de alcançar conhecimentos indubitáveis para apoiar a fé. De fato, não se pode deixar de dialogar com o conhecimento e com o horizonte cultural, no qual é feito o anúncio. Procuramos, então, dar atenção à temporalidade para falar da preexistência, a qual, segundo a linguagem metafísica, envolveria duas temporalidades e dois modos de existir: uma, do Verbo na eternidade e outras duas paralelas no mesmo sujeito, Cristo: o Verbo e o homem, no tempo. Para vencer essa dificuldade foi preciso reconhecer que não é possível haver na mesma pessoa

dois sujeitos, sem que seja possível identificá-lo com um ou com outro. Considerando o Evangelho de João, Moingt propõe a existência do Verbo em Deus e sua existência futura, simbólica, no homem Jesus cuja identidade ocorre definitivamente no acontecimento da cruz.

CONCLUSÃO GERAL

O itinerário que fizemos procurou pensar o meio de chegar ao dogma da preexistência de Cristo pelos caminhos da história teológica, tendo presente as Sagradas Escrituras e o movimento teológico que pede maior valorização da humanidade de Jesus. Foi esse o itinerário que procurou visualizar, de modo genérico, o tema no discurso cristão. Tivemos como referência o ponto nevrálgico da fé cristã, a ligação entre Jesus e Deus. Examinamos muitas passagens das Sagradas Escrituras e procuramos na tradição da Igreja dos primeiros séculos e no contexto teológico moderno e contemporâneo, a recepção do tema. A teologia e os teólogos contemporâneos pedem uma reaproximação do discurso cristão à nossa cultura. De fato, o modo de compreender a tradição e a maneira como deve ser passada para as novas gerações revelaram a rigidez com que se pretende preservar esse discurso. Tal modo tem resultado infrutífero e aumentado, cada vez mais, a distância entre o discurso da fé e a cultura atual.

Abordamos a preexistência de Cristo tendo como referência a cristologia de Joseph Moingt, teólogo francês que propõe repensar o discurso cristão em termos de história relacionada com a revelação. Para Moingt, a teologia é a "ciência de Deus que vem do próprio Deus como revelação", mas ela se desenvolve em uma história, possibilitando uma narrativa de fé. Assim, embora a teologia não seja uma ciência historiográfica, devido à sua especificidade, ela não deve ignorar os eventos históricos e seus sinais nem a interpretação que pode ser feita desses acontecimentos, acolhendo a revelação que eles portam. Nosso Autor propõe, nesse sentido, que a teologia retorne aos evangelhos e ao método narrativo, como meio de se reaproximar do estilo das narrativas de revelação e do homem contemporâneo. Sugere que a preexistência é um conhecimento do evento de revelação na cruz, onde, no corpo de Cristo, se desvela a singularidade de sua relação com Deus, que está presente desde a eternidade em seu desígnio de amor.

Propusemos como hipótese principal de nossa tese que a preexistência, sendo acessível pelo caminho de uma história teológica, deve ser acessada pela pró-existência de Cristo, cujo ponto alto é o evento histórico e teológico da cruz. Temos como pressuposto para isso a ideia de que essa pró-existência corresponde ao desígnio eterno de Deus: ele quis dar a si um Filho e existir em relação a ele como outro de si.

Como base para essa hipótese maior, apresentamos outras secundárias. Consideramos o evento da paixão, morte e ressurreição de Jesus como o ponto alto da revelação. Seguimos assim Joseph Moingt e Jürgen Moltmann, que consideram a cruz como lugar de revelação da

identidade de Jesus. A cruz é um acontecimento trinitário. Lugar teológico onde encontramos luz para entender a vida de Jesus e sua ligação com Deus. A base bíblica para essa afirmação está no fato de que é a partir do evento da cruz e da ressurreição que os discípulos tomam consciência da identidade de Jesus como Filho de Deus, Senhor e Cristo.

O caminho de uma história teológica para falar da preexistência pede igualmente que a teologia abandone o caminho da metafísica do ser para falar de Deus. Vimos que, apesar disso, a teologia deve adotar um novo tipo de ontologia, tendo como pressuposto que essa ontologia não abandone o caminho da história e da narratividade. A dificuldade a esse respeito é que a metafísica tem a facilidade de falar de realidades às quais não temos acesso direto pelos sentidos. Por isso muitos pensam que abandonar a metafísica poderia acarretar problemas para pensar determinadas questões da revelação. É preciso ter presente, porém, que a linguagem metafísica encontra grandes dificuldades de ser aceita em nossa época devido à mistificação que porta a respeito da realidade. Essa linguagem corre sempre o risco de elaborar seu discurso a partir de elocubrações. De modo geral, a metafísica é tomada como linguagem do mito, mesmo que esteja formulada em uma linguagem filosófica.

Outra questão que é problemática e que precisa ser revista é a não consideração do horizonte cultural como importante para pensar a fé. Esse horizonte é sempre mutável, assim como a linguagem e a cosmovisão. Em horizontes mutáveis foram fixadas interpretações definitivas em forma de dogmas, como demonstrou Claude Geffré. É preciso rever muitos pensamentos que não dizem nada e não servem para interpelar o ser humano hoje. Muitos não têm mais valor normativo para os nossos dias. Considerar essa mutabilidade na compreensão possibilitaria que o discurso cristão fosse dirigido ao ser humano em todos os tempos, e portasse uma mensagem credível e audível nos vários contextos de seu anúncio. O discurso cristão poderia dialogar com verdadeira abertura com o horizonte cultural atual. Isso, com justiça e por justiça, exige uma abertura maior das tradições. A revelação que Deus faz de si deve encontrar o ser humano em um espaço de liberdade, onde a fé deve ser acolhida como um reconhecimento de amor e não como oposição. Esse espaço deve revelar o amor gratuito de Deus e não a imposição.

A preexistência de Cristo foi ainda tomada como uma condição para que a encarnação acontecesse. O papel da encarnação seria reduzido ao fato de que ela possibilitou que Jesus oferecesse a sua vida como expiação dos pecados. Tal noção anula a liberdade dos que conviveram com ele, tirando-lhes a responsabilidade por esse ato, e mesmo reforça a ideia de uma facticidade dos acontecimentos da história. Ao contrário, em sua liberdade ele optou por projetar sua existência em Deus em prol da humanidade, correspondendo ao que se esperava

dele desde a eternidade. O seu martírio decorre dessa opção. Isso torna mais humana a sua condição e o reconhecimento da possibilidade de cada um, inspirado em seus ensinamentos, se comprometer com ele. Se existe um desígnio de Deus sobre Jesus, e que ele cumpriu bem em sua pró-existência, esse desígnio está em revelar o amor de Deus ao mundo, fazendo-o voltar-se para ele.

Vimos que na formação do discurso cristão houve muitas influências externas que serviram para direcionar o seu sentido, com a preocupação em responder questões importantes, mas específicas daquele contexto cultural. Hoje, as questões que se colocam são outras e pedem também respostas que ajudem a produzir um sentido de fé para a vida. Muitos teólogos dizem que o problema maior foi a passagem, no discurso cristão, do anúncio do Reino de Deus e seus valores para, a partir do século II, o foco na identidade de Jesus. É preciso entender essa identidade não como ponto de disputa entre ideias e percepção, mas como convite a perceber, em sua pessoa, o projeto de uma nova humanidade que corresponda ao desígnio de amor que vem de Deus.

O ponto de partida para o nosso estudo é o núcleo central da fé, aquele que diante das transformações culturais e exegéticas não pode ser mudado, sob pena de perdemos aquilo que nos identifica como cristãos. Propomos que esse núcleo se refera à relação existente entre Jesus e Deus, à qual a tradição cristã chamou de filiação divina de Jesus. Percebemos que esse núcleo produziu ainda muitos outros modos de compreensão, por exemplo, a de que Jesus é o Cristo de Deus. Procuramos mostrar que o dogma da preexistência de Cristo tem a mesma função de apresentar a relação entre Jesus e Deus que vem desde a eternidade. Contudo, o modo como essa ideia foi utilizada para afirmar que a origem da pessoa de Jesus Cristo não depende da história e que Jesus é consubstancial ao Pai e co-eterno a ele, produziu grande distanciamento das narrativas bíblicas e enfrenta, na atualidade, a oposição de muitos teólogos, sendo considerada por muitos como uma invenção mítica.

Ao escolhermos partir das narrativas das Sagradas Escrituras para pensar o dogma da preexistência de Jesus, procuramos ter presente as dificuldades que enfrentaríamos. Uma delas é visitar os textos sem as pressuposições do dogma, ou, pelo menos, sem querer de antemão encontrar nos textos aquilo que foi afirmado por ele. A solução foi propor o uso do método fenomenológico, a *Epoké*, da suspensão do juízo, na tentativa de permitir que os textos falem por si mesmos a esse respeito. Entre os exegetas da atualidade, não é unânime pensar que são corretas as interpretações feitas sobre os textos pela tradição do dogma. Os concílios não citam, em suas definições, os textos bíblicos que serviriam de base para tais afirmações. Somente depois, esses textos foram utilizados como ponto de partida e apoio para

a ideia de preexistência. Nesse tempo, já tinham como chave de leitura as definições dogmáticas.

Essas definições dizem que Cristo é uma pessoa com duas naturezas, a humana e a divina, sendo a natureza divina preexistente. Ora, os textos neotestamentários falam da preexistência de Cristo no tempo, no anúncio que os profetas fizeram a seu respeito para o futuro. No prólogo do Evangelho de João, quando afirma que "no princípio era o Verbo e Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus", encontramos a ideia de preexistência, mas do Verbo, não de Jesus. Mesmo essa passagem, como mostramos, tem problemas em sua interpretação. O Verbo, ou a Palavra, serve de metáfora para apresentar o dinamismo da Palavra de Deus que se faz presente em Jesus. Contudo, para levar a sério a humanidade de Jesus como quer o próprio Evangelho de João e os sinóticos, não se deve atribuir a Jesus que ele é Deus Encarnado.

Se for preciso considerar a narrativa bíblica como fundamento para pensar a revelação e a fé, devemos considerar a força argumentativa dos textos para defender uma posição do discurso cristão e levar em consideração o que é credível em nosso contexto. Percebidas as dificuldades do caminho metafísico para obtermos tal credibilidade, propomos o caminho da história, mas uma história teológica envolvendo acontecimento e a interpretação da fé. Esse método poderá mostrar a importância da relação entre fé e história. É preciso lembrar que não é um discurso que pode gozar de certeza absoluta, pois os caminhos de acesso à revelação são os caminhos da fé.

A fé demanda uma decisão e um empenho existencial, em um espaço de liberdade, para alcançá-la. Nesse sentido vimos que a fé não é desprovida de razão, pelo contrário, ela possui uma inteligência. Tendo como referência a Sagrada Escritura, procuramos mostrar que pela pró-existência de Cristo seríamos levados a reconhecer que o sentido que dá o norte a sua pessoa vem de Deus, de seu desígnio eterno. Tal intuição só pode ser confirmada pelo próprio Deus, o que ocorre com sua fala, na revelação da ressurreição de Jesus. Assim, foi reconhecido que esse homem Jesus não é um homem comum, ele possui uma ligação especial com Deus, ele é o prometido pelos profetas e patriarcas e que sua origem vem desde a eternidade. Desse modo, é possível confessar a sua preexistência. Esse acontecimento decisivo pode ser apreendido no evento da cruz.

Esse pensamento envolve reconhecer um desígnio de Deus desde a eternidade sobre a criação e a história. Joseph Moingt considera possível chegar, pelas narrativas, a entender que o Criador chama todas as coisas à existência em vista do Filho e que, a seu respeito, Deus tem um desígnio desde a eternidade. Jesus em sua existência procurou corresponder a esse

desígnio fazendo a vontade do Pai. Desse modo, anunciou a chegada do Reino de Deus e, como meio de mostrar sua chegada, operava os sinais preditos pelos profetas (Mt 11, 2-5). O desígnio de Deus sobre o seu Filho combina o anúncio, a realização e o reconhecimento pelas testemunhas, de que ele assume em si o "ser Filho de Deus" e procede como tal. Reconhecimento que tem em sua humanidade o testemunho. Desse modo, para considerar a sua origem divina deve-se ter presente que ela não pode ser contrária a sua humanidade plena.

Nossa hipótese é que a ideia de preexistência envolve a história da salvação, tendo seu sentido captado no efeito protológico e escatológico do acontecimento da cruz. De fato, para Moingt temos na cruz um conhecimento retroativo da identidade de Jesus que perpassou o tempo histórico no passado e joga luz sobre o futuro da humanidade no caminho aberto pela ressurreição de Jesus. A doação da vida do Filho ao Pai em prol da humanidade faz conhecer o próprio ser de Deus que se revela no Filho como doação de si.

Vendo a cruz como um acontecimento de história teológica, de relação trinitária, procuramos, a partir do pensamento de nosso Autor, encontrar o modo como esse reconhecimento de fé emerge do traço de eternidade no corpo crucificado de Jesus. O acontecimento não detém toda a verdade, vimos no pensamento de Merleau-Ponty. O visível reveste-se do invisível que é captado pelo sentido que porta. A cruz não é apenas um fato histórico sem portar um sentido que pode ser captado pela fé. É o lugar da violência que fizeram contra Jesus, mas é também o lugar de revelação do amor de Deus. A cruz é vista pelos cristãos como o lugar de entrega que Jesus faz de si ao Pai a serviço da humanidade. Da polissemia de sentidos teológicos desse acontecimento, lugar da revelação da Trindade, sinal da renúncia de toda violência de Deus em sua relação com a humanidade, do sim dado pelo Pai à vida do Filho, focamos a ideia de preexistência de Cristo.

A cruz carrega o sentido que Jesus deu a sua existência, é conseqüência de sua doação. Ela desvela a presença da Trindade na história em um evento de entrega, entre o Pai e o Filho, através do Espírito de Amor, comum aos dois. Da cruz, nasce a novidade de Deus para com a humanidade, a novidade de um amor comprometido que quer doar-se. Do evento pascal da cruz emerge o sentido protológico e escatológico da criação, sendo ainda o lugar onde a eternidade toca o tempo no corpo de Jesus, em uma relação de reconhecimento, amor e entrega.

Dissemos ainda, que a cruz é o momento em que o Filho, na experiência do sofrimento e da dor, entrega confiante nas mãos do Pai o seu Espírito. A interpretação de Moingt é que esse projetar de seu Espírito ao Pai obtém igualmente a resposta do Pai, que envia a ele o seu Espírito vivificador ressuscitando-o dos mortos. A experiência da ressurreição vivida pelos

discípulos leva-os a reconhecer que esse homem Jesus era de fato Filho de Deus e que a nova imagem que havia mostrado do Pai era a verdadeira, deixando para trás a imagem mostrada pela religião oficial. É um reconhecimento que tem seus efeitos protológicos e escatológicos e nosso Autor chama de "conhecimento retroativo", tomando de Pannenberg essa categoria. Acontecimento trinitário de troca do Espírito entre o Pai e o Filho, na cruz Jesus entrega seu Espírito ao Pai e é recebido pelo Pai que, por sua vez, também envia seu Espírito vivificador ao Filho. Pai e Filho enviam ao mundo esse Espírito comum a ambos. 302 A exaltação do Filho à direita do Pai significa que ele, por sua ressurreição, assume aquilo que devia ser desde a eternidade. Deus o ressuscitou dentre os mortos, inaugurando com esse ato a nova criação, a ressurreição, que chega a todos os seres humanos que procuram viver segundo o seu Espírito e o Espírito de Cristo. Moingt trata então da questão do Verbo de Deus, considerado aquele que, desde a eternidade, está junto de Deus e que é Deus. Como se dá a relação entre Jesus e o Verbo é parte dessa resposta.

Para nosso Autor, o Verbo eterno de Deus se faz presente na história em processo de devir e de assimilação pelo homem Jesus, de modo que ele, Jesus, irá assumindo em sua humanidade esse Verbo. É na humanidade de Jesus que o Verbo de Deus assume a nossa condição, de modo que é possível dizer que Jesus é a humanidade de Deus; e ainda, é outro modo de ser de Deus. Com isso, Jesus se torna *o homem que vinha de Deus*, pois em sua liberdade humana assume ser aquilo a que estava destinado a ser desde a eternidade junto de Deus. O Verbo e Jesus são a mesma pessoa, para o teólogo francês. De modo que a história de Jesus é também a história da Trindade econômica. Em Jesus, não há uma dualidade, mas a unidade de sua pessoa humana, cuja existência é projetada em Deus. O reconhecimento de sua identidade preexistente pelo caminho da história é uma revelação, mas traz o seu sinal no ato de ter uma existência voltada para Deus em prol da humanidade.

É um reconhecimento que tem seus efeitos protológicos e escatológicos e nosso Autor chama de "conhecimento retroativo", tomando de Pannenberg essa categoria. Acontecimento trinitário de troca do Espírito entre o Pai e o Filho, na cruz Jesus entrega seu Espírito ao Pai e é recebido pelo Pai que, por sua vez, também envia seu Espírito vivificador ao Filho. Pai e Filho enviam ao mundo esse Espírito comum a ambos.³⁰³ A exaltação do Filho à direita do Pai significa que ele, por sua ressurreição, assume aquilo que devia ser desde a eternidade. Deus o ressuscitou dentre os mortos, inaugurando com esse ato a nova criação, a ressurreição, que chega a todos os seres humanos que procuram viver segundo o seu Espírito e o Espírito

-

³⁰² MOINGT. O homem que vinha de Deus, p. 583-584.

³⁰³ MOINGT. O homem que vinha de Deus, p. 583-584.

de Cristo. Moingt trata então da questão do Verbo de Deus, considerado aquele que desde a eternidade está junto de Deus e que é Deus. Como se dá a relação entre Jesus e o Verbo é parte dessa resposta.

Para nosso Autor, o Verbo eterno de Deus se faz presente na história em processo de devir e de assimilação pelo homem Jesus, de modo que ele, Jesus, irá assumindo em sua humanidade esse Verbo. É na humanidade de Jesus, que o Verbo de Deus assume a nossa condição, de modo que é possível dizer que Jesus é a humanidade de Deus; e ainda, é outro modo de ser de Deus. Com isso, Jesus se torna *o homem que vinha de Deus*, pois em sua liberdade humana assume ser aquilo a que estava destinado a ser desde a eternidade junto de Deus. O Verbo e Jesus são a mesma pessoa, para o teólogo francês. De modo que a história de Jesus é também a história da Trindade econômica. Em Jesus não há uma dualidade, mas a unidade de sua pessoa humana, cuja existência é projetada em Deus. O reconhecimento de sua identidade preexistente pelo caminho da história é uma revelação, mas traz o seu sinal no ato de ter uma existência voltada para Deus em prol da humanidade.

A contribuição que pretendemos dar com essa investigação está relacionada à constatação de que, pela pró-existência de Cristo, temos acesso à identidade de Jesus como Filho eterno de Deus. Isso levando em consideração o princípio que diz que uma pessoa não nasce pronta, mas se torna pessoa na medida em que configura a sua história diante dos apelos da vida. Jesus configura a sua existência em consonância com aquilo que percebia de Deus, de seu projeto a respeito do mundo, dos seres humanos e da história. Alguns teólogos dizem que Jesus é o lugar tenente de Deus na terra, ele é a humanidade de Deus.

Doou-se a Deus fazendo o bem aos homens, recebeu muitos males, mas a ninguém fez o mal. A cruz, como o momento de dor, paradoxalmente, revela o ponto alto dessa doação. A cruz revela a generosidade do Filho, mas também a generosidade do Pai. Pela ressurreição, surge algo novo, que beneficia a humanidade inteira que acolhe, como Jesus, a proposta de Deus. O caminho principal torna-se a capacidade de seguir Jesus pelos caminhos da história com os seus desafios, servindo à causa do Reino, e fazendo-o mais perto de nós e do mundo, mesmo em meio às contradições.

REFERÊNCIAS

AMATO, Angelo. Encarnación de Cristo. Reflexiones dogmáticas. In: VV. AA. Semanas de Estudios Trinitários XXXII Encarnación Redentora. Salamanca: Ediciones Secretariado Trinitario, 1999.

ANSELMO, Santo. Por que Deus se fez homem, Cur Deus Homo. São Paulo: Novo Século, 2003.

ATANÁSIO. In: STEAD, G. C. *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*. São Paulo: Paulus, 2002, p. 181-191.

BAUCKHAM, Richard. Jesus e as testemunhas oculares. São Paulo: Paulus, 2011.

BARBAGLIO, Guiseppe; FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos I.* São Paulo: Loyola, 1990.

BENOIT, Pierre. Préexistence et Incarnation. *Revue Biblique*, Paris, v. 77, n. 1, p. 5-29, janv. 1970.

BERGER, Klaus. As formas literárias do Novo Testamento. São Paulo: Loyola, 1998.

BIBLIA de Jerusalém. 2.ed. Nova ed. rev. São Paulo: Paulus, 2002.

BIBLIA de Evangelismo: Contendo o Velho e o Novo Testamento [...] Por João Ferreira de Almeida. Ed. corr. e rev. São Caetano do Sul: Editora Bíblica, 2008.

BÍBLIA do Peregrino. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2017.

BÍBLIA Sagrada Ave Maria Edição de Estudo. São Paulo: Edições Claretianas, 2012.

BIBLIA. Tradução Ecumênica. Nova ed. rev. e corr. São Paulo: Loyola, 1995.

BROWN, Raymond. O nascimento do Messias. São Paulo: Paulinas, 2005.

BROWN, Raymond. *Introducción a la cristologia del Nuevo Testamento*. 2 ed., Salamanca: Sígueme, 2005.

BROWN, Raymond. Introdução ao Novo Testamento. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

BROX, N; SEIBEL, W. Confissão – Profissão (da fé). In. FRIES, Heinrich. *Dicionário de Teologia: Conceitos fundamentais da Teologia atual.* 2. Ed. São Paulo: Loyola, 1983. v. I. p.267-277.

BULTMANN, Rudolf. Teología Del Nuevo Testamento. Salamanca: Síguime, 1981.

BROWN, Raymond. Demitologização: coletânia de ensaios. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

BROWN, Raymond. *Teologia do Novo Testamento*. Santo André: Editora Acadêmica Cristã, 2008.

BYRNE, Brendan. Christ's pré-existence in Pauline soteriology. *Theological Estudies*, v. 58, n. 2, p. 308-330, may, 1997. https://doi.org/10.1177/004056399705800205 Disponível em: http://journals.sagepub.co/doi/10.1177/004056399705800205. Acesso em: 12 set. 2021.

CAMARGO, Maria Tereza. Vocabulário teológico: um vocabulário para-temporal? *Alfa, revista de linguística*. v. 10, 1966. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3281. Acesso em: 10 mar. 2021.

CAPAZZI, Nunzio. *L'uso di Fl 2,6-11 nella Cristologia Contemporanea (1965-1993)*. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1997.

CERTEAU, Michel de. A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

COLINS, John J. Isaías. In. BERGANT, Diane CSA; KARRIS, Robert J. OFM (org.). *Comentário Bíblico*. v. 2. São Paulo: Loyola, 1999.

DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral.* São Paulo: Paulinas: Loyola, 2007.

DE SIMINE, Russell J. Justino filósofo e mártir. In: BERARDINO, Angelo Di. *Dicionário* patrístico e antiguidades cristãs. Petrópolis: Vozes, 2002.

COELHO NETO. Damião. *A concepção de história na obra "homem que vinha de Deus" de Joseph Moingt.* 2012. 144 p. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2012.

DUNN, James Douglas Grant. *Christology in the Making*: a New Testament inquiry into the origins of the doctrine of the Incarnation. 2 ed. London: SCM Press Ltd., 1989.

DUNN, James Douglas Grant. A teologia do apóstolo Paulo. São Paulo: Paulus, 2003.

DUNN, James Douglas Grant. *El cristianismo en sus comienzos*. Tomo I. Jesús recordado. Estella (Navarra): Editorial Verbo Divino, 2009.

DUNN, James Douglas Grant. A nova perspectiva sobre Paulo. São Paulo: Paulus, 2011.

DUNN, James Douglas Grant. Jesus em uma nova perspectiva. São Paulo: Paulus, 2013.

DUNN, James Douglas Grant. Jesus, Paulo e os Evangelhos. Petrópolis: Vozes, 2017.

EICKLELSCHULTE, Dietmar. Hermennéutica y teologia em Rudof Bultmann. *Selecciones de Teología*, Barcelona, v. 5, n. 20, p.287-297, oct./dic. 1966.

FAUS, José I. Gonzales. La dicusión holandesa sobre Calcedonia. In. *Selecciones de Teología*, Barcelona, v. 11, n. 42, p.168-182, abr./jun. 1972. p. 171-172.

FISICHELLA, Rino. III. Títulos Cristológicos. In: LATOURELLE, René; FISICHELLA, Rino. *Dicionário de Teologia fundamental*. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 151-158.

FORTE, Bruno. A Trindade como história. São Paulo: Paulinas, 1987.

FORTE, Bruno. *Introdução à fé*: Aproximação ao mistério de Deus. São Paulo: Paulinas, 1994.

GALILEU Galilei. A Bíblia deve ser interpretada. In. NICOLA, Ubaldo. *Antologia ilustrada de Filosofia*: Das origens à idade Moderna. São Paulo: Globo. 2005. p.204-213.

GATHERCOLE, Simon J. *The Preexistent Son*: Recovering the Christologies of Mathew, Mark and Luke. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans Publishing, 2006.

GATHERCOLE, Simon J. *Pre-existence, and the Freedom of the Son in Creation and Redemption*: An Exposition in Dialogue with Ribert Jenson. In: *International Journal of Systematic Theology*. January 2005, v. 7, n.1. Disponível em: https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1468-2400.2005.00150.x . Acesso em: 23 mai. 2022.

GATHERCOLE, Simon J. *The Preexistent Son*: Recovering the Christologies of Mathew, Mark and Luke. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans Publishing, 2006. Recensão de: STREETT, Daniel. Review of Simon Gathercole The Preexistent Son Recovering the Christologies of Mathew, Mark and Luke. Disponível em: https://www.academia.ed/2997027/Review. Acesso em: 8 set. 2021.

GEFFRÉ, Claude. Crer e interpretar: A virada hermenêutica da teologia. Petrópolis: Vozes, 2004.

GIBELLINI, Rosino. A teologia do século XX. 2. Ed. São Paulo: Loyola, 2002.

GNILKA, Joachim. A Epístola aos Filipenses. Petrópolis: Vozes, 1978.

GOURGUES, Michel. Os salmos e Jesus: Jesus e os Salmos. São Paulo: Paulinas, 1984.

GOUVÊA, Ricardo Quadros. *A paixão pelo paradoxo:* uma introdução a Kierkegaard. São Paulo: Fonte Editorial, 2006.

GRENZ, Miller E. Stanley. *Teologias contemporâneas*. São Paulo: Vida Nova, 2011.

HAMERTON-KELLY, R.G. *Pre-existence, Wisdom and the Son of Man:* A Study of the Idea of Pre-existence in the New Testament. Cambridge: University Press, 1973.

HICK, John. *A Metáfora do Deus Encarnado*. Petrópolis: Vozes, 2000. Recensão de CAVINI, Carlos Eduardo B. *Reflexus*: Revista trimestral de Teologia e Ciências da Religião, Vitória, v. 1, n. 1, 2007.

HONORÉ, Guignebert C. Alfred. Quelques remarques d'exegèse sur Philippiens 2,6-11. In *Revue d'histoire et de philosophie religieuses*, Strasbourg, v. 3, n. 6, p. 512-533, nov./déc. 1923. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/rhpr 0035-2403 1923 num 3 6 2457. Acesso em: 27 mai. 2022.

HURTADO, Larry Weir. *Lord Jesus Christ*: Devotion to Jesus in earliest christianity. Grand Rapids: William B. Berdmans, 2005.

HURTADO, Larry Weir. Preexistência. HAWTHORNE, Gerald F. (org). Dicionário de Paulo e suas cartas. 2ªed. São Paulo: Loyola, 2008, p. 985-989.

HURTADO, Larry Weir. "Pre-Existence" in Ancient Jewish Tradition and The NT. Disponível em: https://larryhurtado.wordpress.com/2019/02/06/pre-existence-in-ancient-jewish-tradition-and-the-nt/. Acesso em: 10 set. 2020.

HURTADO, Manuel. *A Encarnação*: Debatecristológico na teologia cristã das religiões. São Paulo: Paulinas, 2012.

IAMMARRONE, Giovanni. *Preexistência*. In: PACOMIO, Luciano e MANCUSO, Vito (Ed.). *Léxico*: Dicionário Teológico Enciclopédico. São Paulo: Loyola, 2003, p. 606-607.

IMSCHOOT, Pal Van; GOLDSTAIN, Jacques. Sabedoria. In: LONGTON, Joseph; POSWICK, R.-Ferdinand. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Loyola: São Paulo, 2013, p. 1184-1187.

INÁCIO DE ANTIOQUIA. Carta aos Efésios. In. *Padres Apostólicos*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 81-89. (Patrística, 1).

INÁCIO DE ANTIOQUIA. Carta aos Magnésios. In. *Padres Apostólicos*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 91-96. (Patrística, 1).

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. *Grande dicionário Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p. 2284.

JÜNGEL, Eberhard. Dios como mistétio del mundo. Salamanca: Sígueme, 1984.

JUSTINO DE ROMA. I Apologia. 2ed., São Paulo: Paulus, 1995, p. 19-89. (Patrística, 3).

KÄSEMANN, Ernest. *El Jesús Histórico y el Cristo de la fé. Selecciones de Teología*, Barcelona, v. 11, n. 42, p. 87-103, abr./jun. 1972.

KASPER, Walter. Jesús, el Cristo. 13 ed. Salamanca: Sígueme, 2012.

KUSCHEL, Karl-Josef. *Born Before all time? The Dispute over Christ's Origin*. London: SCM Press, 1992.

KUSCHEL, Karl-Josef. Cristología y dialogo interreligiso. *Selecciones de Teología*, Barcelona, v. 31, n. 123, p.211-221, jul./sept. 1992, p. 218.

KOHLER, Kaufmann; BLAU, Ludwig. Preexistence. The unedited full-text of 1906 Jewish Encyclopedia. In: *jewishencyclopedia.com*. Disponível em: http://www.jewishencyclopedia.com/articles/12339-preexistence anchor4. Acessoem: 16 mar. 2021.

KIRK, Daniel J.R. A Man Attested by God: The Human Jesus of the Synoptic Gospels. Grand Rapids: Eerdmans, 2016.

KÜNG, Hans. Ser Cristiano. 4ª ed. Madrid: Ediciones Cristandad, 1978.

LAURET, Bernard. *Iniciación a la practica de la teología*. 3 ed., t. II. Madrid: Ediciones Cristiandad. 1984.

LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70, 1980.

LIBANIO, João Batista. Eu creio nós cremos: Tratado da fé. São Paulo: Loyola, 2000.

LIVRO DE ENOQUE. In. PROENÇA, Eduardo de; PROENÇA, Alessandra Oliveira de. *Um Outro Antigo Testamento*. Tomo 1. São Paulo: Fonte Editorial, 2022. 571p. (Série Literatura Apócrifa).

MARCONCINI, Benito. *Os evangelhos sinóticos: Formação, redação, teologia*. São Paulo: Paulinas, 2007.

McCREADY, Douglas. "He came Down from heaven": The preexistence of Christ Revisited. Journal of the Evangelical Theological Society, Westminster, September, 1997, vol. 40, n.3. Disponível em: https://www.etsjets.org/files/JETS-PDFs/40/40-3/40-3-pp419-432_JETS.pdf. Acesso em: 10 set. 2021.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MEUNIER, Bernard. O nascimento dos dogmas cristãos. São Paulo: Loyola, 2005.

MOINGT, Joseph. *Théologie Trinitaire de Tertillien*. Histoire, Doctrine, Méthodes. Paris: Éditions Aubier-Montaigne, 1964.

MOINGT, Joseph. *Théologie Trinitaire de Tertillien*. Substantialité et Individualité. Paris: Éditions Aubier-Montaigne, 1966.

MOINGT, Joseph. *Théologie Trinitaire de Tertillien*. Unité et Processions. Paris: Éditions Aubier-Montaigne, 1966.

MOINGT, Joseph. *Théologie Trinitaire de Tertillien*. Unité et Processions. Paris: Éditions Aubier-Montaigne, 1969.

MOINGT, Joseph. L'homme qui venait de Dieu. Paris: Les Éditions du Cerf, 1993.

MOINGT, Joseph. O homem que vinha de Deus. São Paulo: Loyola, 2008.

MOINGT, Joseph. *Deus que vem ao homem:* Do luto a revelação de Deus. v. I. São Paulo: Loyola, 2010.

MOINGT, Joseph. *Deus que vem ao homem:* Da aparição ao nascimento de Deus. v. II. Aparição.São Paulo: Loyola, 2010.

MOINGT, Joseph. *Deus que vem ao homem:* Da aparição ao nascimento de Deus. v. II. Nascimento.São Paulo: Loyola, 2012.

MOINGT, Joseph. Croire au Dieu qui vient. 1. De la croyance à la foi critique. Paris: Gallimard, 2014.

MOINGT, Joseph. *Esprit, Églese et Monde.Croire au Dieu qui vient. II.* De la foi critique à la foi qui agit. Paris: Gallimard, 2016.

MOINGT, Joseph. Respecter lês zones d'ombre qui décidément résistent. *Recherches de Science Religieuse*. Paris, v. 91, n. 4, p. 577-587, oct/dec, 2003.

MOINGT, Joseph. Imagens, ícones e ídolos de Deus: a questão da verdade na Teologia Cristã. *Concilium.* Petrópolis, v. 298, n. 1, p. 139-148, 2000.

MOINGT, Joseph. Desacordo entre a pregação de Jesus e a da Igreja. Entrevista. *IHU*, São Leopoldo, ed. 248, p. 41, dez. 2007. Disponível em: https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/1582-joseph-moingt. Acessoem: 03 jun. 2021.

MOINGT, Joseph. Fin de la théologie? Relecture d'un intinéraire. *Revue théologique de Louvain*, v. 39, n. 4, p. 465-475. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/thlou_0080-2654_2008_num_39_4_3712. Acesso em: 15 out. 2021.

MOLTMANN, Jürgen. *O Deus crucificado:* A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. Santo André: Academia Cristã. 2014.

MONDIN, Battista. Os Grandes Teólogos do século XX. São Paulo: Editora Teológica, 2003.

MÜLLER, Gerhard Ludwig. *Dogmática Católica:* Teoria e prática da Teologia. Petrópolis: Vozes, 2015.

MUSSNER, Franz. Novo Testamento: Comentário e mensagem 12: A Epístola aos Colossenses. Petrópolis: Vozes, 1968.

NICCACI, Alviero; BATTAGLIA, Oscar. *Comentário ao Evangelho de São João*. Petrópolis: Vozes, 1981.

NOVUM Testamentum Graece Nestlè-Aland. Ed. 27 ver. Kor. Nördlingen: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.

PANNENBERG, Wolfhart. Metafísica e ideia de Dios. Madrid: Caparrós Editores, 1999.

PANNENBERG, Wolfhart. Fé e Realidade. São Paulo: Editora Cristã Novo Século, 2004.

PASCAL. Pensamentos. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

PELIKAN, Jaroslav. *A tradição cristã*: uma história do desenvolvimento da doutrina. O surgimento da Tradição Católica – 100- 600. Vol. 1, São Paulo: Shedd Publicações, 2014.

PESSANHA, José Américo. Os Pré-Socráticos: Vida e Obra. In. OS PENSADORES. *Doxografia*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996. PLATÃO, Crátilo, p. 402 A (DK 22 A 6). In. OS PRÉ-SOCRÁTICOS. *Fragmentos, Doxografia e comentários*. São Paulo: Nova Cultural, 1996, p.85. (Os pensadores).

RAHNER, Karl. Curso fundamental da fé. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1989. p. 358.

REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga III*. Os Sistemas da Era Helenística. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1994.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. v. 2 A configuração do tempo de narrativa de ficção. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ROTH, Cecil. Preexistência. In: *Enciclopédia judaica M-Z*, Rio de Janeiro: Biblioteca da Cultura judaica: Editora tradição S/A, 1967.

RUSSELL, D.S. Desvelamento divino: uma introdução à apocalíptica judaica. São Paulo: Paulus, 1997.

SCHILLEBEECKX, Edward. Jesus a história de um vivente. São Paulo: Paulus, 2008. p. 258.

SCHNELLE, Udo. Teologia do Novo Testamento. São Paulo: Paulus, 2017.

SCHWEITZER, Paul. A. Deus na cultura atual. In: *Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, v. 8, n. 23, p. 9-16, 1981.

SARTRE, Jean Paul. O existencialismo é um humanismo. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SEGALLA, Giuseppe. Cristologia do Novo Testamento. São Paulo: Loyola, 1992.

SESBOÜÉ, Bernard. De la rumeur de Jésus à géneration du Verbo: Du nouveau en Christologie. *Recherches de Science Religieuse*. Paris, v. 82, n. 1, p. 87-102, janv/mars. 1994.

SESBOÜÉ, Bernard. WOLINSKI, Joseph. *História dos dogmas*: O Deus da Salvação (séculos I-VIII). Tomo 1. São Paulo: Loyola, 2002.

SESBOÜÉ, Bernard. Magistério e Consciência. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 44, n. 124, p. 399-413, Set/Dez 2012.

SICRE, José Luís. Introdução ao Antigo Testamento. Petrópolis: Vozes, 1995.

SINISCALDO, Paolo. Tertuliano. In: BERARDINO, Angelo Di. *Dicionário patrístico e antiguidades cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 1347-1352.

SOBRINO, Jon. Epílogo. In: VIGIL, José Maria. *Descer da Cruz os Pobres*: Cristologia da Libertação. São Paulo: Paulinas, 2007.

TERTULIANO. Adversus Praxeas. Disponível em:

https://dokumen.tips/download/link/contra-praxeas-adversus-praxeam-por-tertuliano.html Acesso em 14 set. 2022.

THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico:* um manual. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

THEOBALD, Christoph. Dieu qui vient à l'homme: à propos de la "Théologie systématique" de Joseph Moingt. *Recherches de Science Religieuse*. v. 92, n. 2, p.177-211, avril/juin, 2004.

TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. 7. ed. São Paulo: Sinodal, 2014.

VÁZQUEZ, Ulpiano. *A orientação Espiritual*: Mistagogia e Teografia. São Paulo: Loyola, 2001.

VERMES, Geza. Jesus e o mundo do judaísmo. São Paulo: Loyola, 1996.

VIELHAUER, Philipp. *História da literatura cristã primitiva*. Santo André: Academia Cristã, 2015.

VILANOVA, Evangelista. *Historia de la teología Cristiana*. v. I. Barcelona: Editorial Herder, 1987.

VILANOVA, Evangelista. *Historia de la Teología Cristiana*. v. 3. Barcelona: Herder, 1992.

WALTER, Eugen. A primeira epístola aos Coríntios. Petrópolis: 1973.

WEGER, Karl-Heinz. *Karl Rahner*: Uma introdução ao pensamento teológico. São Paulo: Loyola, 1981.